

A romantic scene between a man and a woman in historical attire. The woman, with blonde hair styled in an updo, is wearing a gold and brown patterned dress and is looking up at the man. The man is shirtless, wearing a white cloth draped over his shoulder, and is leaning in to kiss her. In the background, a large, ornate cathedral with multiple towers and spires is visible under a cloudy sky.

GRH

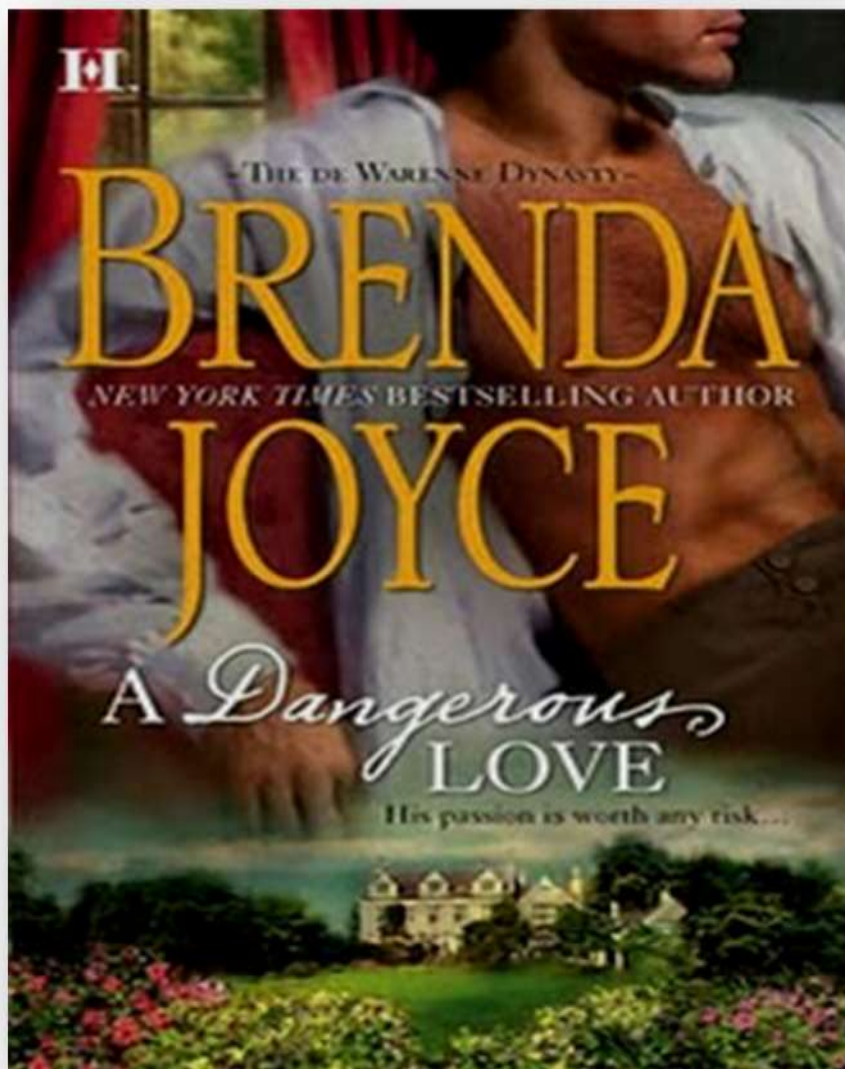
Romances Históricas



Brenda Joyce

Um Amor Perigoso

Warrenne 9



Tradução/Pesquisa: GRH

Revisão Inicial: Kelly Frota

Revisão Final: Ana Júlia

Leitura Final: Maristela

Formatação: Ana Paula G.



Resumo

UMA OBSESSÃO PERIGOSA...

Ao visconde Emilian St. Xavier arrancaram dos braços de sua mãe cigana aos doze anos e teve que acostumar-se a viver ignorando os insultos de “cigano” que ouvia as suas costas. Mas quando os ciganos chegam a Derbyshire com notícias do assassinato de sua mãe às mãos de uma turfa de payos, algo explode em seu interior. E Ariella de Warrenne é a pessoa perfeita para sua luxúria e sua vingança...

UMA PAIXÃO PERIGOSA...

A herança de Ariella de Warrenne lhe assegura um lugar na boa sociedade, embora como pensadora radical e independente desdenhe os interesses frívolos das damas de sua condição: a moda e o matrimônio. Até que chega um acampamento de ciganos a Rose Hill e se sente atraída por Emilian, seu carismático líder. Este tenta afugentá-la lhe dizendo que sua intenção é seduzi-la e desonrá-la, mas ela não pode negar-se a ele. E Ariella está mais que decidida a lutar por esse amor perigoso...

Comentário Da Revisora Inicial Kelly

Como vocês devem ter notado eu já havia corrigido outros dois livros da série, e inúmeros outros e-books mais, amei a todos, mas confesso raro foi aquele que me fez sonhar, voar por mundos ciganos e até mesmo fechar os olhos e ouvir a música envolvendo-me e me impulsionando a dançar. Poucos foram os que me fizeram amar a um personagem como eu amei ao Emilian, não por ele ser lindo, mas por ele ser um homem sofrido, cheio de cicatrizes na alma, mas capaz de ser bom e capaz de gestos altamente altruístas. Já a Ariella é a mocinha mais guerreira que eu já vi, capaz de seguir o seu amor por onde ele for e de enfrentar a tudo e a todos pelo seu amor.

Eu só tenho a declarar sobre esse livro é que por histórias assim que eu sou viciada em Romances Históricos.

Bjs e falei demais kkkkkkkkkk.

Comentário Da Revisora Final Ana Júlia

Aqui reencontramos Ariella que conhecemos no livro 7, agora uma mulher bela, inteligente, corajosa, a frente de seu tempo, que se apaixona a primeira vista por seu príncipe, e luta por esse amor a todo custo.

Na história vemos como pode ser cruel e desumano o preconceito que o ser humano tem por seus semelhantes, como pode ser irracional e perigoso, e nos envolvemos com a luta em que nossos personagens acabam travando contra esse preconceito, principalmente Ariella.

Nosso mocinho, é muito sofrido, nasceu cigano, mas foi criado no mundo inglês, sendo bem tratado por todos á sua frente e ás suas costas sendo motivo de escárnio, inclusive de sua família inglesa. É um mocinho sofrido tanto física como moralmente.

É um livro belo, que te prende do inicio ao fim, lhe fazendo viajar junto aos personagens, sofrer com eles, rir com eles, e se apaixonar com eles. Espero que gostem. Boa Leitura

Comentário Leitura Final Maristela

Bom!!!! Só um comentário: Acho que ela deveria ter dado o troco!!!! O Cigano é sofrido, a ama, mas é muito maldoso com ela!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Prólogo

Derbyshire, 1820

Sua agitação não conhecia limites. Por que demônios demorava tanto o policial? Tinha recebido carta de Smith no dia anterior, mas era uma nota breve, que só dizia que o policial chegaria ao dia seguinte. Maldição! Teria conseguido Smith encontrar a seu filho?

Edmund St Xavier passeava pelo seu grande salão. Era uma estadia ampla, com séculos de antiguidade, igual à própria casa, mas escassamente mobiliada e que necessitava reparações. O damasco do único divã estava puído e quebrado, uma desvencilhada mesa de cavalete requeria algo mais que cera e brilho, e o brocado de cor ouro e marfim que revestia as cadeiras fazia tempo que tinha adquirido um desagradável tom amarelado que transmitia velhice e uma falta séria de economia. Woodland tinha sido em outro tempo uma grande fazenda com mais de dez mil acres, em que os antepassados de Edmund tinham levado com orgulho o título de visconde e mantido além outra casa esplêndida em Londres. Agora ficavam mil acres e a metade das quinze granjas de aluguel espalhadas por eles se achava desocupadas. Nos estábulos moravam quatro cavalos de tiro e dois pangarés. O serviço se reduziu a dois lacaios e uma donzela. Sua esposa tinha morrido de parto cinco anos atrás e uma gripe terrível levou no ano anterior seu único filho. Só ficavam uma fazenda empobrecida, uma casa vazia e um título de prestígio, que agora corria perigo.

O irmão menor de Edmund o olhava de um ângulo do salão, tão petulante e cheio de si mesmo como sempre. John estava seguro de que o título passaria logo a ele e a seu filho, mas Edmund estava decidido que isso não aconteceria. Pois havia outro filho, um bastardo, e confiava em que Smith o tivesse encontrado.

Edmund voltou às costas a seu irmão. Eram rivais quando meninos e seguiam sendo rivais agora. Seu condenado irmão tinha ganhado uma fortuna com o comércio e agora possuía uma boa fazenda em Kent. Apresentava-se frequentemente em Woodland com sua carruagem de seis cavalos e sua esposa coberta de joias. Todas as visitas eram iguais. Caminhava pela casa inspecionando com desgosto evidente cada greta nos chãos de madeira, cada parte descascada de pintura, as tapeçarias e os retratos poeirentos. E logo se oferecia a lhe pagar as dívidas... com um interesse nada desprezível. Edmund estava desejando que John partisse... deixando atrás de si seu empréstimo a alto interesse, que ele assinava porque não tinha outra opção.

Preferia morrer a ver Robert, o filho de John, herdando Woodland. Mas as coisas não chegariam a esse extremo.

—Está seguro de que o senhor Smith encontrou o menino? —inquiriu John, com tom condescendente— Me custa imaginar que um policial da Bow Street possa localizar um grupo cigano em concreto, e muito menos a uma mulher em particular.

John desfrutava com aquilo. Burlava-se da aventura de seu irmão com a cigana e acreditava que o menino seria um selvagem.

—Passam o inverno nos estaleiros de Glasgow — respondeu Edmund— Na primavera se deslocam à fronteira para trabalhar nos campos. Duvido que seja muito difícil encontrar essa caravana.

John se aproximou de sua esposa, que costurava sentada ao lado do fogo, e lhe pôs uma mão no braço como se quisesse lhe transmitir assim que sabia que o tema era duro para ela e que nenhuma dama teria que ver-se obrigada a saber que seu irmão tinha tido uma amante cigana.

Sua esposa, bonita, perfeita, sorriu-lhe e seguiu costurando.

Edmund não pôde evitar pensar então em Raiza. Dez anos antes se apresentou em Woodland com o filho de ambos e os olhos brilhantes de orgulho e da paixão que ele tão bem recordava ainda. Tinha sido uma surpresa olhar o menino e ver seus mesmos olhos cinza refletidos naquele rosto de pele morena. O cabelo do menino era de um dourado escuro, enquanto que o de Raiza era negro como a noite. Edmund era também loiro. Sua esposa, Catherine, estava nessa ocasião na casa, grávida de seu filho, e Edmund tinha insistido em que o bastardo não era dele, embora tivesse odiado a si mesmo por isso. Mas sua aventura com Raiza tinha sido breve e ele amava sua esposa e não podia permitir que se inteirasse desse filho. Tinha devotado a Raiza o pouco dinheiro que tinha, mas a cigana o tinha amaldiçoado e partiu.

—Como pode estar seguro de que o menino é seu? —perguntou John.

Edmund não fez conta. Doze anos atrás, ele se achava em uma casa na fronteira com a Escócia, caçando com uns amigos solteiros, quando chegaram os ciganos e acamparam perto da aldeia. Cruzou com Raiza no povoado e, quando seus olhos se encontraram, o olhar dela o afetou de tal modo, que mudou a direção de seus passos e a seguiu como se ela fosse o flautista de Hamelín. Ela riu com paquera e enfeitiçado, perseguiu-a sem trégua. Sua aventura começou essa mesma noite e ele permaneceu duas semanas na zona, onde passou a maior parte do tempo na cama dela.

Ele teria gostado de ficar mais, mas tinha que ocupar-se de sua fazenda. Na despedida, Raiza o olhou com lágrimas nos olhos e sussurrou: «Gadje ganjense». Edmund não a entendeu, mas acreditou que estava apaixonada por ele e não estava seguro de não amá-la a sua vez. Embora isso não importasse, pois eram de dois mundos totalmente diferentes e não esperava voltar a vê-la nunca.

Um ano mais tarde conheceu Catherine, uma mulher tão distinta de Raiza como a noite do dia. Sobrinha do reitor de sua propriedade era uma mulher honesta, recatada e muito doce. Uma mulher que jamais teria podido dançar grosseiramente com música cigana sob a lua cheia, mas a ele isso não importava. Apaixonou-se por ela, casaram-se e ela se converteu em sua amiga mais querida. Ainda sentia sua falta.

Tinha intenção de voltar a casar-se, é obvio, porque confiava em ter mais herdeiros. Mas não podia pôr em perigo a fazenda. Tinha aprendido de primeira mão a caprichosa e incerta que era a vida e por isso tinha decidido procurar seu filho bastardo.

Edmund ouviu ruído de cavalos que chegavam ao caminho de pedra do exterior e correu à porta, consciente de que John o seguia.

Quando abriu, viu o policial, de constituição forte, descendo da carruagem, um carro de um só cavalo. As condenadas cortinas do veículo estavam corridas.

—Encontraste-o? —quase gritou Edmund, consciente de seu desespero— Encontraste meu filho?

Smith era um homem grande, ao que obviamente não gostava de barbear-se diariamente. Cuspiu uma fibra de tabaco e sorriu.

—Sim, senhor, mas não me agradeça ainda.

Tinha encontrado o menino.

John se situou a seu lado.

—Não confio nada na moça cigana — murmurou.

—Dá-me igual o que você pense — replicou Edmund com os olhos cravados na carruagem.

Smith se aproximou do carro e abriu a porta. Colocou o braço e Edmund viu um menino magro com calças marrons remendadas e uma camisa solta suja. Smith o puxou e o jogou ao chão.

—Venha conhecer seu pai, moço.

Edmund viu horrorizado que o menino tinha os pulsos atados com uma corda.

—Desamarre-o.

Então viu a corrente e o grilhão no tornozelo.

O moço se soltou de Smith com a cara cheia de ódio e lhe cuspiu.

Smith limpou a saliva da bochecha e olhou Edmund.

—Necessita que o açoitem, mas é cigano, não? Está tão acostumado aos açoites como um cavalo mal.

Edmund o olhou ultrajado.

—Por que está preso e encadeado como um criminoso?

—Porque é traiçoeiro, por isso. Tentou escapar uma dúzia de vezes desde que o encontrei no norte e eu não gostaria de morrer apunhalado enquanto dormia — repôs Smith. Tomou o menino pelo ombro e o sacudiu— Seu pai — disse, assinalando Edmund.

Nos olhos do menino havia uma raiva assassina, mas guardou silêncio.

—Fala inglês tão bem como você e como eu — Smith cuspiu mais tabaco, dessa vez nos pés descalços do menino— Entende todas as palavras.

—Desamarre-o, maldito seja — Edmund se sentia impotente. Queria abraçar seu filho e lhe pedir perdão, mas o moço parecia tão perigoso como afirmava Smith. Parecia odiar o policial... e a ele— Filho, bem-vindo a Woodland. Sou seu pai.

Uns olhos cinza o olharam com frieza e condescendência. Era os olhos de um homem mais velho, um homem do mundo, não de um menino.

—Ela o entregou sem protestar muito — disse Smith.

Edmund não podia afastar a vista de seu filho.

—Deu-lhe minha carta?

—Os ciganos não sabem ler, mas lhe dei a carta.

Tinha entendido Raiza que era melhor para seu filho que ele o educasse? Como inglês, lhe abririam muitas oportunidades. E tinha direito à fazenda, o título e todos os privilégios que isso suportava.

—Mas chorou como uma moribunda — prosseguiu Smith, enquanto soltava o grilhão— Eu não entendi seu discurso cigano, mas não necessitava. Ela queria que se fosse e ele não queria partir. Escapará — Smith olhou Edmund com um gesto de advertência— Pode encerrá-lo de noite e lhe pôr guarda durante o dia — o puxou pelo braço— Moço mostra respeito a seu pai, um grande lorde. Se ele falar, você responde.

—Não importa, tudo isto é novo para ele — Edmund sorriu a seu filho. Era um menino formoso. Exceto nos olhos e na cor do cabelo, parecia-se muito a Raiza. O calor começou a alagar seu peito. Não tinha feito bem em afastar Raiza anos atrás. Mas isso já não tinha remédio. Teriam que tentar superar aquele começo terrível e suas diferenças— Emilian — sorriu — Faz muito tempo, sua mãe te trouxe aqui e nos apresentou. Sou lorde Edmund St Xavier.

A expressão do menino não mudou. A Edmund recordava um tigre letal que esperava o momento preciso para saltar e atacar.

Edmund, desconcertado, puxou as cordas dos pulsos.

—Dê-me uma navalha — disse a Smith.

—Lamentará — advertiu o policial; mas estendeu uma navalha enorme.

—O menino é tão selvagem como esperava — murmurou John.

Edmund não fez caso a nenhum dos dois comentários e cortou a corda.

—Assim está melhor — comentou.

Mas os pulsos do menino estavam rasgados e Edmund se enfureceu com o policial.

O moço o olhava com frieza. Se doíam os pulsos, não deu sinais de notá-lo.

—Mais vale que proteja seus cavalos — murmurou John atrás deles, com uma risada zombadora.

Edmund não necessitava a presença petulante de seu irmão naquele momento. Já ia ser bastante difícil superar a hostilidade de seu filho sem isso. Não podia nem imaginar como o ia converter em um cavalheiro inglês nem como ia ser um verdadeiro pai para ele.

O menino estava imóvel e olhava fixamente. Edmund quase tinha a impressão de ter diante a um animal selvagem, mas John se equivocava, porque os ciganos não eram bestas, nem ladrões, e ele sabia de primeira mão.

—Fala inglês? Sua mãe o falava.

Se o menino o entendeu, não deu mostras disso.

—Agora sua vida é esta — Edmund provou sorrir— Faz muito tempo, sua mãe te trouxe aqui. Eu fui um parvo. Tinha medo do que diria minha esposa e te rechacei. E sempre me arrependerei disso. Mas Catherine morreu Deus a benza. Meu filho Edmund, seu irmão, morreu. Emilian, esta é agora sua casa. Eu sou seu pai. Penso te dar a vida que merece. Você também é um inglês. E um dia Woodland será teu.

O menino emitiu um som duro. Olhou Edmund de cima abaixo com brincadeira e negou com a cabeça.

—Não, eu não tenho pai e esta não é minha casa.

Falava com acento, mas falava.

—Sei que necessita tempo — repôs Edmund, encantado de que ao fim estivessem falando— Mas eu sou seu pai. E uma vez quis a sua mãe.

Emilian o olhou fixamente, com o rosto retorcido como com ódio.

—Deve ser um momento difícil conhecer seu pai e aceitar que é meu filho. Mas, Emilian, você é tão inglês como eu.

—Não! —grunhiu Emilian. Levantou a cabeça e declarou com orgulho— Não, eu sou cigano.

Capítulo 1

Derbyshire, primavera de 1838

Tão absorta estava no livro que lia, que não ouviu a chamada na porta até que os golpes se fizeram imperiosos. Ariella se sobressaltou deitada em uma cama de colunas com o livro sobre Genghis Khan nas mãos. Visões de uma cidade do século XIII dançaram ainda um momento em sua mente e viu homens e mulheres de classe alta vestidos com elegância fugindo presos do pânico entre artesãos e escravos ante as hordas mongóis que galopavam em seus cavalos de guerra pelas ruas poeirentas.

—Ariella de Warenne!

A jovem suspirou e separou de sua mente as visões imaginárias. Estava em Rose Hill, a residência de seus pais na campina inglesa; tinha chegado à noite anterior.

—Adiante, Dianna — deixou o livro a um lado.

Sua meia irmã, oito anos mais jovem que ela, entrou correndo e se deteve em seco.

—Nem sequer está vestida! —exclamou.

—Não posso levar isto no jantar? —perguntou Ariella com ingenuidade fingida. Não a interessava a moda, mas sabia que, em sua família, as mulheres tinham vestidos de noite e joias para o jantar e os homens smoking.

Dianna abriu muito os olhos.

—Esse vestido o levou para tomar o café da manhã!

Ariella se levantou da cama com um sorriso. Ainda não tinha assimilado o muito que tinha crescido sua irmãzinha. Um ano atrás, Dianna tinha sido mais menina que mulher, agora custava acreditar que tivesse só dezesseis anos, sobre tudo com um vestido como o que levava.

—Tão tarde é? —olhou por uma janela do dormitório e a surpreendeu ver que o sol estava baixo no céu. Tinha passado horas lendo.

—São quase quatro e sei que sabe que esta noite temos companhia.

Ariella recordava que Amanda, sua madrastra, tinha mencionado que teria convidados para o jantar.

—Sabia que Genghis Khan nenhuma vez começava um ataque sem avisar? Sempre enviava antes recado aos chefes e reis dos países pedindo sua rendição em lugar de atacar e matar a todos, como afirmam tantos historiadores.

Dianna a olhou confusa.

—Quem é Genghis Khan? De que falas?

Ariella sorriu.

—Estou lendo um livro sobre os mongóis. Sua história é incrível. Com Genghis Khan formaram um império quase tão grande como o britânico. Sabia?

—Não, não sabia. Ariella, mamãe convidou lorde Montgomery e seu irmão... em sua honra.

—Claro que hoje habitam uma zona muito menor — prosseguiu Ariella, que não tinha ouvido as últimas palavras— Eu quero ir aos estepes centrais da Ásia. Os mongóis seguem vivendo ali ainda. Sua cultura e seu modo de vida mudaram muito pouco dos tempos de Genghis Khan. Imagina?

Dianna fez uma careta e se aproximou para olhar os vestidos pendurados no vestidor.

—Lorde Montgomery é de sua idade e herdou o título este ano. Seu irmão é pouco mais jovem. O título é antigo e a fazenda está bem cuidada. Ouvi mamãe falar disso com tia Lizzie — tirou um vestido azul pálido— Este é precioso. E parece que está sem estrear.

Ariella não queria render-se ainda.

—Deixarei o livro quando o terminar; seguro que vai gostar. Talvez possamos ir juntas aos estepes. E nos aproximar e vermos a Grande Muralha da China¹.

Dianna se voltou e a olhou de ponta em ponta.

Ariella notou que sua irmã começava a perder a paciência. Sempre lhe custava recordar que nem todo mundo compartilhava sua paixão por aprender.

—Não, não estreei o azul. Os jantares que vou na cidade estão cheios de acadêmicos e reformistas e há muito poucos nobres. A ninguém importa a moda.

Dianna segurou o vestido contra seu peito e moveu a cabeça.

—Isso é uma lástima. Não me interessam os mongóis, Ariella, e não compreendo bem por que a você sim. Não penso ir aos estepes contigo... nem a nenhuma muralha da China. Eu adoro minha vida aqui. A última vez que falamos, estava louca pelos beduínos².

¹ A Muralha da China, Grande Muralha da China ou simplesmente Grande Muralha é uma impressionante estrutura de arquitetura militar construída durante a China Imperial.

² Diz-se dos árabes nômades do deserto, principalmente da África do Norte e do Oriente Próximo.

—Acabava de voltar de Jerusalém e de uma excursão com guia por um acampamento beduíno. Sabia que nosso exército utiliza beduínos como guias e exploradores na Palestina e no Egito?

Dianna se aproximou da cama e deixou ali o vestido.

—É hora de que ponha este vestido tão bonito. Com seu cabelo e sua pele douradas e os famosos olhos azuis dos Warenne, fará voltar à cabeça a todo mundo.

Ariella a olhou, já à defensiva.

—Quem há dito que vinha?

—Lorde Montgomery — presumiu Dianna— Um bom partido. E dizem que é muito bonito.

Ariella cruzou os braços, confusa.

—É muito jovem para procurar marido.

—Mas você não — respondeu Dianna— Não me ouviu, verdade? Lorde Montgomery acaba de herdar o título e é muito bonito e bem educado. Ouvi além que tem pressa por casar-se.

Ariella voltou à vista. Tinha vinte e quatro anos, mas não pensava no matrimônio. A paixão pelo conhecimento a tinha embargado desde pequena. Os livros tinham sido sua vida desde que podia recordar. Se tivesse que escolher entre passar o tempo em uma biblioteca ou em um baile, elegia o primeiro.

Por sorte, seu pai a adorava e respirava suas ânsias intelectuais, algo muito pouco comum. Desde que cumpriu os vinte e um anos, residia principalmente em Londres, onde podia ir a bibliotecas e museus e assistir a debates públicos sobre temas sociais com radicais como Francis Agrada e William Covett. Mas apesar da liberdade que tinha, ansiava uma independência muito mais... queria viajar sem acompanhante e ver os lugares e as pessoas sobre os que lia.

Ariella tinha nascido na Berbería, de mãe judia escravizada por um príncipe bereber. Sua mãe tinha sido executada pouco depois do nascimento de Ariella por dar a luz a uma filha de pele branca e olhos azuis. Seu pai tinha conseguido tirá-la do harém e a tinha criado pessoalmente da infância. Cliff de Warenne era agora um dos magnatas mais importantes do transporte marítimo, mas naquela época tinha sido mais corsário que outra coisa. Ela tinha passado os primeiros anos de sua vida nas Índias Ocidentais, onde seu pai tinha uma casa. Quando conheceu Amanda e se casou com ela, mudaram-se a Londres. Mas sua madrasta amava o mar tanto como Cliff e, antes de chegar à maior idade, Ariella tinha viajado de um extremo do Mediterrâneo ao outro, ao longo da costa dos Estados Unidos e às cidades mais importantes da Europa. Tinha ido inclusive à Palestina, Hong Kong e as Índias Orientais.

No ano anterior tinha viajado três meses por Viena, Budapeste e Atenas. Seu pai tinha autorizado a viagem com a condição de que a acompanhasse seu irmão Alexi, que seguia os passos do pai como comerciante aventureiro e tinha estado encantado de escoltá-la e desviar-se brevemente a Constantinopla a instâncias dela.

Sua terra favorita era a Palestina e sua cidade preferida Jerusalém; a que menos gostava Argel, onde sua mãe tinha sido executada por ter uma aventura com seu pai.

Ariella sabia que era afortunada por ter percorrido boa parte do mundo. Sabia que era afortunada de ter pais permissivos, que confiavam nela e se sentiam orgulhosos de seu intelecto. Não era a norma. Dianna não possuía muita educação; só lia de vez em quando algum romance de amor. Passava a temporada em Londres e o resto do ano na casa de campo, levando uma vida de ócio. Além de suas caridades, matava os dias trocando de roupa, assistindo a comidas e chás e visitando os vizinhos. O habitual em uma jovem bem educada.

Dianna sairia logo ao mercado matrimonial e procuraria o marido perfeito. Ariella sabia que sua formosa irmã, uma herdeira de pleno direito, não teria problemas para casar-se. Mas ela desejava uma vida muito distinta. Preferia a independência, os livros e as viagens ao matrimônio. Só um homem muito pouco comum lhe permitiria a liberdade a que estava acostumada e não podia imaginar-se dando contas a ninguém. O matrimônio nunca lhe tinha parecido importante, embora tivesse se criado rodeada de muito amor, devoção e igualdade nos matrimônios de seus tios e de seus pais. Sabia que, se casasse alguma vez, seria porque tinha encontrado esse amor grande e pouco comum pelo que eram famosos os homens e as mulheres de Warrene. Mas aos vinte e quatro anos, isso não tinha ocorrido e não o sentia falta, pois tinha milhares de livros que ler e de lugares que ver. Duvidava que a vida inteira lhe chegasse para tudo o que queria conseguir.

Olhou sua irmã.

Dianna sorriu com certa ansiedade.

—Me alegro de que esteja em casa, senti sua falta, Ariella.

—Eu também a você — repôs Ariella, não totalmente franca.

Um país estrangeiro, onde estava rodeada de aromas e sons exóticos, e pessoas novas às que tentar compreender, resultava muito interessante para dar capacidade à nostalgia de casa. Inclusive em Londres, podia passar dias inteiros em um museu sem notar o passar do tempo.

—Me alegro de que tenha vindo a Rose Hill — disse Dianna— Esta noite será muito divertida. Conheço o jovem Montgomery e, se seu irmão mais velho for tão encantador como ele, será melhor que se esqueça de Genghis Khan. E não acredito que deva mencionar os mongóis no jantar. Ninguém o entenderia.

Ariella vacilou.

—A verdade é que eu gostaria que estivéssemos só a família. Não suporto passar uma noite inteira falando do tempo, das rosas de Amanda, a última caçada ou as próximas corridas de cavalos.

—Por que não? Esses são temas apropriados para o jantar. Promete-me não falar dos mongóis, nem os estepes, nem de reuniões com acadêmicos e reformistas? —Dianna sorriu— Todos pensarão que é uma radical... e muito independente.

—Nesse caso, ficarei calada.

—Isso é infantil.

—Uma mulher tem que poder dizer o que pensa. Na cidade o faço. E sim sou algo radical. Há umas condições sociais terríveis no país. O Código Penal mudou muito pouco e quanto à reforma parlamentar...

—Pois claro que na cidade diz o que pensa — a interrompeu Dianna— Mas não está em companhia de nobres, você mesma o há dito — a garota parecia agitada— Quero-te muito e te peço como irmã que tente uma conversa apropriada.

—Você se tornou muito conservadora — protestou Ariella— Está bem. Não falarei de nenhum tema sem sua aprovação. A olharei e esperarei que me pisque um olho. Não, espera, coce o lóbulo esquerdo e saberei que me permite falar.

—Está burlando de minhas tentativas sinceras por vê-la bem casada?

Ariella se sentou com força. Tanto desejava sua irmã que se casasse? Resultava surpreendente.

Dianna sorriu.

—Também acredito que não deve mencionar que papai te permite viver sozinha em Londres.

—Quase nunca estou sozinha. Há uma casa cheia de serventes, o conde e tia Lizzie passam muito tempo na cidade e tio Rex e Blanche estão à meia hora de casa em Harrington Hall.

—Não importa quem entre ou saia de Harmon House, você vive como uma mulher independente. Nossos convidados se escandalizariam. Lorde Montgomery se escandalizaria — disse Dianna com firmeza— Papai tem que recuperar o sentido comum no que a você respeita.

—Não sou totalmente independente. Recebo dinheiro de minhas propriedades, mas papai é meu fiduciário — Ariella mordeu o lábio inferior. Quando Dianna havia se tornado exatamente igual a todas as garotas de sua idade e condição? Por que não entendia que o livre pensamento e a independência eram algo que teria que desejar, não condenar?

Dianna alisou o vestido sobre a cama.

—Papai está tão enfeitiçado por você que não pensa com a cabeça. A gente murmura porque reside em Londres sem família — levantou a vista— Eu te amo. Tem vinte e quatro anos. Papai não se sente inclinado a forçar um matrimônio, mas tem a idade. Já é hora, Ariella. Estou pensando no melhor para você.

Ariella estava consternada. Já era hora de dizer a verdade a sua irmã.

—Dianna, por favor, não te ocorra me emparelhar com Montgomery. Não me importa ficar solteira.

—E o que fará se não se casar? E os filhos? Se papai te der sua herança, dedicar-se-á a viajar? Quanto tempo? Viajará aos quarenta anos? Aos oitenta?

—Isso espero.

Dianna moveu a cabeça.

—Isso é uma loucura.

Eram tão distintas como o dia e a noite.

—Eu não quero me casar — declarou Ariella com firmeza— Só me casarei se for um verdadeiro encontro de duas mentes. Mas serei educada com lorde Montgomery. Prometo-lhe que não falarei dos temas que me importam, mas, pelo que mais queira, desista já. Não me ocorre nada pior que uma vida submetida a um cavalheiro de mente fechada. Eu gosto de minha vida tal e como é.

Dianna se mostrava incrédula.

—É uma mulher e Deus te criou para que tomasse marido e lhe desse filhos, e sim, submetesse a ele. A que se refere com o de união de mentes? Quem se casa por essa união?

Ariella estava escandalizada de que sua irmã defendesse pontos de vista tão tradicionais... embora os defendesse quase toda a sociedade.

—Não sei o que Deus tem decretado para as mulheres, nem para mim — conseguiu dizer— Os homens decretaram que as mulheres devem casar-se e ter filhos. Dianna, por favor, tenta compreender. A maioria dos homens não me permitiria entrar em Oxford disfarçada de homem e escutar as aulas de meus professores prediletos — Dianna deu um pulo— A maioria dos homens não me permitiria passar dias inteiros nos arquivos do Museu Britânico — seguiu Ariella com firmeza— Me nego a sucumbir a um matrimônio tradicional... se é que sucumba a algum.

Sua irmã lançou um gemido.

—Agora posso ver o futuro. Casará com um advogado socialista radical.

—Possivelmente o faça. De verdade me imagina como esposa de um cavalheiro, ficando em casa, trocando de vestido várias vezes ao dia e sendo um adorno bonito e inútil? Exceto claro, pelos cinco, seis ou sete meninos que terei que parir, como uma égua de cria.

—Isso é um modo terrível de ver o matrimônio e a família — comentou Dianna, que parecia atônita— Isso é o que pensa de mim, que sou um adorno bonito e inútil? Minha mãe e tia Lizzie são isso? E nossa prima Margery? E ter filhos é algo maravilhoso. Você gosta dos meninos.

Ariella se perguntou como tinha podido ocorrer aquilo.

—Não, Dianna, desculpa. Eu não penso em você nesses termos. Eu te adoro e estou muito orgulhosa de você. Nenhuma das mulheres de nossa família é um adorno bonito e inútil.

—Não sou estúpida. Sei que é muito estudada. Todo mundo nesta família o diz. Sei que tem lido mais que quase todos os cavalheiros que conhecemos. Sei que crê que sou tola. Mas querer um bom matrimônio e filhos não é tolo. Ao contrário, é admirável querer um lar, um marido e filhos.

Ariella retrocedeu.

—Pois claro que sim... porque você quer essas coisas de verdade.

—E você não. Você quer que a deixem sozinha para ler um livro atrás de outro de gente estranha como os mongóis. É muito parvo pensar em consumir sua vida lendo vidas de estrangeiros e mortos. Não te ocorreu pensar que um dia possa lamentar essa eleição?

Ariella estava surpreendida.

—Pois não — suspirou— Eu não descarto o matrimônio, mas não tenho pressa e não posso me casar nunca se isso puser em perigo minha felicidade. Embora possivelmente um dia encontre esse amor de uma vez na vida pelo que é famosa nossa família. —acrescentou, principalmente para agradar sua irmã.

Dianna grunhiu.

—Se for assim, espero que você seja a única de Warrenne que consiga escapar ao escândalo tão frequentemente associado com nossa família.

Ariella sorriu.

—Por favor, tenta compreender. Estou muito satisfeita com meu estado de solteirona.

Dianna a olhou sombria.

—Ninguém te chama de solteirona ainda. Graças a Deus que tem fortuna e as oportunidades que isso suporta, mas temo que se arrependa de muitas coisas se continuar por esse caminho.

Ariella a abraçou.

—Não será assim, juro — soltou um risinho — Agora parece você a irmã mais velha.

—Vou enviar Roselyn para que te ajude a se vestir. Empréstarei minhas águas marinhas. E sei que será muito amável com Montgomery — sorriu.

Ariella devolveu o sorriso, com uma expressão de amabilidade no rosto. Expressão que pensava levar toda a noite para contentar sua irmã.



Emilian St Xavier estava sentado no amplo escritório de seu pai na biblioteca, mas não podia concentrar-se nos livros de contas que tinha entre mãos. Aquilo era estranho, pois a fazenda era sua vida. Mas esse dia se sentia invadido por uma agitação familiar. Era uma sensação que odiava e sempre procurava combater, mas em dias como aquele, a casa lhe parecia maior que nunca e vazia apesar dos serventes.

Recostou-se na cadeira e olhou objetivamente a luxuosa biblioteca de tetos altos. A estadia apenas se parecia com a habitação em que tão frequentemente o haviam repreendido quando era um menino ressentido empenhado em aferrar-se às diferenças com seu pai e em fingir uma indiferença absoluta pelos desejos de Edmund e os assuntos de Woodland. Mas, inclusive de recém-chegado, sua curiosidade tinha sido mais forte que sua cautela. Nunca tinha estado dentro da casa de um inglês e Woodland lhe tinha parecido um palácio. Raiza tinha insistido em que aprendesse a ler inglês e ele tinha lido os livros da biblioteca perguntando-se se atrevia a roubar um para lê-lo. Não tinha demorado em começar a roubar um após o outro. Embora estivesse seguro de que Edmund sabia que lia em segredo filosofia, poesia e histórias de amor em seu dormitório.

Embora sua mãe tivesse querido que deixasse a caravana e fosse viver com seu pai, ele não tinha esquecido nunca suas lágrimas, nem sua tristeza. Edmund lhe tinha quebrado o coração afastando-o dela e ele odiou Edmund por fazer mal a Raiza. Sabia que ele não teria ido a Woodland se o filho legítimo de seu pai tivesse vivido e seu orgulho cigano, que era considerável, tinha-lhe exigido mostrar-se afastado e indiferente à vida que seu pai oferecia.

Seu sangue cigano lhe tinha ditado receio e hostilidade. Tinha vivido toda sua vida com o ódio e os prejuízos dos payos³ e sabia que seu pai era um payo mais. Mas, em realidade, Edmund se tinha mostrado firme, mas justo e compassivo. A adaptação ao modo de vida inglesa não tinha sido fácil e escapou várias vezes, mas Edmund sempre o tinha encontrado. A última vez tinha roubado um cavalo de um vizinho e o tinham marcado fisicamente para que o mundo o conhecesse como ladrão de cavalos antes que Edmund aparecesse para levá-lo a casa. Não era o primeiro cigano que tinha a orelha direita marcada, mas essa era uma das razões pelas que levava o cabelo tão longo. Edmund tinha acabado por lhe pedir que ficasse e disse que o deixaria partir quando cumprisse os dezesseis anos se esse seguisse sendo seu desejo.

³ Para os ciganos, pessoa não cigana

Emilian tinha acessado e, ao final, tinha decidido ficar. Nos anos seguintes tinha ido a Eton e logo a Oxford, onde se sobressaiu em ambas as instituições. Mas a relação entre eles tinha seguido sendo difícil, como se Edmund não acreditasse de tudo em sua transformação em um inglês. Emilian, por sua parte, tampouco confiava de tudo em seu pai. Ser seu filho e herdeiro não mudava o fato de que sua mãe era cigana, e toda a sociedade sabia... incluído Edmund.

A condescendência e a brincadeira de sua primeira juventude existiam ainda, mas agora disfarçadas. Para os payos, incluídas as mulheres que lhe esquentavam a cama, nem a educação, nem a riqueza podiam mudar sua certeza de que sentia inclinação por roubar cavalos e enganar os vizinhos. Isso ficava patente em todos os jantares e bailes, nos assuntos de negócios e nos amores.

A morte de Edmund tinha sido um trágico acidente. Emilian acabava de graduar-se em Oxford com honras e estava de viagem com os ciganos. Era sua primeira visita a sua mãe desde que seu pai os separou dez anos atrás. O administrador de Edmund lhe tinha escrito e, ao inteirar-se do acidente de caça, Emilian havia retornado imediatamente a casa.

Aturdido por seu pai ter morrido sem ter tido ocasião de despedir-se, tinha ido diretamente da tumba ao escritório. Só podia pensar nas oportunidades do passado e em que nunca tinha agradecido Edmund por nenhuma delas. Recordava a seu pai o ensinando a montar, explicando todos os aspectos da fazenda, insistindo em que recebesse a melhor educação possível, e o orgulho com o que Edmund o levava aos acontecimentos do condado, fosse um chá, uma festa ou um baile, como se fosse tão inglês como os demais. Sentou-se ante o escritório e começou a revisar contas e livros até que as lágrimas o impediram de ler as páginas. E, ao final, tinha triunfado um sentimento de dever muito inglês. Era consciente das falhas de seu pai como visconde e sempre tinha sabido que ele podia fazê-lo melhor. Propôs-se, então, endireitar Woodland e fazer que Edmund estivesse orgulhoso dele.

E o tinha conseguido. Em três anos tinha conseguido apagar todas as dívidas das contas de Woodland e a fazenda agora dava benefícios. Havia inquilinos novos e os produtos se exportavam ao estrangeiro além de vender-se nos mercados da zona. Era sócio de uma companhia de transporte marítimo, tinha investimentos proveitosos em uma serraria de Birmingham e na ferrovia, mas o golpe de graça era a mina de carvão St Xavier. As exportações de carvão britânico cresciam todos os anos e ele se beneficiava disso. Era o nobre mais rico de Derbyshire com uma exceção... o magnata naval Cliff de Warrenne.

Emilian afastou o livro de contas.

Não conhecia pessoalmente os Warrenne, pois tinha fugido à boa sociedade desde que herdou o título e as propriedades. Desde a primeira vez que apareceu ante a gente ao lado de Edmund, tinham murmurado dele as suas costas e nada tinha trocado, exceto agora o esperava. Preferia evitar as relações sociais que não conduziam a nada. Quando se sentava a comer com ingleses e suas esposas, era com homens que fossem importantes para ele: os

diretores de sua mina, seus sócios na empresa de transportes ou pessoas que desejavam que investisse em outras aventuras.

—Senhor? —Hooode, o mordomo, deteve-se na soleira da biblioteca— Têm visita — Hooode mostrou uma bandeja pequena com vários cartões.

Emilian os olhou surpreso. Tinha poucas visitas. Um dos cartões pertencia a seu primo Robert e os outros dois a amigos de Robert.

—Fantástico — murmurou. Só havia um motivo para que o visitasse seu primo, já que se detestavam mutuamente— Faça passar Robert.

Levantou-se e se espreguiçou.

Robert St Xavier apareceu imediatamente, com um sorriso obsequioso e a mão estendida. Era um homem loiro e grosso.

Emilian cruzou os braços, negando o aperto de mãos.

—Vamos ao ponto, Rob?

Seu primo deixou de sorrir e baixou a mão.

—Passávamos por aqui — disse com tom jovial— E confiava em que pudéssemos compartilhar uma garrafa de vinho. Fazia tempo que não nos víamos e somos primos — pôs-se a rir— Tomamos estadias na estalagem Buston. Virá conosco?

—Quanto quer? —perguntou Emilian com frieza.

Robert ficou sério.

—Desta vez juro que devolvarei isso.

—Seriamente? —Robert tinha herdado uma fortuna de seu pai e tinha gasto até o último penique em menos de dois anos. Levava uma vida dissoluta e irresponsável— Pois seria a primeira vez. Quanto necessita desta vez?

Robert vacilou.

—Quinhentas libras?

—E quanto tempo te durará isso? Muitos cavalheiros podem viver um ano com essa soma.

—Durará um ano, juro-lhe isso.

—Não se incomode em me jurar isso.

Emilian se inclinou e procurou seu livro de cheques. Recordava muito bem que Robert e seu pai o tinham chamado sujo selvagem e riram dele. Mas isso não o impediu de escrever um cheque e arrancá-lo.

—Não sei como te agradecer.

Emilian o olhou com desdém.

—Não tema, não te pedirei que me devolva nada.

Robert sorriu.

—Obrigado. E te importa que passemos a noite aqui? Economizaríamos umas libras...

Emilian agitou uma mão no ar. Não lhe importava que o trio ficasse, pois havia lugar de sobra para que não tivesse que cruzar com eles. Aproximou-se das portas de cristal e olhou além dos jardins, às colinas que se perdiam no horizonte cinza. Tinha a sensação terrível de que ia acontecer algo... Olhou o céu. Não havia o menor indício de tormenta.

Ouviu vozes e se voltou. Os dois amigos de Robert se reuniram com este, que lhes mostrava o cheque. Seus amigos riam e lhe davam palmadas nas costas, como se acabasse de levar a cabo uma façanha.

—Compensa ter um primo rico, né? Embora seja meio cigano — riu um deles.

—Só Deus sabe como o faz — sorriu Robert — É obvio, é seu sangue inglês que o faz tão rico.

O terceiro homem se aproximou deles.

—Alguma vez esteve com uma garota cigana? Estão em Rose Hill, há-me dito isso um servente.

Emilian ficou rígido. Havia ciganos perto. Era isso o que pressentia?

E de repente, um menino cigano, de não mais de quinze ou dezesseis anos, entrou no terraço e o olhou através das portas de cristal.

Emilian se adiantou.

—Espera!

O menino girou e pôs-se a correr. Emilian correu atrás dele.

—Não vá! — gritou — *Na za* — repetiu em romeno.

O menino ficou imóvel ao ouvi-lo. Emilian se aproximou e seguiu falando em romeno:

—Sou cigano. Sou Emilian St Xavier, filho de Raiza Kadraiche.

O menino pareceu aliviado.

—Emilian, manda-me Stevan. Tem que falar com você. Não estamos longe... uma hora a cavalo ou em carro.

Emilian estava atônito. Stevan Kadraiche era seu tio, ao que não tinha visto em oito anos. Raiza viajava com ele, assim como também sua irmã Jaelle. Mas nunca baixavam tão ao sul. Não podia imaginar o que significava aquilo.

E então soube. Havia notícias... e não podiam ser boas.

—Vem? —perguntou o menino.

—Vou — repôs Emilian.

Capítulo 2

Ariella estava de pé ao lado da lareira, desejando poder retirar-se a seu quarto. Teria preferido com muito passar a noite lendo. Todos tinham se saudado educadamente e falado do tempo e das famosas roseiras de Amanda. Dianna, que estava muito bonita com seu vestido de noite, comentava agora o próximo baile que organizaria sua mãe, o primeiro que se fazia em Rose Hill em anos.

—Espero que participem os dois — dizia com doçura.

Ariella tinha um sorriso fixo no rosto e olhava seu pai. Alto e arrumado, a seus quarenta e cinco anos seguia atraindo as olhadas femininas. Mas ele não se dava conta; seguia apaixonado por sua esposa, tão apaixonada pelo mar como ele, e o bastante excêntrica para permanecer na ponte com ele. Mas Amanda também amava os bailes, coisa que Ariella não entendia. Decidiu que depois de jantar tentaria convencer seu pai para que lhe permitisse uma ousada aventura ao coração da Ásia Central.

Lorde Montgomery se voltou para ela.

—Não parece muito entusiasmada com o baile de Rose Hill — falava com serenidade, muito sério.

—Não me interessam os bailes — não pôde evitar responder Ariella— Os evito sempre que posso.

Dianna se colocou imediatamente a seu lado.

—Oh, isso não é verdade.

—Prefiro viajar — acrescentou Ariella. Viu seu pai sorrir.

—Eu também desfruto viajando. Qual foi a última viagem que fez?

—A último foi a Atenas e Constantinopla. Agora desejo visitar os estepes da Ásia Central.

Dianna empalideceu.

Ariella suspirou. Tinha prometido a sua irmã evitar qualquer menção aos mongóis. Considerou vários temas e optou por um que lhe interessava.

—O que opina dos grandes experimentos de Owens para ajudar os operários a melhorar sua posição e seu lugar na economia?

Montgomery piscou. Logo esgotou os olhos, aparentemente interessado.

Mas seu irmão pequeno a olhou escandalizado. Voltou-se para o pai dela e disse:

—É um desastre consolidar assim o emprego. Mas o que se pode esperar de um homem como Robert Owens⁴? É filho de um comerciante.

—É brilhante — disse Ariella a suas costas.

Cliff de Warenne se colocou a seu lado e lhe pôs uma mão no ombro.

—Eu estou impressionado com os experimentos de Owens — comentou com amabilidade— Apoio a teoria de consolidar o emprego.

O mais jovem dos Montgomery não teve mais remédio que voltar-se para Ariella e ele.

—Santo céu! E o que será o seguinte? A lei das dez horas? Os operários a pedirão com certeza — lançou a Ariella um olhar escuro que ela recebia frequentemente, um olhar que insinuava que não era bem-vinda a opinião das damas.

Ariella pôs os braços em jarras, mas sorriu com doçura.

—Foi uma farsa política e social permitir que a lei das dez horas sucumbisse às pressões da indústria e o comércio. É imoral. Nenhuma mulher ou menino deveria ter que trabalhar mais de dez horas ao dia.

Paul Montgomery arqueou as sobrancelhas e a ignorou.

—Como dizia — olhou Cliff— este país se afundará se permitir aos sindicatos sair-se com a sua. Ninguém será tão parvo para limitar as horas de trabalho nem consolidar o emprego.

—Não estou de acordo. Só é questão de tempo que se imponha uma lei trabalhista mais humana — repôs Cliff com calma.

—Afundará o país — advertiu o jovem Montgomery, ruborizado— Não podemos nos permitir salários mais altos, nem melhores condições de trabalho.

Amanda sorriu.

—E acredito que agora deveríamos passar a jantar. Podemos continuar este fervente debate na mesa.

A Ariella teria encantado, mas Dianna a olhou com expressão de súplica.

—Sou muito cavalheiro para levar a contrária a uma dama — repôs Montgomery com rigidez; mas parecia muito molesto.

Seu irmão mais velho soltou uma risada, e Cliff fez o mesmo.

—Vamos entrar como sugeriu minha esposa.

⁴ Robert Owen (14 de maio de 1771 – 17 de novembro de 1858) foi um reformista social galês, considerado um dos fundadores do socialismo e do cooperativismo.

De repente se ouviram gritos terríveis procedentes do vestíbulo da mansão, como se uma turfa tivesse invadido Rose Hill.

—O que é isso? —perguntou Cliff, que saía já do salão— Esperem aqui — ordenou a todos.

Ariella não tinha a menor intenção de obedecer. Seguiu-o.

A porta principal estava aberta. O mordomo de Rose Hill, irritado, tentava deter uma dúzia de homens que pareciam empenhados em entrar. Quando viram Cliff, começaram a gritar.

—Capitão de Warenne, senhor, temos que lhe falar.

—O que acontece, Peterson? —perguntou Cliff ao mordomo— Pelo amor de Deus, é o prefeito! Deixe-o passar.

Peterson se apressou a abrir a porta e os quatro primeiros senhores entraram em seguida.

—Senhor, o prefeito Oswald, o senhor Hawks, o senhor Leeds e seu inquilino o senhor Jones. Temos que falar com você. Temo que haja ciganos no caminho.

Ariella se sobressaltou. Ciganos? Não tinha visto uma caravana de ciganos desde que era menina. Talvez sua estadia em Rose Hill não fosse tão aborrecida depois de tudo. Sabia muito pouco dos ciganos. Recordava vagamente ter ouvido sua música exótica de menina e ter sentido curiosidade.

—No caminho não, capitão. Estão acampando em terreno de Rose Hill, muito perto daqui — informou o prefeito, um homem grande e grosso.

Todos começaram a falar de uma vez. Cliff levantou as mãos.

—De um em um. Prefeito Oswald, tem você toda minha atenção.

Oswald assentiu.

—São pelo menos cinquenta. Apareceram esta manhã. Esperávamos que não se detivessem, mas fizeram justamente isso, senhor. E estão em suas terras.

—Se roubarem uma de minhas vacas, só uma, pendurarei pessoalmente o cigano ladrão — gritou o senhor Jones.

Os outros começaram a falar de uma vez. Ariella se encolheu ao ouvir os comentários de meninos que desapareciam, cavalos roubados e revendidos a seus donos tão mudos que não resultavam reconhecíveis e cães que corriam soltos e selvagens.

—Nada estará seguro em sua casa, nem na minha — disse um homem— É uma desgraça.

—Meus filhos têm dezesseis e dezoito anos — declarou outro com ferocidade— Não permitirei que os pervertam as rameiras ciganas. Já tem lido a mão uma das garotas.

Ariella olhou seu pai, atônita ante tantos preconceitos e medo. Mas antes que pudesse gritar que aquelas acusações eram muito injustas, Cliff levantou as mãos.

—Eu me ocuparei disto — disse com firmeza— Mas antes quero dizer que ninguém será assassinado em sua cama, nem roubarão a ninguém seus filhos, seus cavalos, suas vacas, nem suas ovelhas. Conheci a ciganos de vez em quando ao longo dos anos e os informes de seus crimes são muito exagerados.

Ariella quase relaxou. Ela não sabia nada dos ciganos, mas seu pai devia ter razão.

—Capitão, senhor. O melhor é jogá-los fora da paróquia; não os necessitamos aqui. São ciganos escoceses, senhor, do norte.

Cliff voltou a pedir silêncio.

—Falarei com seu chefe e me assegurarei de que se ocupem de seus assuntos e sigam seu caminho. Duvido que pensem ficar muito. Não há com o que se preocupar — se voltou e olhou Ariella com um convite nos olhos.

Ela sorriu.

—Claro que irei com o senhor.

—Não o diga a sua irmã — advertiu seu pai, quando saíam da casa.

Ariella se situou a seu lado, feliz de ter deixado atrás o jantar.

—Dianna cresceu muito. É muito amante das convenções.

Cliff soltou um risinho.

—Isso não o tirou de sua mãe, nem de mim — a olhou— Adora-te. Falava sem parar de sua visita. Procura ser paciente com ela. Já sei que não poderia haver duas irmãs mais distintas.

Ariella se sentiu mal.

—Suponho que a descuidei muito.

—Compreendo a atração de suas paixões. A sua idade, é melhor sentir paixão que não sentir nada.

Seu pai compreendia sua natureza. Quando dobraram a calçada da casa e saíram ao caminho público, encontraram-se com uma vista incrível. Entardecia e duas dúzias de carroças pintadas de cores vivas resplandeciam como joias à luz do crepúsculo. Os cavalos pastavam por ali, os meninos corriam e jogavam e a roupa dos ciganos, púrpura, ouro ou escarlata, contribuía ao caleidoscópio de cores. O prefeito tinha razão. Deviam somar uns sessenta ou setenta pelo menos.

—O que há dito dos ciganos era a sério? —perguntou à jovem, quando se detiveram.

Tinha a sensação de que a tivessem transportado a um país estrangeiro. Ouvia seu idioma estranho e gutural e cheirava aromas exóticos, possivelmente do incenso. Alguém tocava uma melodia ao violão. Mas a risada alegre dos meninos e as vozes das mulheres não tinham nada estranho.

Cliff tinha deixado de sorrir.

—Conheci a muitos grupos ciganos ao longo dos anos, a maioria na Espanha e Hungria. Muitos são honrados, mas, infelizmente, não se abrem aos estranhos. Desconfiam de nós, com boas razões, e é bastante comum que se orgulham em fraudar os payos.

—Os payos? —perguntou ela.

—Nós, os não ciganos.

—Mas você há dito ao major que não tinha com o que preocupar-se.

—Há algum motivo para acrescentar seu medo? Não sabemos se vão ficar, nem se vão roubar. Por outra parte, a última vez que vi ciganos foi na Irlanda. Roubaram meu maravilhoso alazão e não voltei a vê-lo.

Ariella o olhou.

—Está seguro de que foram eles?

—Foi à conclusão que tirei. Mas se a pergunta é se estiver seguro cem por cento, a resposta é não — lhe pôs a mão no ombro com um sorriso e reataram a marcha.

Chegaram à linha exterior dos carros, que estavam colocados em círculo em torno de um claro amplo, onde tinham cavado várias fossas para as fogueiras. Os meninos corriam descalços, mesclados com cães que estavam muito magros. As mulheres carregavam baldes de água do arroio. Os baldes pareciam pesados, mas os homens estavam atarefados cravando paus e colocando as lonas das tendas, apressando-se a preparar o acampamento antes que caísse a noite. Ariella olhou às mulheres. Tinham rostos bronzeados, que acusavam as inclemências do tempo. As coloridas saias se viam remendadas e levavam os cabelos longos soltos ou recolhidos em tranças. A mulher mais próxima a eles levava um menino pendurado às costas em uma espécie de bolsa de tecido e tirava artigos de um carro.

Ariella pensou que a vida daquela gente era dura e se deu conta de que as risadas e vozes se detiveram. Até o violonista tinha deixado de tocar.

As mulheres fizeram uma pausa em suas tarefas e se endireitaram para olhar. Os homens se voltaram também para olhar. Os meninos correram para esconder-se nas carroças, embora aparecessem desde eles. Caiu um silêncio absoluto, quebrado só pelos latidos de um cão.

Ariella estremeceu nervosa. Aquela gente não parecia alegrar-se de vê-los.

Um homem enorme, com o cabelo moreno e descuidado, saiu do centro do acampamento para colocar-se diante das carroças, para lhes cortar o passo. Levava uma camisa vermelha bordada e um colete negro e dourado em cima. Quatro homens mais jovens, igualmente morenos e altos, colocaram-se a seu lado. Seus olhares eram hostis.

Ouviram-se cascos de cavalos. Ariella se voltou e viu um cavaleiro montado em um alazão cinza aproximar-se das carroças exteriores, seguido por outro cavaleiro. Saltou ao chão e se aproximou dos ciganos.

O recém-chegado levava uma camisa branca, calças de pele de cervo e botas cheias de barro. Não levava casaco e a camisa ia desabotoada quase até o umbigo. Tal e como ia embelezado, era como se estivesse nu.

Nenhum inglês viajaria publicamente desse modo. Era alto, largo de ombros e de constituição forte. Não era tão moreno como os outros ciganos e seu cabelo era castanho claro com tons dourados e avermelhados. Não o via claramente dessa distância, mas curiosamente, o coração começou a pulsar com força.

Cliff a tomou pelo cotovelo e se adiantou. Ariella ouviu o recém-chegado falar com os ciganos em sua língua estranha, que soava eslava. Seu tom era de mando e ela adivinhou que era seu líder.

E então esse líder dos ciganos olhou a eles.

Seus olhos frios cinza se encontraram com os dela, que conteve o fôlego. Que formoso era! Umas pestanas larguíssimas emolduravam seus olhos penetrantes, situados em cima de umas maçãs do rosto altas e exóticas. Tinha o nariz reto e a mandíbula forte e dura. Nunca em sua vida tinha visto tanta perfeição masculina.

Seu pai se adiantou.

—Sou Cliff de Warenne. Quem é o vaida⁵ aqui?

Houve um momento de silêncio, cheio de hostilidade e tensão. Ariella aproveitou a oportunidade para olhar o chefe cigano. É obvio, não era inglês. Era muito moreno e levava o cabelo muito comprido, roçando os ombros.

Baixou a vista à boca cheia, mas rígida. Divisou a cruz dourada que levava sobre a pele bronzeada do peito. O coração pulsou com mais força e se ruborizou. Sabia que devia afastar a vista, mas não podia. Via subir e baixar o peito dentro da fina camisa de seda. Baixou mais os olhos. As calças se pegavam às coxas e os quadris, delineando bem a anatomia masculina.

Sentiu seus olhos fixos nela e elevou a vista. Seus olhares cruzaram pela segunda vez.

Ariella se ruborizou. Sabendo-se pega, afastou rapidamente a vista.

—Sou Emilian. Falarão comigo — disse, com um leve acento.

⁵ Chefe

—Vejo que já estão preparando o acampamento. Estão em minhas terras — informou Cliff com tom duro.

Ariella levantou a vista, mas o cigano de olhos cinza olhava agora a seu pai. Não sabia por que estava nervosa; talvez porque ele era um enigma. Vestia como podia vestir um inglês em seus aposentos, mas não estava na intimidade de seu lar. Seu inglês parecia impecável, mas também falava a língua cigana.

Emilian sorriu com desagrado.

—Faz muito tempo, Deus deu aos ciganos o direito a vagar livremente e dormir onde desejem — repôs com suavidade.

Ariella se encolheu. Reconhecia um desafio quando o ouvia e sabia também que, embora seu pai estivesse disposto a negociar a situação, tinha um lado perigoso. Nos olhos cinza frios de Emilian havia um indício de selvageria desumana.

O sorriso de Cliff foi igualmente desagradável.

—Estou seguro de que vocês opinam assim. Mas o Governo da Inglaterra aprovou recentemente uma lei limitando os lugares nos que podem ficar os vagabundos e os ciganos.

Emilian piscou.

—Ah, sim, as leis de sua gente... as leis que permitem pendurar um homem simplesmente porque viaja em uma carroça.

—Estamos no século XIX. Não penduramos os viajantes.

Um sorriso frio acolheu suas palavras.

—Mas ser cigano é ser um criminoso, e o castigo para essa vida sem lei é a morte. Essas são suas leis.

—Duvido que vocês compreendam corretamente a lei. Não penduramos a ninguém porque é cigano. Nada disso troca o fato de que estão em minha terra.

Emilian repôs com suavidade:

—Não seja condescendente comigo, de Warenne. Conheço a lei. Quanto a este acampamento, aqui há mulheres e meninos que estão muito cansados para seguir esta noite. Temo que ficaremos.

Ariella ficou tensa. Por que tinha que ser tão beligerante aquele homem? Sabia que seu pai não tinha intenção de jogá-los essa noite. Mas agora viu que Cliff piscava com irritação e pressentiu uma batalha iminente.

—Eu não pedi que partissem — repôs seu pai— Mas têm que me dar sua palavra de que não causarão danos esta noite.

O cigano de olhos cinza o olhou fixamente.

—Tentaremos não roubar o colar da dama enquanto dorme — disse com ironia.

Seu pai ficou tenso e seus olhos azuis brilharam de raiva.

—A dama é minha filha, vaida, e se referirá a ela com respeito.

Ariella se adiantou rapidamente, não muito segura de que os homens não chegassem aos punhos. Sua fúria masculina impregnava o ar. Sorriu ao líder cigano.

—Estamos muito agradados de os ter aqui esta noite, senhor. Há lugar de sobra, como podem ver. A meu pai só preocupa porque a gente do povoado está alterada. Isso, é obvio, é devido a sua ignorância — falava muito depressa e era muito consciente de seu nervosismo.

Ele a olhou fixamente.

Cliff se ruborizou.

—Ariella, volta para a casa.

Ela se sobressaltou. Fazia anos que seu pai não lhe dava uma ordem. Como era possível que uma singela missão de reconhecimento tivesse dado passo a tanta hostilidade? Aproximou-se de Cliff e baixou a voz.

—Deixará que fiquem esta noite, verdade? —converteu-se em algo muito importante para ela— Estou segura de que seu chefe não pretende ser tão áspero. Pai, você sabe que seus costumes são diferentes aos nossos. Provavelmente não se dá conta do mal educado que está se mostrando. Por favor, lhe dê o benefício da dúvida.

A expressão de Cliff se suavizou um tanto.

—É muito boa para seu bem. Pode estar segura de que sim quer ser grosseiro. Mas lhe darei o benefício da dúvida.

Ariella aliviada olhou o cigano, a ponto de lhe sorrir. Mas a expressão dele era tão intensa e especulativa, que mudou de ideia. Dava-lhe ar selvagem e de predador, como se pensasse nela em termos pouco apropriados. Ariella tragou saliva. Resultava-lhe impossível afastar a vista.

—Somos ciganos — disse Emilian só a ela— E não necessito que defendam aos meus, nem a mim.

Tinha-a ouvido! Nesse momento esqueceu que seu pai estava ao seu lado e que os rodeavam os ciganos. De repente era como se encontrassem sozinhos. Foi muito consciente da atração dele, como se uma carga de algum tipo palpitasse entre eles. O coração pulsava com rapidez, de um modo quase doloroso. E acreditou ouvir também os batimentos do coração dele, apesar de que estavam ao menos a três metros de distância.

—Sinto-o — sussurrou com voz rouca— Sim, são ciganos. Isso sei.

Ele baixou lentamente as pestanas. Estava quase segura de que seguia olhando-a, mas era impossível sabê-lo. Uma sensação estranha lhe encheu o estômago. O corpo doía com uma tensão nova e terrível.

Cliff se adiantou.

—Volte para casa, Ariella — disse com brutalidade.

Estava zangado e ela sabia que era porque o cigano a tinha olhado com atrevimento.

—Por que não voltamos os dois? —perguntou— É tarde e Amanda está atrasando o jantar por nossa causa.

Cliff olhava friamente o cigano.

—Tive a amabilidade de lhes permitir uma noite de descanso aqui. Vocês devem posar seus olhos onde têm que posá-los... em suas mulheres.

O cigano se encolheu de ombros.

—Sim, é muito amável — burlou— Não espere gratidão por minha parte.

Por que tinha que procurar guerra aquele homem? Era preciso que fosse tão hostil?

—Espero que partam pela manhã — disse Cliff— Vamos.

Ariella não queria partir, mas não havia razão para ficar. Quando Cliff se voltou, ela olhou atrás com impotência. O cigano a olhava com olhos ardentes. Nenhum homem a tinha olhado assim antes. Aquele homem era diferente e ela queria liberar-se de seu pai e voltar com ele.

Ele quase sorriu como se conhecesse o efeito que produzia nela.

Seu pai a puxou pelo braço e ela se voltou para lhe seguir o passo. Quando o fazia, uma mulher lançou um grito forte de dor.

Ariella se voltou alarmada. Seus olhos voltaram a encontrar-se com os do cigano.

—O que é isso? —sussurrou ela— Há alguém ferido?

O cigano agarrou-lhe o braço e murmurou:

—Ela não te necessita, paya.

Ariella se esqueceu de respirar. A mão dele era larga, forte e muito quente. Seu fôlego acariciava a bochecha e o joelho lhe roçava a coxa. Soltou-a.

Tudo tinha ocorrido tão depressa, que Ariella estava atônita.

—Nós cuidamos dos nossos — disse Emilian com dureza. Olhou a Cliff— Leve daqui sua princesa. Diga a ela que nós não gostamos dos payos. Iremos pela manhã.

Ariella pôs-se a tremer.

—Posso enviar um médico...

Seu pai a interrompeu.

—Minha filha é justamente isso para você cigano... uma princesa. Não volte a tocá-la — explodiu.

—Pai, basta! —gritou Ariella, alterada e sem fôlego, sentindo ainda o contato do cigano— Não queria que me intrometesse, isso é tudo. O engano foi meu.

Mas Cliff estava muito zangado para escutá-la.

— Não toque em nada, nem em ninguém, nada se evapore em plena noite. Se desaparecer um cavalo, uma vaca ou uma simples ovelha, farei responsável a você.

Emilian sorriu com rigidez e não respondeu.

Ariella não podia acreditar que seu pai acabasse de proferir uma ameaça assim. Antes de segui-lo, voltou à vista uma vez mais.

O cigano a olhava imóvel como uma estátua. Apesar da distância, ela captou força e desdém... e uma intenção que não compreendeu. Fez-lhe uma reverência tão elegante como a de um cortesão, mas seus olhos chamejantes arruinavam o efeito. Ariella respirou com força e girou.

Que tipo de homem era aquele?



Emilian olhava o payo e sua formosa filha. Fervia por dentro de fúria contra Warenne. A defesa da filha ressonava em sua mente. Mas ele não necessitava que o defendesse uma paya. Ela se acreditava amável? Pois não lhe importava o que se acreditasse.

Estava tão afastada de um homem como ele, como se fosse uma princesa. O tipo de mulher formosa, perfeita e de sangue azul que nenhuma matrona inglesa lhe apresentaria nunca. Mas apesar da diferença de classe e sangue que havia entre eles, tinha-o olhado como o olhavam todas as inglesas que queriam utilizá-lo... como se estivesse impaciente por despi-lo e lhe tocar todo o corpo com as mãos e a boca.

Quase se pôs a rir sem humor. Ele trocava de amante paya quase com tanta frequência como de roupa. Elas eram esposas e viúvas que o usavam estritamente pela paixão carnal e ele a elas por muito mais. Encontrava satisfação em deitar-se com a esposa de um vizinho quando o vizinho o tratava com condescendência e escárnio. Pode ser que o tivessem educado como inglês, mas era também cigano e levava o engano metido no sangue. Para eles, um homem que segava o feno do vizinho e o revendia a este se considerava honrado. Tomar o que pertencia a outro e lhe tirar um benefício antes de devolvê-lo a seu dono, possivelmente

com mais benefício ainda, era uma fraude boa. Todos os ciganos nasciam com a necessidade do engano nas veias. O engano era a última risada de um cigano... e sua vingança pelas injustiças que todos os ciganos tinham tido que sofrer no mundo.

Ele podia possuir a filha de Warenne se quisesse tomar a moléstia. Ela seria como argila úmida em suas mãos. Conhecia bem seus poderes de persuasão. Mas tinha poucas dúvidas de que Cliff de Warenne o assassinaria se inteirasse.

A tentação era grande, porque ela era muito formosa. Sabia que murmuraria dele as suas costas depois de abandonar sua cama, como faziam todas. Elas não podiam esperar para comentar a potência sexual de seu amante cigano com suas amigas... como se ele fosse um semental em aluguel. Ela estava solteira, mas o modo em que o tinha olhado mostrava que era experiente. Decidiu que seria interessante levá-la ao leito.

—Emilian...

Voltou-se para seu tio.

—A mulher?

Stevan fez um ruído.

—A mulher é minha esposa e está tendo seu primo.

Um calor alagou o peito de Emilian. Sabia que Stevan tinha várias filhas, às quais tinha conhecido oito anos atrás, mas não sabia com exatidão quantos primos mais tinha, nem recordava seus nomes. E havia outro a caminho.

De repente se sentiu afligido. Notou os olhos úmidos. Fazia tanto tempo que não estava com a família! Robert não contava. Robert o desprezava. Stevan, seus filhos, Raiza, Jaelle... eles eram sua família. E o aceitavam apesar de seu sangue manchado, diferente dos ingleses, que nunca o aceitariam plenamente. Até Edmund tinha tido suas dúvidas. E nesse momento não se sentia isolado, nem sozinho. Não se sentia diferente.

Stevan lhe pôs as mãos nos ombros.

—Agora é um homem. Djordi me diz que sua casa é rica.

—Eu a tenho feito rica — repôs Emilian com sinceridade. Secou os olhos. Não podia recordar o nome da esposa de Stevan e isso era uma vergonha.

Stevan sorriu.

—Muito engano, né?

Emilian vacilou. Tinha levantado Woodland com o trabalho inglês, não com o roubo cigano. Não queria dizer a seu tio que tinha trabalhado honrada e industriosamente em lugar de procurar lucros com astúcia.

—Muito engano — mentiu.

Stevan assentiu, mas o sorriso se apagou de sua face. Emilian ficou tenso. Tinha a sensação de que se cravavam navalhas em suas vísceras.

—Por que me tem feito chamar?

Seu tio vacilou. Uma cigana jovem saiu dentre as carroças com as saias vermelhas oscilando ao vento e parou, descalça, não longe deles.

—Emilian — sussurrou, ruborizada.

Este demorou um momento em ver a beleza de Raiza em seus traços jovens e formosos. Deu um pulo, sabedor de que tinha diante a sua irmãzinha, exceto que ela já não tinha doze anos, a não ser vinte.

Ela sorriu beatificamente e correu a deitar-se em seus braços.

Emilian se permitiu sorrir amplamente, com o tipo de sorriso que não tinha usado em anos, um sorriso que brotava do coração. Abraçou-a forte.

—Jaelle! —exclamou quando a soltou— Agora é uma mulher formosa. Estou muito surpreso.

—Acreditava que seria feia? —riu ela. Tornou-se atrás o cabelo e ele viu que estava intercalado de tons avermelhados e que seus olhos eram de um âmbar dourado.

—Jamais. Está casada?

Ela negou com a cabeça.

—Aqui não há ninguém que me queira.

Emilian não soube se a resposta o agradava ou não.

—Houve homens bons que se interessaram por ela — grunhiu Stevan— Mas rechaçou a todos.

—Eu saberei quando desejar me casar e ainda não o desejei — lhe tocou a bochecha— Olhe-se. Agora é um payo rico. Mas as libras podem substituir os caminhos e as estrelas brilhantes?

Emilian deixou de sorrir. Embora ao princípio de chegar a Woodland tivesse tentado fugir muitas vezes, ao final tinha optado por ficar. E não tinha vacilado em fazer cargo da fazenda à morte de Edmund. O que podia dizer? Só nesse momento, rodeado por sua família de verdade, estava inseguro de que sua eleição tinha sido a correta.

—Woodland é um lugar, mas sinto falta dos caminhos abertos e o céu noturno — e nesse momento, isso era dolorosamente certo. Sentia falta de Jaelle, de Raiza e de seu tio. Não tinha se dado conta até então.

Jaelle puxou sua mão.

—Pois venha conosco, só uma temporada.

Ele vacilou. A tentação era muito grande.

Stevan parecia duvidoso.

—Jaelle, já o ouviu antes... meio sangue, meio coração. Não acredito que nossos costumes satisfaçam muito tempo a seu irmão. Foi educado como um payo. Nossa vida é melhor, mas ele não pode sabê-lo.

As palavras de seu tio o encheram de tensão. A chamada do caminho aberto era muito forte de repente. Mas tinha deveres, responsabilidades. Via a si mesmo inclinado em seu escritório, ocupando-se de papéis até bem entrada a noite ou de pé em um grande salão, afastado das damas e os cavalheiros presentes, pois tinha ido só para falar de negócios. Recordava a noite anterior, quando tinha estado na cama com a esposa de um vizinho. Que fácil resultava resumir sua vida! Consistia nos assuntos de Woodland, seus encontros sexuais e nada mais.

—Possivelmente sua vida seja melhor — respondeu. Mas isso não significava que ele pudesse partir.

Jaelle parecia disposta a dar saltos de alegria.

—Seu acento é muito estranho — burlou— Não fala como um cigano.

Ele se ruborizou. Fazia oito anos que não falava romeno.

Stevan o puxou pelo braço.

—Deseja falar com sua irmã agora?

Emilian olhou Jaelle, que bulia de entusiasmo e felicidade. Não queria decepcioná-la. Esperava que não perdesse nunca sua boa natureza e lhe ocorreu que queria lhe mostrar Woodland antes que a caravana voltasse para o norte. Havia tanto que podia lhe oferecer! Mas ela preferia a vida cigana.

Olhou Stevan.

—Jaelle e eu temos toda a noite e muitas outras noites para falar — sorriu a sua irmã— Possivelmente possa te encontrar um marido.

Ela fez uma careta.

—Obrigado, mas não. Já o escolherei sozinha.

—Que independente! —brincou ele— E pensa ir a uma caçada de homens?

Ela o olhou com astúcia. Não era uma rosa inglesa ingênua, virginal e protegida.

—Quando chegar caçarei — ficou nas pontas dos pés, beijou-lhe a bochecha e se afastou.

Emilian ficou olhando-a.

—Não tema — disse Stevan— É muito mais inocente do que aparenta. Está brincando de ser mulher, nada mais. Às vezes acredito que tem quinze anos.

—Não os tem — repôs Emilian.

Os costumes e a moral ciganos eram muito diferentes às dos payos. Seria estranho que Jaelle fosse completamente inocente no referente à paixão.

—Deveria casar-se — disse com brutalidade.

Não queria que a utilizassem e logo a deixassem de lado, como a sua mãe.

Stevan pôs-se a rir.

—Fala como um verdadeiro irmão.

Emilian não sorriu. Esperou.

—Vem comigo — disse seu tio.

Ele obedeceu, com uma terrível sensação de medo. A noite se encheu de estrelas e as árvores suspiravam a seu passo.

—Ela não está aqui — disse.

—Não, não está.

—Morreu?

Stevan se deteve e lhe colocou ambas as mãos nos ombros.

—Raiza morreu. Sinto muito.

Não era um menino de doze anos e não tinha direito às lágrimas, mas estas encheram seus olhos. Raiza tinha morrido... e ele não tinha estado ao seu lado. Tinha morrido e ele não a tinha visto em oito largos anos.

—Maldita seja! —jurou— O que ocorreu?

—O que ocorre sempre ao final com os ciganos — repôs Stevan— Estava lendo a sorte em Edimburgo. A uma mulher não gostou do que disse e voltou com seu cavalheiro nobre. Ela acusou Raiza de enganá-la e exigiu que devolvesse o xelim. Raiza se negou. Congregou-se uma multidão e todos começaram a gritar, a acusá-la de enganar, de pedir esmola, de lhes roubar suas moedas. Quando eu me inteirei e cheguei a seu posto, a multidão lhe atirava pedras. Raiza estava escondida atrás da mesa, usando-a como escudo. Se não fosse por isso, teria morrido ali.

Emilian sentiu que o mundo ficava imóvel. Viu Raiza escondendo-se atrás de uma débil mesa de madeira, das que usavam para jogar às cartas.

—Corri entre a multidão e começaram a me atirar pedras. Agarrei Raiza. Estava ferida e sangrava pela cabeça. Tentei protegê-la com meu corpo e nos pomos a correr. Tropeçou e me soltou. Quase pude retê-la, mas caiu. Bateu a cabeça. Já não despertou.

Emilian não podia mover-se. Via-a caída na rua pavimentada, com os olhos muito abertos e sem vida e a cabeça sangrando.

Stevan o abraçou.

—Era uma boa mulher e te amava muito. Estava muito orgulhosa de ti. Foi injusto, mas Deus nos deu a astúcia para compensar pelos costumes dos payos. Um dia os payos pagarão. Sempre pagam. Sempre fazemos que paguem. Idiotas — cuspiu — Me alegro de que usasse o engano para enganá-los e te fazer rico —voltou a cuspir, para acrescentar ênfase a suas palavras.

Emilian se deu conta de que estava chorando. Não tinha chorado da longínqua noite em que o tinham arrancado de sua vida de cigano. Tinham-no encerrado e encadeado como aos homens que tinha visto a caminho das galeras e tinha chorado de medo e de solidão. Envergonhado, tinha conseguido parar as lágrimas antes que voltasse o inglês que tinha jurado levá-lo com seu pai. Agora suas lágrimas procediam do coração quebrado. A tristeza ameaçava parti-lo em pedaços.

Ele não tinha estado ali para protegê-la, para salvá-la.

Secou os olhos.

—Quando?

—Faz um mês.

A dor fazia que resultasse impossível respirar. Ela tinha morrido. Começava a culpa.

Um mês atrás, ele estava imerso em seus assuntos de payo. Um mês atrás, planejava seu jardim e fornicava noite e dia com sua amante paya.

Porque tinha decidido ficar com Edmund quando podia havê-lo deixado.

Tinha elegido seu pai sobre sua mãe... e agora Raiza tinha morrido.

—Sempre pagam — disse Stevan com ferocidade.

Ele queria que pagassem os assassinos. Os odiava a todos. Até o último deles. Derramou mais lágrimas. Mas não havia um só assassino ao que perseguir. Por que não tinha estado ali para salvá-la? A culpa o punha doente e o inflamava a raiva. Malditos payos! Malditos todos eles!

E pensou em Warenne e em sua filha.

Capítulo 3

Caminhava pelo perímetro do acampamento com a cabeça baixa, permitindo que se acumulasse sua raiva. Preferia a fúria à dor. Raiza devia ter passado um medo espantoso. Mas a raiva não apagava os remorsos. A sua mãe a tinham assassinado os payos e ele vivia como eles, e nunca se perdoaria ter ido vê-la só uma vez nos últimos dezoito anos.

—Emilian.

Ao ouvir a voz de Jaelle, deteve-se e compreendeu quão egoísta era sua dor. Stevan queria a sua irmã, mas não podia substituir sua mãe. O pai de Jaelle era um escocês que não se interessou por sua filha bastarda, pois tinha esposa escocesa e família.

—Venha aqui — disse com um sorriso forçado.

Ela se aproximou com expressão incerta. Tocou-lhe o braço.

—Eu também estou triste. Estou-o todos os dias. Mas já passa — se encolheu de ombros— Um dia farei que os payos paguem por isso.

Ele ficou rígido.

—Não fará tal coisa. Pode deixar para mim a vingança. É meu direito.

—Também é meu direito, e mais ainda — protestou ela— Você conhecia muito pouco a Raiza.

—Era minha mãe. Eu não pedi que me separassem dela.

A jovem se abrandou.

—Perdoe-me, Emilian. Claro que não — vacilou— Quando era pequena veio nos ver, lembra-se? Foi uma época feliz.

—Lembro-me.

—É tão rico como um rei e não tem dono. Por que não veio após? Prefere os payos? Prefere a vida dos payos à nossa? Veio quando eu era pequena, mas não ficou.

Falava com intensidade e brilhavam lágrimas em seus olhos. Ele compreendia quão importante era aquilo para ela, compreendia que tinha a lealdade e o amor daquela jovem. Tomou sua mão. Uns dias atrás sua resposta teria sido outra, mas a morte de sua mãe os cobria como um sudário escuro e terrível.

—Parti porque me avisaram da morte de meu pai — respondeu— Mas não tinha ido à caravana com intenção de ficar. Tinha sonhado viajar com vocês, mas quando me chamaram, voltei. Para mim a viagem era só uma aventura.

Recordou o aborrecimento que o tinha invadido depois dos primeiros dias de viajar sem rumo. Nos anos seguintes tinha esquecido quão decepcionante tinha sido a viagem, porque sua lembrança se viu tingida com a notícia da morte de Edmund. Mas quando estava no caminho, tinha pensado nos deveres e responsabilidades aos que teria que retornar em Woodland. Não tinha apreciado a viagem, mas possivelmente porque então era jovem. E agora era tudo distinto.

—Não sei o que prefiro agora, nem o que quero — disse— Vivi como um inglês durante muito tempo, mas os dois sabemos que meu sangue é mesclado — o coração pulsava com força. Era um estranho e o seria sempre. E ele sempre o tinha sabido, embora tivesse eleito ignorar — Sei que me alegra muito ter uma irmã assim.

Ela abriu muito os olhos.

—Você não sabe o que quer? Todo mundo conhece seu coração.

Ele riu com amargura.

—Antes sonhava com a caravana. Às vezes tocava nossas canções com o violão em meu dormitório. Embora escolhesse me voltar payo, como me pedia meu pai, sabia que nossa gente estava em alguma parte, possivelmente me esperando. Mas tinha deveres para com Woodland. Aceitei esses deveres. Sei que não pode entender esta confusão. Eu tampouco nunca a entendi. Às vezes me hei sentido como duas pessoas completamente diferentes.

—E agora está confuso? —perguntou ela, incerta.

—Não. Hoje sabia que estavam perto. Hoje desejava vir. Hoje sou cigano, hoje quero isto — assinalou o acampamento— Ontem estava sentado na biblioteca de Woodland com meu administrador e o prefeito do povoado vizinho falando dos assuntos da zona — moveu a cabeça. Custava-lhe falar— Chamam-me cigano a minhas costas, mas querem meu conselho. Derbyshire não tem ninguém que tenha a educação que recebi. Não sou realmente um deles, mas faz tempo que fiz minha vida em Woodland. A fazenda é minha e é um bom lugar. Não desejo me casar, mas se tiver um filho, será dele. Pode compreender isso? —naquele momento, não estava seguro de entendê-lo.

—Como poderia entender carinho pela terra? Não me importa a terra, nem me importará nunca. Os ciganos que têm casas não são ciganos de verdade. Você é mais inglês que cigano — ela secou as lágrimas— Mas faz tempo que sei. E nossa mãe também sabia.

Voltou-se, mas ele a deteve.

—Neste momento eu não gostaria de estar em outro lugar que não fosse este. Isso é a verdade, Jaelle.

Ela o olhou aos olhos.

— Mas quanto tempo? E quando formos não virá conosco, verdade?

Ele a olhou, mas não viu Jaelle a não ser Raiza, caída morta em uma rua pavimentada, sangrando pela cabeça, rodeada por uma multidão satisfeita. Queria voltar para sua vida em Woodland? Tinha tantos deveres ali! Mas e a vida a que tinha renunciado?

Devia a Raiza algo mais que seus respeitos. E a Jaelle também.

Soaram os timbres melódiosos de um violão, lentos e cativantes. E de repente o violonista trocou o ritmo por outro alegre e corajoso... festivo. E completamente incongruente com a raiva e o desespero... e com sua profunda confusão.

—Temos outro primo — disse Jaelle com suavidade— E é o momento de celebrá-lo.

Era o mundo cigano. Sua irmã o puxou para o centro do acampamento e em seguida soaram mais violões, um violino e timbales. Ouviam-se risadas e os homens davam palmas ao ritmo da música.

Jaelle o soltou e correu ao centro do claro, onde dançavam quatro ciganos jovens com os braços cruzados e golpeando o chão com os saltos ao ritmo dos instrumentos. Jaelle levantou as saias e começou a girar. Emilian sentiu que se abrandava e sorriu ao vê-la elevar os braços e dançar em meio dos homens.

Congregaram-se todos... homens, mulheres e meninos... e viu Stevan com sua esposa, que alimentava ao recém-nascido reclinada em umas mantas. Agora recordou seu nome. Simcha. A multidão dava palmas ao ritmo das sapatadas dos bailarinos. A música começava a encher seu corpo vazio. Sentia palpitar suas veias com cada sapatada, sentia fluir seu sangue. Essa era a vida cigana e era singela e boa.

Fazia tanto tempo!

Raiza tinha sido assassinada e ele não permitiria que os payos ficassem impunes de sua morte. Antes ou depois teria sua vingança. Mas não seria essa noite.

Essa noite celebrariam uma nova vida.

Outros homens e mulheres se uniram aos primeiros bailarinos. Uma mulher de cabelo de ébano e saias púrpura e ouro girou diante dele. Seu olhar era sensual e direto.

Era uma mulher atrativa, de idade aproximada da sua, e o convite resultava inconfundível. Olhou suas coxas quando ela subiu as saias mais da conta. Não havia amantes como as ciganas.

Ela soltou as saias, levantou os braços com sensualidade e começou a girar a um ritmo muito mais lento que o tempo rápido da música. Afastou-se com ar sedutor, mas o olhou por cima do ombro. Ele sorriu e entrou no claro, os violões, o violino, os timbales e o palpitar da terra invadiram seu corpo. Seus saltos encontraram o chão, direito, esquerdo, direito,

esquerdo, e levantou o rosto à lua e os braços às estrelas. Estalou os dedos e ondulou os quadris. Seguiu pendente da mulher, que dançava a sua direita, mas nesse momento seu corpo não necessitava outra coisa que a música e a noite.

A lua sorria, cintilavam as estrelas. As árvores faziam guarda e cintilavam as fogueiras. Era uma noite para celebrações, uma noite para amantes.

Devolveu o olhar atrevido da mulher.



Os convidados se retiraram e Ariella permanecia no salão dianteiro vendo partir a carruagem dos Montgomery enquanto a família subia a seus aposentos. Uma mão no ombro a sobressaltou.

Cliff sorriu.

—Vejo que sobreviveu ao jantar.

—Tão transparente fui?

Ele pôs-se a rir.

—Estava sonhando acordada e se notava.

—Suponho que todos estão entusiasmados com o baile de Amanda.

—Sim, assim é, pois faz tempo que não há um acontecimento assim em Rose Hill. E me diga, você gostou um pouco de Montgomery?

Ela ficou tensa; olhou seu pai com incredulidade.

—Acreditava que o de me emparelhar era ideia de Dianna.

—E o é. Mas ela o comentou a sua mãe, que me disse isso. Não sente nenhum interesse por ele.

—Lamento-o, mas não.

Seu pai suspirou.

—Ariella, quando era muito pequena, preocupava-me seu futuro. Então decidi que procuraria buscar-lhe o matrimônio perfeito quando tivesse a idade.

A jovem não podia acreditar no que ouvia.

—Não tinha ideia.

Ele sorriu.

—Isso faz muito tempo. Quando se converteu em uma jovem independente, coisa da que estou muito orgulhoso, compreendi que não faria nada semelhante. Em muitos sentidos, recorda-me a Amanda de antes.

O alívio dela não conhecia limites.

—Obrigado. Mas pai, você era um bucanero, não uma dama culta.

—Valorizava minha liberdade tanto como você, querida. Não obstante, acredito que um dia virá para mim com estrelas nos olhos e me dirá que deseja se casar e está loucamente apaixonada.

Ariella sorriu.

—Sabe que é muito mais romântico que eu?

Cliff pôs-se a rir.

—Ah, sim?

—Temo que não seja como você, pai. Minha paixão é pelo conhecimento. Antes tentei explicar a Dianna que não me incomoda absolutamente ficar solteira. Não penso em homens atrativos, nem sonho com eles como outras mulheres de minha idade — afastou a vista, pois isso era precisamente o que tinha feito desde que viu o cigano de olhos cinza.

—Isso é porque ainda não conheceu o homem o bastante especial para suscitar seu interesse.

—Os homens aos que conheço são estudiosos e historiadores, e muito poucos deles são nobres.

Ele pôs-se a rir.

—E se me traz um advogado radical sem meios de vida, eu o aprovarei... sempre que ele a ame a sua vez.

Ariella não respondeu. Tinha pensado toda a noite em Emilian, quase contra sua vontade. Havia algo provocador nele, e também algo mais que não conseguia identificar e que a perturbava.

—Pode ser que leve tempo se dar conta de que lhe apanharam o coração, mas esse dia chegará, não me cabe dúvida. É muito formosa e interessante para escapar ao amor. E quando pedir minha bênção, estarei encantado de dar isso seja quem for o que tenha escolhido.

Ela sorriu.

—Espero que não tenha tanta pressa como parece ter Dianna. Não tenho interesse em um matrimônio tradicional.

—Eu não permitirei que tenha menos do que merece — Cliff lhe deu um beijo na bochecha— Nunca te apressei. E agora temo que deva deixá-la a olhar as estrelas sozinha. Boa noite.

Ariella o olhou subir as escadas. Era muito consciente de que a invadia uma tensão estranha. Os olhos cinza de Emilian pareciam esculpidos permanentemente em seus pensamentos. Nunca em sua vida a tinha distraído tanto um homem e não sabia o que significava essa distração, mas seu breve encontro a tinha açoitado toda a noite.

Era um homem orgulhoso e hostil, e ela não podia entender por que estava tão à defensiva, nem por que parecia desprezar tanto ao seu pai e a ela. Mas a considerava atraente. Era o bastante mulher para entender o modo em que a tinha olhado. Os homens a olhavam com certa admiração desde que cumpriu os dezesseis anos, mas nunca parou para pensar duas vezes neles até agora.

Não havia motivos para permanecer no vestíbulo, mas se aproximou da janela e apertou o rosto no cristal frio. Acreditou ouvir música.

Invadiu-a a curiosidade. Cruzou o vestíbulo e entrou no salão, onde abriu as portas do terraço. Assim que o fez, ouviu a música exótica, pouco familiar.

Tinha ouvido melodias similares no Oriente Médio, mas nunca tinha ouvido uma música com tanta paixão e alegria. E não se ouviam risadas também?

Cruzou o terraço e se aproximou do corrimão, para olhar colina abaixo. Fazia uma noite brilhante, com um milhão de estrelas e uma lua crescente, mas ela só via a luz das fogueiras e as formas fantasmagóricas das carroças. Não lhe cabia dúvida de que os ciganos celebravam algo.

Queria baixar ali. Disse-se que não podia fazê-lo; era extremamente indecoroso e também imprudente. Uma mulher não podia ir sozinha pelo campo depois de anoitecer. O escândalo não lhe importava, mas podia ser perigoso.

Mas não tinham que saber. Se escondia, os ciganos não a veriam e sua família certamente já dormia. Se tomasse cuidado de evitar encontros, não haveria nenhum perigo para sua pessoa.

Tremia de nervosismo. Quando voltaria a ter essa oportunidade? Não tinha visto ciganos desde menina. Talvez nunca voltasse a cruzar com um acampamento assim. Como não ia fazer caso da música e a celebração? Havia muitas histórias de ciganos, de noites cheias de música, baile e amor.

E estava também seu carismático líder.

Ariella respirou com força. O tinha achado extremamente atrativo, além de enigmático. Sentia curiosidade também por ele. Falava tão bem como um homem educado, parecia

acostumado a dar ordens e não tinha cedido ante seu pai. Que tipo de homem era? De onde tinha saído?

Os ciganos iriam pela manhã.

E ele com eles.

Sua decisão estava tomada. Levantou as saias e desceu do terraço à grama. Um momento depois se afastava pelo caminho, onde acelerava o passo à medida que crescia seu nervosismo. Agora identificava algo mais que os violões, pois ouvia também um violino, timbales e palmas.

E ao fim pôde ver os carros diante. E as fogueiras, que iluminavam o centro do claro. Ouvia risadas e conversas e olhava aos bailarinos.

Deteve-se atrás da carroça mais próxima, respirando com força. A música agora soava fera e exigente. O tempo escalava e o pulso dela também.

Agachou-se ao lado do carro e olhou surpreendida.

Ele dançava sozinho no centro do claro. Tinha os braços em alto e estalava os dedos com a camisa aberta até a cintura. Seu peito brilhava a luz do fogo. O tecido das calças se aderiu nas coxas e quadris e cada passo resultava muito sensual. Cada passo o aproximava mais onde estava ela. Ariella sentiu a boca seca.

Ele tinha os olhos fechados. Sua expressão era concentrada, de prazer. Uma capa de suor cobria seu rosto. Cada polegada de sua anatomia resultava visível com aquela camisa aberta e as calças de pele de cervo, e ela sentia um calor terrível.

Tragou saliva. Não podia afastar a vista e não importava. Sabia que seus pensamentos se tornaram mais que indecorosos. Pensava em sua virilidade e em sua força. Dançava sozinho, mas sua dança era terrivelmente sugestiva como se logo fosse levar uma amante a sua cama.

Não sabia o que lhe ocorria. Nunca tinha pensado em um homem desse modo. O que fizesse ou deixasse de fazer ele depois de dançar não era de sua incumbência.

Ele abriu os olhos de repente. Embora agora dançasse muita gente e o rodeavam umas quantas mulheres exóticas, o olhar dele foi direto a ela.

Sabia que estava ali? O coração explodiu no peito. Sabia que devia agachar-se, mas, sem saber como, encontrou-se incorporando de tudo. Sabia que devia afastar sua atenção do formoso rosto dele, de seu peito nu, mas era impossível. Deu-se conta de que já não estava ao lado da carroça, mas sim se tinha colocado diante.

Os olhos cinza dele olharam os seus com ardor.

Ariella não pôde afastar a vista.

Seus olhares se cruzaram, ele tinha os braços levantados e girava lentamente para ela. Sorriu sedutor e baixou as pestanas negras e espessas, justo quando cessava a música.

Ariella tremia e se perguntava se ele poderia ouvir seu coração. Ele elevou os olhos, viris e intensos, a procurar os dela.

Uma mão tomou a de Ariella por trás.

—*Kon nos? Gadge romense? Nay!*

Um menino de uns dezesseis anos a olhava com fúria. Sacudiu-a e voltou a falar com raiva em seu idioma. Já não havia música, risadas nem conversa.

—Não compreendo — sussurrou ela.

O menino a puxou. Ariella tropeçou e se deteve. Os bailarinos os rodearam. Emilian se adiantou com olhos chamejantes, com o corpo quente e úmido.

—*Dosta!*

O menino a soltou. Ariella tremia. Seu salvador estava tão furioso como o menino. Olhou à multidão. Olhos hostis posavam nela. Ninguém se movia. As posturas eram beligerantes⁶. Ela queria que a terra a tragasse.

Ele voltou a falar, rápida e firmemente.

O menino a olhou.

—Sinto-o — disse com forte acento.

Voltou-se e se afastou.

Ariella estava incrédula. Olhou Emilian que devolveu o olhar, enquanto o homem grande como um urso de antes dava umas palmadas e falava com a multidão. Alguém começou a tocar um violão. Reataram-se as conversas, embora em tons mais baixos e sussurros, e foram se afastando todos até deixá-los sozinhos.

Ariella tinha a boca tão seca que teve que umedecer os lábios. Baixou a vista ao peito nu e suarento dele. Não pôde evitá-lo. Olhou um instante as linhas duras de seu abdômen. Sabia que não se atrevia a olhar mais abaixo; sabia o que veria ali.

—O que? — voltou a lambe os lábios — Não estava espiando.

Ele esgotou os olhos.

—Juro-o — respirava com força, tremendo — Ouvi a música e não pude resistir.

O olhar dele seguia sendo enigmático.

—E se divertiu? Se entreteu com nossos costumes primitivos?

Ela respirou com força.

⁶ Que faz a guerra com exército regular; que toma parte na guerra.

—A música... a dança... são maravilhosas.

Ele baixou a vista ao decote dela.

—Não é um pouco tarde para sair para dar um passeio, senhorita Warene?

Estava muito perto. Ela podia sentir seu calor e cheirar seu aroma. Podia tocá-lo facilmente se quisesse. Sua ansiedade aumentava por momentos.

—Sim, tenho que ir. Perdoe-me a intromissão.

Pôs-se a andar, mas ele a reteve pelo braço.

—Mas é minha convidada.

Seu braço inteiro, nu até a manga do vestido, apertava-se contra a pele úmida do peito dele. Sentia-se enjoada, a borda do desmaio.

—Isso é o que lhes hão dito?

—Nós não gostamos dos payos entre nós — sorriu ele de repente— Mas você é uma exceção a essa regra.

Não lhe importava ir vestido de um modo indecente, virtualmente nu? Não sabia que sustentava o braço inteiro dela contra seu peito? Não a sentia tremer com algo mais que medo?

—De verdade quer ir? —murmurou ele, com voz acariciadora.

Ela olhou seus olhos quentes. Não queria partir e os dois sabiam.

—A noite não tem feito nada mais que começar.

—Não sei... só vim a investigar.

—Poucas damas decentes se arriscariam a uma investigação assim a estas horas.

Soltou-lhe o braço e ela podia haver-se afastado, mas não o fez. Em lugar disso, olhou o peito musculoso dele e levou uma mão à bochecha, que estava muito quente. Seu corpo agora suave tanto como o dele.

Ele sorriu de novo. Aproximou-se mais.

—Mas uma dama indecente sim poderia aventurar-se a estas horas. Posso ajudar-lhe com sua investigação?

—Não o dizia nesse sentido.

—Pois claro que sim. Quer comparar — sorriu-lhe com frieza e a puxou pelo braço.

Levou-a a uma mesa perto de uma das carroças, afastadas dos bailarinos. Serviu dois copos de vinho de uma jarra e lhe estendeu um. Bebeu o seu com avidez, como se fosse água. Posou os olhos na linha do decote dela.

A Ariella endureceram os mamilos. Aquele olhar era tão ousado como se a tocasse por dentro do vestido, além da regata e o espartilho.

—Não me referia a investigar nesse sentido.

—Pois claro que sim. Beba o vinho. Desfrutará mais da noite.

—Já tomei vinho no jantar.

Os olhos de Emilian brilharam.

—Mas está tão nervosa como uma colegial ou uma debutante. Eu não mordo senhorita Warenne. Não engano, nem seduzo a damas que não o desejam. Porque é senhorita Warenne, não é assim? —fixou a vista na mão esquerda dela.

—Sim, sou senhorita — ela recuperou o sentido comum— Eu não acredito em estereótipos. É obvio que não enganam, nem roubam e não seduzem a mulheres contra sua vontade — se ruborizou. Aquele homem tinha a habilidade de conseguir que todas suas palavras soassem sexualmente sugestivas.

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Assim que você é a única paya que não tem preconceitos? Que elogiável!

—Os preconceitos são maus e eu não sou uma pessoa preconceituosa.

Ele dirigiu-lhe um olhar longo e logo afastou a vista.

Ariella tomou um bom gole de vinho. Esse olhar significa o que ela acreditava? Tinha visto seu pai, a seus tios e também seu irmão e seus primos olhar assim a mulheres. Esse olhar tinha um significado. O que devia fazer?

Devia ficar e deixar que a beijasse.

Tomou outro sorvo de vinho, quase com incredulidade. Ela era uma mulher racional. Não lhe importava o que a sociedade considerava decente e nunca antes lhe tinha interessado um beijo. Mas não havia dúvidas de que agora sentia um grande interesse.

—Se você não veio investigar, eu sim desejo fazê-lo — murmurou ele. E lhe pôs a mão na cintura.

Ariella ficou tensa, mas não de medo; palpitava-lhe o corpo.

—O que quer dizer?

—Quero dizer que desejo compreender por que uma dama formosa e solteira de sua idade se aventura a vir a meu acampamento em plena noite.

—Sou uma apaixonada pelo conhecimento — sussurrou ela— Quero saber mais do povo cigano.

—Do povo cigano ou de mim?

Ela ficou imóvel.

—Deixe de fingir — murmurou ele. Subiu a mão pelo flanco dela em uma carícia— Vieste por mim. Eu sou sua investigação.

Ariella não podia falar. Ele tinha razão.

Sorriu e a atraiu mais para si.

—Não é a primeira inglesa que deseja um amante cigano.

Ela começou a protestar, mas ele a interrompeu.

—Por que outra coisa ia vir para mim a estas horas?

Ariella não tinha resposta a isso.

—Não sei... — gaguejou— Queria vir... sentia-me arrastada.

—Bem. Deixe-me arrastar-lhe. Eu quero que me deseje — o desejo ardia em seus olhos— Nós somos abertos com nossas paixões. Espere aqui.

Ariella o olhou voltar com os outros. Viu-o deter-se diante do violinista, um homem de cabelo branco. Deu-se conta de que não era a única mulher que o olhava ofegante. As jovens ciganas eram formosas, e umas quantas estavam tão pendentes de Emilian como ela.

Mas ele voltou sorridente e tomou sua mão.

—Dance comigo.

Nunca lhe tinha interessado dançar e não o fazia bem. Pretendia fazê-la girar como as mulheres ciganas? Seria o bobo de todos.

—Não sei dançar.

—Todas as mulheres sabem dançar — murmurou ele, com muita suavidade. Do violino começaram a sair às notas de uma valsa— Esta música é para nós.

Segurou-a pela mão e a puxou. E um instante depois estavam coxa com coxa, com as mãos dele em suas costas. Ele se movia e a movia com ele. Ela não tinha conhecido uma sensação tal de força masculina e promessa viril.

Seus corpos estavam quase fundidos. Sua bochecha tinha encontrado a pele nua do peito dele. Estremeceu. Só podia pensar no fôlego suave dele em seu ouvido e em sua virilidade dura contra o quadril dela. Isso não era uma valsa, era um casal girando ao ritmo de uma música suave, com os seios roçando-se e os quadris e a virilha apertadas juntas. Isso era um prelúdio da paixão.

—Esta é uma noite para os amantes — disse ele ao ouvido.

Ela não queria afastar a bochecha da pele úmida, mas levantou a vista. A tinha levado até as árvores, onde a noite era pesada e escura.

—Sente a música no corpo, contra sua pele? —sussurrou ele— A sente no sangue? Palpita aí com necessidade, com paixão — sorriu— Quer beijar a um cigano?

Agora não se moviam. Estavam quietos em um abraço e ela sentia que o coração pulsava com força... ou era o dele?

Assentiu com a cabeça. Pensou que podia morrer por aquele beijo.

—Isso me parecia — tomou o rosto nas mãos— Advirto-lhe que eu nunca faço nada pela metade.

Ariella sussurrou:

—Emilian.

Arderam-lhe os olhos. Cobriu-lhe a boca com a sua e ela ficou rígida, pois seus lábios eram duros, ferozes e exigentes. Deu um pulo quando a pressão se voltou dolorosa; ele emitiu um ruído e, antes que ela se desse conta, deslizou-lhe a língua na boca. Assustou-se e lhe empurrou os ombros. Aquele não era o tipo de beijo que esperava... nem se quer estava segura de que era um beijo. Havia raiva na carícia.

Ele ficou imóvel.

Ela começou a tremer assustada, porque ao fim se dava conta de que estava a sua mercê. Sua força não podia nada contra a dele.

Emilian afastou a boca da sua. Ariella tentou empurrá-lo de novo. Aquilo tinha sido um terrível engano. Mas ele a segurou forte contra si, com o corpo tremendo.

—Não vá.

Ela seguia muito assustada. Mas ali, obstinada a ele, começou a respirar com mais calma. Disse-se que não lhe tinha feito mal, embora tivesse sentido por um momento que era iminente uma explosão de brutalidade, uma violência para a que não estava preparada.

O tom dele era suave.

—Não lhe farei mal. Quero amá-la. Deixe-me.

Ela sentiu que um calafrio percorria o corpo dele.

Olhou-a e seus olhos não eram frios, nem zombadores, nem ardiam com um calor que era quase fúria. Eram olhos que procuravam sua permissão.

A sensação de vazio em seu interior se fez muito intensa. Tinha os seios muito rígidos e era muito consciente da ereção dele entre os dois. Moveu-se. Chamas. Chamas cruzavam seu corpo e se instalavam entre suas coxas. Ele emitiu um som duro.

E antes que ela pudesse decidir se lhe permitia mais privilégios, Emilian baixou a boca para a sua muito devagar.

Seus lábios roçaram os dela brandamente, como o contato de uma pluma. Seu coração explodiu, embargado por tantas sensações que deixou de pensar. Roçou-lhe os lábios uma e outra vez e ela fechou os olhos e começou a inundar-se na sensação de prazer e paixão. Emilian repassava seus lábios uma e outra vez, provando e saboreando, até que os lábios dela estiveram suaves e abertos.

Ele deslizou a língua entre os lábios e Ariella assustou-se ao sentir a língua na sua. Ele fechou a boca sobre os lábios dela para um beijo longo, profundo, interminável.

A febre no corpo dela se converteu em uma conflagração; gemeu e ele gemeu com sua língua. Ela se apertou agora contra sua ereção com falta de vergonha. Ele riu e agarrou suas nádegas com força através das saias e anáguas. Levantou-a contra si.

Ela gemeu e se agarrou, com as bocas de ambos unidas. De algum modo, ele tinha se colocado exatamente onde ela necessitava que estivesse e Ariella se sentia agora enlouquecida de desejo. Movia-se com frenesi sobre ele.

O beijo se prolongava. Sentiu vagamente a mão dele subindo por sua perna, dentro da coxa, debaixo das saias e ainda por cima dos calções de seda. Soube vagamente que aquilo era algo mais que um simples beijo, mas não importou.

Os dedos dele deslizaram sem vacilar na ranhura de seus calções, em sua pele nua e úmida. Ariella gemeu, afastou a boca e apertou o rosto no peito duro e úmido dele. Agora estava cega. Não sabia o que queria... além de seguir esfregando-se mais. Chorou.

Ele falou-lhe em seu idioma, deslizou a mão inteira em seus calções e a acariciou. Ela se sentiu mais enjoada ainda. Falou-lhe em inglês.

—Desfruta para mim.

Ela não compreendia. Mas a quem importava? As árvores giravam e ela mordeu com força, saboreando a pele suarenta e o sangue dele.

A cabeça dava voltas ainda quando se deu conta de que a tinha depositado no chão, sobre a erva úmida. Os terríveis e maravilhosos espasmos se foram fazendo mais lentos e perdiam intensidade. Sua respiração seguia sendo ofegante. Sentia os dedos dele na pele nua das costas. Tentava compreender o prazer e a paixão que acabava de viver. Agora entendia por que o amor era algo tão cobiçado.

Os dedos dele desciam por suas costas. Ariella piscou e abriu os olhos. Emilian se ajoelhou a seu lado com o rosto crispado pela paixão. Tentava lhe tirar o vestido. Levantou-lhe o braço em um gesto reflexivo.

Os ardentes olhos cinza posaram nos dela. A surpresa tingiu o desejo que brilhava neles.

Ela respirou com força.

—Espere.

Ele esgotou os olhos com receio.

—O que... o que faz?

Ariella tinha as saias enredadas em torno da cintura e jazia deitada como uma boneca de trapo. Sentou-se e baixou as saias. O sutiã caiu para baixo, mas ela o subiu e olhou Emilian.

Ele se sentou sobre os calcanhares, perigosamente irritado.

—Quer parar agora? —perguntou com voz enganosamente suave.

—Eu... não vim por isso.

—Mas claro que sim — seus olhos brilhavam de fúria— Veio procurar paixão. Quer me comparar com seus amantes ingleses. Eu não estou satisfeito — acrescentou com voz sombria.

Ariella queria falar, mas não podia.

—Esse prazer não é nada comparado com o que teremos quando estiver dentro de seu corpo — estendeu uma mão e lhe acariciou a face— Deixe que a faça gritar de prazer outra vez. Deixe-me gritar também de prazer.

Ela ficou imóvel.

Ele começou a sorrir.

—Nós dois sabemos que veio a mim por isso.

Estendeu a mão e agarrou o sutiã dela.

Ariella sabia que seria muito fácil ceder ante esse homem. Suas palavras e seu aspecto eram enganadores. Mas um beijo era uma coisa. E isso era outra. Queria ir mais longe, mas também queria mantê-lo a raia até que compreendesse o que acontecia.

—Isto é um mal-entendido — sussurrou.

Ele abriu muito os olhos.

—Não vim compará-lo com meus outros amantes — ela segurou seu sutiã com ferocidade— Não há outros amantes.

Ele a olhou com uma expressão tão incerta que quase resultava cômica.

—Nem sequer estou casada — sussurrou— Ninguém de minha idade tem amantes. As mulheres de minha idade têm antes marido.

Seguiu um silêncio terrível.

Ela ficou nervosa. Por que tinha assumido ele que era uma mulher que procurava uma aventura ilícita?

—Não me diga que é virgem. As virgens não saem para passear de noite para citar-se e paquerar com desconhecidos.

Ela vacilou. Ele parecia tão selvagem como um leão despertado de um sono profundo em sua guarida.

—Não sei por que vim. Para vê-lo... Eu só queria um beijo.

Capítulo 4

Seus passos eram tão largos e precipitados que ela tinha que correr para não ficar atrás. Ariella tropeçou.

—Espere!

Ele não respondeu, nem se deteve. Seu perfil era uma máscara densa de frustração e raiva. Avançavam colina acima, para a casa adormecida. Era óbvio que desejava que ela voltasse para casa e esse era seu modo de devolvê-la sã e salva.

—Sinto-o muito — gritou ela, esforçando-se por alcançá-lo. Entendia que ele tinha esperado uma aventura, pois o comportamento dela tinha sido muito atrevido. Mas por que estava zangado agora?— Não era minha intenção confundi-lo.

Ele a olhou ao fim; deteve-se com tal brutalidade que ela passou diante. Agarrou-a pelo braço e a atraiu a seu lado.

—Se não quer confundir um homem, fica em sua casa elegante e em sua cama elegante, onde todas as virgens bem educadas estão a estas horas.

Ela tremia.

—Controlou-me a curiosidade. Ouvi música e era encantadora de flamenco e... — vacilou, porque aquilo era só a metade da verdade. Tinha sentido curiosidade por ele— Só pretendia olhar a certa distância, não queria me misturar... Pensava que ninguém me veria. Não pretendia que... ocorresse... nada.

Ele sorriu, mas sem alegria.

—Seguro?

—Mas claro.

—O modo em que me olhaste esta tarde, e esta noite, levou-me a uma conclusão inevitável.

—Equivoca-se — disse ela. Mas ele tinha razão e os dois sabiam.

A expressão dele se endureceu.

Ariella se ruborizou.

—Está bem. Admito que o olhei mas suponho que está habituado a que lhe admirem as mulheres. Não pretendia paquerar, eu nunca paquerei em minha vida.

—Isso não acredito — repôs ele com dureza— Eu acredito que sabe muito bem usar esses olhos azuis para inflamar os homens e que o têm feito com um propósito. Inflamaste-me.

Ela estava sem fôlego. O pulso pulsava com força. Recordava muito bem estar em seus braços, à sensação do beijo. Não queria ir ainda. De fato, uma parte nova e lasciva dela desejava explorar o que tinham começado.

A risada dele era dura, como se soubesse o que ela pensava e sentia.

—Têm que ir antes que meus baixos instintos se imponham a meu sentido da honra. Está amanhecendo. Têm uma reputação a manter e eu não me sinto inclinado a mantê-la por você.

O céu começava a clarear, mas ela não se moveu. Não podiam separar-se assim, sobre tudo porque ele iria logo dali.

—Por que está tão zangado? Já disse duas vezes que o sinto. Não quer aceitar minhas desculpas?

—Por que iria fazê-lo? Eu não gosto que joguem comigo, senhorita Warrenne — riu com dureza— Sou o primeiro homem que não faz o que deseja quando o olha movendo as pestanas?

—Eu não sou uma coquete — repetiu ela.

—Boa noite — ele assinalou a casa com brutalidade, desejando claramente que se fosse.

Ariella respirou fundo com decisão.

—Começamos com muito mau pé — sorriu— É óbvio que uma terceira desculpa não o acalmará, assim não o oferecerei isso. Mas podemos voltar a começar? Apenas nos conhecemos. Eu gostaria de conhecê-lo melhor, se isso for possível.

Ele abriu muito os olhos e logo os entrecerrou.

—Seriamente? Que estranho! As damas decentes, as virgens decentes, não têm conhecidos ciganos. De fato, as damas que desejam meu trato procuram, uma coisa e só uma, que você recusou claramente.

—Isso não acredito — sussurrou ela, surpreendida. Segura que exagerava.

Ele se encolheu de ombros.

—Dá-me igual o que creia. Agora que nossa aventura terminou, não me importa absolutamente, senhorita Warrenne.

Suas palavras a feriram. Depois do que acabavam de compartilhar, não podia acreditar que falasse a sério.

—Acredito que decidiu que eu o desagradei, embora não posso entender por quê. Acredito que o decidiu esta tarde, quase a primeira vista, embora eu tentasse ajudá-lo a

convencer meu pai de que lhe deixasse passar a noite aqui. Entretanto, sim você gostava há um momento.

Ele a encarou.

—Fala com tal ingenuidade, que quase poderia acreditar-lhe.

—Não sou nada ingênuo.

—Eu não pedi isto — prosseguiu ele com dureza— Não pedi que uma formosa princesa de conto de fadas aparecesse em minha vida para me oferecer uma tentação que mal posso recusar. É uma mulher nobre, uma herdeira. Algum dia a casarão com um príncipe inglês e ele lhe tirará a inocência em uma torre de marfim. Vá para casa, senhorita Warrene.

Voltou-se para partir.

Ela tinha terminado por zangar-se e o agarrou pelo braço. Não era o bastante forte para detê-lo, mas ele a olhou com olhos frios e turbulentos como uma tormenta de inverno.

—Se eu me nego a julgá-lo, por que insiste você em me julgar? Não sabe nada de mim. Não sou como as outras mulheres de minha classe e idade, desesperada por um bom marido e um lar, e embora pareça que sou como essas damas que procuram seus cuidados, tampouco o sou. Eu não o procurei por uma aventura amorosa.

—Não, mas me procurou — ele cruzou os braços— Vamos ao ponto. O que quer de mim, senhorita Warrene?

Ela respirou fundo. Embora recordasse instantaneamente seus tórridos beijos e suas carícias sensuais, não vacilou.

—Quero sua amizade.

Ele pôs-se a rir.

—Impossível.

—Por quê? Sei que parte amanhã, mas podemos nos escrever. Podemos nos ver umas quantas vezes antes que saiam de Derbyshire.

—Escrever-nos? Nos ver? —ele a olhou como se estivesse louca.

—Interessaria conhecê-lo e as cartas é o modo perfeito de ampliar nossa relação. Quanto a nos ver, por que o surpreende isso? Suponho que você goste de conversar.

—Quer que nos vejamos e conversemos?

—É o que fazem os amigos — sorriu ela.

—Não somos amigos — replicou ele com dureza— Eu não tenho amigos, nem os quero.

Ariella o olhou com incredulidade.

—Todo mundo tem amigos.

—Você não quer minha amizade e os dois sabemos — ele a saudou com o dedo. Tremia-lhe a mão— Você é uma Warenne. Seus amigos são da boa sociedade.

—Eu tenho muitos amigos excêntricos na cidade.

—Quando pedi que fosse ao ponto, só sentia curiosidade por ver como responderia e com que subterfúgio. Sei por que veio esta noite ao acampamento. Procuraste-me por paixão, não por amizade. Queria estar em meus braços, embora não em minha cama. Quer trocar cartas? Quer conversar? Parece-me que não. De fato, não acredito que seja muito distinta a minhas amigas payas. A diferença é que você só quer beijos seguros — lhe flamejavam os olhos— E o tipo de prazer que lhe dei recentemente.

Ariella o olhou surpreendida. Era certo que desejava estar em seus braços. Mas por que não podia acreditar que lhe interessava também sua amizade? Estava desejando saber o que ele pensava do mundo.

—Fui um objeto sexual para as damas da boa sociedade e agora sou um objeto de fascinação sexual para uma princesinha virgem — parecia aborrecido.

Ariella não estava segura do que significava aquela declaração, mas já pensaria nisso mais tarde.

—Eu não posso esquecer nosso beijo — repôs com calma— Como ia fazê-lo? Não sabia que um beijo pudesse ser tão maravilhoso. Mas quero que sejamos amigos. Eu sempre digo a verdade. Tenho muitos amigos pouco comuns na cidade. Se de verdade não tiver amigos, serei a primeira.

—O que quer dizer com que não sabia que um beijo podia ser tão maravilhoso? —quis saber ele— Espero que não vá dizer-me que foi seu primeiro beijo.

—Por que o incomodaria isso?

Ele abriu muito os olhos.

—Não a tinham beijado nenhuma vez?

—Não. Você me deu o meu primeiro beijo. E não me arrependo de nada — se ruborizou ela.

Ele fez uma careta.

—Então já me arrependo pelos dois.

Ariella respirou com força.

—Não o diz a sério.

—Vá para casa e espere seu príncipe encantado. E fique ali... com seus amigos pouco comuns.

Rechaçava sua oferta de amizade. Ariella não podia acreditá-lo.

—Mas você parte hoje. Não podemos nos separar assim.

—Por que não?

Ela umedeceu os lábios.

—Não está bem — replicou — Acabamos de compartilhar paixão, Emilian.

—Compartilhamos um simples beijo, que esquecerá logo.

A jovem negou com a cabeça.

—Não, não o esquecerei. Por favor, considere uma troca de correspondência.

—Vá — rugiu ele.

Ela se encolheu, mas não podia mover-se. Como podia ocorrer aquilo?

Emilian se voltou com fúria e se afastou colina abaixo sem voltar à vista atrás nenhuma só vez.



Sentiu-se atraído de novo ao pé da colina como um mosquito apanhado em uma teia aranha. Elevou a vista a casa.

Fazia uma hora que tinha saído o sol, mas o acampamento apenas se movia, devido à celebração da noite anterior. Ele não tinha dormido. Nem sequer lhe tinha ocorrido tentá-lo. Olhou a mansão. Não queria desejar Ariella Warenne, e menos nesse momento. Havia muita raiva nele.

Girou e voltou ao acampamento. Esperava não voltar a vê-la nunca. Mariko podia ocupar-se de suas necessidades, ela e uma dúzia de esposas mais de Derbyshire. Tinha falado a sério. Essa manhã tinha sido uma despedida. Não haveria troca de correspondência, nem encontros. Não tinha pedido que aparecesse uma mulher como ela em sua vida, e menos agora, que estava sofrendo e raivosos.

Ela era o tipo de dama jovem que nunca lhe apresentavam por ter sangue mesclado. Era formosa, rica e bem educada. Era, em certo sentido, inocente apesar de sua natureza apaixonada, porque sua natureza era apaixonada, disso não havia dúvida. O consideravam digno das gordas, as mais velhas, as doentes, as feias... as que todos os outros rechaçavam. Uma dama como a senhorita de Warenne não a apresentariam nunca a um homem que levava sangue cigano nas veias por muito título e riqueza que tivesse. Um dia a apresentariam a um inglês de verdade, com tanto sangue azul como ela. Seu pretendente a olharia e ficaria

encantado. Qualquer homem em seu são julgamento veria imediatamente que a formosa e gentil senhorita Warrenne seria a esposa perfeita.

E não a tinham beijado nunca.

Era incrível.

Ele tinha lhe dado prazer pela primeira vez. Recordava muito bem seus gritos. Tinha ainda a pele marcada por suas unhas e seus dentes.

Ao vê-la, tinha desejado seus cuidados apesar de que supunha que não estava casada. Ele nunca perseguia mulheres solteiras, mas ela era formosa, inglesa e fora de seu alcance. Possivelmente para provocar seu pai, a tinha olhado deliberadamente com interesse sexual. E não o tinha surpreendido que ela fosse a ele de noite. Podia declarar que tinha ido pela música, mas tinha ido por ele. E ele tinha assumido que era uma mulher com experiência, uma mulher com amantes.

As damas jovens solteiras permaneciam nos salões de suas mansões, tomando chá e esperando a visita de seus pretendentes. Ela afirmava que era diferente. Obviamente, aferrava-se a sua condição de mulher decente e Emilian se perguntou se conseguiria fazê-lo até sua noite de bodas. De repente odiou a ideia de que fosse um inglês o que lhe ensinasse a chegar até o fim.

Ele podia havê-la feito dele. Por que não o tinha feito?

Porque era mais inglês que cigano. Como cavalheiro, tinha um forte sentido de honra. Os ingleses valorizavam a inocência, os ciganos não. Nunca tinha se deitado com uma virgem, nem sequer em sua estadia com os ciganos oito anos atrás. Não só porque preferia mulheres experientes na cama, mas sim porque o inglês no que se converteu, o homem que era visconde de Woodland e filho de Edmund, não podia destruir a inocência de uma mulher. Era assim de singelo.

Embora nesse momento não se sentisse muito inglês.

E não o tinha sentido em toda a noite.

Tinha chegado às primeiras carroças. Chorava um menino, que talvez fosse seu primo recém-nascido. A cabeça palpitava com tanta força que acreditava que podia partir-se pela metade. Ardia-lhe o corpo com uma mescla de desejo e raiva. Nem sequer estava seguro de que queria seguir sendo inglês. Só sabia que queria vingar Raiza e, no fundo, uma parte dele lamentava já não haver-se deitado com a princesa paya.

Mas pensava mais em seus olhos azuis que em sua face ou em seu corpo. Seus olhos o perturbavam porque tinham olhado os dele como se pudessem encontrar alguma verdade antiga sobre ele ali.

Sacudiu a cabeça. Ela dizia que queria ser sua amiga. Pôs-se a rir.

Ele não tinha amigos. Tinha irmãos... todos os ciganos da caravana eram seus irmãos. Tinha família, Stevan, seus primos e Jaelle. Até Robert, por muito que se desprezassem mutuamente, era família. Tinha inimigos, quase todos os payos podiam entrar nessa categoria. Mas não tinha amigos. Nem sequer estava seguro do que era um amigo, nem de por que alguém queria sê-lo.

O que acontecia com essa jovem? Ele se deitava com mulheres, não lhes brindava sua amizade.

Talvez ela fosse distinta às payas com as que fornicava. Ela dizia que não o julgava. Mas o tinha procurado pela paixão, igual faziam suas amantes. Se estivesse casada, teria se deitado com ele. Isso não a fazia distinta às demais. E um dia lhe daria as costas e a ouviria falar dele com condescendência e desdém. Disso não lhe cabia dúvida.

Sua fúria ia aumentando. Odiava os payos, a todos eles... inclusive a ela.

—Parece disposto a partir alguém em dois.

Emilian respirou fundo para relaxar os músculos e se voltou para seu tio.

—Sim?

—Antes de te contar sobre Raiza, já vi as nuvens escuras em seus olhos. Quer me falar de seus problemas? —perguntou Stevan com calma.

—Tenho preocupações em Woodland — mentiu ele— Tolices de payos.

Stevan sorriu; estava claro que não acreditava.

—Mas quero falar com você — disse Emilian— Devo ir à tumba de Raiza.

—É o apropriado — assentiu seu tio— Está enterrada em Trabbochburn, não longe de onde você nasceu. Quando irá?

Não tinha tido tempo de chorar, nem de pensar. Acabava de se inteirar do assassinato de Raiza quando tinha começado a celebração por seu primo e logo tinha chegado Ariella Warenne para distraí-lo. Mas tinha que ir à tumba de sua mãe apresentar seus respeitos. Por outra parte, Raiza queria que se ocupasse de Jaelle.

—Acredito que me unirei a vós quando viajarem ao norte — disse.

Stevan se surpreendeu.

—É sua tristeza a que fala, não?

—Talvez.

Mas a ideia o atraía muito. Ao escolher ficar com Edmund, tinha renunciado aos ciganos e seu modo de vida. E então era muito jovem para tomar essa decisão. Não deveria tentar compreender aos ciganos agora que sua parte cigana ardia de ódio pelos ingleses e de necessidade de vingança?

E poderia chegar a conhecer sua irmã, que o necessita.

—Sabe que sempre é bem-vindo. Mas por que não leva sua luxuosa carruagem e seus serventes? Por que viajar como um cigano quando faz tanto tempo que nos deixou para se fazer inglês?

—Porque esqueci o que significa ser cigano — Emilian falava com cautela, tentando compreender os impulsos de seu coração e de sua alma. — Porque sinto que devo a Raiza algo mais que apresentar meus respeitos em sua tumba. Tudo trocou Stevan. Estou furioso com os payos.

—É seu filho e é normal que assim seja. Não acredito que saiba o que quer. Mas você fala de uma visita conosco, não?

—Sou tão cigano como inglês — repôs Emilian.

—De verdade? Porque eu vejo um inglês diante de mim, embora dance como um cigano — Stevan sorriu, mas Emilian não pôde imitá-lo— Minha irmã estava orgulhosa do homem no que se converteu. Queria que tivesse uma boa vida com uma boa casa cheia de serventes. Se vivesse, não te pediria que renunciasse a sua vida inglesa pela vida dos ciganos.

—A que renuncio? —perguntou Emilian— Sei que ela queria algo mais para mim que a vida dos ciganos. Lembro muito bem que queria que vivesse com meu pai, mas também chorou minha perda. Eu escolhi ficar em Woodland quando era muito jovem para compreender. Escolhi bem? Meus vizinhos me desdenham tanto como a você.

Stevan estava pensativo.

—Acredito que começo a entender. Porque a metade de seu sangue é cigano e nada pode trocar isso. Mas sigo pensando que se cansará logo de nossa vida. Houve muitas mudanças ao longo dos anos.

—Pode ser que tenha razão ou pode ser que se equivoque. Possivelmente dentro de um par de meses cuspa sobre os payos e seu modo de vida e não queira voltar nunca para casa — tremia de raiva e voltou à vista à colina, para a enorme mansão dos Warene.

Stevan o olhou e Emilian se ruborizou. Acabava de chamar Woodland de sua casa.

—Acredito que os dois sabemos que seu destino se selou o dia em que o payo te separou de Raiza.

Emilian ficou rígido.

—Eu não acredito no destino.

—Então é que é muito payo.

Emilian pensou em como a noite anterior tinha entregado muito mais que seu corpo à música cigana. Havia se sentido consumido pela paixão da dança; tinha sido como se a greta de dezoito anos tivesse deixado de existir. Como se nunca tivesse deixado os ciganos.

—Ontem à noite fui cigano.

Stevan lhe pôs uma mão no ombro.

—Sim, foi. Quando estará disposto a partir?

—Necessito uma semana, talvez mais — sentia a chamada do caminho não só na mente, mas também no coração— Tenho que contratar um administrador para a fazenda, um homem no que possa confiar. Podem esperar tanto? A caravana é bem-vinda em minhas terras.

—Esperaremos o que seja preciso — sorriu Stevan— Agrada-me muito que venha conosco.

Emilian estava seguro de repente de que dessa vez tomava a decisão correta.

Porque agora, com o caminho esperando-o, podia olhar a vida inglesa e questioná-la. Estava cansado do desfile de mulheres payas que o olhavam como se fosse um espécime exótico e esperavam que fosse insaciável porque era cigano. Se aborrecia depois de uma ou duas horas, suas amantes o consideravam uma afronta. Esperavam que estivesse muito bem dotado e morriam de vontade de comprovar se os ciganos estavam formados de outro modo. Tinha visto suas amantes comprovar suas joias pela manhã para ver se tinha roubado alguma.

E todos os payos com os que fazia negócios esperavam que os enganasse, embora aqueles com os que levava anos tratando sabiam que era um homem honrado.

Nunca tinha se entregado ao ódio. Esperava encontrar preconceitos porque tinha crescido com eles. Não recordava a última vez que o tinham ferido as palavras «asqueroso cigano». Talvez quando era muito jovem, ou quando acabava de chegar a Woodland. Fazia tempo que seu coração se converteu em pedra. Ele era diferente e sempre o tinha sabido e aceito.

Mas já não aceitaria mais seus preconceitos.

Porque seu ódio e seu desdém tinham matado Raiza.

Tinha que vingar-se.

Olhava a mansão dos Warrenne. A mulher Warrenne era inocente, mas era uma deles. De fato, ela personificava a sociedade inglesa, com sua beleza, sua herança e sua riqueza. Tinha-lhe enviado um convite sexual embora não soubesse. Ele era o bastante inglês para havê-la rechaçado, mas sua parte cigana não podia evitar calcular a sedução e visualizar a conquista. Tomar uma virgem como Ariella Warrenne, utilizá-la e devolvê-la logo a sua casa era mais que engano... era vingança.

E seria tão fácil!

Sua parte inglesa se sentia horrorizada.



Ariella estava sentada no batente da janela. Os jardins se estendiam debaixo, mas ela não os via. Olhava o acampamento cigano, que se via claramente dali.

Os cavalos estavam soltos e pastavam a vontade. As carroças permaneciam no mesmo lugar que a noite anterior. Não havia amostra de que preparassem a partida.

Abraçou os joelhos contra o peito. Não tinha dormido nada; nem sequer o tinha tentado. Trocou de roupa e se colocou ali. Estava preocupada. Emilian era um desconhecido, mas tinha dançado em seus braços e lhe tinha deixado entrever o que era a paixão. Nunca a tinha atraído nenhum homem e agora ele a atraía como a uma traça a chama. Não lhe ocorria o mesmo?

Ele pensava simplesmente afastar-se como se não tivesse ocorrido nada entre eles.

Isso doía. Embora a sociedade a considerasse estranha, seu status de herdeira de Warenne lhe garantia aceitação em qualquer lugar que fosse. Havia cavalheiros que a desejavam e a temiam, mas Emilian a tinha rechaçado.

Como podia convencê-lo de que fosse seu amigo? Por que se havia algo que ela sabia de certo era que não podia afastar-se dele, ainda não.

E tampouco podia deixar que ele saísse de sua vida com a mesma brutalidade com a que tinha entrado.

O que lhe ocorria? Era possível que se apaixonou? Havia uns quantos membros da família que se apaixonaram a primeira vista, ou isso afirmava o mito. Os de Warenne eram famosos por apaixonar-se loucamente e para toda a vida.

—Ariella! —Dianna chamou a sua porta— Posso entrar? Está acordada? Chegou Alexi. Veio com tia Lizzie e Margery. —entrou na estadia sem esperar resposta. —Acordada, preguiçosa — se deteve— Está levantada, claro. Sempre é a primeira que se levanta — deixou de sorrir e a olhou com atenção.

Ariella compreendeu que a tensão e preocupação lhe notavam na face. Forçou um sorriso. Alexi descobriria seu segredo se não tomasse cuidado.

Era irmão de pai delas e dois anos maior que ela. Sua mãe russa, uma condessa, tinha-o entregue a seu pai ao nascer, pois nem seu marido, nem ela desejavam conservar um filho bastardo na família. Tinham crescido juntos com seu pai na ilha da Jamaica e estavam muito unidos. Era seu amigo querido, seu irmão, seu protetor. Assim que a visse queria saber o que lhe ocorria.

Entrou-lhe pânico. Se inteirasse de sua aventura com Emilian, tentaria matá-lo. Até tal ponto se sentia seu protetor.

—O que acontece, está doente? — perguntou Dianna, que se aproximou para lhe tocar a bochecha.

—Não dormi nada.

Dianna a olhou um instante como se suspeitasse a verdade.

—Foi à música, verdade? Eu também a ouvi e me custou dormir. Deviam estar dançando.

—Não sei — repôs Ariella.

Dianna se sentou em uma turca de raias brancas e azuis.

—Dizem que isso é o que fazem dançar e cantar toda a noite.

—Não acredito que devamos acreditar em todos os rumores — repôs Ariella.

Assim que falou, deu-se conta de quão zangada parecia. Incorporou-se com a esperança de que sua irmã não tivesse notado a dureza de seu tom.

—Há, está muito resmungona hoje. Vai baixar para ver Alexi?

—É obvio.

Mas quando seguia Dianna pela escada coberta com um tapete persa vermelho e dourado, ouviu a voz de seu irmão e seu tom era duro.

—Não posso acreditar que pai lhes permitisse ficar em nossa propriedade.

Ariella ficou tensa. Era óbvio que Alexi se referia aos ciganos. Viajava frequentemente pelo mundo, pois tinha negócios navais, e falava com interesse de outras culturas sem receios, nem preconceitos. Por isso lhe surpreenderam suas palavras e seu tom.

Ele girou sorridente.

—Aí está!

Seus dentes brancos brilhavam em seu rosto moreno e atrativo. Alto e largo de ombros, tinha os olhos azuis dos Warrenne. Igual a seus primos, tinha sido um libertino notório antes de seu matrimônio e, a diferença deles, tinha seguido sendo-o depois. Cinco anos atrás se casou com sua amiga de infância, Elysse Ou'Neil, para salvá-la do escândalo e a tinha abandonado no altar imediatamente depois de pronunciar os votos. É obvio, isso tinha causado um escândalo ainda maior. Até onde Ariella sabia, marido e mulher não havia tornado a ver-se mais.

Aproximou-se dela, mas antes de abraçá-la, deixou de sorrir e a olhou com atenção.

—O que te acontece?

—Vem Elysse contigo? —perguntou ela, com a esperança de distraí-lo. Além disso, ela queria Elysse como a uma irmã e ela teria gostado que fosse feliz com Alexi.

O rosto dele se endureceu.

—Não comece.

Nada tinha mudado. Fosse o que fosse o que tinha ocorrido, Alexi jamais perdoaria Elysse. Ariella suspirou e ficou nas pontas dos pés para abraçá-lo.

—É um homem impossível, mas te amo de todos os modos — sorriu ao fim e o sorriso foi quase genuíno— Prometeu vir a Londres por meu aniversário e, em vez disso, enviou-me um presente — tinha mandado uma caixa de música incrustada de pedras semipreciosas e com filigranas de ouro de Istambul. Devia haver custado uma fortuna.

Alexi a afastou para olhá-la.

—Sinto haver perdido seu aniversário, mas te explicava em minha nota que estávamos sem vento. Não te vejo feliz.

Ariella passou a seu lado. Olhou sua tia Lizzie, a condessa de Adare, que conversava alegremente com Amanda na sala contígua. Sua prima Margery lhe sorriu e se abraçaram.

—Me alegro muito de vê-la — Margery, como sua mãe, era loira e bonita— Embora só passasse umas semanas, tenho muito que te contar.

Margery também passava a maior parte do ano em Londres.

—Como foi à viagem? Chegaste muito em breve — comentou Ariella.

—Foi uma viagem fácil, graças à nova ferrovia — repôs sua prima— Você parece um pouco pálida. Está bem?

—Não pude dormir em toda a noite — Ariella tinha medo de olhar Alexi, que a observava com muita atenção.

—A música dos ciganos a teve acordada — explicou Dianna— Também me custou dormir.

Ariella sentiu que se ruborizava. Olhou de soslaio a seu irmão, mas ele se aproximou das portas do terraço e observava as carroças de cores brilhantes dos ciganos.

—Faz um ano veio uma cigana a nossa casa de Harmon House — interveio Margery— Eu estava sozinha e me fixei no insuficientemente vestida que ia antes que o mordomo a jogasse. Pedi-me que lhe deixasse ler minha sorte. Eu só queria lhe dar de comer, mas ela me leu a mão.

—E se cumpriu o que te disse? —perguntou Dianna.

—Bom, predisse-me um homem muito atrativo e escuro como a noite montado em um cavalo branco — riu Margery— E por desgraça, não.

Alexi se voltou.

—Estava te enrolando.

—Era muito orgulhosa para aceitar a comida sem oferecer um serviço — refutou Ariella. Seu tom deve ter soado bastante cortante, pois todos a olharam.

O interesse de Alexi se intensificou.

—Fui ao seu acampamento com papai — explicou à jovem— Não tinha visto ciganos desde que era pequena. Vimo-los na Irlanda, Alexi, lembra-se?

—Sim. Roubaram o alazão de papai e ele esteve furioso uma semana.

Ariella cruzou os braços.

—Isso foi má sorte.

—Foi um delito — repôs seu irmão.

Ariella se aproximou dele com raiva. Sabia que devia controlá-la, pois ela jamais perdia os estribos e todos saberiam que ocorria algo estranho. Mas não pôde reprimir-se.

—Assim que todos os ciganos são ladrões de cavalos, leitores da sorte, vigaristas e criminosos?

Alexi não se intimidou.

—Eu não hei dito tal coisa. Conheci ciganos por todo mundo. São muito bons músicos. Na Rússia a Coroa tem um coro de ciganos, igual a muitos nobres. Na Hungria estão de moda os músicos ciganos e tocam nas melhores casas e nos teatros. Muitos ganham a vida honestamente. São ferreiros, trabalham o vime e arrumam cadeiras. Mas —acrescentou com ênfase— são nômades e um número desproporcionado deles prefere qualquer outra atividade a uma que suporte um pagamento honrado.

Ariella sabia que devia ceder.

—Não posso acreditar que haja mais ladrões entre os ciganos que entre os ingleses.

—Eu não hei dito isso.

—Sua música é estranha, mas agradável — interveio Dianna com ansiedade. Sorriu aos dois— É exótica, mas cheia de paixão, como pode ser uma ópera.

Nem Ariella, nem Alexi fizeram conta.

—Desde quando tornaste defensora das tribos ciganas? —perguntou o segundo.

Ariella considerou várias respostas apaziguadoras.

—Desde que fui com nosso pai ao seu acampamento e vi mães cuidando de meninos e preparando o jantar para suas famílias igual fazemos nós.

—Sua cultura é muito diferente da nossa — ele se mantinha firme— Eu não gosto que acampem aqui.

—Por que não?

Alexi a olhou.

—Haverá problemas.

Ariella não podia acreditar que se tornou tão intolerante.

—Seu chefe jurou que não haveria roubos de cavalos, nem de gado.

—Sério? Que estranho! A sua é uma irmandade. Duvido de que seu vaida possa falar em nome de seus irmãos. Apaixonaste pelos ciganos?

A Ariella parou o coração. Respirou fundo.

—Sim, quero estudar seus costumes e aprender tudo o que possa deles.

—Ontem à noite não deixava de falar dos mongóis — comentou Dianna.

Ariella se deu conta de que agora tinha a desculpa perfeita para ver Emilian, mas sua ansiedade não diminuiu.

—Os mongóis estão muito longe. Quando vi o acampamento cigano com papai fascinaram-me. Quero saber que parte é lenda e que parte são feitos.

Olhou Alexi para ver se acreditava. Ele lançou um gemido, mas logo sorriu.

—Tinha que havê-lo suposto. Assim, que foram os mongóis até agora? Bom, veja bem, tem uma caravana cigana aqui mesmo em Rose Hill e pode fazer investigação de campo — a atraiu para si e a beijou na bochecha— A você, querida, fraudarão antes que acabe o dia — pôs-se a rir e saiu fora.

Ariella sentiu que dobravam os joelhos. Aproximou-se da cadeira mais próxima e sentou.

—O que quis dizer? —perguntou Dianna.

Ariella mal podia acreditar em sua boa sorte. Sua família não consideraria que seu interesse por Emilian era distinto a sua recente paixão por Genghis Khan.

—Que sua irmã é muito ingênua para sua idade e a vão enganar — sorriu Margery— A menos, claro, que possamos dissuadi-la de sua nova obsessão.

—Isso não ocorrerá — sorriu também Dianna— É impossível.

—Parece-me que suas carroças são obras de arte. Quer dar um passeio até o acampamento? Podemos admirar de perto o artesanato e as decorações — a Margery brilhavam os olhos.

Ariella ficou em pé.

—É uma ideia maravilhosa.

—Sabia que você gostaria disso — Margery piscou os olhos a Dianna— Possivelmente possamos salvá-la de um cigano perigoso.

Capítulo 5

Enquanto Margery e Dianna paravam para admirar uma carroça pintada de vermelho, verde e azul e adornada com uma cabeça de cavalo de madeira esculpida, Ariella ficava nas pontas dos pés e observava o acampamento em busca de Emilian. Tinham reunido os cavalos e a uns poucos os levavam aos tiros, sinal de que os ciganos se dispunham a partir. Então o viu.

Estava ao lado de um fogo, a pouca distância dali, e segurava uma ferradura nas chamas com umas pinças largas. A pouca distância dele havia um cavalo negro preso a um carro.

À luz do dia, seu cabelo era de uma cor castanha clara, intercalado de âmbar e ouro. Não levava camisa e seu perfil era todo o clássico e o nobre como podia ser o de um homem.

—Oh! —exclamou Dianna.

—Oh, há... há! —murmurou Margery.

Ariella girou para olhá-las.

—Acredito que vai sair o sol. Fará uma tarde formosa — ele era ainda mais bonito do que recordava.

Margery a olhou enquanto Dianna contemplava Emilian com olhos muito abertos. Ariella sabia que sua prima estava pensando em sua repentina paixão pelo povo cigano... e o homem situado a poucos passos delas.

—Deveria levar camisa. Há mulheres e meninos por toda parte — murmurou Dianna com voz rouca.

Margery seguia pendente de Ariella.

Esta afastou a vista. Dianna estava muito vermelha e parecia transfigurada por Emilian, que acabava de retirar a ferradura do fogo. Voltou-se e a depositou em um tronco baixo e seu perfil mostrou seu peito duro e o estômago plano. Mas Ariella só via os arranhões no ombro direito.

Os tinha feito ela?

Ele colocou um pé no tronco e começou a dirigir o martelo. Esticaram-se os músculos de seus braços e costas.

Dianna tragou saliva com força.

Ariella a olhou e compreendeu que sua irmã não era precisamente uma puritana.

—É um homem muito atrativo — comentou Margery.

Ariella notou que se ruborizava.

—Quem? Oh, refere-se ao ferreiro? —sua voz soava muito aguda.

—Temos que ir — disse Dianna, nervosa— Como pode ser tão imoral?

—Não podemos ir — Margery assinalou a cesta com pães, bolos e bolachas que tinham levado com elas. Tinha sido sua ideia levar presentes para os meninos— Têm que dar isto a um dos adultos — olhou Emilian— Bom homem! —chamou com tom autoritário, mas não brusco.

Emilian deixou o martelo e se voltou. Olhou com indiferença a Margery e logo seus olhos posaram em Ariella, que decidiu no ato que aquilo não tinha sido boa ideia.

—Senhor, sou lady de Warrenne. Trouxemos pão e bolachas para os meninos — disse Margery com um sorriso amável.

Emilian seguia com a vista cravada em Ariella. Esta viu que seus olhos estavam cheios de fúria.

Mas ele saudou Margery com uma inclinação de cabeça.

—Desculpem — disse.

Quando colocava uma camisa, Ariella viu a marca em seu peito brilhante de suor. Fechou os olhos e recordou que o tinha mordido acidentalmente no calor do momento mais intenso.

—Não te culpo — sussurrou Dianna.

Ariella a olhou com pânico. Ela também tinha adivinhado a verdade?

—Eu também estou muito afetada.

Ariella mal podia acreditar no que ouvia, mas fixou a atenção na conversa de sua prima com Emilian.

—São muito generosas, lady Warrenne — Emilian abotoou a camisa até a metade e tomou um colete de brocado verde escuro bordado com prata e ouro— Podem me deixar a cesta. Estou seguro de que os meninos desfrutarão muito.

—Isso espero — sorriu Margery— Suas carroças são muito formosas, senhor. Nunca tinha visto uma tão de perto. O artesanato é soberbo.

—Desgraçadamente, não podemos nos adotar esse mérito — sorriu ele— Nossas carroças os fazem ingleses.

—Mas alguém teve que desenhá-los assim — comentou Margery. Voltou-se— Acredito que já conhece minha prima, a senhorita Ariella de Warrenne.

Ariella ficou tensa sob o olhar dele, que parecia despi-la. Tocou a saia de seda sem dar-se conta, confiando em que tudo estivesse em ordem, e desejou haver colocado algo mais bonito que um singelo vestido de manga larga.

Ele a surpreendeu inclinando a cabeça.

—Temo que não tive o prazer.

Ela suspirou aliviada.

Margery apresentou Dianna.

—Vejo que estão preparando algumas carroças. Vocês irão pôr-se em caminho? — perguntou logo.

—Temo que nos tenham negado permissão para seguir aqui — repôs ele.

—Sério? O capitão de Warenne é um homem muito generoso e aberto. Surpreende-me.

Emilian guardou silêncio.

A Ariella custava acreditar o educado e respeitoso que se mostrava com sua prima. A ela não a tinha tratado tão cordialmente em nenhum momento; mas com Margery se comportava como um cavalheiro bem nascido, nobre e educado.

Margery desejou uma feliz viagem e se voltou.

—Retornamos a casa? Ainda tenho que falar com sua madrastra, Ariella, e logo acredito que vou descansar antes de comer.

Ariella olhou Emilian.

Ele lhe dedicou um olhar frio. Tomou de novo a ferradura com as pinças e a devolveu ao fogo.

Queria que partisse. Ariella tragou saliva.

—Acredito que ficarei um momento.

Emilian não levantou a cabeça.

—Eu gostaria de conversar com algumas das mulheres antes que partam, e pode ser que não volte a ter outra ocasião.

A Margery dançaram os olhos.

—Investigação de campo? —burlou-se.

—É uma oportunidade única — repôs Ariella, que sabia que Emilian escutava todas suas palavras.

—Muito bem, mas acredito que você também deveria descansar esta tarde. Não esqueça que esta noite é o baile de maio dos Simmons.

—Não, trocaram-no para o final da semana — interveio Dianna.

—Suponho que estou equivocada. Dianna?

A garota lhe deu o braço e se afastaram as duas.

Ariella não se moveu.

Emilian tirou a ferradura do fogo e a depositou no tronco. Deixou a um lado as pinças, abriu a camisa e levantou o martelo. Golpeou com ele a ferradura.

—Aproxime-se mais e se queimará — disse. Ariella estava segura de que não se referia ao fogo. —Nervosa senhorita Warenne? —burlou-se ele, que ao fim se dignou a olhá-la.

—Sim, muito.

—Retornou, assim só fica assumir que deseja se queimar. Devo adverti-la que se ficar por aqui, sofrerá as consequências.

—Acredito que você ladra mais que morde — respondeu ela— Apesar do que pôde ter acontecido ontem à noite, agiu como um cavalheiro assim que compreendeu minha posição.

Ele a olhou com dureza.

—Está claro que não sabe nada dos ciganos, nem muito menos de mim.

—Tem razão — vacilou ela— Eu esperava que à luz do dia pudéssemos falar de tudo com mais calma.

—Não há nada que falar — ele se voltou.

la rechaçá-la outra vez? Não havia sentido quão mesmo ela a noite anterior? Mordeu o lábio inferior.

—Eu confiava em aprender algo de sua cultura. Alegrou-me ver que não tenha partido ainda.

Ele ficou tenso. Voltou-se devagar para olhá-la. Tinha a boca apertada.

—Eu não serei parte de sua investigação de campo, senhorita de Warenne.

—Isso não é justo, pois não sabe ao que se referia Margery.

—Acredito que queria dizer o que há dito.

—Não negarei minha curiosidade. Eu gostaria de saber mais de seu modo de vida. Mas retornei porque ontem à noite discutimos — seus olhos se encontraram— E não desejo discutir com você.

—Quer dizer esta manhã — ele afastou a vista e tomou a ferradura com as luvas. Uma égua negra estava atada ao carro e se aproximou ao lhe acariciar a garupa. Levantou-lhe um dos cascos traseiros e colocou a ferradura.

—Já sabe ao que me refiro — disse Ariella— Confiava em que umas horas de sono tivessem melhorado seu temperamento de ontem à noite. Mas vejo que essa esperança era vã.

Ele se endireitou e lançou um olhar penetrante.

—Não dormi senhorita Warrenne. Meu temperamento nunca foi pior.

Ariella estava segura de que seu encontro era o causador de que ele tampouco tivesse podido dormir e isso a alegrava. Podia fingir indiferença, mas também se sentia afetado por ela.

—Então somos dois — murmurou.

O rosto dele se endureceu.

—Tenta me provocar? Não basta com o de ontem à noite? Ou isto é uma sedução de virgem?

Ela se surpreendeu.

—Eu não saberia como levar a cabo uma sedução.

Ele tirou as luvas.

—Ontem à noite queria que a perseguisse, não o negue. Queria que a tomasse em meus braços e queria meus beijos. Sei quando uma mulher envia um convite assim, senhorita. Ontem à noite não confundi seu desejo. E não me cabe dúvida de que você nasceu sedutora.

A surpreendia que ele a encontrasse sedutora quando a sociedade a considerava muito independente, muito inteligente e muito educada.

—É o primeiro homem que me tem feito pensar em beijos — comentou— E o primeiro que me tem feito sentir paixão. É o único homem ao que quis beijar. Não entendia a que vem tanto alvoroço, nem por que meu irmão e minhas primas vão de conquista em conquista. Acredito que ontem à noite não sabia o que fazia. Mas quando nos conhecemos, me aconteceu algo... não vou negá-lo. E é maravilhoso — declarou com paixão.

Seguiu um silêncio.

Ariella tremia.

—E eu esperava que pudéssemos voltar a começar esta manhã.

—Ah, sim, tinha-o esquecido. Você quer algo mais que meus beijos. Quer me conhecer melhor... como amigos. Possivelmente queira falar comigo esta noite em nosso próximo acampamento, mas embora afirme que é para conversar, os dois sabemos que haverá pouca conversa.

Ariella compreendeu que o temperamento dele não tinha melhorado nada. Estava tão contra ela como umas horas atrás.

—Mas há tanto do que falar! Poderíamos fofocar e debater. Compartilhar histórias. Eu me criei nas Índias Ocidentais, tenho muitas histórias que contar. E seguro que você também, pois viajou ainda mais que eu. Que eu tenha sonhado com seus beijos, e possivelmente você

com os meus, não significa que tenhamos que cumprir esse desejo — mas se ruborizou, porque ela desejava fazer justamente isso.

Ele respirou fundo.

—As damas não admitem esses sentimentos... nem tampouco se relacionam com ciganos e desejam ser amigas deles.

Ariella se perguntou se havia uma pergunta oculta naquele comentário.

—Emilian, eu sou muito direta e a sociedade me considera excêntrica. Também sou uma pessoa sincera. Não podemos falar disto com sinceridade? Não mereço isso depois da paixão que compartilhamos ontem à noite? Com minha prima Margery foi amável e respeitoso.

—A sua prima não a desejo — repôs ele— E compartilhamos um simples beijo, nada mais.

A Ariella pulsava com força o coração.

—Foi muito mais que um beijo.

—Para você, uma mulher sem experiência.

—Assim é. Não tenho experiência em beijos, nem no amor. O que aconteceu ontem à noite foi terrivelmente importante para mim. E espero que fosse também importante para você.

Os olhos dele eram escuros e infelizes.

—Passou a noite em claro por minha causa?

—Fique mais e o descobrirá.

Ariella sentiu alegria apesar da animosidade procedente dele.

—O que posso fazer para estabelecer uma trégua entre nós, para que tenhamos um começo de verdade? —sorriu.

—Partir. Esquecer o de ontem à noite e encontrar a outro que satisfaça seus desejos recém despertados. Se quiser deitar-se com um cigano, pode-se arrumar. Há muitos homens sedutores na caravana.

—Não fala a sério!

—Sim. Nunca falei mais a sério — se voltou com o rosto escurecido pela raiva e procurou uns pregos. Acariciou a égua uma vez mais e lhe levantou a pata traseira, mas havia tensão em seu gesto. Ariella o observou cravar a ferradura. Não podia compreendê-lo. Ele era um estranho de uma cultura diferente e ela não sabia nada de suas esperanças e sonhos. Não sabia por que estava tão zangado.

No dia anterior se mostrou já zangado antes que ela dissesse uma palavra, como se odiasse a todo mundo... ou ao menos a todos os ingleses.

Confiava em que não fosse assim, mas se de verdade estava empenhado em não vê-la mais, não havia muito que ela pudesse fazer. Já o tinha açoitado desavergonhadamente. As damas não perseguiam os cavalheiros.

Mas ela não era como Margery, Dianna, nem nenhuma outra pessoa. Seu instinto dizia que não o deixasse escapar. Seu coração exigia persegui-lo, embora isso implicasse ser uma desavergonhada. Queria acalmar sua fúria... e queria compreendê-la.

Acaso as mulheres de sua família não tinham lutado sempre pelos homens aos que amavam?

Ficou imóvel. Um homem e uma mulher podiam apaixonar-se a primeira vista; isso era algo que abundava em sua família. Começava a acreditar que tinha ocorrido a ela, já que lhe importava tanto aquilo.

—Sentirei sua falta quando for. Sei que é absurdo, mas é o que sinto — sussurrou ao fim.

Ele seguiu cravando a ferradura.

—Acredita no destino?

Ele não respondeu.

—Embora haja lido bastante e me considero uma mulher racional, eu sim acredito no destino. Eu nunca venho a Rose Hill. Não estive em Derbyshire em anos. Mas nos conhecemos em minha primeira noite aqui.

—Isso dificilmente é o destino — murmurou ele, que seguia com o martelo.

Ela falou com suavidade.

—Acredita no amor a primeira vista?

O martelo caiu fora da ferradura, lhe golpeando o polegar, e ele lançou um grito. Soltou a pata da égua e o martelo e se endireitou. Sua expressão era de desmaio.

—Sei que é uma loucura, porque acabamos de nos conhecer — continuou ela— Mas é uma tradição familiar e acredito que estou seguindo os passos de meus ancestrais.

Ele se aproximou dela e a agarrou pelos ombros.

—Não se apaixonou por mim. Um dia se apaixonará por um aristocrata rico e encantador. O que sente é luxúria, Ariella, e nada mais. Nem sequer me conhece.

—Quero conhecê-lo, mas você me nega isso.

—É uma parva romântica — ele a soltou— Não se fixou em nossas diferenças?

—Não me importa. Meus melhores amigos depois de meus irmãos e minhas primas são professores universitários, estudantes, advogados e um escritor radical. Nenhum deles é de berço nobre.

Ele moveu a cabeça.

—Nenhum deles é cigano. Que tipo de mulher confessa algo assim? É que não têm orgulho? Sou cigano, Ariella. Cigano.

Ela levantou o queixo.

—Tenho muito orgulho. Orgulha-me não ser como as demais mulheres de minha classe e condição. E não me importa que seja cigano — lhe tocou a bochecha— Por isso recusa minha amizade? Por que uma amizade entre nós está proibida?

Ele se afastou e cruzou os braços.

—O que eu sou importa muito. O fato de que tenha demorado tanto em despertar sexualmente e que se atreva a vagar sozinha de noite, não a faz tão diferente. Segue sendo uma princesa paya.

—Eu não sou princesa — protestou ela— É certo que sou rica, e o que? Vivo em Londres bastante independente por eleição. Grande coisa. Passo quase todo o tempo lendo. Falo quatro...

Interrompeu-se. Que fazia? Não o ia impressionar sua obsessão pela história, as biografias e a filosofia, sua defesa da mudança e as reformas sociais, nem sua educação pouco habitual. As mulheres que eram admiradas e perseguidas só liam romances de amor e literatura de viagens, não levavam uma vida independente e tinham, como máximo, uma educação em nível de escola elementar. As mulheres às que os homens perseguiam e amavam sabiam costurar e bordar e viviam a moda com paixão. Só desejavam um marido e uma família.

—Por favor, continue — se burlou ele— Vive independente e lê e por isso está capacitada para ser apaixonada por um cigano?

—Prefiro Londres ao campo e, como meus tios passam muito tempo ali, estou acostumada a estar com eles. Leio... romances de amor. E guias de viagens — comentou sem olhá-lo.

—Sim, isso a faz muito original.

O desdém dele lhe doía.

—Odeio os bailes — e era certo— Odeio as conversas frívolas sobre croquet⁷ e corridas de obstáculos. Estou capacitada para ser sua amiga, e possivelmente inclusive sua amante, se uma progressão natural nos levar nessa direção.

Ele a olhava com olhos muito abertos.

Ela não se havia sentido nunca tão decidida.

—Veem-no? Sou muito diferente das outras damas jovens. Não descartei uma aventura amorosa com você.

—Está louca. Não posso compreender como conseguiu manter sua inocência até agora.

—Já hei isso dito, nunca desejei a nenhum outro homem. Mas primeiro tem que ser amizade, Emilian — tremia porque sabia que tinha feito uma proposta surpreendente.

—Se uma progressão natural a levar a minha cama, encherá de remorsos — disse ele com dureza.

—Ao contrário — sussurrou ela— Provavelmente estarei muito satisfeita — sentia nas vísceras o desejo que já começava a resultar tão familiar— Estou-me habituando a suas ameaças — sussurrou— Já não me assusta.

—De verdade? Nesse caso, venha para mim esta noite. Porque asseguro que se assustará e amanhã terá remorsos.

Ariella o olhou fixamente; não queria acreditá-lo.

—Quando entenderá? —perguntou ele— É uma grande tentação, tentação que não desejo resistir. Quero desonrá-la. Mas quando lhe roubar a inocência, não lhe darei amor. Não seremos amigos... jamais seremos amigos. Não lhe darei nada exceto paixão, prazer... e logo nos despediremos.

Ela estremeceu. Nesse momento acreditava em todas suas palavras. Era possível que alguma vez tivesse tido um amigo? Era possível que suas amantes fossem apenas isso? Havia dito que as mulheres o utilizavam.

—Por que têm medo de tentar que sejamos amigos?

—Não tenho medo, tento fazer que fuja de mim. Tento protegê-la, não de você, mas sim de mim — girou e começou a desatar a égua negra.

Ariella se deu conta de que tinha os olhos cheios de lágrimas. As secou.

—Assim não voltarei a vê-lo nunca.

Ele a olhou com a correia da égua na mão.

⁷ O croquet ou crôquete é um jogo de recreação, sendo posteriormente transformando-se em esporte, que constitui em golpear bolas de madeira ou plástico através de arcos encaixados no campo de jogo

—Esta noite estaremos em Woodland. Se vier, a seduzirei sem piedade e a levarei a cama. Se vier, não haverá conversa, nem amizade. Se estiver apaixonada, sugiro que recupere imediatamente o sentido comum. Se reunir comigo para uma noite de paixão e prazer, será só isso. Não será diferente às damas payas que se deitam comigo. Pense bem se quer converter-se em uma delas. Oh. E se por acaso não falei claro, quando sair o sol e abandone meu leito, não recordarei seu nome.

Olhou-a com dureza e se afastou com a égua.

Ariella se sentou no chão. Levantou os joelhos e os abraçou contra seu peito, estremecida até o fundo de seu ser. Tinha a sensação de ter devotado um presente maravilhoso a alguém e que o tivesse atirado à cara.

Mas não era isso o que tinha ocorrido?

De verdade ele roubaria sua inocência para logo esquecê-la?

Era possível que fosse um homem tão frio?

Seu coração gritava em protesto. Não queria acreditar que fosse tão cru e ignóbil. Havia dito que queria assustá-la. Tentava protegê-la. Isso era nobre. E a noite anterior tinha aceitado sua decisão em vez de desonrá-la. Isso também era nobre. Claramente tinha consciência. Mas resultava igualmente claro que não seria fácil domar à besta... se é que alguma vez se atrevia a aproximar-se dele.

Entretanto, não acreditava que pudesse manter-se afastada. Não tinha ido nunca a Woodland, mas conhecia a fazenda de ouvir falar. Estava à uma hora de caminho de Rose Hill. Quanto tempo estaria ali os ciganos? Se fosse, cumpriria ele sua ameaça de seduzi-la ou só o havia dito para espantá-la?

Quando estava a ponto de levantar-se, ficou imóvel. Emilian falava com uma formosa jovem. Os dois sorriam e seu carinho resultava evidente. Assaltaram-na o ciúme com uma intensidade que a sobressaltou, mas também havia incerteza e medo.

Emilian se afastou e a ciganapôs-se a andar para ela. Ariella ficou em pé. Se aquela mulher era uma rival, era muito bonita. Era jovem, de uns vinte anos, cabelo avermelhado e olhos âmbar. Levava saias cor púrpura e uma blusa verde claro com uma bandagem dourada que realçava a pequena cintura. Era baixa, mas exuberante. Ariella a olhou com ciúme. Nem sequer lhe tinha ocorrido que um homem como Emilian tivesse já uma amante fixa. Pelo que sabia, aquela mulher podia ser inclusive sua esposa.

A cigana se deteve. Seu olhar era curioso, não hostil.

—Sou Jaelle. Ontem à noite a vi aqui com meu irmão.

Ariella se sentiu aliviada.

—Sou Ariella de Warenne. Jaelle é um nome muito formoso.

—Tão formoso como Emilian?

Ariella se sobressaltou.

—Seu nome também é formoso — repôs com cautela.

—Todos a vimos com ele ontem à noite. Meu irmão é forte, atrativo e rico como um rei. Muitas mulheres o desejam. Seriam parvas se não fosse assim. Tem ciúmes de você.

Ariella estava surpreendida.

—Mas acabamos de nos conhecer.

—Um homem não precisa conhecer uma mulher para desejá-la — sorriu Jaelle— Emilian ontem à noite escolheu a você por cima das outras.

—Não sei se devo me sentir adulada.

—Deveria estar muito agradada.

Ariella começava a relaxar.

—Faz um momento não esteve muito amável.

Jaelle pôs-se a rir.

—Você o recusou e teve que ir sozinho à cama. Por isso está zangado com você. A nenhum homem gosta que burlem dele.

Ariella se assustou.

—Os ciganos gostam das mulheres payas e Emilian é metade cigano e metade inglês — Jaelle encolheu os ombros— Não me surpreenderia que um dia escolhesse uma esposa paya — olhou a casa sobre a colina— Você vive como uma rainha.

Ariella respirou fundo e tentou aparentar calma.

—Não sou uma rainha — repôs— Está pensando em casar-se? —perguntou.

—Não sei. Todos os homens se casam antes ou depois — Jaelle a olhou com astúcia— Você casaria com ele? Casaria-se com um cigano?

—Se decidíssemos nos casar, não me importaria que fosse cigano — Ariella se ruborizou— Acabamos de nos conhecer e nem sequer quer que sejamos amigos. E parte logo.

Jaelle sorriu confusa.

—O que tem a ver a amizade com meu irmão? Ele quer uma mulher em sua cama, não uma amiga.

Ariella moveu a cabeça.

—Não sei por que não são possíveis ambas as coisas.

Jaelle lhe tocou o braço.

—Já o ama? —perguntou com suavidade— Porque eu o vi olhá-la como se fosse uma rainha. E você o olha como se fosse um príncipe.

Ariella não vacilou.

—Nunca havia sentido isto. Acredito que estou me apaixonando.

—Não deve negar-se a ele muito tempo —aconselhou Jaelle— Aos ciganos gostam de ter suas mulheres na cama muito antes das benções matrimoniais.

Ariella sentiu que acelerava o pulso.

—Agora vamos a Woodland — disse Jaelle— Estaremos ali uma semana. Meu tio Stevan teve um filho, o primeiro menino — assinalou um homem grande ao que Ariella reconheceu da noite anterior— Um primeiro filho é causa para celebrá-lo muitas noites. Deveria vir a Woodland.

Ariella imaginou Emilian dançando apaixonadamente sob as estrelas, cada movimento um convite sensual, cada passo uma demonstração de virilidade. Ficou tensa. Essa noite dançariam com ele outras mulheres, que tentariam levá-lo a seus leitos. Não gostava da ideia.

Atrever-se-ia a ir a Woodland?

Como não ir?

—Me alegro de que nos tenhamos conhecido — disse— Que tenha boa viagem, Jaelle.

A garota sorriu.

—*Dianna'bika t'maia.*



Emilian deixou atrás a caravana, pois galopava com força. Mas por muito rápido que corresse, não podia deixar atrás as palavras dela. «Acredita no amor a primeira vista?»

Ela confundia o desejo com amor, o qual só provava quão inexperiente era. Muito inexperiente para ele, coisa que ele não devia esquecer.

Iria buscá-lo em Woodland?

Esperava não voltar a vê-la nunca. Se ela fosse a ele essa noite ou ao dia seguinte, perderia sua consciência de inglês e cumpriria suas ameaças. E desfrutaria desonrando-a. Seria desumano. Seria engano e seria vingança.

Ela não merecia que a utilizasse desse modo.

Deteve o galope do cavalo e o pôs ao passo. Confiava em que ela se mantivesse afastada, o qual provava que era mais inglês que cigano.

O caminho a Woodland passava pela aldeia de Kenilworth. Cruzou diante de casas caiadas de branco com telhados de piçarra, uma velha capela normanda em ruínas e uma igreja anglicana mais nova feita de pedra. A rua principal, onde havia dúzia de lojas, duas posadas e um botequim, constava apenas de duas ruas. Na rua havia alguns carros e carruagens e vários lojistas varriam a calçada ou esperavam após o mostrador. Além disso, só havia um punhado de pedestres e viu um grupo de homens que baixavam pela rua.

De repente deteve o cavalo com tal brutalidade que o animal levantou a cabeça em sinal de protesto. Olhou o pôster que ocupava uma loja de tecidos. *Não se admitem ciganos.*

Olhou-o com incredulidade e logo viu que o padeiro tinha o mesmo pôster na janela. Voltou-se para a calçada de frente, onde viu que ocorria o mesmo na porta verde da estalagem, mas com letras maiores. *Não se admitem ciganos.*

No botequim Emilian viu as mesmas palavras escritas com letras vermelhas em outro pôster. Aquele aviso abominável aparecia em todas as portas e janelas e em todos os lugares públicos que podia ver.

Voltou-se e galopou de volta até a igreja de pedra onde estava acostumado ir alguma vez aos serviços, normalmente na Véspera de natal e domingo de Páscoa. *Não se admitem ciganos.*

Sentiu uma raiva imensa.

Aqueles pôsteres não existiam a última vez que tinha ido ao povoado, fazia só uns dias. Ficou olhando as portas da igreja e a imagem de Ariella foi a sua mente. Esperou que fosse tão parva para ir vê-lo em Woodland.

A parte inglesa dele tinha morrido.

Tocou o cavalo e se aproximou da porta da igreja, onde arrancou o pôster. Girou a montaria e galopou para a estalagem.

Dessa vez saltou ao chão e chegou à porta de uma pernada. Enquanto rasgava o pôster, amaldiçoava os payos por sua intolerância e seu ódio. Então sentiu os olhares da gente.

—Tão cigano como todos eles.

Voltou-se devagar e viu cinco homens do povoado na calçada oposta. Afastaram a vista imediatamente e puseram-se a andar para o centro do povoado. Ele não soube quem deles tinha murmurado aquelas palavras com tanto desdém.

Mas tinha ouvido o mesmo comentário centenas de vezes. Respirou com força, precisava controlar-se. Podia arrancar todos os pôsteres, mas isso não apagaria os preconceitos, nem o ódio e os pôsteres voltariam até que a caravana partisse. Mas tampouco podia não fazer nada.

Deteve o cavalo na loja de mercadorias importadas, onde havia produtos exóticos como especiarias do Longínquo Oriente, abre-cartas feitos de presas de marfim ou tabaco americano, assim como móveis dos melhores marceneiros, relógios de parede e de bolso, jogos de escrever, urnas e vasos, abajures e candelabros. Ele tinha comprado muitas coisas ali ao longo dos anos.

Olhou o pôster, sentindo-se doente na alma, e entrou na loja ampla.

Dentro havia pouca luz. Olhou a seu redor, consciente da fúria que precisava mascarar a toda custa.

—Não viu o pôster? Não permitimos a entrada a ciganos.

Seguia levando o colete verde esmeralda bordado em ouro. Voltou-se devagar e olhou o pomposo filho de Hawks, o dono.

Edgar Hawks empalideceu.

—Senhor St Xavier — inclinou a cabeça — Rogo que me perdoe.

—Levarei esses dois vasos de cristal.

—Sim, senhor. São os melhores que se podem encontrar na Irlanda e...

Emilian o interrompeu.

—E esse par de tapetes.

—São turcos, senhor, e muito custosos. Quer que os desenrole?

—Não — ele se aproximou de um baú que sem dúvida tinha sido importado da Espanha — Também quero isso.

—Espere que traga meu caderno de anotar — disse Edgar com ansiedade. Desapareceu no fundo da loja.

Emilian estava imóvel, desprezando o lojista, e pensou de novo em Ariella de Warenne. «*Acredita no amor a primeira vista?*»

Lançou uma maldição. Quanto antes encontrasse um bom administrador, antes poderia ir de Derbyshire a caravana.

Edgar voltou soprando, acompanhado de seu pai, ainda mais grosso.

—Lorde St Xavier. É um prazer vê-lo, senhor. Não vinha por aqui desde o inverno passado — sorriu Jonathon Hawks.

Emilian olhou o teto, onde pendurava um lustre de cristal que sabia era parte do cenário da loja.

—Também levarei isso.

—Não está à venda — disse Edgar, com o lábio superior coberto de suor.

Emilian o olhou com vontade de lhe jogar as mãos ao pescoço e apertar.

Edgar empalideceu.

—Pois claro que venderemos isso a você — interveio Jonathon.

—Muito bem. Isso é tudo por agora. Pode anotá-lo tudo a minha conta.

—É obvio — disse o mais velho— Levará um momento somar a quantidade de suas compras.

—É um prazer comprar em sua loja — sorriu Emilian com frieza.

—Agrada-me, senhor — comentou Jonathon.

—De verdade? Porque eu não gostaria de ter que ir fazer minhas compras no Sheffield's, em Manchester.

Jonathon o olhou fixamente.

Emilian devolveu o olhar. Seguiu um longo silêncio.

—Sugiro que retirem esse pôster. Também sugiro que inspirem seus vizinhos a fazer o mesmo.

Jonathon empalideceu.

—Acredito que o pôster foi um mal-entendido — disse ao fim.

—Bem — Emilian saiu da loja.

Capítulo 6

Quando Emilian entrou em sua casa, ouviu as vozes de seu primo e seus dois amigos. Estavam no grande salão e era impossível evitá-los. Quase esperou que se metessem com ele. Fazia ornamento de um grande controle na loja de Hawks e agora estava a ponto de explodir. Só necessitava uma desculpa.

Mas assim que entrou no salão se deteve vacilante. Tinha mobiliado a estadia nos últimos anos e agora era o salão luxuoso de um inglês. Sofás novos, poltronas, mesas e abajures enchiam a estadia. A única parede de pedra vista, em que estava a lareira, continha o brasão da família e os retratos dos antepassados St Xavier. Em cima da lareira havia duas espadas cruzadas que segundo Edmund as usaram nas Guerras Civis. Uma mesa antiga com duas poltronas de respaldo alto de couro velho ocupavam o extremo mais afastado. Segundo seu pai, essa mesa tinha estado na casa desde sua construção a finais do século XVI.

Aquele era seu lar e tinha dedicado anos a convertê-lo em uma boa propriedade. Mas era o lar de um inglês, e ele já não era inglês.

Não se admite ciganos.

Recordou os pôsteres cheios de ódio e viu Raiza estendida em uma Rua de Edimburgo. Respirou com força, já sem incerteza. A necessidade de vingança era tão forte como antes.

Olhou friamente seu primo. Robert o tinha desprezado desde que chegou a Woodland com apenas doze anos.

Agora estava sentado com seus amigos ao redor de uma mesa em que havia duas garrafas de vinho, uma delas vazia. Jogavam às cartas. Eram às três da tarde, muito cedo para beber e jogar, mas nenhum deles entendia nada de responsabilidades, nem deveres. Sentiu-se aborrecido. Os amigos de Robert eram uns vagos, filhos de nobres com poucos meios.

Recordou os abomináveis pôsteres. Robert era o tipo de pessoa que poria esses pôsteres ou influenciaria a outros a fazê-lo. De fato, não era impossível que seus amigos e ele estivessem por trás desses atos de ódio e intolerância.

Robert o viu e ficou em pé.

—Emilian! —sorriu amplamente— Retornou — olhou sua camisa amarela ampla, presente de Jaelle, e o colete verde, presente da esposa de Stevan.

Emilian esperava ferventemente que um deles ousasse burlar-se dele.

—Claro que retornei, esta é minha casa — disse com suavidade.

—Me alegre — comentou Robert— Sua governanta e outra criada deixaram seu emprego e parece haver certo caos entre a servidão.

A fúria de Emilian cresceu perigosamente.

—Só passei uma noite fora. Abusou de meus empregados? Que criada se foi com a senhora Dodd? Oh, a ver se o adivinho. Sua filha a ruiva?

Robert se ruborizou.

Emilian adivinhou que seus amigos e ele tinham tentado algo com a filha da senhora Dodd, que só tinha dezesseis anos. Tremeu de raiva.

—Eu te dou uma soma de dinheiro que pode durar um ano e você abusa de meus empregados a minhas costas?

Robert em empalideceu.

—Perdoe-me. A garota se meteu em minha cama por vontade própria e a mãe nos surpreendeu.

Emilian lançou o braço sobre a mesa e jogou as garrafas, os copos e as cartas ao chão. Os amigos de Robert se levantaram de um salto e se afastaram como covardes que eram. Emilian sentiu vontade de atacar a cada um deles por turno.

—E também está por trás do que acontece no povoado? —perguntou com frieza.

—Não fomos ao povo — respondeu Robert com ansiedade— Não sei o que ocorre ali.

Emilian respirou com força.

—Recolham suas coisas enquanto eu tento convencer à senhora Dodd. Espero que saiam daqui antes de uma hora.

Não esperou resposta. Foi à biblioteca e fechou a porta com força.

Permaneceu um momento imóvel, lutando por controlar-se. Recordou a noite anterior. A música se apropriou de seu corpo e de sua alma, e havia se sentido bem. Ao começar a dançar, tinha perdido o inglês. No baile tinha sido só cigano. Tinha conhecido muita liberdade.

Não necessitava essa vida e tinha intenção de provar assim à memória de Raiza... e a si mesmo. Agora, quando já era tarde, dava-se conta de que, ao converter-se em inglês, tinha perdido a parte mais importante de si mesmo. Tinha perdido algo mais que sua identidade... tinha perdido sua alma cigana.

Mas a recuperaria.



«Esta noite estaremos em Woodland».

Ariella estava sentada ao lado de Margery e Dianna na carruagem, com Alexi em frente, mas não via o campo que cruzavam; só via Emilian e seu rosto tenso por uma fúria que não podia compreender.

«Venha a Woodland esta noite e a seduzirei...»

Respirou fundo. É obvio, não iria. Seria muito difícil escapulir depois da meia-noite e que não a surpreendessem. Por outra parte, não seria difícil contratar um chofer no povoado mais próximo e lhe pagar bem por seu silêncio. Santo Céu! De verdade estava considerando a ideia de ver Emilian em Woodland depois de que lhe havia dito que fugisse dele?

«Não lhe darei nada exceto paixão e prazer... e logo nos despediremos».

Negava-se a acreditar que fosse capaz de lhe fazer amor e depois afastar-se. Tinha falado com crueldade e dureza, mas só porque queria espantá-la... e assim o tinha admitido. Não era desumano. Ela não teria podido sentir-se atraída por um homem cruel.

«Os ciganos querem às mulheres em seu leito antes que lhes deem as benções».

Atrevia-se a ter uma aventura com ele? Não era o costume inglês, mas sim o costume cigano. E embora ele parecesse acreditar que uma amizade era impossível, ela acreditava que uma aventura amorosa e uma amizade não eram excludentes.

E se os ciganos partiam ao dia seguinte, embora Jaelle houvesse dito que estariam ali uns quantos dias?

—O que te ocorre hoje?

Ariella se sobressaltou. Tinha esquecido onde estava. Sorriu a seu irmão. O povo já estava perto. Com o passar do caminho pastavam vacas.

—Estou pensando.

—Dianna te perguntou três vezes o que vai usar no baile dos Simmons — ele a olhou com atenção— Sei que te dá igual o que leve, mas está muito distraída. Preocupa-se com algo?

Ela sorriu amplamente.

—O que poderia me preocupar? Estou com meu irmão, ao que adoro e ao que senti muita falta; com minha irmã, a que também gosto muito. E nos acompanha Margery. A tarde é perfeita.

Agora a olharam Margery e Dianna. Alexi franziu o cenho.

—Agora sei que se preocupa com algo. Você odeia ir às compras. Normalmente teria que tirá-la a rastros da biblioteca para algo assim. Hoje veio sem protestar. Sabe que elas querem fazer compras no Hawks, verdade?

Ariella manteve o sorriso em seu lugar.

—É obvio.

—Lembra — comentou Alexi— E não o faz bem — lhe dedicou um sorriso perigoso— Ocorre-te algo e penso descobrir do que se trata.

—Não me ocorre nada — replicou Ariella— É que não posso desfrutar de minha família?

—São os ciganos — murmurou Dianna.

A Ariella pulsou com força o coração. Olhou sua irmã, mas Dianna se encolheu de ombros, obviamente inconsciente do desastre que podia causar.

A Alexi brilharam os olhos.

—Como há dito?

Dianna se ruborizou.

—Têm um ferreiro muito arrumado. Margery conversou com ele. Impactou-me muito. E a ela também.

Alexi a olhou.

Ariella sentiu que se ruborizava.

—Dianna tem razão — disse com rapidez— O ferreiro era muito atrativo. As duas o comemos com os olhos enquanto Margery lhe perguntava onde podíamos deixar algumas coisas para os meninos.

—Está sonhando com um cigano? —quis saber Alexi.

Ariella se ergueu no assento.

—Estou pensando na conversa que tive com uma garota cigana... foi muito educativa.

«Os homens ciganos querem às mulheres em seu leito...»

Ariella olhou rapidamente pelo guichê da carruagem. As primeiras casas do povoado já estavam perto.

—O que vai levar na casa dos Simmons? —Margery lhe tocou a mão— O chama um «baile campestre».

—Não o pensei. Esperava não ter que ir — repôs Ariella com sinceridade.

—Ah, agora retornou minha irmã — sorriu Alexi.

Olhou pelo guichê e seu rosto se endureceu.

Ariella adivinhou que ocorria algo estranho. Seguiu a direção de seu olhar e viu um pôster diante da porta dos estábulos, mas não pôde lê-lo.

Alexi a olhou.

—Não necessitaria uma bola de cristal para saber que haveria problemas, e isto é um passo mais nessa direção.

—A que se refere?

Mas agora ela também viu o pôster. *Não se permitem ciganos.*

—Isso é terrível! —gritou.

—Oh, há! —murmurou Margery— Que grosseria!

—Olhem — disse Dianna.

Os outros seguiram seu olhar. Dois moços ciganos estavam de pé em uma esquina, a gente tocava o violino e o outro tinha o chapéu colocado de barriga para cima no chão. O chapéu estava vazio. Os pedestres os ignoravam, apesar de que o menino mais velho tocava muito bem. O mais jovem se aproximava às pessoas a que passavam e pedia uma moeda. Ariella viu que um cavalheiro grosso o afastava com o cotovelo, como se fosse um leproso.

—Pare imediatamente a carruagem! —gritou com fúria.

O chofer obedeceu.

Alexi a agarrou pelo braço.

—O que vai fazer?

Ela tentou soltar-se.

—Deixe-me. Quero pagar pela música. É formosa.

Ele a olhou aos olhos e a soltou.

—Está bem.

Saltou ao chão e lhe estendeu a mão.

Ariella desceu da carruagem com sua ajuda. Margery e Dianna a seguiram. Aproximou-se dos moços levantando as saias para avançar mais depressa. Reconheceu o jovem moreno da noite anterior. Era o mesmo que se zangou por sua intromissão até que Emilian lhe havia dito que era sua convidada.

Sorriu-lhe sem fôlego.

—Toca muito bem.

Não devolveu o sorriso. Era um menino atrativo, de cabelo e olhos escuros.

Ariella voltou a sorrir. Colocou a mão na bolsa, com intenção de esvaziar todas suas moedas no chapéu.

—São orgulhosos — murmurou-lhe Alexi em tom de advertência.

Ela pensou em Emilian. Seu irmão tinha razão. Deixou um xelim no chapéu.

—Obrigado — grunhiu o menino mais velho.

—De nada — adorou que Alexi deixasse outro xelim— Como se chama?

—Djordi.

—Eu sou Ariella de Warenne e estes são meu irmão, Alexi de Warenne, minha irmã, a senhorita Dianna e lady Margery de Warenne.

O moço não disse nada.

—Eu não trouxe moedas — sussurrou Dianna.

—Eu lhe darei pelas duas — Margery fez o que dizia— Vamos andando ao Hawks? Está aí em frente. Logo podemos tomar o chá em uma sala privada da estalagem.

Ariella se voltou. Na porta da estalagem havia um pôster dos que proibiam a entrada aos ciganos. Respirou com força, aproximou-se da porta da estalagem e puxou o pôster com ambas as mãos. Não cedeu.

A frustração se mesclou com sua fúria. Puxou com mais torça e se cravou lascas nas luvas. Alexi tomou seus pulsos.

—Deixe que eu faça.

Ela se afastou secando umas lágrimas. Ele arrancou o pôster parecido e o jogou na rua. Djordi e o menino mais jovem os olhavam como se estivessem loucos.

Alexi se voltou.

—Vai arrancar todos? Daqui vejo meia dúzia.

Ariella o abraçou.

—Sim, vamos fazê-lo. Melhor dizendo, você vai. Obrigado. Amo-te.

Ele sorriu com uma expressão pícara que Ariella sabia que fazia estragos entre as mulheres.

—Isso significa que vai me confessar seu segredo?

Ela retrocedeu.

—Não tenho nenhum segredo. Mas isto é obsceno. E esses meninos estão justo aí.

—Não acredito que saibam ler inglês, mas seguro que sabem muito bem o que significa o pôster.

Ariella o olhou.

—O que tenta me dizer? Que os ciganos sabem que não são queridos?

—Sim. Sabem que os desdenham e os desprezam.

Ela pensou em Emilian e se sentiu doente. Podia imaginar o que devia sentir quando enfrentava a esse tipo de ódio e preconceitos. Era um homem muito orgulhoso. O ultraje que ela sentia não seria nada comparado com o seu.

Aos moços não pareciam importar os pôsteres. Mas, por outra, parte, Emilian provavelmente fingiria também desinteresse se ia ao povo. E isso não indicaria que não lhe importavam.

—Não só tiraremos todos os pôsteres, mas também comunicaremos nosso desagrado a todos os comerciantes. Deixaremos muito claro que, no futuro, os ciganos serão tolerados quando passarem por Kenilworth — suspirou ela— E não penso pôr o pé nessa estalagem. Estou muito ofendida.

—É uma lástima que uma mulher não possa ser prefeito do povoado — sorriu Alexi.

—As mulheres governaram reinos, tronos e grandes estados — repôs Ariella, pensando em mulheres como a rainha Isabel ou Eleanor de Aquitania.

—As mulheres frequentemente governam os homens de seu leito.

Ariella o olhou.

—Todos os dias — acrescentou ele, encolhendo-se de ombros— Mas você não pode saber isso, verdade? Ninguém te chegou ao coração ainda.

Ariella acreditava entendê-lo. Seu pai, um homem grande e poderoso, fincava o joelho diante de Amanda. Seu tio o Conde fazia o mesmo com a condessa. E lady Harrington governava sem dissimulo seu marido, tio de Ariella, embora com gentileza.

Olhou seu irmão.

—Ao melhor essas mulheres governam com o amor.

Ele pôs-se a rir.

—Oh, não. Extraem seu poder da cama.

Os ciganos não valorizavam a virgindade e a castidade. Pensou em Emilian. «*Venha esta noite o Woodland e a seduzirei...*»

—Enquanto debatem o tema das mulheres no poder, Dianna e eu vamos entrar no Hawks — interveio Margery. Sorriu a Ariella— Tomaremos o chá em outra parte ou em Rose Hill.

Ariella a abraçou.

—Obrigado.

Mas Margery lançou um olhar estranho antes de afastar-se com Dianna. A Ariella gostou de ver que não havia pôster na porta do Hawks.

Alexi a puxou pela manga.

—E bem?

—Temos que tirar os pôsteres e falar com os comerciantes — respondeu ela com firmeza.

Mas ele a puxou pelo braço antes que pudesse afastar-se.

—Seu coração está intacto, irmãzinha?

Ela abriu muito os olhos. Acaso era adivinho?

—Por fim pensa em alguém? —ele esgotou os olhos.

A ela e o coração.

—Se eu gostasse de alguém, levaria-o em casa — disse. E a horrorizou que sua voz soasse rouca.

Alexi abriu os olhos surpreso.

—Quem é? —perguntou.

Não podia sabê-lo. Ele a protegia muito e, a menos que Emilian quisesse cortejá-la com vistas ao matrimônio, não daria sua aprovação. Ariella ficou séria. Por muito aberta que fosse sua família, um pretendente cigano não era o que esperavam... e Emilian nem sequer era um pretendente. Teria que convencer a todos de que aquilo era o famoso grande amor dos de Warenne, o amor que só aparecia uma vez na vida.

Mas o era?

—Está equivocado — disse.

Nesse momento se abriu de repente a porta da estalagem e uma mulher saiu correndo. Quando passou a seu lado, Ariella viu seu rosto assustado, seu cabelo comprido acobreado e as saias cor púrpura. Era Jaelle. Alexi a segurou pelo braço para impedir que caísse ao chão de cabeça.

Mas a garota se soltou e saltou à rua.

Aproximava-se uma carruagem e estava a ponto de atropelá-la. Ariella gritou horrorizada.

—Jaelle!

Mas ela arrumou para esquivar do cavalo. O chofer puxou bruscamente as rédeas e o animal se encabitou. Ariella estava segura de que o cavalo golpearia Jaelle ao baixar, mas ela escapou dos cascos e cruzou a rua correndo.

—Santo Céu! —exclamou Alexi, horrorizado.

Dois homens saíram correndo da estalagem.

Jaelle tinha parado ofegante, quase dobrada. Viu os homens e se meteu correndo em um beco entre uma casa e a igreja.

—Vá por trás da igreja. Eu seguirei a essa zorra trapaceira — gritou um deles.

Era um homem grande e grosso, que se pôs a correr atrás de Jaelle enquanto o outro corria para a igreja.

Alexi saltou para diante e agarrou ao segundo homem por trás com tal força que lhe fez cambalear.

—Quer pensá-lo duas vezes antes de perseguir uma senhorita? —perguntou com suavidade.

O homem se endireitou e ficou avermelhado.

—Não é uma senhorita — gritou. Abriu muito os olhos ao ver pela roupa de Alexi, que se tratava de um nobre— Desculpe senhor.

—Capitão Warrenne — disse Alexi. Empurrou-o em direção à estalagem— Sugiro que guarde suas mãos só para você.

Ariella queria aplaudir, mas o primeiro homem tinha desaparecido no beco atrás de Jaelle. Alexi saltava já a um cavalo preso fora da estalagem. Ariella sabia que seu irmão resgataria Jaelle.

—Corre! —disse-lhe.

Ele não respondeu, mas entrou galopando no beco.

Ariella entrou correndo na carruagem.

—Segue-os, Henry — ordenou.

O chofer açoitou a égua, que iniciou um galope louco e entrou com tal força no beco que Ariella se viu jogada no outro lado do assento. Quando se endireitou, viu que o homem corpulento estava no pátio da igreja, ofegante e furioso, mas sozinho. Alexi movia o cavalo emprestado procurando Jaelle. Muros altos de pedra rodeavam três lados do pátio, convertendo-o em um beco sem saída. A carruagem se deteve. Ela não viu Jaelle, mas era impossível que tivesse podido escapar.

—Subiu a uma árvore a maldita? —gritou o homem de cabelo branco, olhando um dos dois olmos altos que cresciam ao longo da parede traseira.

Alexi aproximou o cavalo a ele.

O homem ficou rígido e tirou a boina.

—Capitão Warrenne!

Alexi dedicou um sorriso desumano.

—É muito homem, Tollman, dando caça a uma mulher pequena e indefesa.

—Essa cadela cigana não está indefesa. Perguntou se podia ler a sorte a meus paroquianos e eu disse que sim. Mas logo os fraudou um por um.

—É uma mulher — murmurou Alexi, com suavidade enganosa.

—É uma cigana. Não são melhores que animais selvagens — respondeu Tollman.

Ariella via que seu irmão estava a ponto de explodir.

—Encontro impossível não defender uma mulher formosa e não acredito que deseje que eu seja seu rival, Jack — disse com muita suavidade.

Tollman olhou atrás de si, como se esperasse o amigo que não aparecia. Assentiu com a cabeça e ao fim se voltou e pôs-se a andar pelo beco. Quando passou ao lado da carruagem, Ariella lhe viu claramente o rosto. Estava furioso e murmurava para si. Ela ouviu as palavras «*cigana*», «*rameira*» e «*de Warene*».

O que tinha feito Jaelle?

Ariella olhou os dois olmos. Era impossível que uma mulher pequena pudesse alcançar o primeiro ramo para subir a eles. Olhou a porta de trás da igreja.

—Está fechada com chave — comentou Alexi.

Desceu do cavalo e estudou a parede.

—Já pode sair. Nós não lhe faremos mal.

Ariella abriu muito os olhos. Havia um ralo para deságue construído descendo na parede. Seu irmão se ajoelhou e retirou o ralo. Estendeu o braço.

Ariella viu uma mão pequena que se aferrava a de Alexi e este a puxou e tirou Jaelle.

Estava cheia de barro, mas se endireitou, tornou-se atrás o cabelo e o olhou como se fosse uma rainha. Logo olhou o beco.

—Foram-se — murmurou Alexi.

Jaelle começou a sacudir as saias. Embora tentasse manter seu orgulho, Ariella viu que lhe tremiam as mãos e sentiu compaixão.

Alexi lhe tocou o braço e ela se encolheu.

—Por que não se senta um momento com minha irmã?

Jaelle sorriu com desdém.

—E logo o que? Pedirá a sua irmã que parta para cobrar o preço por me haver resgatado?

Ele ficou rígido.

—Não espero que me pague nada — repôs— E menos ainda do modo que insinua.

Ela se tornou atrás o cabelo.

—Todos os payos são iguais — agora olhava Ariella.

Esta desceu da carruagem.

—Está bem?

—É obvio.

Alexi as olhou surpreso.

—Falei com ela esta manhã no acampamento — explicou sua irmã. Observou Jaelle preocupada. Sangravam-lhe os braços— Isso não o tem feito eles, verdade?

—Não, os arranhões são de estar aí — a garota assinalou o deságue.

Ariella a olhou aos olhos. Tentava mostrar-se orgulhosa, mas estava alterada. Ela a considerava muito forte e valente. Qualquer outra mulher em sua situação estaria chorando... e provavelmente em braços de seu resgatador.

—Terá que limpar esses cortes — disse— Por que não vêm comigo a Rose Hill para que possamos curá-los?

Jaelle ficou firme como um soldado.

—Vou a Woodland.

Seguiu um silêncio. Ariella estava a ponto de oferecer uma carruagem quando Alexi se colocou diretamente diante dela.

—Minha irmã oferece-lhe levá-la a casa para limpar os seus cortes. Por que recusa?

Jaelle elevou a vista devagar e Ariella notou que lutava corajosamente por manter a compostura.

O rosto de Alexi mostrava tal dureza que sua irmã apenas o reconhecia.

—Eles lhe fizeram mal? —perguntou com brutalidade.

—Não — repôs a garota.

Ele a olhou com expressão de dúvida.

—Queriam fazê-lo — os olhos dela se obscureceram. Ao fim derramou uma lágrima— Você sabe o que queriam.

Alexi se voltou. Ariella sabia que estava furioso.

—Leve-a a Rose Hill —ordenou— E logo se assegure de que chegue a Woodland.

Ariella agora estava assustada.

—O que você vai fazer?

—É uma mulher! —exclamou ele com fúria— Esses crápulas necessitam uma lição de boas maneiras.

Saltou ao cavalo e se afastou ao trote.

Ariella olhou Jaelle.

—O que ocorreu?

—Eu só queria lhes ler a sorte — disse a garota— Mas todos eles queriam mais. Todos pensavam que lhes leria a mão e lhes esquentaria a cama — secou outra lágrima com fúria— O gordo me agarrou. Bastardo! Agarrou-me e começou a me beijar. Eu me soltei e escapei. Os odeio a todos!

Ariella a abraçou horrorizada. Esperava que Alexi lhes desse uma boa surra.

—Graças a Deus que já passou — sorriu— Venha a casa comigo para que limpemos esses cortes e logo uma carruagem a levará a Woodland.

Jaelle a olhou aos olhos.

—Você é boa e me alegro de que sejamos amigas — se afastou— Mas não necessito sua ajuda.

—Jaelle! —protestou Ariella.

Mas era muito tarde. A moça já saía correndo do pátio.

Emilian terminou a carta a seu advogado, em que pedia que procurasse vários candidatos possíveis para administrar seus negócios. Tinha indicado que o assunto era urgente. Selou o envelope com cera e olhou o emblema familiar do selo. Não voltaria a usá-lo em algum tempo, talvez nunca.

Negava-se a pensar em Edmund nesse momento.

Doíam as têmporas. Levantou-se e se serviu de uma taça de brandy insatisfeito consigo mesmo. Não havia modo de evitar o fato de que uma parte dele se sentia vinculada à fazenda. Tinha começado a preocupar-se com seus inquilinos, seus sócios de negócios e vários contratos importantes. Mas tinha decidido ir à tumba de Raiza com a caravana e procurar sua alma cigana, e nada o faria mudar de ideia.

Pensou na senhorita Warenne.

Não era a primeira vez, pois pensava nela frequentemente. Desejava-a e a luxúria interferia com sua dor e se mesclava com sua raiva. A luxúria era aceitável... ele era um homem... mas nunca antes tinha pensado em suas amantes fora do dormitório. Ela era diferente depois de tudo.

A nenhuma de suas amantes lhes interessava sua amizade. Queriam só uma coisa dele... e ele queria o mesmo a sua vez. Por que queria ela sua amizade? Era algo estranho, inexplicável.

Começava a entender que a sociedade a considerasse excêntrica. Ela queria uma progressão natural; ele queria sexo e vingança por todas as injustiças que sofriam os ciganos. Esperava que se mantivesse afastada, como tinha advertido, pois sabia que ela não resistiria a sua vingança.

Também sabia que era inocente dessa tragédia e que ele deveria procurar um alvo melhor para sua vingança. E isso significava que seguia sendo muito inglês. Algo inaceitável.

Bebeu o brandy e sentiu uma presença a suas costas. Voltou-se e viu Jaelle. Imediatamente notou que tinha o nariz vermelho, como se tivesse chorado.

—Está bem? —perguntou preocupado.

Ela sorriu.

—Muito bem. Posso entrar?

—É obvio — a olhou melhor e pareceu que os olhos dela estavam cheios de sombras. Era sua imaginação? Ele teria gostado de conhecê-la melhor— Seguro que está bem?

—Sim. Que casa tão luxuosa! Talvez seja muito payo para vir ao norte conosco.

Emilian ficou sério.

—Esse não é o caso.

Ela o olhou com curiosidade e entrou na estadia; caminhou entre as mesas, tocando os vasos, os candelabros e as caixas pintadas que a esposa de Edmund havia colecionado.

—É você muito cigana para ficar aqui comigo até que vamos? —perguntou ele.

Jaelle sorriu.

—Não posso dormir em uma cama de payo — seu sorriso se apagou e olhou as estantes— Você sabe ler, verdade?

—Sim. Quer que te ensine?

—Sei ler inglês — se voltou para ele— Sou preparada. Seria estúpida se não lesse o idioma do lugar onde vivemos — olhou as licoreiras no console— Seu uísque de payo é melhor que o nosso?

Ele não vacilou.

—Sim. — Ela se aproximou dali e começou a servir uma taça. — Certamente que não — ele tentou agarrar o copo, mas ela o adiantou.

—Já sou uma mulher adulta; tenho vinte anos — o saudou com o copo.

Levava manga larga, mas a manga subiu até o cotovelo ao elevar o copo e ele viu os arranhões no braço.

Ficou imóvel, imerso em uma calma terrível. Alguém tinha feito isso e alguém pagaria por isso.

Ela empalideceu ao dar-se conta do que ele tinha visto.

—O que ocorreu? —perguntou ele com calma— Quem te tem feito isso?

—Não é nada — se apressou a dizer ela.

—Tem que limpar esses cortes e aplicar unguento. O que ocorreu?

Ela não respondeu.

—Já sei o que aconteceu — Emilian se separou dela— Payos. É muito bonita. Diga-me como foi.

—Estou bem.

—Eu decidirei se estiver bem ou não.

Ela levantou o queixo.

—Estava dizendo a sorte. Tem razão. Foram payos. Queriam mais — se encolheu de ombros com desprezo.

—Ataram-lhe? Esses cortes são de ligaduras? —perguntou ele, a ponto de perder a calma.

—Não. Escapei e me escondi debaixo de uma parede de pedra. Arranhei-me com as pedras. Salvou-me outro payo — se ruborizou— Mas odeio a todos.

Ele a abraçou.

—Que payos tentaram te forçar? — Viu que ela vacilava. — Estou aqui para te proteger. Descobri-lo-ei embora você não me diga.

—É tolo. Se perseguir um inglês, jogarão em cima de você à lei.

—Não me ocorrerá nada — mentiu ele— Sou visconde.

Ela vacilou.

—Foram o hospedeiro do Veado Branco e um payo gordo que se chama Bill.

—Vamos limpar esses arranhões — disse ele.

E ao fim se deixou levar pela raiva.

Não esperaria mais para vingar-se.

Faria no primeiro inglês, ou inglesa, que ousasse cruzar em seu caminho.

Capítulo 7

O livro estava aberto e ignorado sobre a cama. Tinha tentado ler, mas não via as palavras, que dançavam e se apagavam como as chamas na lareira do dormitório.

Algo lhe tinha ocorrido.

E esse algo era Emilian.

Ariella, embelezada ainda com o vestido de seda e gaze cor nata do jantar, adornada com pérolas e diamantes e com o cabelo recolhido em um coque alto, estava de pé ante a janela aberta do dormitório, com o pulso pulsando com força. Tinha calor embora o ar da noite fosse frio.

O chofer ao que tinha contratado em segredo essa tarde a esperava além da grade de Rose Hill. Não tinha decidido ir com Emilian, mas tinha alugado o chofer no caso de decidir.

A decisão que tinha que tomar era muito importante. Ele a tinha ameaçado, havia-lhe dito francamente que não fosse. Sabia que se sentia tão atraído por ela como ela por ele. Mas aquilo não era só físico... havia uma carga quase magnética entre eles. E não podia ser unilateral. Na família Warenne, isso era o começo do amor. Mas Emilian não podia saber isso.

Como não ir com ele quando ela sentia assim, quando estava quase segura de que se amariam se é que não se amavam já, quando tinha começado a acreditar que aquele homem estava destinado para ela?

Olhou pela janela, ao lugar onde tinham estado à noite anterior. Fechou logo os olhos e quase sentiu as mãos dele em sua pele cálida.

Imaginou de pé ao lado de uma fogueira, olhando para o este, e esteve segura de que ele também pensava nela. Estava em Woodland, esperando-a, tão enfebrecido como ela.

Voltou-se e se sentou na cama. Estava se apaixonando por um desconhecido, um homem de outra cultura. Tinha que lutar por ele, por eles. Aquilo tinha que ser um começo, não um interlúdio seguido de um final. Tinha que assegurar-se de que, quando partissem os ciganos, ele ficasse.

Estremeceu. Atrever-se-ia a ir a ele? Mas por que não? Sua intenção era que fossem amigos além de amantes. Depois da tarde no povoado, começava a entender a vida dele. Os ciganos sofriam todos os dias de sua existência. Sua mãe também tinha sofrido assim. Parecia haver muitas similitudes trágicas entre a história dos ciganos e a dos judeus.

Ele era orgulhoso e forte, mas o que se ocultava atrás desse exterior de dureza? Ninguém podia não sentir-se afetado pelo ódio e os preconceitos.

«Mas não lhe darei amor quando lhe roubar a inocência. Não seremos amigos... nunca seremos amigos. Não lhe darei nada mais que paixão, prazer... e logo será a despedida».

Equivocava-se. Se atreviam a tornar-se amantes, uma noite juntos mudaria tudo. Não havia dito Alexi que as mulheres governavam os homens do leito? Se convertesse em sua amante, ele se abrandaria com ela. Seria o princípio que ela desejava. Talvez até se abrandasse de tudo, como seu pai com Amanda, como seu tio Ty com Lizzie. A partir dessa noite haveria muito amor e poderiam ter um futuro.

A decisão estava tomada. Aproximou-se do vestidor, tomou uma capa e a jogou pelos ombros. Se alguém a surpreendia rondando pela casa, diria que tinha ido procurar um doce à cozinha. Depois dessa noite, ele não queria abandonar o condado... não queria deixá-la.



Ariella golpeou com os nódulos a janela de cristal que havia entre o chofer e ela e o homem deteve a carruagem.

A lua estava cheia e brilhava chapeada em uma noite coalhada de estrelas. Woodland era uma sombra cinza escura situada ao final de um longo caminho, com outros edifícios menores pulverizados perto do caminho público. Diante viu os fogos brilhantes do acampamento cigano. Ouviu os violões e o violino. A música era ainda mais sensual do que recordava.

Respirou com força. Quando saísse da carruagem e se despedisse do chofer, já não haveria volta atrás. Mas não tinha intenção de voltar atrás agora. Iria para diante... com Emilian.

Abriu a porta do carro e baixou tremente. Apesar de sua decisão, nunca tinha estado tão nervosa e ansiosa. Havia muito em jogo.

—Obrigado — disse ao chofer.

Sorriu-lhe com picardia.

—Quer que espere senhorita?

Ariella não tinha dado seu nome. Supunha que, se esforçasse um pouco, ele podia saber quem era, mas confiava em que pensasse que era uma convidada em Rose Hill. Se adivinhasse sua identidade, sua reputação ficaria arruinada, pois só havia uma razão para que uma dama

saísse em segredo a essas horas da noite. Não lhe importava muito, mas seus pais sofreriam se inteiravam da aventura.

Mas já se preocuparia disso mais tarde. Agora negou com a cabeça.

Ele voltou a sorrir, levantou as rédeas e se afastou.

Ariella sentia o pulso muito rápido e tinha suor entre os seios. Seu corpo parecia zumbir por causa da tensão. Olhou adiante sem fôlego e pôs-se a andar. As estreitas sapatilhas de salto fino a faziam tropeçar, mas não importava. O que importava era esse novo começo.

Apertou o passo e ao final pôs-se a correr. À medida que se aproximava das carroças, intensificava-se a luz e permitia ver o chão com mais clareza.

Passou o primeiro carro. Quando se aproximava do círculo de luz das fogueiras, não lhe ocorreu esconder-se. Deteve-se com brutalidade, respirando com força, e viu meia dúzia de bailarinos. Emilian não estava entre eles.

A música era mais exótica, apagada e sensual que a noite anterior e o ritmo mais lento... como o de dois amantes que se tocassem e acariciassem lentamente em um prelúdio da tormenta do amor.

E então o viu. Olhava-a do outro lado do claro.

Seus olhos se encontraram.

Ariella se esqueceu de respirar.

Emilian pôs-se a andar para ela, deixando atrás o acampamento.

A música pareceu deter-se. Os passos dele eram largos e decididos, mas não apressados. O sorriso de sedução com o que ela tinha sonhado entreabria seus lábios, cheio de promessas sensuais.

Respirou fundo. Observou-o. Levava uma camisa vermelha de mangas amplas, calças negras estreitas e botas negras. A camisa vermelha tinha um laço aberto no pescoço e, quando ele se movia, separava-se da pele e mostrava parte do peito.

Deteve-se ante ela, que cheirou a uísque, a cítrico, a homem. Embora não se tocavam, sentia um calor que chegava dele em ondas. Emilian baixou as pestanas.

—Vejo que mordeu a ceva — murmurou.

Ela não estava segura de poder falar.

—Tinha medo de que... você tivesse ido... pela manhã.

Ele a olhou com intensidade.

—Pensou em minhas advertências? —levantou a mão e lhe acariciou a bochecha.

O prazer saltava nela em forma de faíscas de um nervo a outro, do rosto ao pescoço e aos seios. Seus mamilos endureceram. Não pôde responder.

Ele sabia. Baixou um dedo pela garganta dela.

—Queria que viesse — sussurrou.

Ela umedeceu os lábios e tragou saliva.

—Não posso deixar que vá — murmurou.

—Esta noite não irei a nenhuma parte sem você.

Ela não se referia a isso, mas não importava.

—Sabia que viria esta noite?

Ele acariciou-lhe a bochecha.

—Sim.

Ariella aproximou os lábios à mão dele e lhe beijou a palma.

—Formosa — sussurrou ele— Valente... e ousada.

Ela fechou os olhos; sentia a pele da mão dele salgada na língua e se acreditava na borda do desmaio, consumida pelo desejo acumulado. Custava-lhe pensar e falar.

—Nunca antes fui atrevida — o olhou e ele baixou a mão ao pescoço dela.

—Sei — seus dedos jogaram com o decote— Posso te ensinar a ser atrevida antes que termine a noite?

—Pode me ensinar tudo o que queira — murmurou ela.

Emilian sorriu e lhe brilharam os olhos. Tomou a mão e a levantou. Acariciou com a boca as gemas dos dedos.

—Um convite que jamais poderia recusar.

Passou os lábios com sensualidade pela palma da mão dela. Endireitou-se devagar e a puxou com gentileza. Rodeou-lhe as costas com o braço e sua palma se moveu pelos seios dela, em cima da roupa. Seus dedos roçaram a garganta dela, que inalou fundo. Tirou-lhe uma forquilha do cabelo e sorriu. A seguir tirou outra.

Estava-lhe soltando o cabelo e ela tremia.

Retirou mais forquilhas e as deixou a um lado.

—Há um limite ao que posso fazer em uma noite — murmurou, com um sorriso cheio de segredos que ela não compreendia— mas te ensinarei o que possa — soltou mais forquilhas— Espero que esteja preparada para um prazer interminável.

Deslizou as mãos nos cachos dela para soltá-los e Ariella sentiu aumentar a tensão de seu corpo. Notava os joelhos débeis... até que ele a sustentou.

—Então uma noite não será suficiente — sussurrou ela.

As mãos dele baixaram à parte inferior de suas costas. Não a abraçou, mas dava igual. O calor procedente dele era muito intenso.

—Possivelmente tenha razão — murmurou— Pode ser que uma noite não seja bastante para nós, princesa.

—Vai beijar-me? —perguntou ela, com o pulso a ponto de explodir.

Ele pôs-se a rir.

—O primeiro que tem que aprender é a ter paciência — ficou sério— Acredito que possivelmente poderia agradar-lhe agora mesmo. Descobrimo-lo?

Ela não soube o que responder.

Emilian a agarrou pela cintura atraiu-a para si e aproximou a boca a seu pescoço, Ariella fechou os olhos e tremeu com violência.

Ele baixou as mãos às nádegas, içou-a para ele e ela sentiu sua dureza e se assustou.

A língua dele lhe acariciava a garganta enquanto cravava os dedos na cintura e esfregava sua ereção na saia dela. Ao fim a beijou nos lábios.

Jogou os braços ao pescoço e o sentiu grunhir de satisfação. O prazer a cegou; abraçou-lhe a cintura com uma perna e ele afastou as saias entre eles e a empurrou. Suas costas encontrou algo duro... uma carroça. E ele apertou sua virilha contra a dela, abriu com os dedos a ranhura de seus calções e puxou-os, rompendo facilmente o tecido.

Ela chorou de prazer quando a acariciou. Os espasmos se fizeram mais lentos. Seu coração galopante freou um tanto. Sentia-se quase imaterial. Ele a deslizou por seu corpo abaixo, com a pele dela inflamada e ardente, até que seus pés tocaram o chão. E a sustentou assim um momento.

Começou a recuperar a prudência e sentiu o corpo quente e duro dele palpitar sem descanso contra ela, que também o desejava ainda.

—Oh! —sussurrou.

Ele tomou em braços.

—Isso é só o princípio — disse com voz espessa, mas como a advertindo.

Afastou-se do acampamento em direção a casa. Seus passos agora eram largos e rápidos. Ariella se aferrou a ele.

—Já é muito tarde para mudar de ideia — comentou Emilian.

Tinha interpretado mal seu gesto.

—Não há mudança de ideia — disse ela— Aonde vamos?

Ele lhe lançou um olhar ardente.

—Vou fazer amor com você em uma cama.

Ariella o olhou alarmada.

—Não podemos entrar sem mais e ocupar uma estadia.

Ele lançou o sorriso mais prometededor que podia receber uma mulher.

—Por que não? O senhor de Woodland passa a noite fora.

Ela começava a sentir-se enjoada de novo, e ele devia conhecer o efeito que produzia, pois sorriu com satisfação e acelerou o passo. A jovem voltou o rosto para lhe beijar o peito e o sentiu esticar-se pela surpresa.

Sua pele estava salgada. Beijou um dos músculos e deixou os lábios ali um momento. Logo esfregou o rosto ali. Antes que acabasse a noite, queria esfregar com a face todos os centímetros da pele dele.

Emilian respirava agora com mais força. Subiu um lance de escadas até um terraço.

—Está segura de que não tem experiência?

Ariella lhe beijou o mamilo, que estava duro e ereto.

—Não quero falar — o saboreou com a língua.

Ele abriu uma porta com o ombro.

—Posso andar — murmurou ela em um sussurro para que não os descobrissem.

—Eu gosto que siga onde está — disse ele com firmeza, sem incomodar-se em baixar a voz.

Não parecia lhe importar que os surpreendessem. Ariella pensou que, além disso, conhecia bem a casa, mas não se atreveu a lhe perguntar como. Tinha medo de falar se por acaso os ouviam. Viu a forma em penumbra de uma estante e adivinhou que cruzavam a biblioteca.

Saíram a um corredor bem iluminado; ele girou à esquerda sem vacilar. Um momento depois abria uma porta com o joelho.

—Agora pode estar de pé, mas só um instante — murmurou.

Depositou-a no chão e ela se encontrou em um dormitório. Olhou a cama grande de colunas. Ele sorriu e fechou a porta com chave.

—Faço fogo? —perguntou.

A jovem negou com a cabeça.

—Não. Eu tenho calor.

Emilian retirou-lhe o sutiã de seda e ela pôs-se a tremer, olhando o peito dele, que subia e baixava dentro da camisa vermelha. À luz do único abajur, a pele dele tinha a cor do cobre. Baixou mais a vista. O vulto das calças negras era tão grande que o tecido apanhava a luz nesse ponto.

—Nunca vi um homem nu — sussurrou ela, que sabia que se pôs tinta— Mas vi estátuas.

O sorriso dele reapareceu.

—Esta noite não verá nem tocará uma estátua.

Os pulmões dela ficaram sem ar.

—Quero te tocar. Desejo-o muito.

O rosto dele se endureceu.

—Sei.

—Emilian, sem mais jogos.

—Mas isto não é um jogo — sussurrou ele. Procurou os botões na parte de trás do vestido— São preliminares, querida.

Beijou-a no pescoço enquanto desabotoava o vestido de um modo tão perito que ela soube que tinha feito o mesmo com dúzias de amantes. Odiava aquela ideia. Às demais também as chamava «*querida*» e «*princesa*»? Mas isso não importava agora, não com os dedos dele lhe roçando a coluna.

—Você não quer um menino inexperiente em sua cama — disse ele, como se lhe lesse o pensamento. O corpo do vestido caiu até a cintura.

Ele examinou seus seios, que sobressaíam por cima do espartilho de baleia, claramente visíveis através da fina regata de seda. Apoiou os dedos em seus ombros nus e a beijou na boca. Seus lábios eram firmes, instigando-a a responder, mas com um controle surpreendente. Ela se abriu imediatamente e o deixou entrar. Não havia outra eleição, ela não queria que houvesse. Desejava-o.

A língua dele deslizou em sua boca, devagar e profunda. Deslizou os dedos no cabelo e a moveu contra a parede. Ela gemeu de prazer e sentiu a ereção dele através das saias. Emilian iniciou um movimento rítmico nesse ponto.

Ela se sentia enjoada; queria algo mais que seus beijos.

A boca dele abandonou a sua.

—Quanta paixão, paya! —sussurrou.

Ariella levantou a vista e seu corpo se esticou. A voz dele era suave e sedutora, mas seus olhos tinham tal ferocidade que quase resultavam maníacos. Sentiu-se um momento confusa.

Estava-a seduzindo sem piedade?

Mas antes que pudesse considerar essa ideia desagradável, a boca dele voltou a beijar a sua com urgência.

—Não — murmurou. E de repente as saias dela caíram ao chão entre os dois— Já não haverá escape.

Beijou-lhe o pulso do pescoço e baixou os lábios por sua garganta.

O prazer era tão forte que ela se esqueceu de duvidar e passou as mãos pelos braços musculosos dele, que tinha tirado a camisa enquanto a beijava. Antes que pudesse explorar a carne firme de suas costas, lhe beijou os mamilos por turno e logo foi descendo por seu corpo até ficar de joelhos com os quadris dela cravados à parede.

Ariella ficou imóvel; dava-se conta de sua intenção e tinha o coração acelerado. E então ele aproximou mais o rosto e ela sentiu seu fôlego através do buraco dos calções rasgados como uma carícia sedosa que a fez estremecer de prazer. Aproximou a bochecha à carne palpitante dela e Ariella deixou de pensar e se aferrou a seus ombros com força.

Sentiu-o sorrir e então a roçou com a boca. Ela soltou um grito. Emilian apertou os lábios com firmeza na pele quente e úmida dela.

—Desfruta agora para mim — disse com rudeza.

Acariciou-a com a língua e ela gemeu desesperadamente e mal pôde resistir à deliciosa sensação. Nunca tinha imaginado algo assim. Ele voltou à carícia mais suave, rítmica e deliciosa e a repetiu muitas, muitas vezes, até que o prazer a cegou.

Pouco depois voltava para a realidade e à estadia enquanto ele, de pé, acariciava-a com a mão. Abraçou-a um momento e sussurrou em romaní palavras que ela não podia entender, mas que sabia que eram termos carinhosos e sensuais. E logo a beijou na boca e ela notou que seu corpo estremecia.

Tomou-a em braços e a levou a cama.

—É uma paya muito formosa, a princesa dos sonhos de um homem — sussurrou.

Ariella não sabia o que pensar. A expressão dele era dura e seu olhar frio.

—Emilian?

Ele se sentou a seu lado, sorridente. Beijou-a nos lábios.

—Não pense... isto é o que veio procurar.

Ariella vacilou. Tinha ido procurar um novo começo, um de amizade e paixão, de amor. Agora duvidava, mas ele lhe tirou a roupa interior, seguindo com a boca o caminho das mãos. Ela se abraçou a ele, incerta ainda. E ele se incorporou e puxou de sua bandagem.

Ariella se deu conta de que ela estava nua e ele seguia parcialmente vestido. Tirou a bandagem e a jogou a um lado, mas tinha os olhos fixos no corpo dela.

—Faça amor comigo — sussurrou Ariella.

Ele tirou as botas e as calças.

—Eu nunca me apresso na cama.

Ela não podia falar; só podia olhar seu corpo duro e perfeito.

—Não me importa.

O sorriso dele parecia divertido.

—Pode olhar tudo o que queira — comentou— Embora eu tenha outros planos.

Sua voz era tranquila e seus olhos voltavam a ser desumanos. Por um momento tinha a expressão de um homem que vai à batalha, não a de um amante que vai ao leito. Onde estava o sorriso sedutor coalhado de promessas sensuais? Por que não tremia com o mesmo desejo terrível que a consumia?

«Não lhe darei amor quando lhe roubar a inocência».

Ariella sentiu um momento de pânico.

As mãos dele a acariciaram e sua expressão mudou; fez-se quente e suave de uma vez. Deixou de sorrir.

—Não duvide de que te preciso — disse de repente.

Seu olhar agora era primitivo, faminto. Tocou-lhe a bochecha.

—Eu também te preciso — sussurrou, aliviada por sua confissão.

O olhar dele ganhou em intensidade.

—Estou tentando me controlar. Quero me equilibrar sobre você — sussurrou— Quando digo que é a princesa dos sonhos de um homem, falo a sério.

Ariella sentiu mais alívio ainda. Não a estava utilizando cruelmente.

—Pode mudar de ideia, mas tem que fazê-lo agora mesmo.

Surpreendeu-lhe. Demorou um momento em compreender que estava oferecendo uma saída. Sorriu, tocou-lhe a bochecha e baixou a mão por seu peito até o ventre. Roçou seu pênis com os dedos.

Emilian soltou um gemido e se colocou em cima dela apoiado nos braços. Sem deixar de olhá-la aos olhos, começou a acariciá-la com a ponta de sua ereção. Estava úmido,

escorregadio e muito quente. A fricção resultava estimulante e surpreendente. Ariella não sabia quanto tempo poderia resistir aquilo.

Ele a beijou, mas dessa vez com frenesi. Ariella o abraçou e apertou com força. Arqueou-se para ele e sussurrou seu nome. Ele levantou-lhe os quadris de modo que não pudesse o mover e murmurou algo em sua língua romaní.

Beijou-a de novo na boca. O calor entre eles era explosivo. Ela começou a soluçar pela urgência que sentia na virilha. Esticou-se instintivamente.

—Não — disse ele com voz rouca; levantou a cabeça— Me deixe entrar.

Ela o olhou. Pedia-lhe permissão. Assentiu consciente das lágrimas que desciam por suas bochechas. Não se negaria a ele.

Emilian emitiu um som duro e a penetrou com brutalidade.

Lançou um gemido. O prazer era tão intenso que ela mal sentiu a dor quando se aprofundou nela. Todo seu corpo se afez ao dele.

A pressão era incrível, impossível, e seguia escalando. Ariella se entregou a ele. Notava que ele se movia depressa agora e seus gemidos enchiam a estadia. Ouviu-o gritar e olhou um instante seu rosto. A paixão... em parte selvagem e em parte gentil... o triunfo... o desejo... Ele era muito formoso. Aquilo era muito formoso.

—Eu te amo — sussurrou-lhe, abraçando-o com força.

Ele a abraçou a sua vez e enterrou seu rosto na bochecha dela. Se a ouviu, não deu amostras disso. Ariella lhe acariciou o cabelo comprido castanho, flutuando de felicidade.

Ele se colocou a seu lado.

Ela se voltou para olhar e desfrutar de seu formoso sorriso, mas encontrou só seu perfil, que olhava o teto. Ele não parecia nada feliz.

Voltou-se para ela.

—Tenho-te feito mal? —perguntou com dureza.

Como era possível que não estivesse maravilhado?

—Não, foi fantástico — sorriu ela. Estendeu uma mão para lhe acariciar a bochecha e ele baixou as pestanas e ocultou os olhos.

—Emilian, estou bem. Sou muito feliz — sussurrou ela.

Ariella teria gostado de saber o que pensava ele. Ao princípio pensou que não ia responder, mas logo tomou a mão e a levou aos lábios. Levantou as pálpebras e lhe sorriu.

Ela se dispunha a perguntar o que lhe acontecia quando tomou uma mão, colocou-a sobre seu peito e foi baixando dali. Ao fim a olhou.

Ariella abriu muito os olhos. A mensagem estava clara.

—Não terminamos?

Ele sorriu.

—Acabamos de começar. Ou te esgotei já? —brilhavam-lhe os olhos.

Ela se atreveu a baixar a mão por seu ventre e notou que o corpo dele se esticava e que sua virilidade procurava-a. Esqueceu sua preocupação e suas perguntas. Esqueceu seu medo.

—Algumas inglesas também são apaixonadas como as ciganas — comentou.

Emilian se colocou de costas e ficou muito quieto.

—Então isto é uma prova — disse com suavidade— Uma prova de sua paixão... e a minha.

Capítulo 8

Ariella despertou com a sensação de que estava drogada e com o corpo preguiçoso e dolorido. Abriu os olhos alarmada.

Estava nua nos braços de Emilian em um quarto de convidados de Woodland e recordou imediatamente que tinham feito amor devagar e repetidamente.

Nunca tinha sido tão feliz. Notou a luz cinza pálida que se filtrava no dormitório e uma sensação de alarme abriu passo entre sua felicidade, mas antes que pudesse sentar-se, ele a abraçou com mais força. Voltou-se e viu que estava acordado e a olhava com atenção.

Sorriu, mas não lhe devolveu o sorriso, mas sim lhe olhou a face, o cabelo e os seios.

—Tenho que ir — sussurrou ela, que compreendeu que ele estava preparado para amá-la outra vez.

Ao fim ele sorriu.

—De verdade? — atraiu-a para si e se colocou sobre ela.

—Emilian... — Logo sairia o sol e ela tinha que estar em Rose Hill e em sua própria cama. Os serventes não demorariam a começar suas tarefas diárias e tanto seus pais como Alexi eram madrugadores. —Tenho que ir para casa.

Emilian separou-lhe os joelhos enquanto lhe mordiscava o pescoço.

—Como pode me deixar assim? — murmurou com tom sedutor.

Penetrou-a antes de terminar de falar.

O corpo dela respondeu imediatamente com paixão. Sentiu-o sorrir contra seu pescoço. Tinha que ir... mas as ondas cálidas de sensação a retinham. Jogou os braços ao pescoço.

—Faça amor comigo — sussurrou com ferocidade.

Ele a beijou na boca.

A luz brilhante do sol a despertou.

Estava muito cansada, assim gemeu e tampou os olhos com a mão. O braço doía. Deu-se conta de que doíam mais partes do corpo e abriu os olhos. O outro lado do leito estava vazio.

A luz do sol que entrava na estadia indicava que era o meio da manhã pelo menos. Incorporou-se assustada. Por que Emilian não a tinha despertado?

Recordou a noite anterior. Não era de se estranhar que estivesse dolorida. Emilian era um amante soberbo e insaciável, mas ela também se mostrou bastante insaciável. Ruborizou-se.

Permaneceu sentada com o coração pulsando com força e o corpo tremendo, pensando em tudo o que tinham feito. Agora eram amantes. Esse era o começo do resto de suas vidas, não? Queria sorrir. O coração ameaçava sair do peito, tão apaixonada estava.

Onde estava ele? Por que a tinha deixado dormir tanto?

Viu sua roupa interior no chão. O vestido estava também ali, completamente enrugado. Como ia se atrever a ir a sua casa com ele? E se a via alguém?

Elevou a vista. Em cima da cômoda situada na parede adjacente havia um grande espelho barroco e viu uma estranha nele.

Não era possível que aquela fosse ela. Estava nua na cama enrugada. Tinha o corpo acalorado, o cabelo revoltado caía pelos ombros e os seios; seus olhos azuis eram muito brilhantes; sua boca, torcida e vermelha.

Parecia uma mulher que passou a noite nos braços de seu amante.

Rançou uma poltrona.

Ariella olhou nessa direção e abriu muito os olhos. Emilian estava sentado em uma poltrona grande de veludo verde e a olhava em silêncio.

Ela sorriu, mas ele manteve uma expressão distante, dura e vigilante.

Deu-lhe um tombo no coração. Tomou instintivamente o lençol e se tampou com ele até mais acima do peito.

—Bom dia.

—Bom dia — ele se levantou da poltrona. Sua expressão seguia sendo impenetrável. Estava completamente vestido, mas não com a roupa da noite anterior. Levava uma camisa branca, calças e botas de montar.

—O que faz? —perguntou a jovem, doída. Por que não lhe sorria?

—Estava te observando.

—A mim? Por que me deixou dormir? Tenho que ir para casa. Que horas são?

Ele cruzou os braços e se aproximou dos pés da cama.

—São dez e meia.

Ela soltou um grito, mas não se moveu.

—Tenho que ir para casa. Vão me descobrir! Emilian fez algo para te enfurecer?

—Como vai fazer algo para me enfurecer? Passamos uma noite excelente.

Ariella começava a sentir dor no peito. Até o momento, o tom de voz dele resultava tão inexpressivo como seu rosto.

—Passamos uma noite excelente? —repetiu.

—Aprende depressa — ele se encolheu de ombros— Sabia que seria uma amante extraordinária.

Não falava como um homem apaixonado... nem como um homem ao que lhe importasse ela. Mas não podia considerá-la como um objeto que tinha usado. Não podia compará-la com as outras!

—A noite foi maravilhosa — disse com nervosismo, cada vez mais assustada— Foi maravilhosa, não é assim?

—Ordenei que uma das carruagens de Woodland te leve a Rose Hill. Está esperando diante.

Ela abriu muito os olhos.

—Sabe que não posso ir para casa com essa roupa e com o cabelo assim! O que ocorre? Por que não sorri? Por que fala como se estivesse me despedindo?

—É muito tarde. Deve ir senhorita Warrene.

Ela deu um pulo.

—Sou Ariella. Vivemos uma noite maravilhosa e é um começo maravilhoso — gritou, e ela mesma ouviu o desespero em sua voz.

O rosto dele se endureceu. Pela primeira vez viu fúria em seus olhos.

—A que começo se refere?

Ela não sabia o que pensar.

—Eu acreditava... que depois desta noite... — não pôde continuar.

—Se estiver sugerindo que prossigamos a aventura... — ele se encolheu de ombros— isso se pode arrumar.

—Não me referia a isso! Você sabe ao que me refiro. Não vim a sua cama por uma aventura. Vim... — se deteve. Sentia-se ferida no coração. Ele não podia ser tão cruel.

—Disse-lhe o que ocorreria se viesse para mim ontem à noite.

—Você não me seduziu sem paixão. Fizemos amor.

—Seduzi-lhe friamente. O que tivemos foi sexo.

Ela saltou da cama, esquecendo o lençol.

—Por que faz isto?

Ele cruzou os braços e um olhar cruel apareceu em seus olhos.

—E o que faço exatamente, senhorita Warenne? Você se jogou em meus braços. Eu aceitei sua oferta de sexo. Durante a noite se mostrou satisfeita... oito vezes, acredito. Eu também desfrutei. E agora ande depressa em se vestir; se não, não chegará em casa sem que a surpreenda sua família. Já devem estar preocupados — sorriu por fim.

Ela tremia de raiva e dor.

—Fizemos amor.

—E você como sabe? — Ariella guardou silêncio. Ele se voltou de costas e pôs-se a andar para a porta, sem dar amostras de ter pressa. — Verei se posso encontrar-lhe uma donzela.

Ariella cobriu a boca com as mãos, mas não pôde reprimir um soluço de angústia.

—Quer me desonrar?

Ele se voltou.

—Eu não lhe prometi nada — seus olhos brilhavam de raiva— Fui muito sincero com você. Se tinha expectativas absurdas, sinto muito. Disse-lhe que fugisse de mim.

—Mas eu pensei... pensei que sentia o mesmo por mim que eu por você — suplicou ela. Deu-se conta de que estava chorando.

O rosto dele se endureceu.

—Equivoca-se. Eu queria uma noite de prazer e nada mais. E nunca disse outra coisa — saiu da estadia.

Tinha cometido um engano terrível. As advertências de Emilian tinham sido a sério. Teria que lhe haver acreditado. Não sentia nada por ela. Tinha-a utilizado fria e sem piedade.

Sentiu que dobravam as pernas e não lhe importou. Deixou-se cair ao chão, derrubando no processo uma mesa que caiu com força sobre seu ombro. Deu a bem-vinda à dor. Emilian tinha que ter ouvido o ruído, mas não voltou.

Ela se deitou formando uma bola.



Emilian fechou com cuidado a porta da biblioteca e se apoiou nela. O coração pulsava com força e custava respirar.

Nunca esqueceria a expressão de Ariella.

Tinha procurado o engano, a melhor vingança de um cigano por todos os males do mundo. Quando menino tinha roubado uma vaca, tinha-lhe pintado o rosto e a tinha vendido de novo a seu dono. Stevan o tinha gabado e Raiza tinha estado orgulhosa. Ele tinha desfrutado do engano porque o dono da granja se negou a permitir-lhes passar uma noite em suas terras. O granjeiro merecia o engano.

Tinha querido fazer o mesmo com Ariella Warenne e vingar-se nela por Raiza e inclusive por Jaelle. Sabia que seria fácil possuí-la para logo devolver-lhe aos payos maculada e usada. Algum imbecil se casaria com ela sem saber que tinha sido utilizada por um amante cigano.

Mas ela não merecia essa vingança e ele sabia muito bem.

A noite anterior havia dito que o amava e ele tinha fingido não ouvi-lo.

Não queria seu amor. Por que não podia ser uma mulher distinta, uma mulher que só quisesse sexo? Por que tinha que ter esses grandes olhos azuis capazes de olhar a alma vazia de um homem e encontrar algo brilhante e luminoso? Sabia que estava confundida, que equivocava desejo por amor. Ele não acreditava no amor a primeira vista.

Por que tinha que ser virgem? Por que tinha que lhe dizer que o amava?

Aproximou-se da estante mais próxima e puxou com todas suas forças, empregando nisso toda sua raiva. A madeira caiu ao chão com estrépito, estilhaçou-se e voaram livros por toda parte. Seguiu um silêncio terrível.

Só tinha querido possuí-la e devolvê-la aos payos. Se ela fosse uma mulher diferente, com experiência, o engano teria sido fácil e ela não teria sofrido muito. Tal e como era, tinha-a destruído.

Dava-se conta muito tarde de que não tinha tido em conta as consequências de seus atos. Sabia muito tarde que não queria abusar e ferir uma mulher assim.

Custava-lhe respirar. Era como se sofresse com ela. E então ouviu o piano.

Ficou rígido. Nunca tinha ouvido uma música tão formosa e sentida. Ele tocava frequentemente de ouvido, segundo seu estado de ânimo. Não sabia quem tocava agora uma melodia tão profundamente triste e cheia de desejo.

Reconheceu a profundidade da dor que ouvia e permaneceu um momento paralisado.

E então a melodia mudou. Voltou-se ligeira, corajosa, cheia de esperança e alegria.

Abriu a porta e correu à sala de música. Deteve-se. As duas portas estavam abertas e Jaelle, sentada ao piano movia rapidamente os dedos pelas teclas. Sorria mas as lágrimas caíam por seu rosto.

Emilian fechou os olhos. Ela tinha encontrado alegria nesse momento, mas a sua era uma vida de dor.

Todos os ciganos viviam assim.

Fazia bem em usar à senhorita Warrene.



—Meu Deus! O que ocorreu? —gritou Margery.

—Fecha a porta — sussurrou Ariella, sentada no batente da janela envolta em um lençol.

Agora estava atordoada; supunha que se encontrava traumatizada. Tinha conseguido enviar recado a Margery, mas depois não fez outra coisa que olhar o vazio.

Margery fechou a porta. Levava um pacote nos braços. Olhou surpreendida a cama revolta e a roupa de Ariella pulverizada pelo chão. Seus olhos voltaram para o rosto de Ariella.

—Quem te fez isto?

Ariella olhou a sua prima.

—Estou bem.

Era mentira. Nunca voltaria a estar bem.

Recordou Emilian como o tinha visto a última vez... frio, impassível e desumano.

Sentiu uma punhalada de dor.

Dava-se conta muito tarde de que tinha sido uma parva romântica.

Margery deixou o pacote na cama e correu a abraçá-la. A Ariella não ficava lágrimas, mas a dor seguia ali, abrasando o peito. Talvez um dia pudesse odiá-lo, se não fosse porque lhe havia dito exatamente o que aconteceria se se deitava com ele.

—Querida — Margery olhou a cama— Quem fez isto?

Ariella não podia responder. Por horrível que fosse Emilian, custava dar seu nome incluso a Margery, a que podia confiar um segredo tão terrível.

Sua prima lutava claramente por conservar a calma.

—Por que não me conta o que aconteceu e quem te fez isto?

Ariella suspirou.

—Vim aqui por uma aventura. Pensava que estava apaixonada e que ele também me amava. Equivoquei-me.

Margery deu um pulo.

—Quando se apaixonou por St Xavier? Melhor dizendo, o conhece?

Ariella sentia aumentar a dor. Seu amor tinha sido unilateral. Agora já não poderia amá-lo. Resultava-lhe difícil analisar seus sentimentos, pois estava consumida pela dor.

—É quase meio-dia. Ajudará a chegar em casa sem que me descubram?

—Sem que a descubram? Ariella, seu pai se encarregará de que St Xavier se case contigo.

—Eu não quero me casar com ele. Não foi St Xavier — gritou Ariella, a ponto de perder a compostura— Foi um cigano.

Margery gritou.

—O cigano?

Ariella se aproximou do pacote segurando bem o lençol sobre seu corpo. Sentia-se destrocada física e emocionalmente.

—Sim, foi Emilian.

Margery a seguiu. Tomou o pacote e o abriu. Deixou o conteúdo sobre um sofá pequeno.

—Não sei como pode se acreditar apaixonada por um homem ao que conheceu faz dois dias — comentou.

Ariella secou os olhos.

—Todos em nossa família se apaixonam repentinamente antes ou depois. É óbvio que eu não sou uma exceção.

—Está apaixonada por Emilian — disse Margery com lentidão, mais pálida que antes.

—Acreditava está-lo — corrigiu Ariella.

Sua prima a abraçou.

—Não sei o que dizer. Foste muito longe, mas seu pai pode obrigá-lo a ir ao altar.

—Nunca me senti tão atraída por ninguém. Assim que o vi, senti-me conquistada — respirou fundo— Suponho que ele tinha razão. Disse-me que era desejo e não amor. Advertiu-me que não me aproximasse dele. Eu não fiz conta. Disse-me que, se fazíamos amor, partiria ao dia seguinte — estava tremendo. Por que não tinha escutado?— Ao que parece, não era amor depois de tudo. Era desejo.

Margery a olhava com olhos muito abertos. Seguiu uma pausa dolorosa.

—Advertiu-lhe que se afastasse e você veio em sua busca de todos os modos? — perguntou com incredulidade.

—Cometi um terrível engano — Ariella mordeu o lábio inferior— Ele irá logo. E eu pensava que, se vinha a Woodland, uma aventura seria o começo para nós.

Margery esfregou o rosto.

—É um vilão, mas ao menos te contou suas intenções, por desonrosas que fossem. Parecia desejar que se afastasse dele. Outra mulher lhe teria feito conta.

Ariella fechou os olhos brevemente. Ela sabia melhor que ninguém.

—Bem, todos os dias se cometem enganos e não é o fim do mundo. Vamos vestir-lhe e levá-la para casa e pensaremos juntas na situação. Salvaremos sua reputação. — acrescentou sua prima com firmeza.

Ariella não estava segura de que lhe importasse sua reputação, mas a seus pais importaria muito.

—Obrigado — sussurrou.

Margery a ajudou a colocar uma regata, anáguas e um vestido azul.

—Você se casaria com ele?

Ariella a olhou. Tinha a mente em branco.

—O que disse antes é sério. Se for a seu pai, obrigará Emilian a ir ao altar e você sabe.

Ariella não compreendia o torvelinho que havia em seu coração. Cobriu o peito com a mão.

—Estou confusa. Faz uma hora despertei cheia de alegria e loucamente apaixonada.

Margery empalideceu ainda mais.

—E ele estava tão frio, tão tranquilo... tão cruel!

Margery correu a abraçá-la de novo.

Ariella a afastou.

—Não, sou uma parva. Acreditava que tinha encontrado o que têm todos os outros na família... amor verdadeiro que duraria para sempre. Mas, em vez disso, vivi uma aventura sórdida. Estou tão ferida que não posso pensar.

—Eu estou muito cansada desse mito familiar — declarou Margery com calor— Sabe quando se vão os ciganos de Derbyshire?

Ariella compreendeu que sua prima pensava em forçar um matrimônio por seu bem, mas isso seria impossível se os ciganos desapareciam e não podiam encontrá-los.

—Não sei quando irão. Não acredito que ninguém possa obrigar Emilian a fazer algo, nem sequer meu pai — de repente lhe dobraram os joelhos. Todo seu plano tinha falhado e ele partia de todos os modos— Ontem à noite fiz amor com ele. Disse que o amava. Mas ele não me fez amor. Não posso me casar com um homem que não me ama — queria que Margery a entendesse— Você poderia?

—Não — repôs sua prima, sombria— Não poderia.

—De todos os modos nunca quis me casar.

—Você merece amor verdadeiro, Ariella... e o encontrará, porque é a mulher mais extraordinária desta família — declarou sua prima— É inteligente e boa. Nunca foi má com ninguém. Esse homem sofrerá pelo que tem feito. Você merece um cavalheiro Ariella não um descarado.

Ariella moveu a cabeça.

—Provavelmente sofre todos os dias de sua vida.

Margery a olhou surpreendida.

—Ontem estive no povoado. É odiado e desprezado. Há lojas e estalagens onde lhe nega a entrada. Deveria ter visto o prefeito e seus amigos em Rose Hill antes que chegasse. Estavam frenéticos por jogar os ciganos.

—Por favor, não se permita sentir compaixão por ele agora.

—Se está me dizendo que o odeie, não posso. Outros já o odeiam por mim — nesse momento compreendeu que acabava de dizer a verdade.

—Ariella — disse sua prima— sua compaixão é perigosa. E se aproveita dela?

—Não tema. Não voltarei a vê-lo. Aprendi a lição. É muito dolorosa para não aprendê-la — se afastaria dele. Sua compaixão não era perigosa; o perigoso era ele.

Margery começou a abotoar o vestido.

—Necessitamos um plano. Não me ocorre como vamos voltar para Rose Hill. Seu desaparecimento não passou despercebido. Quando eu saía, Amanda dizia que seguro que tinha saído com um livro e estava lendo em alguma parte.

Como ela desaparecia frequentemente durante horas com um livro, aquilo não resultava tão desatinado.

—Tenho um plano, mas não é muito bom — tomou uma escova do cabelo— Vou dizer parte da verdade e logo vou mentir.

Margery a olhou aos olhos.

—E quando você mentiu a sua família?

—Não tenho escolha — respondeu Ariella com firmeza— Se não mentir, meu pai o matará.



Emilian deteve o alazão cinza diante da estalagem O Veado Branco. O odioso pôster seguia em seu lugar. Desceu do cavalo com raiva e recordou sua irmã sentada ao piano chorando. Atou o cavalo ao poste e entrou no estabelecimento.

A sala do botequim estava escura e cheia de fumaça. Havia uma dúzia de homens sentados em várias mesas e na barra. Voltaram-se para olhá-lo e cessaram as conversas. Ele olhou a barra, onde o hospedeiro, Jack Tollman, servia ali.

Jack lhe sorriu.

—Bem-vindo senhor. Faz uma tarde formosa para uma jarra de ale, verdade, moços?

Os dois homens sentados na barra assentiram com sorrisos obsequiosos.

Emilian sabia que, quando lhes desse as costas, murmurariam sobre ele. Avançou devagar, com os olhos fixos em Jack.

—Onde está à garota que lê a sorte, Tollman? —perguntou com frieza.

O sorriso se apagou do rosto do hospedeiro.

—Não a vi senhor. Ontem esteve aqui. Mas extorquiu aos clientes e tive que jogá-la fora.

Emilian se inclinou sobre a barra, perigosamente perto de Jack, ao que o fôlego cheirava a álcool.

—Ela não extorquiu a ninguém — disse com suavidade.

—Desculpe — disse Jack, obviamente nervoso— Sim, acredito que nos equivocamos com a garota cigana.

—A garota cigana é minha irmã.

Tollman empalideceu.

Emilian o agarrou pelo pescoço e apertou os dedos. Imaginou Jaelle fugindo desses homens e aumentou a pressão com prazer.

—Bs... Iha! —suplicou Tollman.

—Você a tocou, fez-lhe mal! —rugiu Emilian. Queria matar aquele homem pelo que tinha feito.

Umas mãos o agarraram por trás. Não fez caso e arrastou Tollman em cima da barra enquanto os clientes tentavam afastá-lo com frenesi. O pânico aumentava os olhos do hospedeiro e Emilian ouvia que gritavam que parasse. Umas mãos puxavam pelos ombros, os braços e os pulsos, mas ele recusava a soltar Tollman, consciente de que todos os homens da estadia tentavam agora afastá-lo. Que o tentassem! Tollman pagaria pelo que tinha tentado fazer a Jaelle e ele o veria morrer lentamente.

Estava a ponto de cometer um assassinato.

Essa frase se instalou em sua mente. Uma parte distante dele ficou horrorizada.

Mas a sua mente acudiu a imagem de Raiza jazendo sem vida em uma rua pavimentada de Edimburgo, assassinada pelos payos.

«*Te amo Emilian*».

Ouviu a declaração apaixonada de Ariella, mas a viu tal e como a tinha deixado... doída e pálida, com os olhos cheios de lágrimas de dor.

«*Não o faça, Emilian*».

Era quase como se ela estivesse ao seu lado, tão claramente a ouvia.

Vacilou e afrouxou as mãos. De repente se viu afastado de Tollman e um murro lhe golpeou a mandíbula. Cambaleou, mas se recuperou em seguida. Viu que Tollman caía ao piso tossindo.

—Tentou matar Jack!

—Porco cigano assassino!

Agora foi consciente de que a turfa estava disposta a ir a por ele. Desafiou-os em silêncio a dizer uma palavra mais sobre ele. Ninguém falou. Todos o olhavam com hostilidade, dispostos a atacá-lo.

—Que ninguém volte a tocá-la ou terão que responder ante mim — levou um dedo ao lábio ensanguentado e, quando saía, ouviu-os murmurar sobre ciganos e ladrões. Sentiu que se moviam atrás dele como lobos, que o seguiam com intenção predadora.

Sabia que, se caso se colocasse a correr, precipitaria a caça. Sabia que queriam destroçá-lo. Saiu à luz do dia e quase tropeçou com um cavalheiro que se dispunha a entrar. Os clientes o seguiram à soleira.

—O que ocorre aqui? —perguntou o cavalheiro moreno.

Emilian se deteve ao lado do poste respirando com força, atônito por suas próprias ações. Nunca havia sentido uma violência assassina desse tipo.

—Tentou assassinar Jack, capitão Warenne — gritou alguém.

Emilian olhou o cavalheiro. Reconheceu seus olhos azuis e supôs que era irmão de Ariella.

—Isto terminou — disse o capitão— Voltem para dentro — ordenou às pessoas.

Eles obedeceram grunhindo, exceto Jack Tollman, que apareceu na soleira.

—Eu luto minhas próprias batalhas — disse Emilian ao cavalheiro.

Warenne o olhou como se fosse idiota.

—Ah, sim? Pois estavam a ponto de atacá-lo e, tendo em conta as probabilidades, acredito que poderia ter acabado morto — disse com frieza— Sou Alexi Warenne.

Emilian não tinha intenção de apresentar-se. Não necessitava ajuda de Alexi de Warenne, nem de ninguém.

—Atacou-me — Tollman escoiceou com fúria— Quero que o encerrem. Quero que o acusem de assassinato.

Emilian voltou a sentir o impulso louco da violência. Adiantou um passo e sorriu.

—Bem, me acuse e eu te acusarei de tentativa de estupro de minha irmã.

Tollman empalideceu.

Alexi Warenne olhou a um e outro.

—Eu não sabia que era sua irmã — repôs Tollman— E não houve tentativa de nada. Ela leu a mão de alguns paroquianos. Nada mais.

Emilian respirava com força. Limpou mais sangue da boca.

—Ela fugia de vocês, que queriam forçá-la. Isso é uma tentativa de estupro.

—Isso não é certo — respondeu Tollman— Diga-lhe o que aconteceu, capitão.

Emilian o olhou com fixidez.

—Eu estava presente — disse Alexi— Vi a perseguição e a parei antes que fizessem um dano sério a sua irmã.

—Você parou isso? —Emilian estava atônito.

—Sim — os olhos de Alexi se obscureceram com fúria— Eu jamais permitiria que abusassem de uma mulher. Queria que Jaelle fosse a Rose Hill com minha irmã, mas ela saiu correndo antes que Ariella pudesse lhe curar as feridas.

Emilian o olhava com incredulidade.

—Ajudaram a minha irmã?

—Mas claro que sim. Ajudaria a qualquer mulher em sua situação.

Emilian se voltou horrorizado. Alexi de Warenne tinha salvado Jaelle da desonra e ele em troca, tinha desonrado à irmã de Alexi.

Sentia náuseas e estava enjoado. Agarrou-se ao poste e pensou que ia vomitar. Odiava a si mesmo.

Alexi se voltou.

—Ninguém vai acusar a ninguém — disse a Tollman— Deixem em paz aos ciganos e deixem em paz suas mulheres. Não precisamos esse tipo de ódio e violência em Derbyshire. Partirão logo, asseguro-lhes isso.

Passaram as náuseas, mas não a tensão nova e terrível. Emilian voltou às costas ao capitão e se aproximou de seu cavalo. Seu comportamento ia além da desonra. Deveria ter escolhido outra pessoa para o engano e a vingança.

Sentiu que Warenne caminhava atrás dele. Lutou por controlar-se e se voltou.

—Posso lutar minhas próprias batalhas, mas o agradeço que ajudasse minha irmã.

Alexi se encolheu de ombros.

—É o que faz um cavalheiro. Necessita um conselho. Não o culpo por sua fúria, eu faria o mesmo por minha irmã, mas eu não sou cigano. Enfrentar a ele em sua estalagem foi uma tolice. O que pensava que ia ganhar com isso? Se o tivesse assassinado, eles o pendurariam.

Emilian o olhou e viu Ariella. Seu irmão o mataria se inteirasse do que tinha ocorrido entre eles, e teria todo o direito.

—Tentarei recordar seu conselho no futuro.

—Só pretendo ajudar.

—Não necessito sua ajuda.

Alexi de Warenne o olhou um momento.

—Têm que ir com sua gente — disse com firmeza— Quanto antes, melhor. O povo está zangado e receoso. Estão cheios de ódio e medo. Isto não acabará até que vão.

—E você não está cheio de ódio? —Emilian o olhou fixamente.

Alexi esgotou os olhos.

—Não, eu não estou cheio de ódio.

Emilian pensou que se parecia com sua irmã. Tomou as rédeas e montou, já sem fazer caso do outro. Mas não podia ignorar seus remorsos.

Capítulo 9

—Passou a noite no acampamento dos ciganos? —perguntou Cliff de Warrenne com incredulidade.

Ariella estava ante seu pai, com Margery ao lado e o pulso pulsando com uma força alarmante. Nunca havia se sentido tão mal. Seu pai a adorava; a seus olhos não podia fazer nada mal. Era muito consciente de que ficaria destruído se soubesse o que tinha feito. Pior, mataria Emilian.

—Convidou-me uma das mulheres — tentou sorrir.

Ele se sentia tão incrédulo que não podia falar. Amanda, ao seu lado, igualmente surpreendida, olhava preocupada a seu marido.

—Foi muito longe! —exclamou Cliff— Como chegou ali? Espera, você sabia que eu não o permitiria, e escapou desta casa? Os ciganos não gostam dos estranhos, mas uma das mulheres te convidou?

Receava e Ariella estava muito tensa. Sua relação sempre tinha sido de confiança absoluta; nunca tinha feito nada para violar essa confiança.

—Sim — umedeceu os lábios— Ontem Alexi e eu ajudamos Jaelle no povo. Perseguiam-na vários homens. E eu tinha falado antes com ela, quando levamos doces aos meninos. Estamos nos fazendo amigas. — Seu pai a observou atentamente. — Você sabe que tenho amigos excêntricos na cidade — continuou ela sem fôlego.

Seu pai dedicou um sorriso tão perigoso que ela se assustou.

—O que ocorreu Ariella?

Amanda lhe tocou o braço em sinal de advertência. Ele não fez conta.

—Foi uma noite de festa — a jovem sentiu calor nas bochechas— Tocaram violões e violinos, os homens e as mulheres dançaram; alguns cantavam.

Ele começou a mover a cabeça.

—Uma noite de festa — repetiu.

Ariella nunca o tinha visto tão zangado com ela.

—Pai, era investigação de campo. Interessa-me muito a cultura cigana. Quando voltarei a ter uma oportunidade assim?

O rosto dele se endureceu.

—Abordaram-lhe?

—Me abordar?

—Onde estava seu chefe ontem à noite, Ariella? O vaida Emilian — perguntou com suavidade.

Ela pôs-se a tremer. Não podia lhe mentir... mas tampouco podia dizer a verdade.

— Estava ali, mas falamos muito pouco.

Ele a olhou fixamente e ela confiou em não haver-se ruborizado.

—Seriamente? —perguntou ele com ceticismo.

—Falamos muito pouco — repetiu ela— A verdade é que eu teria gostado que pudéssemos ter uma conversa séria, porque é um homem muito pouco comum e estou segura de que tem muitas histórias interessantes que contar. Depois de tudo, provavelmente viajou tanto como você. Mas não o interessava me conhecer mais. Deixou o acampamento pouco depois de que eu chegasse.

—Se está pensando se fazer amiga dele, digo que é má ideia. Não deve se aproximar dele. E não pode simplesmente sair de casa em plena noite para ir investigar sua última paixão — disse ele com severidade.

Ariella mordeu a língua. Tinha tido muitos debates com seu pai, e com outros membros da família, e gostava das trocas de opiniões animadas. Mas esse não era o momento para assinalar que em Londres assistia a reuniões de radicais que se prolongavam além da meia-noite sem informar de seus atos a ninguém além do chofer.

Cliff parecia agora mais tranquilo, mas seus olhos azuis eram penetrantes.

—Inteirei-me do que aconteceu no povoado. Sinto pela mulher e me alegro de que seu irmão e você estivessem ali para ajudá-la. E não me surpreende que sinta tanta empatia com os ciganos, especialmente depois do ataque a Jaelle. O povo de sua mãe sofreu a mesma perseguição e o mesmo ódio. Mas você leva muito longe seu interesse e compaixão. Podiam ter te atacado no caminho ou no acampamento. É uma mulher solteira, jovem e inexperiente. Dá-me igual o mundo que tenha visto. Eu tenho me proposto te resguardar como a uma gema estranha. É minha filha e, até que esteja casada, é meu dever te proteger de todos os modos possíveis. Não pode sair desta casa a horas inaceitáveis sem minha permissão... e sem escolta.

A jovem não tinha intenção de discutir, e menos quando parecia que podia sair ilesa daquela confrontação.

—Pai — sorriu e lhe tocou a manga— Equivoquei-me e serei a primeira em admiti-lo — conseguiu sorrir outra vez, embora fosse muito consciente de que seu coração seguia sendo uma ferida aberta no peito— O sinto muito.

—Não quero mais investigações noturnas, Ariella — ele olhou sua esposa e a beijou brevemente— Vemo-nos logo — disse, e saiu.

Ariella olhou Margery, que parecia incrédula. A jovem sabia que tinha escapado pelos cabelos.

Amanda a segurou pelo braço.

—Deve ter sido uma noite muito especial.

Os olhos verdes de sua madrasta a olhavam interrogantes.

—Foi muito educativa.

—Parece esgotada.

Ariella não soube o que responder.

—E parece triste — sorriu Amanda com gentileza— Se te ocorrer algo, sabe que pode ir a mim.

Ariella assentiu, mas não a sério. Amava sua madrasta; não tinha conhecido sua mãe e tinha seis anos quando seu pai se casou com Amanda. Ela era sua mãe em todos os sentidos. Mas estava loucamente apaixonada por Cliff, até após tantos anos. Ariella sabia que não havia segredos entre eles. Se Amanda se inteirava da verdade, seria obrigada a dizer a Cliff.

Amanda a beijou na bochecha e saiu do salão.

Ariella estava a ponto de derrubar-se na poltrona mais próxima quando viu Alexi de pé na soleira da estadia contigua e ficou rígida.

A expressão dele era muito receosa. Cruzou os braços.

—O que fez exatamente ontem à noite?



Emilian caminhava pelo corredor. Tinham passado vários dias e se alegrava de não ter matado Jack Tollman. Ele era muitas coisas, mas não um assassino. Não obstante, esse dia quase tinha perdido toda disciplina. Não devia permitir que isso voltasse a ocorrer. Era muito perigoso. Uma coisa era vingança e outra assassinato.

Abriu as portas da biblioteca com as têmporas palpitantes de dor. Ir diariamente à biblioteca se converteu em uma tarefa difícil. Era muito consciente da porta do dormitório situada mais abaixo no corredor e do acontecido ali.

Mas evitar o dormitório não apagava seus pensamentos, não trocava as lembranças, nem trocava os fatos.

Lançou uma maldição e se aproximou do escritório para ver o correio. Sabia que nunca esqueceria o que tinha feito. Deveria haver-se sentido triunfante, mas só sentia fúria e remorsos. Foi passando os envelopes em busca da carta de seu afogado. Quando aproximava o abre-cartas de marfim ao sobre, o rosto ferido e acusador de Ariella apareceu em sua mente.

Ao menos agora não o amava. E provavelmente tampouco o tinha amado antes. Simplesmente ele tinha sido seu primeiro amante, nada mais.

Obrigou-se a concentrar-se na carta de seu advogado. Brian Ou'Leary tinha vários candidatos para o posto de administrador, todos muito bem recomendados. Enviaria um, ou a todos, a Woodland para que os entrevistasse quando soubesse que datas podiam ser convenientes.

Emilian escreveu uma nota de resposta, mas, quando pôs a data, ficou imóvel.

Era 22 de maio. Do que lhe soava aquela data?

Levantou-se e foi à porta.

—Hooode!

Passou um momento antes que aparecesse o mordomo correndo.

—Senhor?

—O que tem de importante este dia? —perguntou Emilian com brutalidade.

—Não sei senhor.

—É 22 de maio. A data me soa algo.

Hooode levantou as sobrancelhas.

—Quão único eu sei que passa este dia, senhor, é que esta noite é o baile campestre dos Simmons.

Emilian ficou paralisado. Tinha ouvido claramente à prima de Ariella dizer algo daquele baile. Sua família estaria ali... ela também estaria ali.

O coração começou a pulsar com força.

E soube muito bem o que significava aquela reação. Era desejo.

—Obrigado, Hooode — disse, voltando-se.

Ela seguia excitando-o, mas não haveria caça, nem conquista. Já tinha feito o bastante. Tinha-a ferido e não teria que havê-lo feito. Deveria ter procurado outra pessoa para vingar-se. Agora estava em dívida com seu irmão.

«Ela estaria no baile».

Quase sorriu. Ela não dançava muito bem, mas a imaginou com um vestido de baile e joias, girando em uma valsa nos braços de um cavalheiro. E então se deu conta de que o cavalheiro era ele e sua excitação cresceu grosseiramente.

Levava dias pensando nela, desde sua sedução calculada. Não queria seguir pensando nela, em seu sorriso, nem em seus olhos, e certamente, não queria pensar em sua paixão e não queria imaginá-la dançando a valsa com ninguém e menos com ele. Mas ela era como um farol de luz em um mar escuro e perigoso. Era impossível ignorá-la.

Apoiou-se na parede. Era muito formosa e mais tentadora que nenhuma mulher a que tivesse conhecido, mas, por outra parte, tinha sido o bastante excêntrica para reunir-se com ele em Woodland. Era uma mulher pouco comum, disso não havia dúvida.

Ele gostava de desfrutar das mulheres às que encontrava desejáveis, mas nunca antes tinha açoitado uma mulher inocente. Ariella tinha sido a primeira e o tinha feito por vingança. Talvez já não fosse virgem, mas seguia sendo ingênua e inexperiente. Tinha abusado dela uma vez e não devia voltar a fazê-lo. Persegui-la não estaria bem.

Se voltasse a ter a oportunidade de deitar-se com ela, podia acabar perdendo de tudo em seus braços.

Tinha intenção de terminar a carta a Ou'Leary, mas o pulso pulsava com força ao imaginar a jovem seduzindo-o com os olhos, com sua inocência e seu sorriso. Não sabia o que tinha sido dela desde seu encontro. Provavelmente agora o odiava.

Esperava que assim fosse. Desse modo não se aproximaria para terminar o que tinham começado. Sobre tudo porque ele não tinha tido intenção de começar nada com ela.

Por outra parte... E se não o odiava?

Voltou-se devagar, cheio de tensão. Não analisaria seus motivos nesse momento.

—Hoode, me prepare à roupa de noite.

Essa vez era ele o que não podia manter-se afastado.



Havia uma lua cheia crescente perfeita em um céu noturno coalhado de estrelas. Saiu da carruagem, que tinha se detido diante da mansão dos Simmons. Três dúzias de veículos se alinhavam com o passar do semicírculo que formava o caminho de entrada, em cujo centro havia uma fonte. Emilian se deteve um instante diante dos degraus de pedra que levavam a porta principal. Raramente saía de noite, e menos para um baile. A longitude do paletó o

incomodava, o pescoço postigo o afogava e preferia as botas aos sapatos. Afrouxou um pouco a gravata de seda negra. Sentia calor e sabia muito bem por que.

Começou a subir os degraus. Nunca tinha estado na casa dos Simmons, embora o tivessem convidado dúzias de vezes. Nem sequer se incomodava em olhar os convites sociais que recebia; descartava-os e em paz. Enquanto Hoode o ajudava a vestir-se, tinha-lhe informado que não tinha sido convidado a esse baile. Emilian havia se sentido decepcionado, mas já tinha tomado uma decisão e iria de todos os modos. Não podia seguir negando que desejava ver a senhorita Warenne, mas não para persegui-la. Queria averiguar se tinha se recuperado do brutal episódio com ele. E lhe devia uma desculpa, que pensava transmitir com discrição.

Também queria saber se ela o odiava.

—Senhor estarão encantados de recebê-lo — tinha insistido Hoode— Sem dúvida não o convidaram porque pensam que não iria aceitar nenhum convite.

Emilian confiava em que seu mordomo tivesse razão. As palavras *Não se admitem ciganos* cruzaram por sua mente. Mas todas as grandes famílias de Derbyshire o tinham convidado a suas festas em muitas ocasiões. Hoode provavelmente tinha razão... essa noite seria bem recebido.

Os lacaios da porta o saudaram com inclinações de cabeça quando passou ante eles. Chegava uns quarenta minutos tarde e, quando o guiavam para o salão de baile, ouviu conversas e também um piano e uma harpa. Assim que chegou à soleira do salão, viu-a entre a multidão.

Estava na pista de dança, nos braços de outro homem. Era tão formosa e suas lembranças tão terríveis, que o coração deu um tombo.

Ocorreu-lhe que estava em apuros se ela era capaz de lhe provocar uma reação assim depois de só cinco dias.

Mas não se moveu. O coração pulsava com força e não podia deixar de olhá-la.

Levava um vestido verde bolo, com decote baixo em forma de V e mangas pequenas que descobriam os ombros. Levava o cabelo ao estilo inglês que tão pouco atrativo resultava a ele, muito encaracolado e recolhido em alto, com vários cachos pendurando soltos ao redor do rosto. Mas não importava. Nenhum penteado podia diminuir sua beleza... e ele confiou em que o que lhe tinha feito não tivesse diminuído seu espírito. Deu-se conta de que sorria a seu companheiro de dança.

Uma raiva perigosa o embargou por dentro. Ela não era dele, assim não podia estar ciumento. Logo sua raiva se evaporou, pois ela dançava com seu irmão.

Embora aliviado, estava muito tenso para relaxar. Seu sangue estava muito quente. Uma noite de sedução não tinha sido suficiente.

Observou-os mover-se pela pista ao ritmo da valsa, uma dança que considerava elegante, mas muito séria, seu irmão era um bom bailarino, mas ela não. Acabava de tropeçar com o pé de seu irmão. Emilian sorriu. Ela também ria de seu engano.

Estava contente e, curiosamente, isso o alegrou. Olhou-os girar com passos medidos, como se ela os contasse. Como podia ser tão rígida dançando e sensual que era na cama?

—Milord St Xavier! —exclamou um homem.

Voltou-se. Não reconheceu a cavalheiro que estendia a mão com um sorriso amplo. Inclinou a cabeça e estreitou a mão.

—É um grande prazer vê-lo, senhor — disse o homem.

A suas costas ouviu que outro homem dizia com incredulidade.

—Veio St Xavier?

Sabia que começavam as falações e que continham algo mais que especulações... continham injúrias.

—Senhor, boa noite — lhe sorriu uma morena formosa, acompanhada de seu marido, baixo e calvo. Estendeu-lhe uma mão enluvada e seus olhos brilharam com um convite familiar.

Jane Addison tinha estado em seu leito todas as tardes do mês de abril, mas fazia três semanas que não a via... e não desejava voltar a desfrutar de seus favores. Tomou sua mão e se inclinou sobre ela.

—Senhor, é um grande prazer — sorriu também seu marido.

Emilian devolveu o sorriso. Tinha-o visto de passada ao longo dos anos, mas não tinha falado com ele. Assentiu com a cabeça e ouviu alguém dizer:

—Não posso acreditar que tenha saído de sua guarida.

O tom era mordaz.

Olhou o marido de sua ex-amante sem remorsos. Ele não era a primeira aventura adúltera de Jane, nem seria a última. Além disso, quando montava a Jane no chão, sobre o escritório ou contra a porta, não pensava em nenhum insulto. Havia outras mulheres na estadia das que tinha desfrutado porque queria vingar nelas o desdém ou a condescendência de seus maridos.

—É certo? —sussurrou uma mulher.

Sabia, sem dúvida nenhuma, que falavam de sua herança cigana. Voltou-se zangado. Três jovens muito formosas acompanhavam seu primo Robert e os dois amigos deste. As mulheres se ruborizaram. Robert lhe sorriu e ele soube que seu primo desfrutava do tema.

—Vejo que por fim saiu — Robert tomou sua mão e a estreitou como se fossem amigos— Posso te apresentar às damas? A senhorita Hamlin, a senhorita Cutty e lady Haverford.

Elas o saudaram entre reverências e risadas. Eram muito tolas e ele tinha esquecido quão irritantes podiam ser as virgens. Olhou a pista. A peça tinha terminado e Ariella se separava do abraço de seu irmão. O coração deu um tombo.

Ela não era irritante.

Era orgulhosa, inteligente, direta.

E se não o odiava?

Deu-se conta de que as três jovens falavam de uma vez, mas não se incomodou em olhá-las. Observou o salão. Uma dúzia de cavalheiros olhava a Ariella. Ele não era o único que a desejava, é obvio.

—Senhor — uma das debutantes lhe puxou a manga — Isso significa que agora sairá conosco? Nós adoraríamos desfrutar de sua companhia na festa de junho.

Ele não olhou a jovem que falava, mas procurou não mostrar rechaço a seu contato. Não deveria ter ido ali, pois queria perseguir Ariella. Pior, queria que desaparecessem todos os outros para poder observá-la abertamente.

Não lhe importaria ensiná-la a dançar.

Moveu a cabeça. Dançar com ela seria agora impossível depois da noite que tinham passado juntos.

Ela cruzava a pista; seu irmão a deixava com sua prima e sua irmã e um grupo de homens, a maioria dos quais a olhavam sem reparo. Cruzou os braços. Deveria ir. Queria tê-la de novo em sua cama e isso era simplesmente inaceitável. Essa noite pensava comportar-se com honra. Mas possivelmente ficasse toda a noite só para ver qual desses estúpidos chegava mais longe com ela.

Ariella, que estava de perfil, ficou rígida e ele soube que havia sentido seu olhar.

Voltou-se devagar, com expressão surpreendida. Seu rosto ficou muito branco. Margery a puxou pelo braço. Então a prima também o viu e o olhou com incredulidade.

Ariella levou uma mão ao decote, onde o coração provavelmente pulsava com força. Estava alterada e não era de se estranhar. Emilian desprezava a si mesmo.

Ariella girou e saiu do salão com sua prima. Ele as viu retirar-se a uma espécie de terraço ou jardim.

—Conhece a senhorita Warenne? —perguntou Robert com curiosidade.



Ariella cruzou o pátio escuro apoiando-se em Margery. Não podia respirar. Levava cinco dias tentando esquecê-lo e agora ele aparecia no baile vestido como um inglês.

—Tem que se sentar — disse sua prima.

Ariella lutava por respirar com o coração pulsando com força. Margery a levou a borda de uma fonte pequena onde ela se sentou agradecida, mas seguia incrédula.

—O que faz aqui?

Sua prima se sentou a seu lado e a rodeou com o braço.

—Não sei. Assegurarei de que parta — respondeu com ferocidade.

Ariella sentia que lhe partia o coração. O cobriu com a mão.

—Tentei esquecer o que aconteceu. Tentei esquecê-lo. Estava decidida a ser sensata. Pus-me a ler livros dos mongóis! —gritou.

—Sei — sussurrou Margery.

Mas sua prima não sabia que as palavras resultavam imprecisas e só podia ver Emilian olhando-a com olhos ardentes de desejo. Nem que o via também sentado naquela poltrona, olhando-a distante e frio. Margery não podia saber que suas lembranças eram tão vívidas que quase podia sentir suas mãos na pele e ouvir sua voz suave incentivando-a... ou sua voz fria atacando-a. Não tinha conseguido afogar as lembranças. Pior ainda, a lembrança da paixão excitava seu corpo apesar de que ela não queria paixão nunca mais. A lembrança de sua despedida brutal seguia ferindo-a.

Ariella ficou tensa ao notar que abria a porta por que tinham saído. Emilian saiu ao pátio.

Margery se levantou de um salto.

—Parte!

Ariella lutou por respirar enquanto se incorporava. O que queria? Por que fazia isso?

—Quero falar com a senhorita Warenne — disse ele com calma.

Margery se adiantou.

—Parece-me que não!

Emilian não a olhou. Olhava Ariella, esperando sua resposta.

Queria cravar mais fundo à navalha de sua indiferença no coração já sangrado dela? Ariella começou a tremer.

—Deixe — disse a sua prima.

Margery girou.

—Ariella... — protestou.

—Não, nos deixe.

A raiva apareceu de repente, surpreendendo-a. Nos últimos cinco dias não tinha estado raivosa nenhuma só vez. Em vez disso, fazia o possível por racionalizar a dor e tentar esquecer o ocorrido. Mas Emilian não era um homem ao que pudesse esquecer facilmente.

Margery se voltou para Emilian.

—Não pode voltar a lhe fazer dano — o advertiu— E eu não gosto disto.

Ele a olhou ao fim.

—Só quero lhe dizer umas palavras. Sua prima está a salvo no momento.

Margery entrou na casa.

Ariella não pensou. Aproximou-se dele e o esbofeteou com todas suas forças. Ele não piscou, mas a bofetada soou forte e ela deu um pulo e levou o pulso ao peito. Tinha lágrimas nos olhos.

—Maldita seja! Poderia haver quebrado o pulso — tomou a mão e a sustentou com firmeza.

Ela levantou a vista. O pulso doía tanto que começou a chorar.

—Me solte! Não me toque! Não posso suportar que me toque — mas não era certo. O contato dele resultava reconfortante.

Estavam tão perto que sua saia cobria os sapatos dele. Emilian a soltou e retrocedeu.

Suas palavras o tinham ferido! Ela não estava acostumada a ser vingativa e quase se arrependeu de as ter dito.

—Têm que pôr gelo no pulso e enfaixá-lo com força — disse ele com firmeza— Deixe-me ajudá-la... Ariella.

—Acredito que já me ajudou bastante — repôs ela.

A tinha ferido, abusado dela. Estava zangada, mas nunca a tinha afetado ninguém como a afetava ele. Sabia que não era bom prolongar aquele encontro.

Ele tinha se ruborizado.

—Machucou o pulso.

—Não quero falar de meu pulso.

A Emilian brilhavam os olhos, mas era impossível ler neles.

—Não a culpo por me odiar.

Ela o olhou fixamente. Não o odiava, mas não tinha intenção de dizer-lhe.

—Sinto-o — disse ele com brutalidade.

—O que?

—Disse que o sinto. Vim te pedir desculpas. Estou cheio de remorsos.

Ela estava atônita.

Emilian parecia agora incômodo. Puxou o pescoço duro, que já levava muito solto.

Ela respirou fundo.

—Não compreendo. Por que mudou de ideia?

—Eu não queria te fazer dano.

Ela pensou na paixão dele e sua resposta exuberante.

Pensou em seu despertar aquela manhã e no dano que tinha feito sua frieza.

—Não, só queria uma noite de prazer. Só queria que desfrutássemos fisicamente e depois esquecer meu nome.

O rosto dele ficou tenso.

—Sim. Isso também.

Ariella sabia que devia ir. Sua confissão doía, embora não fosse novidade. Mas partir resultava impossível.

—Dei-me conta de quão tola sou. Uma mulher mais experiente, de uma natureza distinta à minha teria desfrutado do encontro e escapado ilesa.

O peito dele subia e baixava com a respiração.

—Sim, isso é verdade. Mas eu conhecia sua natureza. Tinha que ter recusado sua oferta. Em vez disso, a seduzi. Sei que não aceitará minhas desculpas, mas tenho que as apresentar.

Ela não estava disposta a perdoá-lo.

—Era impossível certa amabilidade à manhã seguinte?

Os olhos de Emilian brilharam.

—Sim, era impossível.

Ela estremeceu.

—Assim, que te julguei mal. É cruel e desumano. — Emilian não respondeu. — Entretanto, vestiu-se como um inglês e entrou em uma casa inglesa para me pedir desculpas.

Não conseguia entendê-lo. Seus esforços por desculpar-se estavam em aberta contradição com seu comportamento a manhã depois da aventura.

Ele falou com lentidão.

—Nunca tinha seduzido uma mulher inocente e solteira. Nunca me considereei cruel, mas é evidente que o sou. Mas vim aqui esta noite para comprovar que tinha se recuperado de nosso encontro e para transmitir minhas desculpas e remorsos, até estando certo de que os rechaçaria.

Ela cruzou os braços.

—Seus atos indicam que não é completamente desumano.

—Pode pensar o que quiser — ele parecia zangado agora— Não vim falar de meu caráter. Dou-me conta de que você se sente inclinada a pensar o melhor de todo o mundo em vez do pior — se encolheu de ombros— É um engano.

Ariella o olhou e só viu dor e remorsos em seus olhos.

—Não esperava que aceitasse minhas desculpas — ele inclinou a cabeça e girou.

Ela o agarrou pelo cotovelo, surpreendendo aos dois.

Emilian se voltou lentamente.

—O que faz?

Ariella olhou um segundo sua mão pequena e pálida no braço dele. Retirou-a. Não sabia o que fazia.

—Todos cometemos enganos.

Como não ia aceitar seus remorsos? Ela tinha se jogado em seus braços apesar de suas advertências. Tinha querido ir a sua cama.

—Obrigado pelas desculpas. Aceito-as. — Ele abriu muito os olhos. Ela respirou com força. —Não sou rancorosa.

—Não estamos falando de algo fútil. Tirei-lhe a virgindade.

—Pensei muito nisso — ela já não vacilava— A parva fui eu por albergar sentimentos românticos quando você me advertiu de que isto não era questão de amor. Neguei-me a ouvir suas advertências — se ruborizou— Senti-me impulsionada a ir a você.

Emilian a olhou aos olhos e ela se perguntou se poderia entender o que dizia. Nada teria podido afastá-la dele e de sua cama aquela noite.

—A culpa é minha — declarou ele com firmeza— Sei como olhar a uma mulher. A caça e a sedução não me são desconhecidas.

—Sei muito bem que seduziu dúzias de mulheres. Não, quero ouvir falar disso.

Ele vacilou, sem deixar de olhá-la aos olhos.

—Foi injusto por minha parte jogar com alguém tão inocente e romântica.

—Sim, foi. Mas já está perdoado.

Ele piscou. Houve uma pausa.

—A verdade é que sua generosidade e amabilidade não me surpreendem. Alguma vez é mesquinha?

De verdade estavam falando sem hostilidade... sem rancor?

—Não sou mesquinha por natureza — repôs ela.

—A vi dançar com seu irmão — comentou ele com suavidade— Alegrou-me vê-la sorrir — se encolheu de ombros— Está claro que não está apaixonada por mim depois de tudo. Despertei sua paixão, mas não seu coração.

Ariella pôs-se a tremer. Ele estava muito equivocado, mas não podia corrigi-lo. Porque de novo a invadia um torvelinho de emoções, confusão e inclusive esperança.

Por que importava a ele se desfrutava no baile? Queria que fosse feliz?

Recordou o modo em que a tinha animado a sentir prazer com ele uma e outra vez enquanto ele esperava. Voltou-se confundida. Aquilo era diferente, não?

Mas agora não queria, nem necessitava essas lembranças. Antes tinha que compreender melhor Emilian.

Sentiu seu olhar nas costas. Tudo tinha mudado. Sua raiva se evaporou e isso deixava sem barreiras quão corrente sempre parecia vibrar entre eles. Estava ali agora, cálida, forte e tangível.

Girou para ele.

—Alexi dança bem. Eu sempre gosto de dançar com ele e não lhe importa que o pise.

Ele sorriu. Olhou-lhe a boca e o coração dela iniciou um baile perigoso. Ele elevou os olhos chapeados e brilhantes. Seu magnetismo era inconfundível... e inteiramente sexual.

O que podia fazer?

Podia sair correndo.

Porque não podia esquecer o rechaço que já tinha sofrido uma vez. Ou sim?

—Correu um risco vindo aqui — disse.

Ele demorou um momento em responder.

—Embora não me convidaram a este baile, sim me convidaram muitas vezes a esta casa — disse com suavidade— Esperava ser bem recebido.

—Não compreendo — murmurou ela, confusa.

—Não é nenhum segredo — ele baixou a vista ao decote dela— Embora minha mãe fosse cigana, meu pai era St Xavier.

Ela deu um pulo.

—É membro da família St Xavier? —compreendeu então sua aura de autoridade, suas maneiras e sua fala impecáveis. Olhou a mão dele e viu o anel de esmeralda com o selo— Você é St Xavier?

Ele fez uma reverência.

—Visconde de St Xavier ao seu serviço.

Ela o olhou tentando entender aquilo.

—Mas parecia estar com a caravana.

—Vieram me buscar para me dar a notícia. Quando nos conhecemos, acabava de chegar ao acampamento.

—Tinha que havê-lo adivinhado. Seu inglês é muito perfeito — se afastou, confundida.

Todo mundo sabia que St Xavier era estranho.

Não se permitem ciganos.

Girou para ele.

—O que é, inglês ou cigano?

A expressão dele se voltou tensa.

—Entendo. Queria um amante cigano e se sente decepcionada.

—Não — repôs ela zangada— Queria que você fosse meu amante... e meu amor. Mas já estamos de acordo em que confundia amor com desejo.

Ele baixou as pálpebras, ocultando os olhos.

Ariella o olhou. Alguém que não conhecesse os fatos o tomaria por um nobre inglês. Mas ela o tinha visto dançando sob as estrelas, tão cigano como qualquer um deles. O que significava tudo aquilo?

—Emilian?

—Sim?

—Criou-se aqui?

—Meu pai necessitava um herdeiro. Contratou policiais para que procurassem minha mãe e me trouxeram para Woodland quando tinha doze anos.

O coração dela se abrandou como manteiga derretida.

—E sua mãe?

Ele a olhou.

—Era cigana. Seguiu com a caravana.

Ela parou ante ele e tentou imaginar o que podia sentir um menino cigano ao que separaram de sua mãe e de sua gente para que aprenda um modo de vida novo e queira a uma família estranha.

—Seu pai era amável?

Ele abriu mais os olhos.

—Não me golpeava, se isso for o que pergunta. Tratou-me com justiça e afeto.

Ela o olhou aos olhos, que eram abertos e diretos, nem ousados pelo desejo, nem quentes pela fúria. Era um momento estranho.

—Por que me olha como se fosse uma criança ferida em uma jaula? —perguntou Emilian.

Ela sabia tão pouco dos ciganos! *Não se permitem ciganos.*

—Foi dura a mudança, verdade?

—Por que falamos de minha infância? —perguntou ele com irritação.

—Deve parecer-se muito a ser uma criatura selvagem encerrada em uma jaula — disse ela pensando em voz alta.

—Foi difícil — confessou ele, com o pescoço rígido pela tensão— Ao princípio odiava Edmund e a todos os payos. Mas isso era então e isto é agora.

Ele a tinha chamado paya uma dúzia de vezes aquela noite e Ariella tinha a terrível suspeita de que não era um apelido carinhoso.

—O que? —perguntou ele com dureza.

—Pretendia me insultar quando me chamava paya?

—É paya, e nada poderá mudar isso. É um fato de que sou muito consciente tanto na cama como fora dela.

—Sua resposta não responde nada.

Ele quase sorriu.

—E se te digo que é a paya mais formosa do país?

Ela não pôde evitar sorrir apesar de tudo.

—Então te direi que necessita lentes.

Tocou-lhe o queixo impulsivamente e ele ficou imóvel, sem afastar-se. E nesse momento, à medida que o calor enchia seus olhos se completou a transição. Ela tinha esperado evitar uma intimidade mais forte, mas se sentia arrastada pela dança que só podia levar a um lugar. Tinha-o perdoado e queria ser sua amiga, mas ele era muito sedutor, viril e atrativo para uma simples amizade. E agora já tinham história.

Nada disso importava.

Sabia que devia afastar a mão. Ele desfrutava do contato e ela queria desesperadamente lhe acariciar algo mais que a face. Tinha que haver-se afastado dele ao vê-lo, mas não o tinha feito. E agora deveria afastar a mão, mas não o fazia.

Emilian girou o rosto muito lentamente e passou a boca pela palma dela.

—Nunca direi que não a deseje ainda — murmurou— É hora de que vá.

Custava-lhe pensar quando ele acabava de lhe beijar a palma da mão. Não era imune a esse homem e nunca o seria. Tampouco queria tê-lo. Para bem ou para mau, havia algo entre eles.

Tinha tido seu começo, depois de tudo.

Abriu-se a porta. Emilian se voltou imediatamente, por isso ela mal podia ver através dele.

—Seu pai pergunta onde está, Ariella — disse Margery.

Emilian a olhou.

—Vá agora, antes que seja tarde — murmurou. E seus olhos chapeados brilhavam com paixão.

Ela negou com a cabeça.

—Não vou fugir.

—Ariella, já tenho te feito mal uma vez. Esta noite vim me desculpar, mas é óbvio que não tinha que ter vindo — respirou com força— Agora não confio em mim mesmo.

Ela sorriu.

—Eu confio em você.

—Uma ideia perigosa.

Ela pôs-se a andar para a porta.

—Emilian? Se por acaso não se deu conta, não o odeio... e não o odiarei nunca.

Capítulo 10

Alexi se aproximou de Margery, que estava de pé na soleira que dava a um pátio traseiro e parecia muito tensa.

—Onde está minha irmã? —perguntou, suspeitando que houvesse uma conspiração feminina em marcha. Isso o divertia. Tinha padecido conspirações femininas entre suas irmãs e primas toda sua vida. Mas Cliff lhe tinha pedido que fosse procurar Ariella e tinha que fazê-lo.

Margery se colocou diante dele.

— Ariella tem enxaqueca. Vai entrar, mas seguro que quer ir para casa.

Isso despertou o receio de Alexi.

—Leva toda a semana me evitando quando está acostumada a passar o dia me perseguindo com suas obsessões históricas e suas últimas ideias políticas.

Não acrescentou que com o que mais o perseguia era com Elysse, mas que nessa visita só tinha tirado uma vez aquele tema doloroso.

—Apenas a vi desde que cheguei, e agora tem enxaqueca? Desculpe-me.

Passou ao lado de sua prima. Se sua irmã deixava de meter-se em sua vida pessoal, era porque certamente lhe ocorria algo.

Ariella se dirigia para eles, Alexi viu seu sorriso e suas bochechas rosadas e se assustou de verdade. Observou o pátio, mas não viu ninguém.

—Quer dançar comigo outra vez? —sorriu-lhe ela.

Ele a puxou pelo braço.

—Você odeia dançar e você não gosta dos bailes. Por que sorri assim?

O sorriso dela se evaporou, mas voltou em seguida.

—Eu não odeio dançar, nem os bailes. O que ocorre é que quase sempre tenho coisas melhores que fazer.

Ele olhou outra vez as sombras do pátio.

—Se não te conhecesse, diria que acaba de ter um encontro amoroso.

O rubor dela se fez mais intenso.

Tinha acertado! Alexi não podia acreditar. A culta de sua irmã era a mulher menos apaixonada e romântica que conhecia.

—Está louco — disse ela, e entrou no salão com Margery.

Alexi as observou e as viu cochichar.

Saiu ao centro do pátio. Uma parede baixa de pedra separava o pátio da extensão de grama que havia atrás da casa. Não viu ninguém cruzando a erva.

Talvez tivesse se equivocado. Suspirou com alívio. Sua irmã era muito inteligente para o seu bem e muito sensata em assuntos políticos e temas sociais, mas não tinha experiência com os homens. Ele confiava em que um dia se apaixonasse por um homem bom, honrado e pormenorizado, possivelmente inclusive alguém de meios.

Até que isso ocorresse, era seu dever manter a raia aos libertinos.

Ariella viu que seu pai a esperava ao lado de uma coluna. Emilian tinha se perdido nos jardins, mas ela não sabia se já ia da casa ou simplesmente voltaria para o baile por outra entrada.

Cliff se aproximou dela. As mulheres o olhavam ao passar com a esperança de atrair sua atenção, mas ele não parecia dar-se conta.

—Onde esteve? — perguntou preocupado— Encontra-se bem?

A jovem lhe sorriu.

—Sabe que eu não gosto dos bailes. Saí um momento para olhar as estrelas.

—Procurei-te na biblioteca. É a primeira vez que lembro que sai ao exterior, sempre acerta para encontrar algo que ler.

Ariella vacilou.

—Estava procurando a biblioteca...

Margery se adiantou.

—Eu lhe pedi que saísse tio Cliff. Necessitava seu conselho em um tema pessoal.

Cliff sorriu, satisfeito ao que parecia, e se desculpou. Ariella olhou Margery, que a observava a sua vez com preocupação.

—É escandaloso... St Xavier.

Ariella ouviu essas palavras pronunciadas com desdém por um homem situado a suas costas. Voltou-se e viu um grupo de dois homens e duas mulheres.

Margery a puxou pelo braço e tentou afastá-la. Ariella lhe fez gesto de que guardasse silêncio. Queria escutar.

—Não foi convidado — disse uma loira — Lady Simmons me há isso dito pessoalmente. Está furiosa, porque ele recusou todos os convites que lhe enviou e agora se apresenta sem ser convidado e não se molesta em saudar lorde Simmons, nem a ela.

—É sua parte selvagem, Belle — comentou um dos homens— Qualquer um pode pôr roupa elegante, mas não aprender boas maneiras. A boa criação não se pode comprar.

Ariella estava horrorizada.

—Eu não o tinha visto nunca — disse a ruiva. Ruborizou-se— Todos os ciganos são tão arrumados?

Os cavalheiros a olharam de ponta a ponta.

—Letitia suponho que não estará pensando nele como segundo marido — disse o primeiro que tinha falado— Seus filhos sairão manchados com sangue cigano e lhe desprezarão.

—Ouvi que se casará com a viúva Leeds — riu o outro homem— Tem quase quarenta anos, mas teve quatro filhosãos e sustenta que pode ter uns quantos mais. É o melhor ao que ele pode aspirar.

—Eu não pensava nele como pretendente — se defendeu Letitia— Simplesmente não tinha visto nunca a um cigano. Têm que admitir que parecesse um príncipe russo.

A loira se aproximou mais a ela.

—É notório por suas aventuras, Letitia.

As duas trocaram um olhar fascinado.

—Retornou. Apresentamo-nos? Possivelmente não o encontre tão fascinante quando ouvir seu acento e compreenda que sua roupa elegante oculta à classe mais baixa de humanidade — disse um dos cavalheiros.

Ariella fervia de fúria. Viu que os quatro se dirigiam para ele com a clara intenção de divertir-se a sua custa. As mulheres fizeram reverências e os homens sorriram amplamente e lhe estreitaram a mão. Ariella sabia que era tudo falso. Sabia ele que o desprezavam?

O olhar dele passou por cima do grupo e posou nela.

A jovem mordeu o lábio inferior e negou com a cabeça, com a esperança de lhe fazer entender que eram um grupo de traidores. Ele a olhou confuso, sem compreender.

O primeiro cavalheiro, ao já que a aborrecia, falava agora com ele. Ariella não podia suportá-lo. Não permitiria que aqueles asnos usassem Emilian como diversão. Avançou com ferocidade para ele.

As mulheres o olhavam encantadas. Ariella viu que ele se mostrava indiferente ante elas. Só sorriu quando sentiu sua presença e se voltou.

—Olá, senhor, é um prazer vê-lo aqui — ignorou aos presentes e fez uma reverência só a ele. Sabia que se mostrava grosseira, mas não importava. Não os conhecia e não tinha a menor intenção de ser apresentada a eles— Posso falar um momento com você?

—Uma oferta que não posso recusar — sorriu ele.

Olhou ao fim às duas mulheres e fez uma inclinação de cabeça. Era uma despedida. Afastou-se e os dois deixaram atrás ao grupo, com cuidado de não tocar-se.

Ela olhou seu perfil. Sua postura era firme e correta e levantava a cabeça com orgulho. Sabia que murmuravam a suas costas. O coração doeu por ele.

Não se permitem ciganos.

—O que faz? —perguntou-lhe quando se detiveram ao lado de uma coluna.

—Salvá-lo — sorriu ela.

E pela primeira vez o viu sorrir com regozijo.

—Não necessitava que me salvasse.

—Opino distinto... tinha que te resgatar deles. São incrivelmente detestáveis — insistiu ela com o coração cheio de felicidade. Adorava vê-lo sorrir assim.

—Igual queria me defender a primeira vez que nos vimos?

—Nego-me a condenar a alguém sem conhecer os fatos — respondeu ela com firmeza.

O tom de voz dele trocou.

—Senhorita Warrenne, é um prazer conhecê-la por fim — seu sorriso se desvaneceu e a saudou com uma reverência.

Ela se voltou e viu que se aproximava seu pai. Acelerou-lhe o pulso. Tinha a sensação de que a tivessem surpreendido em um encontro amoroso.

—Pai, aconteceu algo surpreendente — disse ruborizada— O vaida que conhecemos em Rose Hill é St Xavier.

—Acabo de me dar conta — comentou Cliff, que não parecia agradado. Olhava-o com receio— Acredito que se impõe uma apresentação.

Emilian inclinou a cabeça e olhou Cliff com desdém evidente. Ariella se alarmou. Não precisava ficar beligerante nesse momento.

Mas o sorriso de Emilian era arrogante.

—O visconde St Xavier. O prazer é meu... capitão.

Ariella reprimiu um gemido. Emilian acabava de jogar seu título à cara de seu pai. Sabia que a Cliff não importava os títulos, mas adorava os desafios, como todos os de Warrenne. Por que Emilian não podia comportar-se bem por uma vez?

—Que estranho que esquecesse mencionar sua identidade quando se fez passar por cigano em Rose Hill! —comentou Cliff.

—Minha mãe é cigana — replicou Emilian— Levo os dois sangues. Não houve fingimento.

—Tinha ouvido falar de você, tinha que havê-lo suspeitado. Também ouvi que nunca assiste a funções sociais. O que o traz por aqui? Ou não necessita que o pergunte? —seu olhar não abandonava o rosto de Emilian.

Ariella pensou que tinha adivinhado parte da verdade. Intuíra que Emilian tinha ido ao baile para vê-la.

—Pai? St Xavier é nosso vizinho. Acredito que é maravilhoso que se conheçam por fim. Espero que seja para bem de todos.

Nenhum dos dois homens fez conta.

—Se pensa por um momento que vou explicar meus atos a você, capitão, está delirando — disse Emilian com suavidade— Eu vou onde desejo, quando desejo.

—E é incapaz de uma resposta cortês? Pois claro que sim. Crê estar por cima da necessidade de se explicar, pois bem, eu acredito que é jovem, impetuoso e muito disposto a combater com qualquer que cruza em seu caminho. Isso é estúpido, St Xavier — repôs Cliff com voz tensa— Ariella, lorde Montgomery deseja uma dança — olhou Emilian— Boa noite.

Ariella retorceu as mãos ante aquela despedida, mas Emilian sorriu com ferocidade.

—Sim, como pude ter a insolência de falar com sua filha? A senhorita Warrenne é muito sangue azul para tolerar minha presença.

Cliff, que estava a ponto de girar, ficou tenso.

—Minha filha é uma dama que merece os cuidados de um cavalheiro, não de um descarado. Só aceitará pretendentes com intenções honradas. Quais são as suas, St Xavier? Pode se incomodar em responder a isso?

Emilian não parecia nada molesto.

—Estou de acordo, de Warrenne. Sua princesa só deve ter pretendentes honrados. Minhas intenções? —encolheu-se de ombros— Não as tenho. Entretanto, só estamos conversando, e isso não é um delito, nem sequer para um cigano — se afastou.

Ariella tremia pela confrontação. Olhou a seu pai.

—Já sofre o bastante, sabe? Necessitava que o atacasse assim? É que não vê como o tratam?

Cliff pareceu surpreso.

—Eu não o ataquei, mas necessitava um aviso. Esse homem é arrogante, impulsivo e muito atrativo para as mulheres. Olhe! A metade das damas desta estadia quer que se fixe

nelas. Sinto ser tão cru, mas não há dúvida de que esta noite levará a uma delas ao leito e, maldita seja, não vai ser você.

Ariella deu um pulo, ruborizada.

—Só estávamos falando. Papai ouviu as coisas horríveis que dizem a suas costas? Sorriem-lhe à cara e o desprezam quando se volta. É injusto e cruel.

O olhar de Cliff se abrandou um tanto.

—Sim, é, mas não é teu assunto. Ele se aproveitará de seu bom coração. Por favor, não pense em lutar por sua causa, não sairá nada bom disso — sorriu — Inventei o de Montgomery, mas por que não o saúda? Possivelmente te convide para dançar.

—Em primeiro lugar, não quero dançar com Montgomery. E em segundo, importa-me um nada os pretendentes e você sabe — fechou os olhos um instante — Com franqueza, quero ser amiga de St Xavier. Necessita de uma pessoa que o seja.

Seu pai empalideceu.

—É uma ingênua. Um homem como ele não necessita de amigas. A amizade só levará a um lugar. Neste tema tem que confiar em minha experiência.

A jovem ficou rígida.

—Agora vai me dizer de quem me permite ser amiga?

Seu pai vacilou.

—É obvio que não.

—Obrigado. Conheço sua reputação — acrescentou ela, que sabia que lhe seria muito mais fácil falar de Emilian se já não tivesse traído a confiança de seu pai— Irei com cuidado.

—Querido — Amanda apareceu sorridente ao lado de Cliff, mas seus olhos verdes mostravam preocupação— Como podem discutir em uma noite tão formosa? Venha dançar comigo.

—Em seguida, Amanda — repôs ele— Ariella, por favor, escuta esta advertência. Ele não quer sua amizade... e eu estou seguro de que é perigoso. Ele a meterá em uma confusão.

Ela estremeceu. Já tinha se metido naquilo mais fundo do que jamais teria imaginado.

—Prometo ser prudente e precavida.

Cliff se afastou com sua esposa. Ariella suspirou aliviada. Odiava enganar a seu pai, mas não podia arrepender-se do que tinha ocorrido.

Sentiu o olhar dele e voltou à cabeça.

Emilian estava entre a multidão, mas claramente só e afastado dos outros. Seus olhos se encontraram. Ela queria lhe dizer que aquelas pessoas eram odiosas, que seu pai só tentava protegê-la e que ela era sua amiga, mas não se atrevia a aproximar-se dele.

—Quer dançar?

Voltou-se para um homem roliço, loiro pálido, um anos mais velho que ela. Custou-lhe sorrir.

—Sinto muito. Danço muito mal. Seguro que você não gostará de dançar comigo, senhor.

Fez-lhe fez uma inclinação de cabeça.

—Ao contrário, senhorita Warenne, seria uma honra dançar com a dama mais encantadora do salão.

Seu olhar era penetrante, mas não era sensual, nem atrevido. Estava a ponto de insistir em que não sabia dançar e oferecer outra desculpa quando ele sorriu e disse:

—Que imperdoável por minha parte! Ainda não me apresentei. Robert St Xavier.

Ariella o olhou. Era irmão de Emilian? Eram de uma idade similar, mas não se pareciam nada. Sorriu.

—Será um prazer dançar, se não se molesta que lhe pise — estendeu-lhe a mão.

Ele pôs-se a rir.

—Uma mulher formosa pode fazer o que quiser; é sua prerrogativa.

Guiou-a a pista e ela girou em seus braços. Estava segura de que não a encontrava muito atrativa, pois suas palavras soavam estudadas.

—Dança bem, senhor — disse divertida.

—E você também — sorriu ele, observando-a com atenção.

—Você também reside em Woodland?

—Eu resido em Londres, senhorita Warenne. Meu primo, o visconde, reside em Woodland. Como vem tão pouco a Londres, eu visito Derbyshire frequentemente. Se não for assim, perderíamos o afeto familiar.

Queria dar a entender que estava muito unido a Emilian, mas Ariella estava insegura disso. Aquele homem lhe causava uma sensação estranha.

—Acabo de conhecer o visconde — disse— Seu primo é um homem encantador.

Robert pôs-se a rir.

—Sim, todas as damas o encontram muito galante, embora eu nunca compreendi seu encanto. Mas está solteiro e Woodland é uma boa fazenda.

Ela ficou tensa.

—Eu o encontro encantador, senhor. Nada mais.

—Assim que o conhece bem?

—Absolutamente. Acabamos de nos conhecer.

Robert sorriu, e sua expressão era petulante.



Emilian estava farto dos jogos com payos. Já não podia suportar mais suas falações, mas se mostrava relutante a partir. Havia uma razão... Milagrosamente, ela o tinha perdoado pelo que tinha feito. Não tinha havido acusações, nem histeria, simplesmente acreditava que eram amigos. Tinha tentado resgatá-lo dos payos. Era surpreendente. Voltou-se para olhá-la uma vez mais antes de ir.

E a viu dançando com seu primo.

O alarme que sentiu se viu substituído imediatamente pela raiva. Robert era um descarado, um vilão inútil. Era seu rival. E agora perseguia Ariella? Queria frustrar seus planos como tinha tentado fazer muitas vezes nos últimos vinte anos? Mas isso dava igual. Simplesmente era inaceitável que dançassem juntos e não o permitiria.

Quando se aproximava deles, recordou imagens daquela noite, dela chorando de êxtase quando ele se movia em seu interior. As imagens trocaram e a viu recebendo os beijos de seu primo. Separou de si a horrível fantasia. Ariella não era nenhuma parva, não se deixaria seduzir por Robert. Ele jamais o permitiria.

Mas Robert era completamente inglês. De boa família, tinha um bom nome e seria um pretendente aceitável. De Warne certamente o passaria, ao menos socialmente.

Isso alimentou sua fúria.

Seguiu avançando. Viu o sorriso educado dela e o afetado de Robert. Desfrutavam dançando juntos? Não importava. Ele os separaria.

Ariella se sobressaltou ao vê-lo. Robert o olhou com expressão branda e Emilian soube que desfrutava do momento.

—Vou cortá-los — disse com brutalidade. Tomou o braço de seu primo e o separou da cintura dela.

Robert a soltou e se fez a um lado.

—É normal que queira dançar com a mulher mais formosa da sala — fez uma reverência galante— Senhorita Warrene, em outro momento.

Ela conseguiu sorrir.

—É obvio.

Emilian a tomou em seus braços com raiva. Custava-lhe pensar com clareza.

A égua negra era o cavalo mais formoso que tinha visto. Era o presente de seus treze aniversários, feito por seu pai pouco depois de que acesse permanecer voluntariamente em Woodland e explorar as oportunidades que Edmund desejava lhe dar. A primeira noite dormiu no estábulo com ela. Depois a montou todos os dias e o animal foi uma grande alegria nessa vida nova que ainda lhe dava medo. Apaixonou-se pela égua e ela o amou a sua vez. E logo, Edmund o levou a Londres em uma viagem de um dia.

Quando voltaram para Woodland, correu imediatamente para ver a égua e a encontrou quente, úmida e cansada. Tinha as patas inchadas e golpes de chicotadas na garupa e o pescoço. Robert a tinha montado até o esgotamento.

A borda das lágrimas, mostrou-se decidido a matar seu primo, mas seu pai os separou. A égua sobreviveu e se curou e Robert ficou impune de seu crime. Mas aquele foi só o começo.

Robert sempre tinha procurado lhe arrebatara tudo o que acreditava que Emilian queria...

—O que pensa? —perguntou Ariella— Parece disposto a cometer um assassinato.

Emilian a olhou. Pensou nas vezes que Robert se queixou ao seu pai de que Woodland deveria ser para ele e não para seu primo.

É obvio, as queixas tinham cessado com a morte de Edmund, mas Emilian sabia que seguia desejando a fazenda, o título e suas riquezas e posses. E agora desejava Ariella.

—Emilian — o chamou ela.

Baixou a vista e a olhou aos olhos. E assim que o fez, deu-se conta de que ela estava em seus braços.

Sustentava-a estreitamente, como sustentaria um homem sua amante ou esposa, mas não a uma companheira de dança. Olhou atrás dela e viu que Robert os observava. Respirou fundo e pôs uma distância apropriada entre eles.

—Dança com outros, mas não comigo? —perguntou.

—Isso não é justo, Emilian. É obvio que dançarei contigo.

Seus olhos se abrandaram. Era muito ingênua e boa para seu bem. De Warenne tinha todo o direito a protegê-la de vilãos... tinha todo o direito a protegê-la dele. Girou com ela pela pista e a jovem não demorou em tropeçar. Endireitou-a e murmurou:

—Dançar deveria ser fácil para você. É um prazer, Ariella.

—Para mim não é fácil — sussurrou ela— Mas me alegro de que tenha insistido em que dancemos.

Emilian a atraiu para si. Agora já estava excitado. Por que negavam a atração que havia entre eles? Nunca o tinha tentado nenhuma mulher desse modo.

—Olham-nos — comentou ela sem fôlego.

Recordou-se que ela merecia algo melhor e que já lhe tinha quebrado bastante a vida. Ela merecia um príncipe, não um visconde cigano. Além disso, ele partia.

Então viu Robert, que os olhava abertamente.

—Há desfrutado dançando com Robert?

—Não. Geralmente eu não gosto de dançar.

—Então devo mudar isso, não crê?

Ela sorriu com calor e confiança.

—Possivelmente já o tenha feito — comentou. E o pisou.

Emilian pôs-se a rir.

—Me siga... como fez a outra noite... e dançará maravilhosamente.

—Emilian — sussurrou ela. E ele notou que seu corpo se fundia contra ele.

Entregou-se ao momento e à mulher que tinha nos braços. Ela era suave e tremia de tensão, e ele também. Aproximou sua bochecha a dela.

—Odeia dançar agora?

—Não.

Seus olhos se encontraram. Seria tão fácil renovar a aventura! Os dois o desejavam. Não olharia duas vezes a Robert se estivesse todas as noites em sua cama. Agora já não era inocente e lhe sorria... sorria a ele.

Separou-se instantaneamente.

—O que ocorre? —perguntou ela com suavidade.

Ele a olhou. Não podia deixar-se levar pelo desejo. Ela não era indiferente. Afirmava que queria ser sua amiga e isso implicava que queria uma parte dele que jamais poderia dar. Ela merecia algo melhor que uma aventura carnal.

—É por Robert? Ou algo que tenha ouvido?

Ele seguiu dançando; não queria falar de seu primo.

—Você não gosta de seu primo? —perguntou ela.

Emilian suspirou. Uma conversa sobre Robert acabaria com o desejo que palpitava entre eles.

—Odeio-o — disse, e apertou a mão na cintura dela.

—Como pode odiar a alguém de seu sangue? Não o diz a sério.

—Nem todos nós somos tão afortunados como você, de ter parentes bons e que lhe querem.

—Robert diz que estão muito unidos — insistiu ela.

Ele se deu conta de que cada vez os olhava mais gente. Seguiu dançando, mas mantendo a distância.

—Stevan, Jaelle, Simcha e minhas primas são minha família. A caravana é minha família. Robert é apenas um parente. Não tem coração. Não se aproxime dele.

Agora foi ela a que se deteve bruscamente.

—Não tenho intenção de me aproximar dele. Mas sinto que odeie assim a teu primo.

—Não sinta lástima por mim — advertiu ele.

—Não é lástima. Sinto que não tenha relações de afeto com a família de seu pai porque isso deve fazer que se sinta muito sozinho.

O baile era um engano. Ela era um engano. Emilian ficou tenso.

—E o que sugere você? Que finja que me importa meu primo? Ou melhor, ainda, que finja que sou um inglês?

Ela inclinou a cabeça a um lado.

—Esta noite poderia haver me enganado.

Sabia que era brincadeira, que ela queria aliviar a atmosfera, mas se sentiu irritado. Pior ainda, gostava de estreitá-la em seus braços e beijá-la até que deixasse de apreciá-lo. Possivelmente se tinham uma aventura aprenderia a odiá-lo e se acabaria tudo.

—Temo que seja tarde e devo ir.

—Covarde.

Emilian a olhou atônito.

Ela devolveu-lhe o olhar com ousadia.

—O que há dito?

—OuvIU-me.

—E se pode saber por que me considera um covarde?

—Porque tem medo de confrontar a verdade sobre muitas coisas, possivelmente inclusive sobre mim — ela ruborizou e olhou a seu redor— Deveríamos ter esta discussão fora da pista.

—Por quê? Incomodam-lhe as olhadas e os sussurros? —perguntou ele cortante.

Ela o olhou de ponta a ponta.

—Sim, tanto como incomodam a você.

Emilian girou com intenção de deixá-la ali plantada; mas aquilo era desprezível, por isso se voltou para ela.

—Nunca conheci uma mulher mais irritante. Minhas preocupações são minhas, não tuas. Por que se intromete? Oh, espera, claro, que tolo. Quer ser minha amiga.

—Sou sua amiga por muito grosseiro que tente se mostrar. E necessita a alguém com quem compartilhar sua preocupação. Acredito que isso ficou muito claro esta noite.

Emilian não podia acreditar no que ouvia.

Ela sorriu.

—E se eu for irritante, você pode ser insofrível. Por isso fazemos bom par.

Não devolveu o sorriso. Ela ousava dizer o que tinha que fazer como se fossem amigos de verdade. Estava furioso e ela ria dele. Acreditava que levava a voz cantante?

—Fazemos bom par —se inclinou para ela— só em um lugar. Meu leito. — O sorriso dela se apagou um tanto, mas não desapareceu de tudo. —Seja o que seja o que crê saber sobre mim, está equivocada.

Agora ela deixou de sorrir e ficou tensa.

—Sei que não é desumano — respondeu— Sei que isso é uma fachada. Depois desta noite compreendo por que ladra tanto e por que ameaça morder. Mas não morderá. Pelo menos a mim.

—Você não sabe nada — estava lívido de fúria, embora não sabia bem por que. Fez uma pequena reverência— Temo que devo acabar esta dança prematuramente.

Tomou o braço.

—Sei que está sozinho — o soltou.

Ele demorou um momento em recuperar-se da acusação. Nem sequer se dignou responder.

—Obrigado pela dança. Boa noite.

—De nada... Emilian.

Não lhe importava que a deixasse assim? Sabia que a gente tinha ouvido partes de sua conversa. Obrigou-se a não olhar atrás e saiu da pista. Mas não podia deixar de pensar na mulher pequena que estava atrás dele na pista e o compadecia. Acreditava que estava sozinho.

Ao chegar à porta, sim olhou atrás.

Ela seguia onde a tinha deixado, com o rosto tão pálido como o alabastro. Vários cavalheiros se aproximaram dela, possivelmente para convidá-la para dançar. Um deles era Robert. Ela negava com a cabeça... mas só olhava a ele.

Seus olhos suaves brilhavam.

Nesse momento soube que devia afastar-se dela todo o possível. Seu encanto... e sua fé... eram muito grandes. Partiu correndo.

Capítulo 11

Ariella ficou nervosa quando a carruagem se deteve no caminho circular de Woodland. Outra carruagem, menos luxuosa que a sua, estava estacionado também diante da porta da mansão. Emilian tinha visita.

Era à tarde seguinte ao baile. Por muito que ele fizesse alarde de mau gênio, agora eram amigos, embora fosse uma amizade estranha e tensa. A noite anterior tinha visto o desesperadamente que ele necessitava sua amizade. Era um pouco atrevido apresentar-se ali, mas ele jamais iria vê-la, assim não tinha outra opção.

Não podia imaginar o que era viver com tantos comentários maliciosos a suas costas. Por isso preferia seus parentes ciganos aos ingleses? Robert era tão mau como ele pensava? Tinha ouvido que era a primeira vez que ele ia à casa dos Simmons. Era os rumores a causa de que evitasse à sociedade?

Seu nervosismo aumentou quando a introduziram no salão frontal da mansão. A última vez que tinha estado na casa de Emilian tinha entrado de um terraço através da biblioteca. Olhou a seu redor com curiosidade. O vestíbulo era completamente inglês, dos retratos dos antepassados nas paredes até a armadura antiga colocada em um rincão. As cadeiras, situadas ao longo das paredes, eram antigas e com a tapeçaria alhada. As mesas tinham séculos de antiguidade. Tudo no salão levava sem dúvida muitos anos na família de seu pai.

—Senhorita Warrenne, por favor, me siga — disse o mordomo, depois de ler seu cartão. Ariella se sobressaltou.

—Não quer informar antes o visconde de minha presença?

O mordomo, um homem de estatura baixa e olhos brilhantes, sorriu.

—O visconde não suporta a etiqueta, senhorita. E estou seguro de que lhe agradará sua visita.

A jovem sorriu. O mordomo era muito falador.

—Eu estou segura de que ficará a grunhir quando me vir.

—Já veremos, não?

Ariella o seguiu ao corredor e olhou a escadaria que subia.

—Como se chama?

—Hooode, senhorita Warrenne.

—Faz muitos anos que conhece o visconde?

—Entrei a serviço do visconde anterior quando Sua Excelência veio viver em Woodland menino.

Ariella lhe tocou o braço.

—Hooode sinto curiosidade.

O homem a olhou surpreso por seu entusiasmo.

Ela se ruborizou.

—Disse-me que tinha doze anos quando o trouxeram aqui. Sei que passou os primeiros anos de sua vida vivendo com sua mãe cigana. Sinto muita curiosidade por sua vida — explicou com sinceridade.

—O visconde não é um homem loquaz — Hooode enrugou a testa— Surpreende-me que lhe tenha revelado tanto — fez uma pausa— Embora possivelmente não me surpreenda tanto.

Ariella não entendia suas palavras, mas sabia que devia aproveitar essa oportunidade.

—Como era o visconde anterior?

Hooode sorriu.

—Era um homem orgulhoso e honrado, como seu filho. Mas, a diferença do visconde atual, não lhe dava bem administrar a fazenda e a deixou em um estado ruinoso. Até que não voltou o senhor de Oxford, Woodland não começou a sair de sua situação de endividamento e decadência.

Tinha ido a Oxford e tinha salvado a fazenda. O primeiro surpreendia a Ariella e o segundo a impressionava.

—Edmund St Xavier seguia vivo, mas deixou nas mãos do jovem Emilian as contas, os inquilinos, as reparações e as dívidas. Sua Excelência compreendeu em seguida o valor do carvão e aqui há em abundância. Não demorou em ordenar seus assuntos.

—Deve ser muito trabalhador para ter conseguido tantos resultados tão jovem — comentou ela.

—O visconde mal faz outra coisa que ocupar-se de seus negócios. Surpreendeu-me que decidisse sair ontem à noite.

Ariella afastou a vista, secretamente contente.

—Devo assumir que a conheceu no baile?

Sorriu-lhe.

—É muito atrevido, Hooode. Mas sim dançamos — se ruborizou— Não obstante, já nos conhecíamos.

Hoode pareceu agradado.

—Ah, assim que foi ao baile a lhe perseguir.

Ela não respondeu a isso.

—Foi bom estudante, verdade? —perguntou.

—O visconde se licenciou com honras.

Ariella tentou reprimir um sorriso, mas não pôde. Emilian tinha uma educação muito boa e era muito responsável. Estava encantada. De repente ficou séria. Ele a considerava ávida leitora de novelas românticas. Tinha-lhe mentido porque muitos poucos homens encontravam atrativa uma mulher intelectual. Mas Emilian era distinto a todos os homens que conhecia. Com sorte, não lhe reprovaria sua educação e ela poderia lhe dizer a verdade... logo.

—Quer entrar? —Hoode assinalou a porta com a cabeça.

Ela queria saber mais, mas também queria ver Emilian. As horas que levava sem lhe vê-lo pareciam dias.

—Entrarei — duvidou um momento— Hoje está irascível?

Hoode soltou uma risada.

—Muito. Tem um humor de cães.

Ariella pensou em sua discussão de despedida. Não podia estar segura de que fosse a causa de seu mau humor. Assentiu e Hoode abriu a porta.

Emilian estava tão elegante como a noite anterior. Levava uma jaqueta escura, calças marrons, camisa branca com pescoço postiço e tinha os braços cruzados sobre o peito. Escutava com resignação a duas matronas e suas filhas, que, sentadas ante ele, conversavam ao parecer do clima de Derbyshire. Ariella em seguida viu que se aborrecia.

Um ogro autêntico as teria jogado dali. Mas ele tentava sorrir com cortesia e assentia com a cabeça, embora apertasse os lábios em um rictus sombrio.

—Fale com visconde do picnic de primeiro de maio, Emily, querida — disse uma das matronas, vestida com um vestido de raias rosas.

Uma garota loira alta e magra levantou a vista e se ruborizou. Devia ter uns dezoito anos.

—Foi muito agradável, senhor — antes de terminar de falar, olhou as mãos entrelaçadas no colo.

Emilian sorriu.

—Fez um dia perfeito para um picnic — declarou a mãe com entusiasmo— Estavam ali os Farrow, os Chathain, os Gold e, é obvio, minha querida amiga a senhora Harris com o senhor Harris. Você tinha que ter vindo. Fomos todos os vizinhos.

Emilian sorriu com rigidez.

—Acredito que estava fora.

Ariella começava a indignar-se. Emily não era o bastante inteligente para ele. Olhou à outra garota, uma morena grossa sentada ao lado da outra matrona que olhava um prato de bolachas como se estivesse apaixonada por elas. Sua mãe lhe deu um tapinha na coxa.

—Lydia fez o bolo. O bolo de maçã foi excepcional, verdade, Cynthia?

Qualquer medo que Ariella podido ter tido pela rivalidade das garotas se desvaneceu de tudo, deixando-a simplesmente ultrajada. Emilian merecia a princesa da que falava, uma mulher com orgulho, coragem e intelecto, uma mulher que se sobressaísse... tanto como ele. Essas mulheres eram muito tímidas, feias e comuns para ele.

Emilian a viu então e abriu os olhos surpreso.

—Milord, a senhorita Warrenne — anunciou Hoode.

Ele se ruborizou.

—Senhorita Warrenne — respondeu com rigidez— Por favor, una-se a alegre visita.

Ambas as matronas se levantaram no ato e a receberam com gritinhos de alegria. Ariella recordava vagamente as haver visto a noite anterior. Sofreu de novo por ele, embora a ferida infligida fosse tão leve. Mas era vergonhoso tentar emparelhá-lo com mulheres tão ordinárias.

—Senhorita Warrenne, é um prazer voltar a vê-la.

A jovem sorriu. Não tinha sido apresentada a aquelas mulheres e não conhecia seus nomes.

Emilian puxou o pescoço postiço.

—Hoode, traga refrescos, por favor.

—Eu sou lady Deanne e esta é minha querida amiga a senhora Harris. Emily venha conhecer a senhorita Warrenne. Lydia, não coma mais doce. Venha aqui.

Ariella saudou ambas as mulheres e as suas filhas. A loira parecia incapaz de falar e a morena tinha chocolate no vestido e na comissura dos lábios.

—Espero não me intrometer. Queria discutir uns assuntos com o visconde. Estou preparando uma égua excepcional para um de seus alazões — mentiu.

Emilian, que olhava nesse momento o jardim através das portas de cristal, voltou-se para ela surpreso.

—Oh, isto é maravilhoso. Tínhamos muita vontade de conhecê-la. Você vive em Londres, verdade? — perguntou à senhora Harris.

—A maior parte do tempo, sim — repôs Ariella.

Notou que a morena tinha tomado uma bolacha e a loira jogava com seus polegares. Sorriu a esta última.

—Desfrutou ontem à noite do baile, senhorita Deanne?

Emily Deanne a olhou como se lhe tivesse falado em chinês. Ficou muito vermelha e murmurou uma resposta baixando os olhos. Ariella não entendeu o que disse e ouviu Emilian suspirar.

—Emily adora os bailes — repôs sua mãe— Foi a quatorze só este ano. Admirei muito seu vestido, senhorita Warrenne. Têm que me dar o nome de sua costureira e a usarei para a próxima temporada. É uma costureira parisiense, verdade?

—Não tenho ideia — repôs à jovem.

Os olhos de Emilian se encontraram com os seus e o rosto dele se suavizou ao fim.

Dedicou-lhe um sorriso cálido.

—Oh, céus, é uma e meia e temos duas visitas mais que fazer. As garotas têm que sair, sabe? Emilian despeça-se de milord. Você também, Lydia.

Um momento depois partiam as quatro. Emilian tirou o pescoço duro postiço, tirou a jaqueta e se serviu um brandy. Tinha o rosto vermelho e bebeu meio copo de um gole.

—Tão mal foi? —perguntou ela.

Ele terminou o copo.

—Santo céu! —explodiu— Vou a um maldito baile e logo tenho que suportar um inferno.

—Foi muito educado — murmurou ela, reprimindo a risada.

Emilian a olhou de ponta aponta.

—Por que te faz graça? Agrada-a ver-me sofrer?

—É obvio que não. Essas debutantes não estavam a sua altura. Deveriam apresentar-lhe a seu primo. Você merece uma princesa.

Ele cruzou os braços sobre o colete de brocado prateado e a olhou fixamente.

—Você esteve muito correto — repetiu ela— Quanto tempo ficaram?

—Muito.

—Podia ter inventado uma desculpa.

—Estava a ponto de fazê-lo quando você chegou — se serve outra taça.

—Comigo não é tão educado — comentou ela— Por quê?

Emilian a olhou aos olhos.

—Você não é estúpida, e eu não quero me deitar com nenhuma dessas duas.

—Assim que é brusco comigo devido a uma atração impossível?

Ele a olhou com dureza.

—É muito irritante seguir te desejando e ter decidido me comportar a todo custo com honra inglesa. De fato, estou cada vez mais cansado do conceito da honra. Estou farto de jogos e fingimentos e você se apresenta aqui.

—Minha visita, não é um jogo, nem um fingimento. Sei que grunhirá e ladrará, mas ontem à noite forjamos uma nova relação.

Ele a olhou sério.

—Isso é o que é isto? Uma nova relação?

Brilhavam-lhe os olhos, e só em parte com receio.

—Estou continuando nossa amizade.

Ele pôs-se a rir.

—Procura nossa amizade ou me busca?

Ela sentiu o coração a ponto de explodir.

—Procuro nossa amizade — tentou mostrar-se firme e não pensar em sua aventura amorosa— Ontem à noite mudou tudo para mim.

—Ah, sim, claro. Decidiu que me sinto sozinho.

—Hoje está muito irascível. Ontem à noite estava sozinho no baile, sem amigos e com a gente murmurando a suas costas. Foi horrível. Por que resiste a minha oferta de amizade? Necessita-me.

Emilian assinalou o sofá.

—Sim, necessito-te... aí. Aí será aonde vamos e não tem nada a ver com a amizade. Tenho-te feito mal uma vez e estou a ponto de que não me importe voltar a lhe fazer isso.

Ariella pôs-se a tremer.

—Mas se importa. Se não, já estaria em seus braços. Eu também sinto uma atração impossível. Sei que sabe. Não acredito que pudesse resistir muito tempo se decidisse me seduzir... especialmente depois do de ontem à noite.

—É preciso que seja tão direta, tão sincera? Não quero saber o que sente por mim.

Pulsava-lhe com força o coração. Lambeu os lábios.

—Mas pensei em nós toda a noite. Iniciamos uma amizade e isso leva a muitas possibilidades maravilhosas — abriu muito os olhos— Da próxima vez que esteja em seu leito será porque esteja segura de que a manhã seguinte estará cheia de amabilidade e sorrisos, possivelmente inclusive de afeto e risadas — sorriu, mas tremia com nervosismo. Nunca tinha falado mais a sério.

—Da próxima vez que esteja em meu leito — repetiu ele.

—Acredito que é inevitável — declarou ela.

—Me alegro de que te dê conta disso — murmurou ele— Rendo-me. Rendo-me.

—Sim? O que significa isso?

Ele sorriu ao fim. Olhou-lhe a boca.

—Significa que não posso suportar a tentação. Quero-te como amante. E não amanhã, nem ontem. E os dois sabemos que você também me deseja.

Ariella abriu muito os olhos. Ele tinha razão. O problema era que, apesar de suas boas intenções, era muito sedutor e não estava segura de poder resistir embora soubesse que devia fazê-lo.

Emilian se aproximou e lhe pôs uma mão no ombro.

—Quero te fazer amor muitas vezes, mas não quero te fazer dano e não pronunciarei falsas declarações.

—Eu não quero falsas declarações.

O rosto dele se endureceu.

—Eu acredito que quer um afeto mais profundo por minha parte. E me pergunto se ainda crê seguir apaixonada por mim. Nesse caso te doerá minha falta de afeto, assim vou ser franco. Quero me deitar contigo, mas não haverá nada mais... nem sequer amizade. E não me sinto sozinho.

Ariella sabia uma coisa... a última afirmação era mentira. Era o homem mais solitário que tinha conhecido. Por isso insistia tanto em sua amizade. Ele era seu de algum modo, apesar do que dissesse. Tinha-lhe feito muito dano, mas agora estavam em um terreno novo. Já não estava segura de que ao dia seguinte se mostrasse frio e indiferente se aceitava sua oferta.

Respirou com força; sentia-se muito tentada.

—Não me sinto insultada por sua proposta.

—Não pretendo te insultar.

—Já sei. Não obstante, acredito que deveríamos permitir que floresça nossa amizade. Portanto, por difícil que me resulte, tenho que recusar — mordeu o lábio inferior; quase

lamentava sua decisão— Mas não vou renunciar a nossa amizade — acrescentou— Estou desejando que chegue o dia no que sinta algum afeto por mim.

Ele se ruborizou.

—Não é afeto, é interesse.

Ariella sorriu.

—Muito bem. Hoje posso aceitar uma declaração de interesse.

—Ri de mim?

Aproximou-se mais a ela. A jovem sabia que estava pensando em beijá-la e assentiu com a cabeça. Um beijo era aceitável. Podia desfrutar de um beijo... ou dois.

A boca dele cobriu a sua.

Deu um pulo. A carícia era feroz e decidida. Ele desejava tanto o beijo como ela. E logo a boca dele se suavizou e ficou imóvel. Ela esperou desesperadamente, com as bocas juntas. E logo os lábios dele se moveram de novo, sedutores e sensuais. Ela sabia que havia afeto no beijo. Não podia equivocar-se nisso.

Uma lágrima de alegria se formou em seus olhos, mas o calor do desejo a alagou em seguida. Abriu os lábios e a língua dele a encheu imediatamente. Aferrou-se a seus ombros com o desejo lhe explodindo como foguetes no peito. Ele a afastou um instante para olhá-la e havia gentileza em seus olhos.

Ela acariciou seu queixo.

—Emilian — sussurrou com voz rouca.

Ele apertou seu corpo ao dela e a beijou de novo. Os olhos dela se encheram de lágrimas. Beijou-o com frenesi. Apesar de sua decisão, queria estar em seus braços, em sua cama, em seu mundo.

Ele afastou os lábios ofegante.

—Tem que ir... ou teremos que procurar um dormitório.

Ariella tremia. Sabia o que aconteceria se saíam da biblioteca. Faria amor. Teria olhadas tenras, carícias e muita paixão. Mas logo a afastaria. Estava tudo misturado com sua negativa a admitir que necessitasse amor e amizade. Ela começava a compreendê-lo e quase se sentia capaz de suportar esse rechaço, mas sabia que doeria embora entendesse quão complicado era ele. E por muitas tentações que sentisse, tinha que negar sua paixão... no momento.

Tocou-lhe a bochecha.

—Aprecio-te e lutarei por esta amizade. Também lutarei por ti contra esses odiosos payos.

Ele a olhava com atenção, vigilante.

—E da próxima vez que nos deitemos, à manhã seguinte você dirá que me aprecia — queria sorrir, mas não podia.

Ele se afastou.

—Espero que não conte com isso.

Ariella optou por não dizer que tinha muitas esperanças. Sorriu-lhe e ele esgotou os olhos.

Bateram na porta. Ariella se voltou. Entrou Hoode com o tio de Emilian.

—Stevan? —perguntou este.

—Venho te pedir láudano, Emilian. Nós não temos e houve um acidente.

Ariella se adiantou.

—Sim tenho — respondeu Emilian— O que ocorreu?

—Nicu se cravou com um prego. Tenho que tirar-lhe, mas lhe dói e o uísque não é suficiente.

Ariella puxou Emilian pela manga.

—Terá que chamar o cirurgião.

—Não virá — respondeu ele— Quero ver a ferida. Vou pelo láudano — saiu da biblioteca com seu tio.

Ariella ficou um momento imóvel. Confiava em que o prego fosse novo e não velho e sarnento. O acidente não parecia muito perigoso, mas uma infecção sim podia sê-lo. Saiu ao corredor.

—Hoode?

O mordomo apareceu imediatamente.

—Senhorita Warenne?

—Quer fazer o favor de enviar um servente a Kenilworth para procurar o cirurgião? Que vá em minha carruagem e lhe diga que o chama a senhorita de Warenne. E que se dê pressa.

Hoode assentiu e se afastou.

Ariella nem sequer sabia se havia um cirurgião bom em Kenilworth, e Manchester estava a várias horas de distância. Levantou as saias e saiu para o acampamento cigano.

Ariella estava sentada na erva úmida, com as costas apoiada em uma das carroças dos ciganos e os joelhos abraçados contra o peito. O cirurgião não tinha chegado.

Custava-lhe acreditar que o cirurgião do povo se negou a atender ao jovem cigano. Nicu estava dentro de uma tenda dormindo sob efeito do láudano. Stevan lhe tinha tirado o prego da mão e costurado a ferida. Jaelle lhe tinha contado que Stevan levava muito tempo

cuidando deles. Ninguém tinha esperado que acudisse o cirurgião. E a ninguém tinha ocorrido chamá-lo à exceção dela.

Afundou o rosto nos joelhos. Uma sombra caiu sobre ela.

Ariella soube que era Emilian antes de levantar a cabeça.

—Como vai?

—Agora descansa.

Ela abraçou os joelhos com mais força. O rosto de Emilian era inexpressivo.

—Devem ser perto das cinco — disse— Não necessitava que ficasse. Agora deve ir para casa.

Estendeu-lhe a mão e ela a aceitou e ficou em pé.

—Eu gostaria de tomar um brandy.

Não queria ir para casa. Queria falar do que tinha ocorrido. Queria que Emilian explicasse como podia viver com tanta intolerância.

Caminharam para a casa em silêncio.

—Conhece bem a Nicu? —perguntou.

—Não, mas Jelle está muito afetada. São da mesma idade e são quase como irmãos.

—Sinto-o muito.

Ele a olhou com seriedade.

—Não o duvidei nem por um momento.

Houve um silêncio. Eles se olhavam aos olhos.

Hooode apareceu ao seu lado.

—Senhor deseja algo?

—Não, Hooode, estamos bem assim. Diga ao chef que duvido que vá jantar esta noite.

—Deixaremos uma bandeja, senhor.

Ariella seguiu Emilian à biblioteca. Embora se mostrasse imperturbável, estava alterado. Deteve-se ante a lareira, agradecida de que alguém tivesse feito fogo, pois sentia um frio interior fundo. Emilian serviu dois brandys.

—Hooode é um bom homem.

—Sim o é — Emilian se aproximou e lhe estendeu um copo— A maioria das damas não aprecia o brandy.

—Eu levo anos bebendo-o com meu pai — sorriu ela. Arqueou as sobrancelhas— Às vezes tresnoitam comentando os últimos sucessos e os fracassos de homens como Owens,

Shaftesbury e Agrada, o caráter de nossos governantes ou o que acontece na Índia — fez uma pausa— Sinto muito que não tenha vindo o cirurgião.

—Eu sabia que não viria — repôs ele com dureza— Não importa. Provavelmente Stevan tem mais habilidade com a navalha e a agulha que algum cirurgião de povo.

—Sim importa — murmurou ela.

—Não importa — repetiu ele; de repente jogou seu copo com fúria contra a parede. O copo se rompeu e o brandy manchou o tecido verde e dourado que cobria a parede.

Ariella fechou os olhos sofrendo por ele, sofrendo por todos.

Ele se manteve de costas a ela.

—Sinto muito. Por favor, vá. Esta noite não estou para visitas.

Podia afirmar que não lhe importava que o cirurgião se negasse a atender Nicu, mas não era verdade. Como conseguia viver assim, com um pé em dois mundos muito díspares? Ariella não o pensou duas vezes. Deixou o copo e se aproximou dele. Rodeou-o com seus braços e apoiou a bochecha em suas costas.

Emilian ficou rígido.

—O que faz?

Ela o abraçou um momento mais, com as lágrimas rodando por suas bochechas. Logo se afastou.

Ele se voltou e sua expressão se endureceu.

—Comete um engano — advertiu— Agora não me sinto nobre... nem inglês.

—Não — negou ela com a cabeça— Não o cometo — tomou sua mão— Não posso te deixar assim.

Brilharam-lhe os olhos.

—Mudei de ideia, Emilian. Quero ser sua amante.

Capítulo 12

Ele moveu a cabeça.

—Não quero sua lástima, Ariella.

A jovem lhe tocou a bochecha.

—Não sinto lástima por você.

Emilian respirou fundo.

—Volta amanhã ou ao dia seguinte, quando tiver recuperado o sentido comum e eu tenha feito o mesmo. Mas você não quer agora meus cuidados.

Ela ficou tensa, mas se manteve em seu lugar.

—Quero consolá-lo — sussurrou — Quero reconfortá-lo, Emilian.

—Não necessito consolo! —exclamou ele. Aproximou-se da porta e a abriu para ela— Boa noite.

Ariella não se moveu. Não podia deixá-lo assim, depois do que tinha ocorrido.

Emilian fechou a porta de uma portada e a olhou com dureza.

—Você não é uma deles — advertiu — E não me sinto muito cordial, digamos.

—Isso não é justo — protestou ela — Eu não sou uma cigana, mas estou de sua parte.

—Muito bem, você é diferente. Mas não haverá carinho extra, nem amizade. Como te ocorre ficar comigo agora?

—Porque não posso suportar vê-lo assim... porque comecei a compreender sua vida.

—Você não compreende nada!

—Compreendo sua fúria. Eu também estou zangada.

—Claro que sim, porque é muito boa — replicou ele com frustração — É muito boa para isto.

Ela se aproximou dele e lhe pôs as mãos nos ombros.

—Não sou muito boa para isto — sussurrou — Não sou muito boa para você.

Sentiu-o estremecer sob suas mãos.

—Isto não é boa ideia — disse ele com dureza— Estou muito zangado. Posso te fazer dano.

Ela ficou nas pontas dos pés e lhe deu um beijo suave nos lábios.

—Não me fará — sussurrou isso.

Ele a estreitou contra si com força.

—Não é a você a quem quero fazer mal — disse com voz rouca— Mas é você que está em meu caminho.

—Sei. Quero estar em seu caminho.

—Diz de verdade?

—Sim — respondeu ela.

Acreditou ver alívio no rosto dele. Emilian lhe pôs as mãos nos ombros.

—Então aceito sua oferta — disse com voz espessa— Embora nos arrependamos.

Roçou a bochecha com a dela sensualmente e a ela esquentou o sangue imediatamente.

—Ariella.

Beijou-a na boca e ela ficou imóvel. Fechou os olhos e se entregou à carícia.

Emilian emitiu um som estrangulado, duro, quase como um soluço, e a apertou com força. Beijou-a com frenesi e foi se aproximando do sofá. Sua explosão de desejo mesclada com raiva e frustração a afligiu, mas ela queria estar apanhada nesse redemoinho de emoções com ele. Deixou-se cair no sofá e ele se situou em cima dela sem romper o beijo.

Ariella devolveu o beijo com ferocidade, deslizou as mãos sob sua camisa e lhe arranhou o peito. Ele gemeu e lhe afastou as coxas com as suas. Subiu as saias e Ariella soltou um grito quando ele tocou seu núcleo úmido e palpitante.

O beijo se voltou mais frenético e mais profundo. Ela se agarrava, enjoada pela iminência do clímax. Ele a penetrou devagar e começou a mover-se. O prazer a invadiu e jogou os braços ao pescoço e o apertou com força enquanto se deixava levar pelas sensações. Ele rompeu então o beijo e gemeu com o mesmo prazer. E ela o sentiu sorrir quando se deteve em seu interior. Levantou a cabeça.

Ariella leu nele muito desejo, mas também muita angústia.

Emilian baixou a cabeça e reatou o movimento. Ela já não podia suportar mais a crescente pressão.

—Emilian...

Ele deslizou a mão entre eles e a acariciou também com os dedos. Ela chegou ao clímax e explodiu em mil pedaços. Ele emitiu um som rouco e sustentou as pernas dela ao redor de sua cintura. Ariella pôs-se a chorar.

Emilian soltou um grito e ficou rígido em cima dela.

Quando terminou, ela ficou flutuando em seus braços como em um sonho. Emilian lhe tinha feito amor! Abriu os olhos com o peito cheio de carinho. Ele a olhava com atenção. Tocou-lhe a bochecha e lhe sorriu. Agora sim eram amantes.

Não devolveu o sorriso. Baixou as pálpebras no gesto que era tão habitual nele, um gesto atrás do que ocultava seus sentimentos.

Ariella começou a ser consciente do que a rodeava. Estavam no pequeno sofá da biblioteca, onde um servente podia interrompê-los a qualquer momento. De fato, se tivesse entrado alguém um momento antes, não teriam se dado conta. Essa ideia a assustou um momento, mas se impôs a sensação maravilhosa de estar com Emilian. Acariciou-lhe as costas através da camisa. Agora se sentia como descansando em uma nuvem de amor. Não havia arrependimentos.

Ele se afastou e se incorporou. Ariella abaixou as saias automaticamente e lhe tocou o braço. A expressão dele era distante.

—São mais de cinco e meia — disse— Se sair agora, chegará a Rose Hill a tempo para o jantar.

Ariella se sobressaltou. Emilian evitava olhá-la. Recordou-se que agora já não eram estranhos como antes. Ele não a tinha utilizado; ela tinha escolhido reconfortá-lo daquele modo.

—Agora somos amantes — comentou.

Ele se levantou e colocou a roupa.

—Quer que o sejamos abertamente? —seguia sem olhá-la.

—Claro que não. Isso destroçaria a minha família. Meu pai, Alexi e um montão de primos e tios tentariam assassiná-lo — se levantou assustada de verdade— Por que sugere algo assim?

—Só pretendia estabelecer que se te entretiver mais, descobrirão. A discrição é a parte mais importante do valor, não te parece? —pôs-se a andar para a porta— Tem que te arrumar o cabelo antes de sair. Enviarei uma donzela com um espelho e uma escova e te deixarei um momento.

Separava-se dela. Seu comportamento frio e distante não tinha outra explicação.

—Espera.

Ele a olhou.

—Odeio quando coloca uma espécie de máscara de indiferença no rosto — declarou ela— Por favor, não faça isto.

Emilian cruzou os braços.

—Tem que ir para casa. Eu vou ver Nicu.

Ela quase tinha esquecido ao jovem ferido.

—Esperarei. Quero saber como está.

—Não pode esperar — respondeu ele com calma— Tem que ir para casa.

—Está me jogando?

—E por que ia fazer isso? —a voz dele soava zombadora e zangada— Por que ia jogar minha formosa amante paya? Crê que sou tolo? Acordamos uma aventura. Uma muito pouco comum, mas aventura ao fim. As aventuras são algo sórdido... embora você não pode sabê-lo.

Partir assim, depois de uns momentos no sofá dele, era mais que sórdido. Um pouco de amabilidade podia reduzir a amargura, mas lhe tinha advertido que não haveria afeto. E ela tinha querido seguir adiante de todos os modos. Uma vez mais, não o tinha acreditado. O homem que estava com ela na estadia, seu amante, não mostrava nem um ápice de afeto.

—Merece muito mais que um breve acoplamento no sofá —disse ele— E os dois sabemos — se aproximou da porta e se deteve— Ficarei no acampamento, mas te enviarei notícias de Nicu, se assim o desejar.

Ela não respondeu.

Emilian a olhou.

—Voltará?

Ela vacilou.

—Supunha-o — comentou ele — Você não tem a natureza licenciosa que exige uma aventura. Deveríamos ter deixado as coisas como estavam ontem à noite — acrescentou— Não te guardo rancor por querer acabar isto.

Ariella o observou sair da estadia.

No que tinha estado pensando?



Era o dia depois do acidente de Nicu e olhava pelo guichê da carruagem sentada ao lado de sua prima. Diante da barbearia pendurava um pôster pequeno: James Stone, Barbeiro e Cirurgião.

—Por que paramos aqui? —perguntou Margery.

—Ontem houve um acidente no acampamento cigano — comentou Ariella.

—No jantar não falou de outra coisa. Estava tão alterada então como agora. Mas eu não acredito que sofra por um jovem desconhecido.

Ariella ficou tensa.

—Disse-lhe que o cirurgião se negou a ir?

—Uma dúzia de vezes — Margery a olhava com atenção— E quando seu pai ofereceu levá-la a Londres com ele, recusou. A Ariella de antes teria saltado de alegria ante a possibilidade de ir uns dias de Rose Hill. O que te ocorre?

Ariella não respondeu.

—Todos pensam que estou estranha? —perguntou.

—Sim. Quando te retirou, todos falaram de ti.

Ariella a olhou com desânimo.

Margery tomou a mão.

—Não acredito que passou à tarde no acampamento com essa garota, Jaelle. Acredito que foi a Woodland ver St Xavier.

—Todos acreditam o mesmo?

—Não sei. Mas Dianna comentou que os dois faziam muito bom par no baile e seu pai saiu bruscamente da estadia.

Ariella sabia que era uma sorte que Cliff e Alexi tivessem ido à cidade ocupar-se de uns assuntos. Não queria que Emilian voltasse a se chocar com ele.

—Tem-te feito mal outra vez, verdade?

—Ontem fui vê-lo.

—Como pôde? —perguntou Margery, escandalizada.

—Sigo apaixonada por ele, mais que nunca agora que compreendo a vida que leva.

— Sua prima parecia à borda das lágrimas.

—Nunca conheci a ninguém tão encantador quando o propõe. Para ele deve se fácil te seduzir. É a pessoa mais confiada que conheço. Pode ser que tenha lido muito, mas não tem experiência com os homens. Sei que forjou uma história incrível sobre ele, uma história que você crê, mas eu tenho grandes dúvidas sobre seu caráter — sua voz soava incrédula— Que homem rouba a inocência a uma garota e logo se afasta dela?

Ariella ficou tensa.

—Está muito ferido. É como um animal selvagem obrigado a viver em uma jaula. É normal se colocar a mão para lhe dar afeto, remoa-lhe isso. Simplesmente não conhece outra coisa. Espera crueldade e abuso. Por favor, não o condene.

—Você está louca. Esse homem é rico e poderoso. Embora a gente murmure sobre seu sangue, o que acontece? Isso não lhe dá direito a jogar contigo. E essa analogia do animal selvagem na jaula? Crê que vai ganhar seu amor sendo amável e compartilhando seu leite? Porque isso é o que está fazendo, verdade?

Ariella nunca tinha visto sua plácida prima tão zangada. Vacilou e Margery adivinhou a verdade.

—Assim que se contenta com migalhas! Estou considerando seriamente pedir a seu pai que obrigue St Xavier a ir ao altar.

Ariella tomou sua mão.

—Obrigando-o a casar-se comigo não se conseguiria nada. Eu só me casaria com ele se me amasse a sua vez.

—Posso convencê-la de que se afaste dele antes que arruíne seu nome, seu corpo e seu espírito? —perguntou Margery.

—Precisa-me — repôs Ariella— Não posso me afastar dele, nem agora, nem nunca.

—É muito boa para ele! —gritou Margery com o rosto vermelho.

Ariella não queria seguir discutindo.

—Confio em que guardará meus segredos.

Abriu a porta da carruagem e saiu ao exterior. Pela janela da barbearia via que Stone não tinha clientes nesse momento.

Entrou na loja, consciente de que Margery a seguia. Stone, um homem alto, saiu do fundo e lhes sorriu obsequioso.

Ariella não devolveu o sorriso.

—Senhor Stone, ontem requeri seus serviços em Woodland, mas você enviou de volta meu chofer negando-se a acudir.

Ele inclinou a cabeça.

—Senhorita Warrenne, estava ocupado com um paciente. Acredito que seu chofer não explicou bem a situação.

—Jackson foi muito claro — Ariella tremia de raiva— Negou-se a ir. Acredito que suas palavras exatas foram que você não tratava a ciganos piolhentos.

Ele a olhou, já sem sorrir.

—Não trato a ciganos, senhorita Warenne, como não trato a judeus, nem africanos.

Ela respirou fundo.

—É desprezível.

O cirurgião se encolheu de ombros.

—Fui várias vezes a Rose Hill e sempre admirei muito a seu pai. Vá para casa, onde deveria estar. E quando necessitarem meus serviços em Rose Hill irei encantado.

—Minha família já não voltará a requerer seus serviços nunca mais — gritou Ariella.

Margery a puxou pelo braço.

—Devemos ir.

—Não! Minha mãe era judia, senhor Stone. Insultaste-me não só, mas também ao meu pai.

—Não se estranha que sejam amantes dos ciganos — cuspiu ele.

Margery se adiantou e se interpôs entre eles.

—Pagará caro por esse comentário — puxou pela força Ariella para fora da loja.

Uma vez na rua, olharam-se horrorizadas. Ariella não recordava que lhe tivessem falado jamais desse modo. Respirou com força.

—Isso é o que tem que viver Emilian todos os dias de sua vida.

Assim que viu o selo de Warenne soube que a carta era de Ariella.

Abriu o envelope com uma tensão desconhecida. Estava sentado em seu escritório da biblioteca e tremiam ligeiramente as mãos. Ela não tinha voltado a Woodland depois do último encontro, o qual não tinha nada de surpreendente.

Tinham passado três dias intermináveis, cheios de tortura e preocupação. Estava ocupado com os preparativos para sua partida, mas mesmo assim não deixava de pensar nela.

Sentia não poder ser outra pessoa, um pretendente apropriado, o nobre que pudesse lhe dar a amizade que ansiava. Sentia haver-se mostrado tão distante depois de seu encontro, mas o que esperava ela? Assim que terminaram tinham começado os remorsos. E nunca tinha tido uma amante que quisesse outra coisa que sua potência no leito.

Odiá-lo-ia ao fim?

Abriu a carta e começou a ler.

Querido Emilian,

Espero que ao receber esta carta te encontre bem de saúde. Estou preocupada com o estado de Nicu. Como se encontra? Pensei que possivelmente você gostaria de saber que falei duramente com o cirurgião, embora duvide que minhas palavras sirvam para trocar seu comportamento no futuro. É um indivíduo horrível que carece de sentido de humanidade.

Meu pai e irmão foram uns dias a Londres, nos deixando só às damas. Estou desfrutando muito da companhia das mulheres de minha família, em especial Dianna, minha irmã pequena, com a que não passo suficiente tempo. Espero converter a todas a minha última causa, uma viagem aos estepes da Mongólia e a Grande Muralha da China.

Desgraçadamente, a Dianna interessa um marido e a moda e Margery, sempre uma filha responsável, insiste em que não pode deixar sua família tanto tempo. Minha madrastra, não obstante, é uma aventureira e há dito que gostaria muitíssimo ir. Começarei a atacar meu pai assim que retorne.

Emilian pensou que Cliff Warrenne certamente negaria a sua filha uma viagem tão irracional. Ele não tinha viajado jamais tão ao este, mas não o necessitava ir para saber que não seria uma viagem segura para sua madrastra e para ela. Nenhum desses dois países estava muito civilizado.

Quero que saiba que sempre é bem-vindo em Rose Hill. A próxima vez que esteja pelas proximidades, seria um prazer te receber.

Emilian leu cinco vezes as duas últimas linhas.

Ela queria que fosse de visita.

Deixou o papel sobre a mesa, tão furioso como incrédulo. Quando ia perder sua fé nele? Por que não podia entender que, por muito boa e perseverante que fosse ela era uma princesa paya e ele era meio cigano? Não era um pretendente e não sentia desejo de sê-lo.

Apoiou-se na mesa. Tinha esperado algo menos um convite a Rose Hill. É obvio, não aceitaria.

Sabia ela que iria com a caravana em uns dias? Não conseguia recordar se lhe tinha comentado seus planos.

Estava desejando ir. Começava a não poder suportar Woodland. Ou era ser inglês o que não suportava? A perseguição não o ajudava... nem seus remorsos para com ela tampouco. Essa carta acabava de piorar a farsa que era sua vida. Estava quase seguro de que, uma vez que ficasse em caminho, esqueceria todo seu passado, incluído Ariella. E isso seria o melhor para os dois.



Ariella estava sentada ao lado da janela do dormitório, esforçando-se por ler «O capítulo do povo», o último programa de Francis Agrada sobre mudanças sociais. Deveria haver-se sentido fascinada, mas não conseguia entender o que lia. Sentia falta de Emilian e pensava nele constantemente. Tinha passado quase uma semana desde que o viu. Queria continuar a amizade que lhe negava, mas não se atrevia a ir de novo a sua casa. Além disso, ele podia confundir o gesto com um convite a outra coisa.

Entretanto, se ela não instigasse a amizade, estava quase segura de que ele não o faria. Tinha-lhe enviado uma nota e ele não tinha respondido, nem tinha passado para visitá-la, tal e como pedia na nota.

Os últimos dias tinham parecido uma eternidade.

—Ariella! —exclamou a voz alterada de Margery.

A jovem deixou o panfleto e olhou Margery, que tinha aparecido na porta do dormitório. Estava muito pálida.

—Tem visita... uma visita que estou mais que disposta a despedir sem mais.

Ariella ficou em pé de um salto.

—Não te ocorra!

Correu ao espelho de cima da cômoda. Levava um vestido pálido de manga curta e colocou rapidamente o sutiã. Abriu o joalheiro e escolheu uns pendentes de pérolas. Acrescentou um camafeu de pérolas e uma fita escura, consciente de que tremiam as mãos. Tornou-se perfume entre os seios e começou a soltar as forquilhas do cabelo.

—O que faz? —perguntou Margery— Não pode receber um visitante com a metade do cabelo solto.

Ariella terminou de soltar a metade de trás e começou a pentear os cachos.

—Estou começando uma nova moda. O que parece? —perguntou quando terminou.

—Parece uma mulher apaixonada ou a ponto de reunir-se com seu amante.

Ariella correu a abraçá-la.

—Não sei o que quer. Enviei-lhe uma nota, mas estava segura de que não responderia. Tinha medo de me fazer ilusões.

—Eu também tenho muito medo — respondeu Margery, seguindo-a pelo corredor.

Ariella baixou correndo as escadas. Respirou fundo, endireitou os ombros e tentou conseguir um sorriso calmo e sereno. Viu-o de pé no salão azul de receber com uma cartola na mão. Ele a viu no mesmo momento.

Levava uma jaqueta verde escura com colete debaixo e era o homem mais atrativo que tinha visto.

Saudou-a com uma inclinação de cabeça.

—Senhorita Warenne — disse com cortesia.

Endireitou-se, mas sem sorrir. Seu olhar era curioso, seu gesto muito solene.

—Emilian — repôs ela — Que agradável surpresa!

—Recebi seu convite.

Ariella se deu conta de que Margery estava na soleira, empenhada em fazer de acompanhante. Olhou-a.

—Pode nos deixar um momento a sós?

Margery não parecia convencida, mas partiu deixando a porta totalmente aberta.

—Sua carta foi uma surpresa — comentou ele — Não pensava que queria me receber.

Ela o olhou surpreendida.

—Eu te receberei sempre.

A expressão dele se endureceu.

—Isso é muito generoso inclusive para ti.

Ariella se aproximou de fechar a porta.

—Não trocou nada — disse — Sigo sendo sua amiga. O que ocorreu recentemente foi tão culpa minha como sua.

O olhar dele não vacilou.

—Lamento diferir. Nicu está melhor.

—Me alegro.

—Resulta-me incrível que fosse brigar com o cirurgião.

—O merecia. Foi um pouco estranho, mas acredito que fiz bem.

Emilian a olhou aos olhos com intensidade.

—Não quero que lute minhas batalhas, Ariella.

—Eu luto muitas batalhas todo o tempo. Estou orgulhosa de ser uma pensadora independente. Considero-me bem radical.

—Sim, é radical e excêntrica — murmurou ele— Mas no baile se alterou e com o cirurgião também. E você não precisa formar parte de um mundo de preconceitos e ódio.

Ariella negou com a cabeça.

—Agora sou eu a que difere. Eu sou parte deste mundo, Emilian, deste mundo em sua totalidade, incluído as sombras que nós não gostamos... das sombras que a maioria dos homens e mulheres fingem que não estão aí. — Houve um silêncio. —Me alegro de que tenha vindo; não acredito que tivesse podido me conter muito mais — sussurrou ela.

Desejava estender a mão e acariciá-lo, mas não se atrevia.

—Não devia aceitar sua proposta — disse ele com brutalidade— E agora tenho mais remorsos que antes.

—Eu não tenho nenhum.

Emilian a olhou.

—Suponho que não terá decidido que quer uma aventura sórdida.

—Não, claro que não. Nisso tinha razão. Uma aventura sem amizade ou amor é algo muito baixo para minha natureza.

—Vim por várias razões. Além de para me desculpar. Pode ser que você não o lamente, mas eu sim.

—Não há nada que perdoar — repôs ela com sinceridade.

—Também vim para me despedir.

Assim que falou, ela soube que partia por muito tempo.

—O que quer dizer?

—Vou ao norte com a caravana e não sei quando voltarei, nem se voltarei alguma vez.

Ariella ficou paralisada.

—O que? Mas você é o visconde St Xavier! E o que ocorre com Woodland? — perguntou, scandalizada e cheia de temor.

—Contratei um administrador. Começou hoje. Fui inglês muito tempo.

A jovem o olhava incrédula.

—É metade inglês.

—Edmund me separou de minha mãe à força. Embora eu logo escolhesse ficar com ele, comecei a ter graves dúvidas de que minha eleição fosse à correta.

—Grave dúvida! —repetiu ela horrorizada. Ia dar as costas à herança de seu pai, a seu título, a sua vida e a ela para converter-se em cigano?

Recordou a primeira noite que o viu, quando dançava com ardor sob as estrelas. Levava a música no sangue e na alma porque era tão cigano como inglês.

Eles também eram sua gente.

Mas deixar atrás toda sua vida?

Ariella se afundou em uma poltrona. Ele não podia ir para sempre.

—Tem que voltar — murmurou, e a dor explodiu em seu coração. Tinha que voltar para ela.

—Não é isto o melhor para todos? —perguntou ele com gravidade— Olhe o dano que já tenho feito. Encontrará seu príncipe, Ariella.

—Você é meu príncipe — repôs ela com a vista nublada pelas lágrimas. Deixou-se levar pelo pânico. Incorporou-se e lhe agarrou os braços.

—Sei que crê isso — ele não se afastou— Mas um dia verá que te equivocava. De fato, chegará um dia no que nem se quiser me recordará.

Ela não o esqueceria jamais.

—Quando voltarei a vê-lo?

Emilian moveu a cabeça.

—Não sei.

Ela se aferrou a seus poderosos braços.

—Como pode acontecer isto? Eu te amo.

—Não — disse ele com dureza.

Afastou-se.

—Parte-te já? —perguntou ela confusa.

—Saímos amanhã pouco depois de amanhecer.

—Passa a noite comigo.

Ele abriu muito os olhos.

Ariella lhe tocou a bochecha.

—Posso sentir que ainda me deseja. Faça-me amor esta noite. Dê-me algo ao que me aferrar até sua volta.

A respiração dele era ofegante.

—Que bem pode fazer isso?

—Preciso estar contigo uma vez mais. Não quero que vá. Tem que me deixar lembranças que possa valorizar.

Emilian negou com a cabeça.

—Você merece um grande amor e essa amizade da que sempre fala. Não merece outra aventura que termine mal.

A jovem não podia falar. Ele partia de Derbyshire. Deixava-a. Por que não podia entender que tinham começado uma viagem maravilhosa juntos?

—Não chore — disse ele com dureza— Por favor.

Ariella reprimiu um soluço e se tornou em seus braços, que se abriu para recebê-la. Aferrou-se, desejando poder fazê-lo para sempre. O corpo dele estava rígido e duro contra ela.

—Estou te fazendo mais dano — sussurrou.

Ela não podia falar.

Emilian olhou as portas fechadas do salão.

—Sua prima seguro que está passeando pelo corredor.

Não lhe importava. Se tivesse coragem de ir com ele! Mas isso implicaria perder todo seu orgulho. Além disso, sabia que ele a faria voltar.

—Ariella?

Ela não podia mover-se. Ele se voltou e foi abrir as portas. Assim que o fez, ficou rígido. Ariella olhou o vestíbulo.

Margery estava ali falando com Jack Tollman, o dono da estalagem O Veado Branco.

Ariella correu ao lado de Emilian.

—O que faz ele aqui? —perguntou-lhe este.

—Não sei. Suponho que terá suas razões.

—Está aqui por mim — se adiantou com determinação e ela o seguiu.

Tollman os viu e dedicou um sorriso desagradável a Emilian.

—Seu mordomo há dito que estaria aqui.

—Por que me busca? —quis saber Emilian.

Tollman fez uma careta.

—Porque pensamos que você gostaria de nos ver pendurar um ladrão de cavalos.

Capítulo 13

A incredulidade de Emilian deu passo à fúria.

—Disso nada! —gritou.

Ariella correu para situar-se ante ele, horrorizada pelo que acontecia, mas decidida a impedir uma briga. Emilian a olhou com incredulidade.

—Isto é uma vingança de Tollman.

—O que ocorre? —perguntou Ariella.

—Isto não é um jogo, St Xavier — cuspiu Tollman— Um dos moços ciganos roubou o cavalo ruano de Pitt e o pegaram com as mãos na massa vendendo-o ao vizinho de Pitt.

Ariella estava a ponto de assinalar que não se enforcava aos ladrões de cavalos quando Emilian perguntou:

—Há provas ou decidiu que pague o pato um cigano inocente?

Aquilo ia explodir em algo terrível! Por que se odiavam tanto esses dois homens?

—Não há ciganos inocentes.

Ariella começou a protestar, mas Emilian a olhou com fúria e ela guardou silêncio.

—A quem acusam? —exigiu saber Emilian.

—Djordi.

Ariella cobriu a boca com a mão. Djordi tinha dezesseis anos como muito.

—Nestes tempos não penduramos os ladrões — conseguiu dizer— Enviarei alguém procurar meu pai. Ele esclarecerá todo o assunto.

Emilian saiu da casa, seguido por Tollman. Ariella o seguiu a sua vez.

—Emilian! Vou contigo. Senhor Tollman, por favor, esperemos meu pai. Já sabe quanto justo é.

Emilian saltou sobre seu alazão cinza. Tollman subiu a seu carro.

—Senhorita Warenne, você não preocupe sua linda cabecinha com estes assuntos — tomou o látego— Um enforcamento não é lugar para damas.

—Atreveria a violar a lei? —perguntou ela, surpreendida.

—Tem que dar exemplo para que não venham outros ciganos a nos roubar — declarou Tollman com firmeza— Arre!

Emilian se aproximou dela montado em seu cavalo cinza.

—Fica em Rose Hill! —disse-lhe, antes de dar meia volta e afastar-se.

Ariella olhou sua prima.

—Demorarão cinco minutos em preparar a carruagem — comentou esta.



Ariella se agarrava às asas de segurança da carruagem, pois os quatro cavalos galopavam imprudentemente e Margery e ela se viam jogadas de um lado a outro no interior. Na praça do povoado se congregou uma multidão, que incluía mulheres e meninos, e a gente se chamava a gritos. Viu também Stevan e outros homens ciganos e observou com incredulidade que estavam agrupados juntos. Dois dos homens do povoado tinham rifles e não os deixavam passar.

No centro da praça havia um olmo gigante. Uma forca pendurava já de um dos ramos e debaixo dela havia um carro sem cavalo. Djordi estava de pé no carro com as mãos atadas às costas. A forca ficava justo atrás de seus ombros. Seu rosto mostrava uma expressão beligerante, mas estava pálido de medo.

E então Ariella viu Jaelle perto de Stevan, também com o rosto branco e tenso.

—Oh Deus querido! —sussurrou Margery— Temos que parar isto.

Ariella saltou da carruagem antes que se detivesse de tudo. Subiu as saias e correu freneticamente para a multidão. Viu Emilian de pé ao lado do carro, falando com Tollman e o prefeito Oswald. Não longe do prefeito estava também Robert St Xavier com os braços cruzados acompanhado por outros dois cavalheiros de sua idade.

A jovem abriu passo bruscamente entre os homens, mulheres e meninos, ignorando seus murmúrios de irritação e seus pulos de surpresa. Alguns que se davam conta de quem era se afastavam imediatamente.

—St Xavier, tem que haver justiça — dizia Oswald com as bochechas avermelhadas. Mas parecia vacilante.

—Não o pendurarão — replicou Emilian, com olhos chamejantes. Viu-a e a olhou com incredulidade, mas em seguida voltou sua atenção ao prefeito— Pendurar é ilegal neste caso. Não haverá mais incidentes, têm minha palavra. Partimo-nos pela manhã.

Oswald retorceu as mãos e olhou Tollman em busca de ajuda.

—A palavra de um mestiço — se burlou este— Isso não é palavra.

Emilian fez uma careta.

—Faz mais caso a um hospedeiro que ao visconde de Woodland?

—O povo inteiro quer justiça — declarou Tollman— O povo inteiro quer que se vá os condenados ciganos.

—Prefeito Oswald! —gritou Ariella sem fôlego— Não pode deixar que isto vá das mãos — olhou Robert com ar suplicante, esperando que se adiantasse para ajudar a resolver o problema.

Mas Robert se limitou a seguir perto do prefeito com expressão sombria. Afastou a vista dela.

Emilian se aproximou.

—Disse-lhe dito que ficasse em Rose Hill.

Ela não fez conta.

—Enviamos recado a meu pai na cidade. Voltará antes que caia a noite. Por favor, deixemos este assunto em suas mãos.

Emilian tomou pelos braços antes que o prefeito pudesse responder.

—Não se intrometa — se voltou para Margery— Lady Warrenne, nenhuma das duas deveriam estar aqui. Voltem para a carruagem e marchem para casa.

Margery se adiantou branca como um lençol.

—Ariella tem razão. O capitão Warrenne se ocupará deste assunto, Ou meu pai, o conde de Adare.

Mas sua menção do poderoso conde não serviu de nada.

—O vamos pendurar — declarou Tollman.

Oswald retorceu as mãos.

—O linchamento é ilegal, Jack — comentou.

Tollman estava furioso.

—Não pode deixar que se vá — gritou— Virão mais ladrões e nos roubarão os cavalos e as vacas. Seduzirão nossas irmãs e filhas. Venderão rodas podres.

A multidão murmurou seu assentimento.

—E então o que fazemos? —Oswald estava pálido e suave— Somos ingleses temerosos da lei.

O cirurgião se adiantou dentre a multidão.

—Deem-lhe umas boas palmadas e enviem-no de volta ao norte. Deixem que aprenda que, se voltar, esperar-lhe a morte.

Antes que Stone acabasse de falar, a turfa apoiava já seu plano com gritos ávidos.

—Açoitar a um menino jovem é bárbaros! —gritou Ariella, atônita— Não vejo por que não podemos esperar umas horas para resolver isto.

Tollman falou com o prefeito, mas sem afastar a vista de Emilian.

—Roubou o cavalo e é culpado. Tem que haver justiça. Eu apoio os açoites e a expulsão.

Emilian olhou Tollman com ódio e o taberneiro voltou o olhar com a mesma intensidade.

—Por que não podemos esperar a que volte meu pai? —gritou Ariella.

Oswald a olhou, claramente vacilante.

—Ela é amante dos ciganos — declarou James Stone— Seu pai provavelmente pensaria igual a nós. Todo mundo está de acordo em que se açoite ao cigano e o expulsemos.

Ariella pôs-se a tremer.

—Meu pai jamais aprovaria isso — declarou— Ele cumpriria a lei.

Margery lhe apertou a mão com força. Stone, Tollman e Oswald juntaram a cabeça e começaram a deliberar em voz baixa. O prefeito escutava, não falava.

Emilian a olhou com olhos frios como o gelo.

—Suba à carruagem e vá para casa agora. Não quero que veja o que vai ocorrer.

Suas palavras a assustaram ainda mais.

—Não penso deixar nem a Djordi, nem a você — nada, nem ninguém poderia fazê-la fugir nesse momento— Não seguirão adiante com isto — acrescentou com desespero.

Mas não estava segura de que pudessem parar Tollman e seus comparsas. Por que não se adiantava Robert para dizer algo? Em vez disso, olhava Emilian com uma espécie de curiosidade que resultava repugnante.

—Pode fazer que se vá? —perguntou este a Margery— Quero que se vá.

Margery também tremia.

—Queremos lhe apoiar, senhor.

Ele se voltou.

—Robert, escolta às damas fora da praça.

Robert ao fim se aproximou.

—Meu primo tem razão. Este lugar é pouco adequado para as damas.

Ela o olhou perguntando-se se era tolo.

—Ajudará a seu primo, senhor? O vai apoiar como deve fazer a família?

Robert se encolheu de ombros.

—Emilian parece ter um plano.

A jovem compreendeu que não lhe importava nada o que quisesse Emilian e que não pensava ficar de seu lado.

Robert lhe estendeu o braço.

—Não parto — disse ela a Emilian.

Ele a olhou zangado.

—Solte Djordi — disse a Oswald e Tollman. Tirou a jaqueta e a atirou ao chão. Começou a desabotoar o colete— Eu me farei responsável por seu castigo — tirou o colete— Aceitarei os açoites em seu lugar.

O horror fez emudecer a Ariella.

Tollman sorriu devagar, com prazer, enquanto Oswald parecia atônito.

—Senhor?

Tollman pôs-se a rir.

—É um deles. Demonstrou-o desde que chegaram ao povo. É um cigano e ao diabo com seu título.

—Tollman, o visconde leva anos administrando nossos assuntos — comentou Oswald pálido.

—Não importa a quem açoitemos sempre que sentarmos exemplo — respondeu Tollman com ar selvagem.

Ariella, que sabia que aquilo era uma vingança pessoal, olhou a Robert, mas estava claro que este não pensava intervir. Correu a Emilian, que atirava a camisa ao chão.

—Não pode fazer isto! É o visconde St Xavier, um bom cidadão deste povo e deste país.

—Soltem ao menino! —gritou Tollman a seus homens. Voltou-se para ela— Senhorita Warrenne, está em seu direito de ficar a presenciar o castigo, mas sugiro que parta. A histeria feminina não ajudará a ninguém.

—Não podem fazer isso — repetiu Ariella com desespero. Dois homens grandes subiram ao carro e desataram os pulsos de Djordi. O menino saltou ao chão e se aproximou de Emilian.

Um grupo de ciganos o seguiu. Emilian lhe apertou o ombro e lhe falou com firmeza. Ariella não tinha dúvidas de que o menino desejava aceitar o castigo e Emilian não o permitia.

Então viu que todos escutavam Emilian falar em romaní. A gente o olhava fascinada. Tollman parecia satisfeito e Robert também. Ariella se aproximou de Emilian.

—Não faça isto — sussurrou.

—Prefere que açoitem a um moço?

—Não. Não quero que açoitem a ninguém.

Emilian respirou com força.

—Parte para casa. Por favor.

Ariella pensou que não o deixaria nunca. Tinha começado a chorar. Secou as lágrimas com raiva.

Um braço forte a rodeou. Era Djordi.

—Venha — disse.

Emilian havia se tornado. Caminhou até o carro. Seguia-o um homem grande que levava um látego na mão. Emilian se agarrou aos lados do carro com a cabeça baixa.

Ariella empurrou Djordi.

—Alto, parem isto agora mesmo! — gritou.

Mas o menino a estreitou em seus braços e ela já não pôde mover-se. Começou a puxá-la para que não pudesse olhar.

Tollman falou com um dos homens mais jovens que havia a seu lado.

—Comecem!

Caiu o látego, que deixou uma marca vermelha nas costas de Emilian. Este permaneceu agarrado ao carro como se fosse feito de pedra. Nem sequer se encolheu.

O látego voltou a soar. Ela cambaleou, com o coração explodindo no peito, mas Emilian não se moveu. Golpeou-o uma terceira vez e ela tremeu obstinada a Djordi, raivosa de impotência. Emilian seguia sem emitir nenhum som. Enjoada, conseguiu controlar as lágrimas. Logo acabaria tudo. Emilian suportaria os golpes.

Tollman se adiantou com um látego de nove caudas na mão e expressão desumana.

Ariella compreendeu sua intenção e começou a gritar enquanto lutava por soltar-se de Djordi.

Ele agitou o perigoso látego no ar. A multidão rugiu sua aprovação e o taberneiro o descarregou sobre as costas de Emilian, onde abriu grosseiramente a carne e deixou um rastro de sangue.

—Basta! —gritou ela.

Mas Tollman voltou a golpear com fúria. Emilian se encolheu e quase caiu de joelhos. A multidão aclamou. Emilian lutava por permanecer erguido e se agarrava ao carro, ofegando agora audivelmente.

Tollman o golpeava sem mercê.

Ariella gritou; Djordi a segurava para que não pudesse interferir.

Emilian caiu de joelhos. A multidão aplaudiu.

Tollman queria matá-lo! Voltou a golpear e Emilian caiu ao fim com o rosto no chão. Ariella mordeu a mão de Djordi e o menino a soltou. Correu para Tollman, mas alguém a agarrou por trás e a lançou entre a multidão.

Margery a chamou gritos.

Ela caiu ao chão. O pânico a cegou um instante, mas ouviu estalar o látigo. Tollman o mataria se não o detinham. Sentiu muitas mãos nela e as arranhou desesperada por levantar-se, por salvar Emilian. Mas as mãos a ajudavam a incorporar-se, não a freavam, enquanto o látigo brutal estalava de novo. Ficou em pé, abriu passo a empurrões e chegou à carruagem, onde seu chofer estava ao lado dos cavalos com uma expressão de horror no rosto.

—O rifle, Jackson, o rifle que guarda meu pai debaixo do assento — gritou ela.

O homem saltou a boleia e lhe passou a arma.

—Está carregado?

—Sim, senhorita...

Ela estava já atrás da multidão. Disparou ao ar e a multidão se afastou como as águas do Mar Vermelho. Ariella correu entre eles e viu Tollman, com o látigo na mão, e Emilian, que jazia ensanguentado com o rosto no chão. Apontou o rifle ao peito do hospedeiro.

—Basta! —advertiu, mais que disposta a matá-lo pelo que tinha feito.

Tollman se voltou e abriu muito os olhos.

—Não dispare!

A ela nublou a visão e o rifle dançou incontrolável em suas mãos.

—Vive? —conseguiu perguntar.

Se Emilian estava morto, ia cometer um assassinato. Acabaria ali mesmo com aquele bastardo.

—Baixa o rifle — disse Emilian com voz rouca.

Stevan, Djordi e vários outros ciganos se aproximaram para ajudá-lo a sentar-se. Jaelle apareceu chorando, se abaixou a seu lado e tomou sua mão.

Ariella olhava Tollman com os olhos cheios de lágrimas. Emilian vivia. Mas e o que lhe tinham feito? Ela os odiava... odiava Tollman.

O hospedeiro lhe devolia o olhar com olhos cheios de medo.

—Ariella, não o faça — sussurrou Margery, que se tinha situado justo atrás dela.

A jovem piscou com fúria para reprimir as lágrimas. O rifle não estava quieto. Olhou Emilian, a seus olhos cinza. A dor estava impressa em cada linha de seu rosto. Embora as feridas estivessem nas costas, caía-lhe sangue pelo peito, pois parte do látigo tinha caído sobre seu ombro esquerdo.

—Não — murmurou ele.

Ariella sentiu que sua mente voltava para a vida. Ele tinha razão. Não podia assassinar alguém a sangue frio. Baixou o rifle.

Tollman passou a seu lado e vaiou algo. Era uma ameaça, mas ela não pôde entender as palavras. Solto o rifle e correu para Emilian.

Stevan o sustentava incorporado. Olhou-a um instante, mas seu rosto estava tão cheio de dor que ela não pôde ver nada mais nele. Logo fechou os olhos e desmaiou nos braços de seu tio.

Ela se ajoelhou e tomou suas mãos. O horror se desvaneceu, deixando só determinação.

Robert se aproximou deles.

—Eu o levarei a Woodland.

Ariella o olhou com raiva.

—Afastede-se dele!

Robert a olhou surpreso. Encolheu-se de ombros e se afastou.

A jovem lutou por recuperar a compostura. Olhou ao tio de Emilian.

—Stevan, por favor, leve-o a minha carruagem.

O homem a olhou surpreso.

—Agora nós mesmos cuidaremos disso.

Devolveu-lhe o olhar.

—Não. Eu cuidarei dele em Rose Hill.



Ariella estava sem fôlego no vestíbulo e Stevan e outro homem ajudavam a entrar Emilian. Jaelle tremia a seu lado e se esforçava por não chorar. Ariella a rodeou com o braço. Emilian estava consciente e tentava andar, mas tinha tais dores que Ariella suspeitava que não soubesse onde estava, nem o que ocorria. Sangrava ainda e deixava um rastro no chão de madeira.

—Podem subi-lo ao primeiro dormitório à direita? —perguntou, surpreendida da calma que transmitia sua voz. Tinha tanto medo de que morresse!

Os homens não responderam, mas se dirigiram à escada. Ela viu que Emilian fechava os olhos, mas intuiu que lutava por manter a consciência. Jaelle correu escada acima atrás deles.

Ariella ouviu passos e se voltou para sua madrastra, que entrava no vestíbulo bem a tempo de ver os ciganos transportar Emilian escada acima. Amanda abriu muito os olhos e olhou o sangue no chão.

—O que ocorreu?

—St Xavier se ofereceu a deixar-se açoitado em lugar de um menino cigano — Ariella olhou sombria a sua madrastra— O açoitaram até quase a morte. Vou cuidá-lo aqui.

Amanda a olhou. Não era uma petição e as duas sabiam. Aquilo era muito importante para Ariella.

Sua madrastra assentiu.

—Enviarei um recado a seu pai para que avise o doutor Finney e um bom cirurgião.

—Obrigada — disse a jovem, aliviada. O doutor da família vivia em Londres— Pode me enviar uma donzela com água, sabão, trapos e uísque?

—É obvio.

Ariella correu escada acima até o dormitório mais próximo, que Alexi estava acostumado a utilizar. Emilian estava convexo de barriga para baixo e respirava com força. Tinha os olhos fechados e o rosto empapado em suor. As costas estavam em carne viva. Ariella não podia acreditar o que lhe tinham feito. Tinha tentado Tollman assassiná-lo deliberadamente?

—Terá que limpar-lhe as feridas — disse Stevan com suavidade.

—Sei. Farei.

—Sabe cuidar de um homem que foi açoitado? —perguntou Stevan.

—Você me dirá como fazer.

O cigano a olhou.

—Trarei uma poção para dar-lhe a beber. Ajudará com a dor e o inchaço. Trarei unguentos para as feridas.

Ariella assentiu. Aproximou uma cadeira à cama.

—Enviamos a procurar um médico e um cirurgião de Londres.

—Não virão.

Ariella lhe lançou um olhar escuro. Essa forma de pensar não os levaria a nenhuma parte. E ela sabia que ao menos o médico da família sim iria a Rose Hill. Afastou o cabelo de Emilian do rosto e ficou paralisada. Em sua orelha direita havia uma marca branca e era impossível confundir a letra T, a marca dos ladrões.

—O que é isso? —perguntou.

—Marcaram-no — repôs Stevan, sombrio— Eu não sabia. Deve ter ocorrido há muito tempo. O pegaram roubando.

A jovem estava aniquilada. Outra injustiça terrível. Terminaria aquilo alguma vez? Tomou a mão de Emilian.

—Podem enviar a procurar o Hoode? —perguntou— Não só serve bem a Emilian, mas também acredito que o aprecia. Pode nos ajudar.

Stevan assentiu, mas não se moveu.

—Direi a Djordi que vá — sussurrou Jaelle. Seguia muito pálida, de pé ao lado da cama.

A Ariella não importava que Stevan quisesse ficar.

A donzela chegaria a qualquer momento e ela começaria a lhe lavar o sangue para poder inspecionar a extensão das feridas. Tinha medo do que pudesse encontrar. Estava quase segura de que algumas lacerações necessitariam pontos.

E também tinha muito medo de uma infecção.

Levava três horas à cidade na ferrovia. Confiava desesperadamente em que tanto Finney como o cirurgião chegassem antes da meia-noite.

Levou o punho dele à boca e o beijou.

—Hoje esteve muito heróico — murmurou— embora eu gostasse que não tivesse sido tão herói. Mas não tema, agora está a salvo e eu cuidarei de você. Minha família cuidará de você — se deu conta de que começava a chorar. Ela também sofria muito. Ele não merecia aquilo e ela teria gostado de poder curar-lhe milagrosamente todas as feridas, incluídas as do coração.

Emilian moveu as pestanas.

Ela se inclinou para lhe beijar a bochecha e suas lágrimas molharam o rosto dele.

—Hoje eu também os odeio.

Ele abriu os olhos e a olhou.

A jovem forçou um sorriso.

Emilian empalideceu; fechou os olhos imediatamente e emitiu um gemido estrangulado. Ela se voltou para Stevan.

—Ande logo, por favor. Está sofrendo muito.

—É jovem e forte — repôs o cigano. — Necessita algo mais que umas chicotadas para matá-lo.

Ela tremia com violência.

—Isso era o que queria Tollman, verdade? Queria matá-lo. Não era necessária tanta brutalidade.

—Você estava ali — respondeu o homem.

Saiu da estadia e Ariella olhou a Jaelle.

—É por minha culpa — disse a garota— O outro dia Emilian foi por Tollman pelo que tentou me fazer. E agora o hospedeiro o persegue.

—Não é tua culpa — repôs Ariella, cortante— Quer enviar a chamar Hoode? Djordi ou você podem levar a carruagem.

Jaelle assentiu. Quando saía da estadia, cruzou com a donzela, que chegava com os braços carregados com as coisas que tinha pedido Ariella. Amanda entrou atrás dela.

—Trouxe láudano. É melhor que o dê antes de tentar lavar essas chicotadas.

Ariella tomou o frasco e assentiu. Enquanto lhe jogava umas gotas na boca, pensou que aquilo tinha sido algo mais que um caso de preconceitos raciais; havia também um motivo pessoal. Tollman tinha querido matá-lo.

E tinha medo de que aquilo não fosse o final, a não ser um terrível começo.



Ariella estava sentada na cadeira ao lado da cama de Emilian e o observava dormir. Tinha deixado os cortinados abertos e o céu estava coalhado de estrelas e uma lua minguante. Calculava que seria perto de meia-noite e sabia que os últimos trens teriam chegado fazia uma hora. Parecia que nem o doutor, nem o cirurgião se apresentariam essa noite.

Tinha limado as feridas e umas horas antes lhe tinham dado mais láudano. Hoode tinha chegado há muito e tanto Amanda como Margery, sua tia Lizzie e Dianna passaram várias vezes para perguntar se podiam ajudar. Jaelle dormia no divã diante da lareira.

Emilian não parecia sofrer, mas isso certamente se devia ao láudano. A pele que ficava nas costas estava muito quente, mas não parecia ter febre. Mesmo assim, necessitava desesperadamente ao doutor. Ela se recordou que era jovem e forte, como havia dito Stevan.

—Ariella?

Voltou-se ao ouvir a voz de seu pai. Cliff estava na soleira e olhava Emilian. Ela correu a abraçá-lo.

Ele a estreitou um momento.

—O doutor Finney está no vestíbulo, e o cirurgião Marriot também.

Ela sentiu lágrimas de alívio.

—Graças a Deus.

—Ao que parece todos nós recebemos sua mensagem simultaneamente — olhou de novo Emilian— Está ferido gravemente?

—Foi algo selvagem. Se não chegasse a pará-lo, acredito que o teria matado a chicotadas — sussurrou ela com dureza.

Cliff a abraçou.

—Contaram-me o que fez. Estou orgulhoso de você.

Ariella não podia sorrir.

—Ainda estou em choque. É incrível que os seres humanos possam atuar com tanta violência e crueldade — disse com voz tensa— Jack Tollman fez isso com todo o povo olhando... incluídos cavalheiros.

—Levaste uma vida muito protegida — comentou Cliff— Sempre quis te economizar esse tipo de ódio e tragédias.

—A minha mãe a tratavam assim, verdade?

Seu pai a olhou.

—Sim. Ela padeceu o mesmo tipo de preconceitos.

Ariella respirou fundo.

—O que ocorrerá agora?

—Tollman violou as leis deste país — disse Cliff com seriedade— Atacou um homem inocente.

—Terá que processá-lo pelo que tem feito! E se Emilian morrer?

—Tenho toda a intenção que Tollman seja castigado legalmente por seus atos.

Ariella o abraçou um instante e se afastou. O doutor Finney estava na soleira com outro cavalheiro, que ela assumiu seria o cirurgião. Seu irmão também os acompanhava. A jovem se tornou em seus braços.

Alexi a estreitou contra si.

—Parto uns dias e se produz uma crise — murmurou.

—Estou segura de que, se tivesse estado aqui, não teria ocorrido nada disto — repôs ela em voz baixa.

Alexi a olhou um momento, mas já não lhe importava se adivinhava seus segredos. Jaelle tinha despertado. Cliff lhes fez um gesto e saíram todos ao corredor. Ariella estreitou com calor a mão do doutor antes que entrasse com Marriot na estadia.

—Obrigado por vir, doutor Finney.

O doutor sorriu-lhe com amabilidade.

—Como ia negar-me, Ariella? —levava mais de vinte anos tratando à família. Entrou no quarto e fechou a porta.

—Por que não busca um quarto à senhorita St Xavier? —perguntou Cliff a Alexi— Imagino que quererá ficar aqui enquanto se recupera seu irmão.

Ariella sabia que seu pai queria uma conversa a sós. Ficou tensa, pois sabia que queria conhecer seus verdadeiros motivos pessoais para ter saído em defesa de Emilian. Quando se foram Alexi e Jaelle, cruzou os braços e esperou.

Cliff a olhava com atenção.

—Está apaixonada por ele?

A pergunta aumentou a tensão dela. Uma resposta sincera só podia levar a descobrir a verdade de sua aventura, pois seu pai era muito ardiloso. E a verdade o enfureceria. Qualquer compaixão que pudesse sentir por Emilian se evaporaria.

—Não necessita que me responda — disse— É evidente.

Ela secou umas lágrimas.

—Estou apaixonada por ele.

Ele seguiu observando-a.

—Eu não o teria escolhido para você.

—Por que é cigano?

—Não, porque recorda a um leão ferido, e as bestas feridas golpeiam sempre que podem e a tudo o que podem. Não há nada mais perigoso.

—Está ferido — repôs ela— Teve uma vida difícil, desdenhado pelos ingleses por ser cigano, mas vivendo entre eles como inglês.

—Já imagino. Vi como o receberam na casa de Simmons. E é obvio você crê que pode curar suas feridas.

—Penso tentá-lo — ela tragou saliva— Você me disse que quando lhe apresentasse ao homem que escolhesse, daria sua bênção fosse quem fosse.

—Disse-lhe isso. E falava a sério. Mas agora tenho grande reserva.

Ariella sabia que devia parar ali. Emilian não a amava e seu pai não devia descobrir nunca que não a correspondia. Não havia necessidade de sua bênção. Mas não pôde evitar perguntar:

—Desaprova-o? Ou algo pior?

—Tentarei passá-lo — aproximou-a de si e a beijou brevemente na testa— Darei a St Xavier o benefício da dúvida.

Ariella se sentia muito aliviada.

—Pedi-a em matrimônio? —perguntou seu pai.

Seu alívio desapareceu.

—Acabamos de nos conhecer — repôs.

Cliff a observou com atenção.

—Assim que não tem intenção de casar-se contigo.

—Eu não disse isso.

—Querida, tenho quarenta e seis anos. Sei ler entre linhas. Posso te arrumar um matrimônio. Tenho poucas dúvidas de que poderei persuadir St Xavier de que veja os benefícios dessa união.

Ariella se sobressaltou. É obvio que havia benefícios... seu bom nome, sua fortuna...

—Casarei por amor ou não me casarei absolutamente — respondeu.

Nos olhos de seu pai apareceu uma expressão de resignação.

—É claro que sim. É minha filha. Muito bem. No momento não intervirei.

—Obrigado — repôs Ariella.

Capítulo 14

—Juro ante Deus que sua Graça é muito ousada por confiar nesses traidores. Teria que prendê-los e dispor deles.

Emilian se perguntou confuso onde estava.

—Como se a lealdade aninhasse em seu peito, coroadado de fé e lealdade constante.

As costas ardiam como se tivesse fogo. E a cabeça doía de um modo explosivo. Pior ainda, estava tão seco que não podia tragar saliva. O que tinha ocorrido?

«Não há ciganos inocentes».

Sua mente adormecida lutava por despertar, e um velho horror começou em seu interior. Sentia umas náuseas terríveis. Ia vomitar... o que implicava que teria que levantar-se. Mas seu corpo era tão pesado que, embora se ordenasse levantar-se, não ocorreu nada. Deus conta de que jazia de barriga para baixo, abraçando um travesseiro.

«Não há ciganos inocentes».

«Basta! O vai matar!»

Ariella! Recordou de repente por que estava de barriga para baixo em uma cama que não reconhecia. Tinha aceitado as chicotadas em lugar de Djordi e tinha sido muito duro... Ariella tinha estado presente, gritando e chorando por ele.

—O rei teve notícias de tudo o que tentavam, pois interceptou seus correios.

Ficou atônito. Ariella lhe lia em voz alta.

Sua voz era suave, melodiosa, reconfortante. O horror diminuiu e remeteu a náusea. Tinha uma bochecha sobre o travesseiro, girada em direção à voz. Devia estar em Woodland e ela se achava a seu lado.

Queria abrir os olhos, mas as pálpebras pesavam como pedras. Piscou com ferocidade, decidido a vê-la. E ao fim o conseguiu.

Estava sentada a seu lado em uma cadeira e absorta no livro que tinha nas mãos. E era a visão mais maravilhosa que jamais tinha visto.

«Ela apontava o rifle, que se movia terrivelmente; seu rosto era uma máscara de fúria e ele sabia que lhe faltava um instante para matar Tollman».

Ninguém o tinha defendido nunca com tanto afinco. Ninguém.

Acreditou então recordar sua carícia gentil nas costas ardente, fresca e úmida sobre as chamas ao vermelho vivo. Acreditou recordá-la inclinando-se sobre ele, acomodando o travesseiro e subindo o lençol. Tinha-lhe posto também compressas frias na testa ou tudo isso eram sonhos?

Talvez aquilo fosse também um sonho. Ela era tão formosa e boa, tão valente, que tinha que ser um sonho.

—Emilian! Está acordado — ela fechou o livro.

Ele quis sorrir, mas seguia vendo-a com o rifle, disposta a assassinar um homem por ele.

A expressão dela era preocupada.

—Você irá melhorar — sussurrou; tomou uma mão— Não tente se mover. Tem que ficar quieto vários dias mais para que se cure como é devido.

Pulsava com força o coração. Por que se comportava assim aquela mulher? Por que o cuidava agora?

Ela se incorporou e lhe soltou a mão.

—Tem sede? Deixa que te ajude a beber. Seguro que ainda sofre. Tenho láudano. O doutor Finney me aconselhou que te desse uma dose até que termine a semana — servia já um copo de água de uma jarra que havia na mesinha.

Emilian pensou que era um anjo de misericórdia. Era seu anjo de misericórdia.

E então se fecharam suas pálpebras e só ficou escuridão.

Despertou devagar, por fases, com a luz do sol nos olhos fechados. Uma tensão intensa o embargava à medida que saía das nuvens do sono. Uma sensação conhecida... que o tinha acossado em momentos como aquele. Havia algo que tinha que fazer, que confrontar. E quando despertou, soube que algo ia muito mal.

Ficou tenso. Não se sentia muito bem. As costas doíam ainda... não, doía-lhe todo o corpo e não sabia por que. Jazia de lado, mas quando começou a colocar-se de costas, aumentou a dor. Ao fim despertou de tudo, confuso pelo lento do processo e esgotou os olhos contra a luz do dia, com as têmporas pulsando com força e a boca insuportavelmente seca. Deu-se conta de que estava em uma cama estranha. Onde?

Olhou a um lado e viu Ariella.

Estava sentada em uma poltrona estofada que tinha aproximado tanto à cama que tocava o colchão. Dormia e sustentava um livro contra o peito. Tinha as pernas dobradas debaixo das saias e de seu coque escapavam muitas mechas douradas. O coração deu um tombo.

«*Eu cuidarei dele em Rose Hill*».

Incorporou-se lentamente até ficar sentado. Agora recordava vagamente que ela o cuidava, dava-lhe água e láudano. E lhe tinha lido em voz alta. Também recordava isso.

«Seu anjo de misericórdia».

Sentiu calor no peito. Não o compreendia. Terminou de sentar-se sem que as costas doessem muito, coisa que não entendia porque recordava ter estado nos fogos do inferno quando o tiraram da praça. Sentia-se muito débil e terrivelmente faminto. Também estava completamente nu sob os lençóis e mantas que o cobriam.

Viu a jarra de água e o copo na mesinha e passou com cuidado as pernas à lateral da cama, tampando-se com o lençol. Quando foi agarrar a jarra, viu que tremia a mão e lançou uma maldição.

O que era aquilo? Quanto tempo levava na cama? Era óbvio que lhe tinham dado algo, possivelmente láudano. Levantou a jarra suando.

—Deixe a mim! —exclamou Ariella.

Levantou-se e lhe tirou a jarra.

Emilian se recostou no travesseiro e fez uma careta quando suas costas entraram em contato com o algodão.

Era tão formosa! Exatamente como devia ser um anjo. Serviu-lhe a água e aproximou o copo à boca. Ele o tirou.

—Basta, Ariella. Não sou um inválido.

A jovem vacilou, mas o permitiu tomar o copo. Enquanto bebia, ela retorcia as mãos como se não estivesse segura de que pudesse beber sozinho.

Quanto tempo fazia que cuidava dele? Terminou o copo, tomou a jarra, voltou a enchê-lo e bebeu de novo. As mãos tremiam ainda, mas não tanto como a primeira vez.

—Como se sente? —sussurrou ela. Tomou o copo e o deixou na mesinha.

—De pena. Dolorido e débil. Quanto tempo levo aqui?

—Sete dias.

Ele abriu muito os olhos.

—E me drogou todo este tempo?

Ariella assentiu.

—Necessitava de pontos. Tanto o doutor como o cirurgião queriam que ficasse na cama imóvel todo o tempo possível. Também teve um pouco de febre vários dias — lhe tocou a testa.

Emilian não se moveu. Embargou-o certa satisfação ao sentir que acelerava o pulso e notava uma pressão na virilha. Era óbvio que estava em processo de sarar.

—Já não tem febre — murmurou ela; mas sua mão permaneceu na bochecha.

Levava sete dias cuidando-o. Tinha estado disposta a assassinar Tollman por ele. Estava débil, sim, mas queria abraçá-la e colocá-la na cama a seu lado. Queria acariciá-la e lhe fazer amor. Queria lhe mostrar sua gratidão.

—Eu poderia ter-lhe dito que não tenho febre — disse com suavidade. Levou a mão até a dela e a apertou.

Ariella sorriu.

—Me alegro muito de ouvir essa voz sedutora.

—Mostro-me sedutor? —murmurou ele.

—Brilham-lhe os olhos — sussurrou ela.

—Estou sentado aqui nu, e não estou morto.

Ela levou a mão dele aos lábios e a beijou. Ruborizou-se e se sentou na poltrona. Procurou o livro no chão.

Quando o tinha querido alguém assim? Em toda sua vida não lhe ocorria ninguém além de sua mãe, que também o teria cuidado e ameaçado Tollman se fosse preciso. Mas ela era muito distinta a todas as demais mulheres payas. Embora soubesse do momento em que a conheceu.

—Dói? —perguntou ela.

Ele negou com a cabeça.

—Tenho as costas doloridas, mas nada mais. E não se estranha, se levo uma semana dormindo. Obrigado.

A jovem o olhou.

—Não tem por que me agradecer.

—Foi minha imaginação ou me cuidou todo o tempo que estive aqui?

Ela sorriu.

—Estive aqui.

Emilian devolveu o sorriso.

—Ao melhor, sua verdadeira vocação é ser enfermeira.

Ariella negou com a cabeça.

—Você necessitava ajuda e eu estava decidida a ser a que te cuidasse.

Suas palavras eram como um murro no peito. Em seus olhos brilhantes havia muito amor e muita confiança. Mas ele não merecia essa confiança. Não merecia tanto amor. Não podia corresponder a seus sentimentos... e tampouco queria fazê-lo. Mas em seu coração havia um calor estranho. Devia-lhe tanto!

Recordou-se que ela era uma princesa paya. E um dia haveria um príncipe payo.

Olhou o livro que sustentava. O nome de Shakespeare estava inscrito no lombo.

—Tem-me lido *Romeo e Julieta*? —perguntou divertido.

—Tenho lido *Enrique V*.

Emilian se sentou mais reto.

—Isso não é uma *romance de amor*.

—Menti. Não leio *romances de amor*.

Custava-lhe entender aquela mentira.

—Por que *Enrique V*?

—Admiro o rei *Enrique* — repôs ela; olhou-o aos olhos— Apesar de seus defeitos, era orgulhoso, muito orgulhoso em realidade, mas muito valente —acrescentou— Metia-se facilmente em batalhas. Uma simples burla bastava para lhe fazer desejar uma guerra.

Emilian se sentia incômodo.

—Era curto de vista.

—Talvez, mas era um líder forte — o olhar dela não vacilou— Seus homens confiavam nele. Tinha carisma e o seguiam a todas as partes.

—Era desumano — disse ele devagar.

—Sim, era desumano... quando o traíam.

—Traíram-no e os moços ingleses de seu exército foram cruelmente assassinados — Emilian se sentou em uma posição mais erguida. Falavam de *Enrique* ou dele?

—A tragédia me tem feito apreciar mais *Enrique* — declarou Ariella com firmeza.

—É obvio — ela entendia perfeitamente o paralelismo— E aprova sua vingança? Porque se encarregou de vingar aos moços.

—Não, não a aprovo, porque *Enrique* assassinou a todos os prisioneiros franceses que tinha. A violência gera violência, Emilian. A moral é essa, suponho que sabe. E espero que não esteja pensando em vingança.

Ele recordou a careta de desprezo de Tollman. Olhou-a.

—*Enrique* se casou com a rainha francesa e se converteu em rei da França — disse — Essa dureza foi o resultado de tanta violência.

—Não posso evitar admirar o orgulho de Enrique, seu valor e sua capacidade como líder, mas sempre que o leio, choro quando assassinam injustamente a esses meninos. E me espanta saber o que vai fazer depois — respondeu ela— Choro pelas injustiças que sofreram os ciganos e seguem sofrendo e chorei pelo que lhe têm feito. Mas me espanta o olhar de seus olhos agora.

Emilian respirou com força e pensou como ia se vingar de Tollman. Uma surra parecia o mais apropriado... uma surra brutal. Tremia de raiva e ódio.

—Deveria ter escolhido outra obra, Ariella.

—Você é muito orgulhoso e valente, mas eu rezo para que não permita que seu orgulho te dite vingança — repôs ela.

—Recordo até o último detalhe do que ocorreu — respondeu ele— E embora dê graças a Deus porque você não assassinou Tollman, tem que pagar.

—Prenderam-no. E o vão julg-lo. Irá ao cárcere.

A detenção o surpreendia, mas só até que pensou que ela tinha que estar por trás. Com certeza que sim.

—Condená-lo-ão? —passou as pernas a um lado da cama com tal rapidez que doeu às costas e grunhiu. Perdeu grande parte do lençol e voltou a levantá-lo, sem importar que o umbigo ficasse ao descoberto.

Ariella o olhou e se ruborizou.

—Meu pai é um homem justo — disse— Tollman violou a lei quando decidiu te castigar por algo que além não tinha feito. O castigo está reservado aos juízes e jurados. Não podemos tomar a justiça por nossa mão.

Emilian estava seguro de que ela tinha empurrado seu pai a fazer justiça.

—Não necessito, nem quero a caridade dos payos.

Ela suspirou.

—Isso não é justo. Eu não te cuidei por caridade.

—Isso sei. Refiro-me a seu pai tentando te agradar quando não lhe importa nada meu destino.

—Isso é injusto e incerto.

Ela se levantou da poltrona e sentou na borda da cama, ao lado de seu quadril descoberto. Seu pulso, alto já pela raiva, respondeu instantaneamente à proximidade dela. A jovem ousou lhe acariciar a bochecha de novo e ele deu a bem-vinda ao desejo. Não podia imaginar-se sem desejá-la tanto e tão desesperadamente, inclusive em metade de uma diferença de opiniões.

—Importa-lhe a injustiça, importam-lhe os preconceitos. E a mim educaram com esses mesmos valores. Emilian me prometeu que deixará Tollman em paz.

A ele ocorreu pela primeira vez que, se ela se converteu em uma pessoa tão extraordinariamente generosa e aberta de mente, era devido a sua família.

—Não penso fazer semelhante promessa — repôs — Como está Djordi?

Ela ficou tensa.

—Sim roubou o cavalo, Emilian. Também o prenderam.

—E Stevan e a caravana? —perguntou ele, furioso.

—Seguem em Woodland — sussurrou ela, olhando-o aos olhos — Não houve mais incidentes... ao menos sérios.

—O que significa isso? —tinha que sair dali e voltar para casa.

—Os ânimos estão muito esquentados. Os aldeãos querem que se vão. Meu pai tenta acalmar a todos.

—Está preocupada? —perguntou ele, que o lia em seus olhos.

—Claro sim.

—Me deixe à preocupação. Você já tem feito bastante — tomou a mão e a olhou aos olhos — Passou uma semana me cuidando. Não lhe posso pagar isso com uma discussão. Possivelmente tenha razão sobre seu pai. Em minha experiência, a maior parte da sociedade é intolerante, mas não toda. Se tenta acalmar a situação, também estou agradecido a ele.

—Se quiser que a gente tenha uma mente aberta sobre os ciganos, não tem que fazer o mesmo você com os payos? Nem todos são iguais. Não posso acreditar que não tenha se dado conta em todos seus anos em Woodland.

Ele a olhou com fixidez e pensou em quão extraordinária era.

Ariella sorriu.

—É muito inteligente para ter preconceitos contra todos os payos.

Tinha razão. Ele conhecia alguns ingleses decentes. Algo em seu coração se suavizou de um modo impossível.

—Assim, que tenho que entrar em uma estadia e assumir que todos estão desejando me conhecer e os sussurros que ouço não estão cheios de condescendência?

—Sim — respondeu ela — Pode ser um experimento — fez uma pausa — Nosso experimento.

Deu-lhe um tombo o coração. Fechou os olhos e lhe beijou a mão devagar. Havia um modo com o que podia lhe pagar o que tinha feito, e não tinha nada a ver com experimentos sociais.

Tomou-a pela nuca e a atraiu para si. Seu cabelo começou a cair solto. Levou a outra mão dela a seu ventre e a jovem deu um pulo quando roçou as dobras do lençol.

—Quero te agradecer por haver enfrentado Tollman... e por cuidar de mim — a beijou nos lábios com suavidade.

O olhar dela era cálido e amoroso.

Emilian sentia uma necessidade desesperada para lhe fazer amor.

—Mas não volte a interferir em assuntos tão violentos — disse.

—Como podia não interferir? —protestou ela— Estava morta de medo.

Ele voltou a beijá-la, dessa vez com mais pressão. Ela gemeu e abriu os lábios. Ele deixou vagar a língua livre e lentamente, com sensualidade. Ela o abraçou pelos ombros. E ele pensou que seria muito fácil deitá-la e colocar-se em cima para satisfazer ambos.

Mas estava em Rose Hill e se achava em dívida com o dono da mansão. E lhe devia a vida.

—Quando me permite reatar minha atividade normal? —perguntou. E fez o que faria um inglês: soltou-a.

—Espero que seja hoje — murmurou ela.



Emilian devorava uma tigela de guisado enquanto Hoode o olhava com atenção.

—Trago-lhe mais? —perguntou o mordomo com um sorriso.

—Não, obrigado. Pode me ajudar a terminar de me vestir e pode me falar da senhorita Warenne.

Ficou em pé, embelezado só com a calça. Já tinha olhado as costas no espelho. Estava cruzada de arranhões e de pele nova rosácea. Estava seguro de que ficariam cicatrizes. Melhor. Recordar-lhe-iam que tinha assuntos pendentes com Tollman e lhe recordariam também que a maioria dos payos merecia seu ódio.

—A senhorita de Warenne demonstrou ser uma amiga muito leal, senhor.

Emilian cruzou o quarto até onde havia uma camisa pendurada em uma poltrona.

—Por quê?

—Só se afastou de seu lado quando o ordenava seu pai, e só uma ou duas horas cada vez.

Ele sorriu a sua imagem no espelho, estranhamente agradado. Começou a colocar a camisa e fez uma careta de dor.

—Toda sua família foi muito amável. São muito boas pessoas — prosseguiu Hoode— O capitão e a senhora de Warenne passaram a vê-lo, assim como também a esposa do conde, o senhor Alexi de Warenne, a irmã menor e lady Margery. E deram um quarto a sua irmã, embora não acredito que a tenha usado.

—Minha irmã deve estar preocupada. Pode enviar a procurá-la?

—É obvio senhor.

Bateram na porta e Hoode foi abrir. Emilian fechou a camisa e observou seu anfitrião entrar na estadia.

Cliff de Warenne o saudou com cortesia.

—Agrada-me vê-lo levantado — comentou.

Emilian o olhou.

—Quero agradecer por sua generosidade e hospitalidade.

—De nada. É bem-vindo aqui. O ocorrido foi terrível — de Warenne olhou o mordomo— Queria falar com o visconde.

Hoode partiu imediatamente e fechou a porta atrás de si.

De Warenne o observou com atenção.

—Embora não passamos mais de um mês ou dois ao ano em Rose Hill, sinto a obrigação de oferecer um pouco de liderança à comunidade e sentar exemplo para outros. Tollman está em um cárcere de Manchester, mas sua família contratou advogados e acredito que logo o soltarão com uma fiança. Há controvérsia sobre se podem apresentar cargos, posto que você ofereceu-se a aceitar as chicotadas.

Emilian pôs-se a rir.

—Pois claro que há controvérsia. Não me preocupa Tollman, embora fique livre.

Cliff moveu a cabeça.

—Reconheço esse olhar e sugiro que deixe este assunto ao sistema legal. Procurar vingança não ajudará a seu caso e têm uma responsabilidade para com Woodland e seus inquilinos.

—Ultimamente comecei a acreditar que meus deveres são para com meus irmãos ciganos. O que tem o Djordi?

—Conseguí que parta com a caravana. É jovem e por isso saiu tão bem, mas não pode voltar a Derbyshire.

—É obvio que não — Emilian sentiu que voltava seu ódio. Djordi era expulso do condado, uma perseguição muito antiga.

—Pode lhe sugerir que a próxima vez que queira levar um cavalo, escolha um que não tenha uma marca tão pouco habitual — disse de Warrenne com suavidade.

Emilian não respondeu. Ao menos Djordi podia voltar para a caravana. Mas que o condenassem se pensava deixar em paz Tollman se voltava para sua casa.

—Quero lhe falar de minha filha.

Emilian o olhou aos olhos.

—Tenho uma grande dívida com sua filha.

—Sim, assim é. Acredito que lhe salvou a vida.

—Sou consciente.

—Na casa dos Simmons o perguntei quais eram suas intenções. Disse que não tinha nenhuma.

Emilian não respondeu.

—É evidente que ela o aprecia muito. Corresponde você a seus sentimentos?

Emilian se voltou, atônito pela pergunta. Não era possível que de Warrenne o quisesse como pretendente.

—Sua filha é uma mulher excepcional. Nunca conheci uma dama como ela.

—Responda à pergunta.

Ela era seu anjo de misericórdia. Emilian respirou com força.

—Parto, de Warrenne. Vou ao norte com a caravana.

Seu anfitrião pareceu surpreso.

—Ariella sabe disso?

—Sim.

—Fala como se não pensasse voltar.

—Pode ser que esteja fora meses ou anos, não sei.

—E suas propriedades?

—Contratei um administrador.

—Não compreendo. Foi visconde durante anos. Por que parte agora?

—Isso é meu assunto.

Ao capitão lhe brilharam os olhos.

—Seriamente? Porque me parece que deu asas a minha filha e, nesse caso, seus assuntos são também meus.

Emilian se preparou para a batalha, mas com certa relutância. Não só estava em dívida com Ariella e seu irmão, mas também com aquele homem.

—Jamais enganei sua filha. Ao contrário, fui brutalmente sincero com ela — acreditou notar que se ruborizava— Sou mestiço. Nunca cortejei uma dama inglesa e nunca o farei. Com franqueza, me casar não entra em meus planos. Vou ao norte e não sei se voltarei. Ariella sabe tudo isto.

Seguiu um momento tenso.

—Há um mito familiar que nunca resultou ser falso. Um Warrenne ama uma vez... e é para sempre.

Emilian se ruborizou. O que significava aquilo?

—Acredito que interpreto mal suas palavras. Não pode insinuar que me deseja como seu pretendente — procurou preparar-se, pois esperava que Warrenne risse em sua cara.

Não houve risada.

—Se isso fizer feliz a minha filha, sim.

Emilian estava atônito.

—Não duvide de que você é o último homem que eu teria escolhido para ela. Fiz minhas investigações, St Xavier. Esquiva à sociedade de Derbyshire e de Londres, mas administra Woodland de um modo magnífico. Têm inteligência para os negócios, mas é também um mulherengo... abertamente. A um homem de negócios posso admirá-lo, mas a um recluso e libertino? Minha filha merece algo melhor e temo por seu coração.

Emilian seguia incrédulo. Seu anfitrião desejava que cortejasse Ariella? Aquilo era uma brincadeira macabra?

—Parece que esqueceu que uma boa parte da sociedade foge de mim por meu sangue cigano.

—Viveu em Woodland desde menino. Isso lhe faz tão inglês como eu. Mas têm direito a sua herança... igual Ariella tem direito à sua. Eu não ponho objeções a seu sangue, ponho a suas obras.

Emilian recordou que Ariella havia dito que sua mãe era judia. Mas que Warrenne tinha tomado aquela mulher como amante era quão mesmo todos os payos que tomavam amantes ciganas, não?

—Sei do assassinato de sua mãe em Edimburgo — disse de repente. Emilian ficou rígido— É por isso que está a ponto de se afastar da vida que lhe deu seu pai?

—Tenho um dever para com ela.

—Sinto muito sua morte. Mas você tem muitos deveres, e não só para com sua mãe morta.

Emilian não tinha intenção de falar de Raiza com aquele payo.

—Obrigado — conseguiu dizer.

—Tive grandes dúvidas sobre você do momento em que nos conhecemos — declarou Warenne sem rodeios— Estou acostumado a ser bom juiz das pessoas e minha preocupação se apoia em muito mais que o fato de que seja um mulherengo. Têm muita ira, é beligerante e leva em cima muitas cicatrizes, e não me refiro ao corpo físico. Minha filha merece um amor grande e duradouro. Os mulherengos podem se reformar, mas um homem prejudicado não pode lhe dar o amor que merece.

Emilian se sentia agora estranhamente decepcionado, e também zangado.

—Ariella merece um príncipe payo. Espero que lhe encontrem um — o dizia a sério.

A Warenne flamejaram os olhos.

—Se lhe romper o coração, encarregarei pessoalmente de lhe fazer pagar isso.

Emilian suspirou. O capitão tinha fama de ser um grande amigo e um inimigo letal.

De Warenne se dirigiu à porta.

—Quanto antes saia desta casa, melhor. Já não me sinto muito generoso, nem hospitalar. E quanto antes termine sua relação com minha filha, melhor ainda. Procure que siga sendo platônica — saiu da estadia.



Assim que abriu a porta, soube que tinha encontrado o quarto de Ariella. Detectava apenas seu aroma a jasmim e nardo, mas a decoração azul e bege era tão singela e elegante que não podia haver dúvidas. Permaneceu um momento olhando com o coração galopante.

Partia de Rose Hill. Hoode já estava abaixo, onde o esperava a carruagem. Não tinha visto a jovem da manhã e estava seguro de que ela não sabia que ia. Mas essa não era a razão de que estivesse na porta de seus aposentos.

Entrou e fechou a porta. Apoiou-se nela. Embargou-o uma necessidade terrível de conhecê-la bem e não pôde negar que a ideia de partir resultava desagradável.

Aproximou-se da lareira, onde havia um retrato de família. Reconheceu seu pai e sua madrastra, possivelmente de recém casados, pois sua roupa e sua juventude indicavam que tinha sido pintado fazia umas duas décadas. A menina loira sentada ao seu lado com um livro na mão era claramente Ariella. Seu irmão estava também, sorridente e com a mão em um galgo. Ariella estava séria, solene.

Olhou a seu redor devagar, assimilando todos os objetos: os dois vestidos de chá bastante elegantes que penduravam em um rincão da estadia, o formoso joalheiro pintado à mão situado sobre a cômoda, com um livro ao lado e uma única rosa amarela em um jarro alargado. Olhou a estante situada em uma das paredes. Não conhecia ninguém que tivesse uma estante no dormitório e a dela estava cheia de livros.

Voltou para o retrato da lareira e se deu conta de que sorria. Ela parecia ter seis ou sete anos. Sabia que se criou no seio de uma família unida e amorosa e se alegrava terrivelmente por ela. Já só necessitava um príncipe payo e não tinha dúvidas de que seu pai lhe buscaria um.

Aproximou-se da mesinha, onde havia certo número de retratos em miniaturas, incluídos vários de seus irmãos. Emilian não podia imaginar o que era ter uma família assim.

Olhou a cama. Apesar de sua recente conversa com de Warrenne, sentia uma grande urgência de lhe fazer amor. Não acreditava que pudesse partir de Derbyshire sem fazê-lo. Seria seu modo de agradecer... e dizer adeus.

Em cima da cama havia outro livro. Tomou e o surpreendeu o título. Era o último programa político do radical Francis Agrada.

Foi à estante e o surpreendeu encontrar livros de Baudelaire e Flaubert em francês, história dos turcos, do Egito, China, Rússia e o Império Austro húngaro. Os últimos volumes estavam escritos em russo e alemão. Havia biografias de rainhas e reis de distintos países assim como de Soleimán, Genghis Khan e Alexandre Magno. E havia um tratado sobre a origem dos aborígenes australianos.

As mulheres não liam esse tipo de estudos e trabalhos. Mas ela era tão diferente!

Aproximou uma turca a estante e se sentou para olhar os livros. Estava seguro de que Ariella tinha lido todos.

Não era só formosa, boa e valente: além disso, era inteligente e intelectual. Para ter uma biblioteca assim, tinha que ser tão curiosa como ele. Estava de acordo com Agrada? Que história preferia?

Como podia deixar uma mulher assim?

A ideia de deixá-la fazia que doesse o peito. Mas esses sentimentos não eram próprios dele. Era um cigano e ela merecia um inglês honrado e um mundo cheio de privilégios e luxos.

De Warrenne tinha insinuado que estaria aberto a que a cortejasse.

Não era possível. Ou o tinha entendido mal ou de Warenne não o tinha pensado bem e acabaria por recuperar o sentido comum e mudar de ideia.

Talvez tivesse podido lhe dar essa vida antes do assassinato de Raiza. Teria podido lhe dar vestidos bonitos, joias e uma mansão, mas sempre que saíssem ela ouviria murmúrios e sentiria o desprezo da gente. Seus amigos a abandonariam. Só haveria fingimentos.

Abriu-se a porta e ela entrou. Abriu muito os olhos ao vê-lo e fechou a porta.

—O que faz aqui?

—Olho seus livros.

—Já o vejo.

Partiria como tinha planejado, mas não sem uma despedida que ela pudesse recordar durante muito, muito tempo.

—Teme que nos descubram e nos acusem de ser amantes? —perguntou.

Ela suspirou.

—Tenho medo de que nos descubram e lhe acusem de ser o pior vilão, um homem que se aproveita de mim — disse Ariella. Mas não se moveu.

—Sou o pior vilão. E já me aproveitei de você.

Avançou para ela.

—Vejo que está recuperado.

—Sim — ele se deteve— Por que não me disse que é uma intelectual?

Ela se ruborizou.

—Não está na moda. As mulheres inteligentes são desprezadas.

—Mas eu desprezo as mulheres estúpidas — replicou ele— Estou impressionado.

—De verdade?

—Qual é sua biografia favorita?

—Estou encantada com o rei Cnut e Genghis Khan — repôs ela— Ou o estava até recentemente.

Emilian lhe afastou o cabelo do rosto.

—E agora?

—Prefiro a um príncipe cigano — sussurrou ela.

Emilian sentiu uma grande alegria, embora aquilo fosse o prelúdio de uma despedida.

—Não encontrará biografias de nenhum cigano. Lamento te decepcionar, mas só sou meio cigano e não temos reis, nem príncipes.

—Não preciso ler sobre nenhum príncipe.

Seu príncipe cigano era ele. Emilian sentiu desejo misturado com algo mais profundo, insondável, algo que não devia analisar, nem identificar. Apertou os quadris contra os dela e colocou os antebraços na porta, a ambos os lados da cabeça da jovem. Deu-lhe um beijo profundo. Ela era, sem dúvida nenhuma, a mais extraordinária das mulheres e lhe devia a vida.

Ariella devolveu o beijo. Colocou uma mão nas nádegas dele e logo a baixou mais.

Emilian empurrou uma coxa entre as pernas dela e afastou a boca.

—Quero te fazer amor.

Ela assentiu.

—Sim.

Ele se separou dela e da porta.

—Parto a Woodland.

—Tão logo? —empalideceu ela.

—Estou bastante recuperado... como é evidente.

—Me alegre — se ruborizou a jovem— E não por razões egoístas.

Tocou-lhe a bochecha.

—Você não é nada egoísta.

Ariella tomou a mão.

—Quer que vá vê-lo logo ou amanhã?

Emilian não queria que a descobrissem, mas não havia um modo fácil de levar a cabo um encontro amoroso. Ou abusava da generosidade de seu anfitrião e penetrava em Rose Hill de noite ou tinham que roubar uma tarde juntos em Woodland. Ela merecia largas noites com toda sua atenção e largas manhãs com mais atenção ainda. Merecia champanha a meia-noite e morangos com nata pela manhã. Mas não era nenhuma esposa, nenhuma noiva e ele não podia lhe dar outra coisa que um par de horas de paixão.

Uma noite em Rose Hill era um pouco menos sórdida que uma tarde em Woodland, mas muito mais perigosa. Agora já estava o bastante bem para viajar e a caravana partiria provavelmente ao dia seguinte.

—Venha ver-me mais tarde — disse — Promete-o.

Ela sorriu.

—Prometo-o.

Capítulo 15

Ariella baixou devagar as escadas. Emilian havia marcado uma hora antes. Das terríveis chicotadas tinha saído algo bom. Via-o no modo em que a olhava agora, com olhos gentis e com um calor que antes não estava presente neles.

Em uma hora mais se reuniria com ele em Woodland. Mal podia esperar. Sabia que, dessa vez, quando a tomasse em seus braços, o calor se refletiria em seus olhos. Dessa vez lhe faria amor.

Levou a mão ao abdômen. Só tinham jazido juntos duas vezes, mas, enquanto o cuidava, deu-se conta de que não tinha tido seu período do mês. Estranha vez se atrasava, mas com tudo o que tinha ocorrido ultimamente, provavelmente era normal. E tinha assuntos mais graves nos que pensar.

O condado era como um barril de dinamite que podia explodir a qualquer momento enquanto os ciganos seguissem ali. Não necessitaria muito parar prender o fogo. A hostilidade entre os ingleses e os ciganos era uma grande mancha em sua recém achada felicidade. Tinha medo do que podia ocorrer a seguir.

Ouviu vozes no salão de receber e reconheceu a do prefeito Oswald. Apressou-se a ir ali. Seguia furiosa com ele e com todos os outros por ter permitido que açoitassem Emilian.

O prefeito estava sentado com uma xícara de chá, acompanhado por dois cavalheiros aos que ela reconheceu. Seu pai e Amanda se sentavam com eles. Os três homens tinham estado presentes quando açoitaram Emilian. Tremeu ultrajada quando o prefeito falou.

—Estamos muito agradados de que o visconde se recuperou e tenha retornado a Woodland, capitão. O que ocorreu foi uma paródia terrível da justiça e não sei como expressar quanto o sinto.

Ariella se deteve.

Seu pai a viu e sorriu, mas recomendou cautela com o olhar.

—O prefeito Oswald veio perguntar por St Xavier e lhe apresentar seus respeitos, e os senhores Liddy e Hawkes também. Vieram também há uns dias, mas estava ocupada.

—Não o tinha sabido — a Ariella dava voltas à cabeça. Os três cavalheiros ficaram em pé. Eram sinceros em seu arrependimento?— Desgraçadamente, teria sido melhor parar Tollman a tempo. O visconde não teria que ter sofrido esse abuso.

Oswald se ruborizou.

—Estou de acordo com você, senhorita de Warenne. O visconde foi um membro importante da sociedade de Derbyshire desde a morte de seu pai. Todos o admiramos. Ainda não posso acreditar no que aconteceu. Sinto-o muito e estou desejando que o visconde siga participando de nossos assuntos. Todos o desejamos assim.

Ariella compreendeu que o prefeito era sincero.

Oswald estreitou a mão de Cliff.

—Visitaremos St Xavier em Woodland... se quer nos receber.

—Estou seguro de que o fará — disse Cliff.

Acompanhou os homens à porta e retornou pouco depois.

—É uma grande mudança de opinião — comentou a jovem.

—Cometeu um engano, mas não é pouca coisa que o tenha admitido.

—Como puderam estar presentes ali e ver como açoitavam Emilian quase até a morte? Jamais o entenderei.

—Eu nunca pude compreender a psicologia da turfa, Ariella. Vi muitos homens e mulheres bons voltarem-se cruéis e viciosos, transformar-se completamente pelos sentimentos de uma multidão. O prefeito está horrorizado pelo que fez Tollman.

—Mais vale tarde que nunca, suponho — grunhiu Ariella— Com franqueza, eu não estou de humor para perdoar e duvido muito de que o esteja Emilian.

—St Xavier foi visconde mais de oito anos. Embora tenha vivido bastante encerrado e murmurem sobre ele, também foi respeitado, quase temido. Nunca houve um incidente como o de Tollman. Mas desde que chegaram os ciganos, pôs-se de seu lado neste conflito e isso não o ajudou.

—Vive suportando preconceitos todos os dias de sua vida. Dificilmente pode permanecer neutro ante a intolerância. Eu mesma não posso permanecer neutra.

—Compreendo e admiro sua paixão, Ariella. Não seria minha filha se não sentisse assim — Cliff estava muito sério— Mas por independente e radical que seja não pode mudar a mente da gente, nem pode mudar o mundo.

Ariella sorriu.

—Mas o posso tentar.

Seu pai a olhou com fixidez.

—Não parece desgostosa. Noto-lhe contente.

—Por que vou estar desgostosa? Emilian se recuperou, estou encantada — se ruborizou— Tenho a sensação de que a chegada dos ciganos desencadeou uma série terrível de acontecimentos. Intensificou o conflito que sente Emilian. Quase desejo que não tivessem vindo, mas então possivelmente não teríamos nos conhecido.

—Seu tio tinha o dever de lhe comunicar a tragédia, Ariella — comentou Cliff— A vida é imprevisível e um acontecimento pode trocar alguém para sempre.

—De que tragédia fala?

—Não te há dito que sua mãe foi assassinada recentemente por uma turfa em Edimburgo?

Ariella estava atônita. Emilian não havia dito nenhuma palavra.

—Isso pode impulsionar um homem a pensar em abandonar tudo aquilo ao que dedicou sua vida — prosseguiu seu pai.

—Não se estranha que esteja tão zangado conosco. Por que não me há isso dito?

Cliff lhe tocou o ombro.

—É um homem escuro e cheio de fúria, e suspeito que já o fosse antes que chegassem os ciganos.

—Mas agora o compreendo perfeitamente! —exclamou ela. Precisava ir reconfortá-lo ainda mais que antes.

—Sei que não está de acordo, mas não acredito que você possa curar suas feridas. Não acredito que te deixe Ariella.

—Equivoca-se. E se não puder curá-lo de tudo, posso ser sua amiga.

Cliff suspirou.

—Até que se vá com os ciganos. E o que fará então?

Deu-lhe um tombo o coração.

—O que diz? Agora não partirá.

Cliff esgotou os olhos.

—Ariella, esta manhã tivemos uma conversa bastante desagradável. Ele afirma que lhe há dito tudo, incluído seus planos de partir com a caravana.

Ela respirou fundo.

—Disse-me isso. Mas isso foi antes do que ocorreu a semana passada. Emilian não irá. Agora lhe importo.

—Ariella, há-me dito muito claramente que parte. Está decidido e não cederá nem um ápice. Não tem intenções sérias com respeito a ti. Embora lhe importe, o assassinato de sua mãe mudou o curso de sua vida.

—Não. Você o entendeu mal ou ele não pensava com clareza. Esteve muito doente. Ele não me deixará. Não agora, depois do que aconteceu —a jovem respirava com força — Este tem que ser nosso começo.

Cliff a olhou fixamente.

—Tenho medo por você — disse— E não confio em St Xavier.

—Pai, eu confio nele. Confio plenamente.



Quando Emilian entrou na casa, Hoode o recebeu sorridente.

—Bem-vindo ao lar, senhor.

Emilian sorriu. Era muito consciente de que essa podia ser uma de suas últimas noites em Woodland em muito tempo.

Sabia que sua decisão de ir ao norte com a caravana era correta... a única possível. Olhou o retrato de seu pai na parede do vestíbulo. Edmund não teria aprovado seus planos.

Tinha-lhe dado muito, mas agora tinha que ignorar o passado. O que tinha querido seu pai já não importava.

Percorreu a casa pensando em Ariella. Sentiria sua falta, mas era melhor assim. Ela era uma luz brilhante em sua vida, mas ele era a sombra mais escura na vida dela.

—Emilian?

Voltou-se para seu tio. Abraçaram-se.

—Como está, Stevan? Como estão todos?

Seu tio sorriu.

—Muito bem, agora que retornou. Como se sente?

Emilian vacilou.

—Estou preparado para viajar.

—Seriamente? —seu tio o olhou com atenção.

—Estou mais que preparado. A caravana pode partir amanhã?

—Temos preparados uma semana. Só esperávamos a você — Stevan pôs uma mão no ombro— E o que tem a mulher de WARENNE?

—O que tem ela?

—Virá conosco?

Emilian o olhou atônito. Jamais, nem em um milhão de anos, lhe ocorreria empurrar Ariella ao modo de vida cigano.

—Não.

—Então você voltará com ela?

O jovem ficou tenso.

—Não sei o que faço — falava com dureza— Se voltar, espero que ela esteja com um inglês.

—Posso ver sua confusão — Stevan lhe apertou o ombro— Por que não fica em Woodland? Pode ir ao norte quando quiser, é um homem livre e não rende contas a ninguém. Mas nós devemos ir. As coisas estão mal agora entre os payos e os ciganos. Há muitas tensões, insultos, olhadas feias e ameaças. Até os meninos brigam a murros. Não sei como aconteceu isto. Possivelmente no norte estão acostumados a nós. Esperam que cheguemos ao verão e sigamos nos campos. Esperam que vamos no inverno e sabem onde nos encontrar para que reparemos as rodas de seus carros ou suas cadeiras e costuremos sua roupa e suas meias três-quartos. Eu não gosto dos payos do sul.

Emilian o olhou com frieza.

—Os payos do norte assassinaram Raiza.

Stevan se encolheu de ombros.

—Edimburgo também é um lugar perigoso para os ciganos.

—Deus fez viajantes aos ciganos. Entretanto, em toda sua história, não puderam viajar nunca livremente — repôs Emilian com frustração— Deveriam poder viajar livremente.

—Sempre houve leis contra nós — murmurou Stevan com resignação— Se insistir em nos acompanhar, que assim seja. Sempre é bem-vindo — tirou um lenço branco dobrado de linho— Pensava te dar isto se ficasse aqui, mas vou lhe dar de todos os modos.

Emilian tomou o lenço.

—O que é?

—Era de sua mãe. O deu de presente seu pai — Stevan se voltou para sair, mas se deteve— É uma boa mulher e te ama. Nunca encontrará outra esposa assim. Eu não a deixaria muito tempo e não desejaria que a levasse outro inglês —sorriu e partiu.

Emilian estava incrédulo. Ariella seria a esposa perfeita... mas não para ele.

Abriu o lenço e viu um colar de pérolas brilhantes com um minúsculo coração de ouro ao final.

Seu coração explodiu de dor.

Aproximou-se do escritório e olhou as pérolas. Seu pai tinha dado esse colar a Raiza. Não era uma bagatela precisamente. Tinha tido sentimentos por ela?

Sofria ainda... e possivelmente o fazia pelos dois.

Deixou as pérolas sobre a mesa e olhou a miniatura colocada ao lado do tinteiro. Edmund mostrava uma expressão severa no retrato, que tinha sido pintado uns anos antes que Emilian chegasse a Woodland. Tomou a miniatura e a olhou com mais atenção.

Os dois tinham querido que ele fosse o senhor de Wordland, mas embora devesse muito a Edmund, devia ainda mais a Raiza.

Bateram na porta; tinha deixado a porta da biblioteca aberta. Levantou a vista e viu Robert na soleira. Ficou imóvel, recordando a presença de seu primo ao lado de Tollman e do prefeito no dia das chicotadas. Emilian tinha visto seus olhos brilhar de malícia.

Incorporou-se devagar.

Robert se adiantou sorrindo.

—Agrada-me muito que tenha se recuperado e esteja em casa.

—Seriamente? —uma raiva profunda o consumia— Agrada-lhe tanto que esteja de volta a Woodland como te agradava quando fui açoitado?

Robert ficou tenso.

—Eu queria pará-lo, mas sou um estranho aqui. Não tenho autoridade.

—Quantas vezes te ajudei economicamente desde que sou visconde?

Robert se ruborizou.

—Não sei, duas ou três vezes.

—Veio a mim ao menos uma vez ao ano durante estes oito anos. E me paga isso com brincadeiras e uma falta de lealdade absoluta. O que faz aqui?

Seu primo empalideceu.

—Sou muito leal, Emilian. Tem que deixar que lhe prove isso.

—Terminamos.

Robert deu um pulo.

—Nós somos quão únicos fica da grande família St Xavier.

—Pelo que a mim respeita, não tenho primo — Emilian nunca tinha falado mais a sério— Agora parte. Sai de minha propriedade. Não volte ou o jogarei a patadas pessoalmente.

Robert respirou com força.

—Sempre me tratou como a um lixo quando os dois sabemos que o lixo é você... um cigano sujo e embusteiro, nada mais.

—Fora! —gritou Emilian, ao que lhe faltava um segundo para atacar seu primo.

Robert girou e se chocou com Ariella, que entrava na estadia. Agarraram-se mutuamente para recuperar o equilíbrio, mas não a saudou nem pediu desculpas. Soltou-se e saiu com fúria.

Ariella o olhou com olhos muito abertos.

—Quer ir atrás dele?

Emilian seguia furioso.

—Não quero voltar a vê-lo em minha vida.

Ela assentiu.

—Alegro-me. Não o defendeu de Tollman, nem veio uma só vez a Rose Hill perguntar por você.

Emilian a olhou. Era uma jovem séria, decidida e adorável. Sua fúria se evaporou. Não era importante... a importante era ela.

«Não voltará a encontrar uma esposa assim».

Teria preferido que Stevan não falasse dela nesses termos. Seu tio não entendia que era muito boa para ele e que ele não podia lhe dar o futuro que merecia. Além disso, sabia que, ao final, sua família não permitiria o matrimônio apesar das insinuações de seu pai. A ideia de uma união entre eles era absurda.

Aquilo não era questão de matrimônio, mas sim de prazer sensual.

Faria-lhe amor lentamente até que suplicasse que parasse. Não queria nada para si mesmo. Queria lhe agradar, mostrar quão agradecido estava e que tinha chegado a amá-la e respeitá-la.

Queria-a também?

Ela pareceu perceber seu desejo, pois lhe trocaram os olhos.

—Sei que cheguei justo atrás de você. Importa-se?

Ele não devia permitir-se nenhum afeto. Acaso não sabia já que a sedução era algo seguro, mas todo o resto não?

—Jamais me importará vê-la — murmurou. Puxou-a para si até que seus corpos se juntaram — E desejo te expressar minha gratidão — sussurrou.

Brilharam-lhe os olhos.

—Possivelmente deveria adoecer de novo, se logo segue esta gratidão.

—Possivelmente — comentou ele.

Ela era seu anjo. Como não querê-la? Por isso estava tão excitado? Por isso a desejava tanto?

Subiu-lhe as mãos pela cintura, pelo seio, e ouviu que continha o fôlego. Acariciou-lhe a garganta. Seus olhos se encontraram e lhe acariciou a nuca e se inclinou para diante. Sua intenção era um beijo ligeiro, mas assim que seus lábios se encontraram, sentiu um desejo tão intenso que ficou paralisado.

Era tão distinta a todas as amantes que tinha tido! Merecia muito mais que um amante cigano. Merecia muito mais que aquilo.

O que lhe ocorria? Não queria desenvolver uma consciência nesse momento.

—Emilian?

Ela merecia ser adorada e protegida em uma torre de marfim. E ele jamais poderia lhe dar isso. Afastou-se.

—De verdade é isto o que quer?

O rubor dela se fez mais intenso.

—Não quero nada mais que estar em seus braços — murmurou com simplicidade— É nossa progressão natural. — Ele a olhou. —Não tem que ter medo de mim — acrescentou ela.

Emilian cruzou os braços à defensiva.

—Não tenho medo.

Tinha razão ela? Tinha obtido sua progressão natural? Agora eram amigos a borda de ser amantes?

—Você quer muito mais de mim.

Seguiu um silêncio longo.

—Por que está a ponto de me rechaçar outra vez? —sussurrou ela ao fim.

—Ariella, devo-lhe mais do que nunca poderei te pagar... muito mais que isto.

Ela suspirou.

—Não me deve nada. Vim a você por amor e amizade e estou segura de que você deseja me dar amor e amizade em troca.

—Você quer mais do que estou preparado para te dar. Defraudarei e te farei mal. Tem que ir.

Ariella se aproximou dele.

—Não me defraudará e não me fará mal. Eu te amo muito, e você me necessita muito. Necessitava-a tanto que doía, mas a pressão não era só sexual; era o coração o que doía.

—Temo que desenvolvi uma consciência. Ariella, só sou um capricho passageiro.

Ela negou com a cabeça.

—É meu primeiro capricho, mas também o último.

Ela jamais cederia naquele ponto.

—Preciso-lhe — disse ele com brutalidade— Necessito de você em meu leito e necessito que me olhe com amor e esperança. Mas não tem nenhum sentido seguir assim. Não é justo para você.

—Como pode dizer que não tem sentido depois de tudo o que ocorreu, agora que começamos a estar unidos? —perguntou ela.

Tentou lhe acariciar a bochecha e ele se afastou. Começavam a estar unidos, mas ele não podia ceder naquele ponto.

—Dá-me medo — declarou ela.

—Também dou medo a mim mesmo — murmurou ele. Mas sua voz se viu afogada pela de Hoode, que o chamava. Correu à porta.

—Senhor, há fogo no acampamento cigano.

Embora corresse tão depressa como podia, com as saias por cima dos joelhos, seguia estando a metros atrás de Emilian, Hooden e mais um punhado de serventes. As mulheres e meninos se congregaram fora das carroças com expressões de angústia, mas os homens corriam do arroio com baldes de água, decididos a parar o fogo. Ela se deteve ofegante e viu que Emilian entrava no inferno. Várias carroças estavam envoltas em chamas. Os baldes de água que atiravam eram inúteis. Sentiu medo. Não gostava que Emilian estivesse tão perto das chamas, mas ele falava rapidamente com Stevan, que estava coberto de cinzas e fuligem.

Emilian voltou correndo a seus serventes.

—Tragam todas as pás dos estábulos. Hoode, chame os granjeiros Brown e Cowper, que tragam todos seus peões e todas as pás que possam. Terá que cavar para conter isto. Rápido!

Quando os homens se afastaram correndo, olhou-a com dureza.

—Você fica com as mulheres e os meninos ou vai para casa — voltou aonde os homens combatiam o fogo. Ariella olhou de novo as carroças em chamas. Contou cinco e

compreendeu que estavam perdidos. Emilian apareceu ao outro lado das carroças e começou a empurrar com outros homens o mais próximo dos que estavam intactos. Estava claro que o fogo podia transmitir-se facilmente a outras carroças e, mais à frente, às árvores que se estendiam até o arroio. Sabia que o fogo arderia incontrolável se prendia também no bosque. Todo o estado podia estar em perigo.

Olhou ansiosamente a seu redor. Os cavalos tinham fugido, o qual dificultava a tarefa de mover as carroças. Correu com as mulheres e meninos.

—Há alguém ferido?

Jaelle ficou em pé. Embalava um bebê e o passou a outra mulher.

—Não. Mas cinco famílias perderam tudo.

Ariella a tocou. Afastaram-se.

—Como ocorreu? Alguém estava cozinhando?

—É meio da tarde de um dia da primavera. Ninguém estava cozinhando.

A Ariella não gostou do olhar de seus olhos.

—O que acontece?

—Acredito que vi Tollman correr pelo bosque com outro homem.

Ariella ficou paralisada. Olhou Emilian tremendo. Agora tinha a todos os homens movendo carroças, em um esforço por colocá-las a uma distância segura do inferno. Ninguém tentava já jogar água às chamas, pois estava claro que resultava inútil.

—Tollman está no cárcere — disse — Tem que estar equivocada. Isto é um acidente.

—Ah, sim? —perguntou Jaelle— Você esteve toda a semana em Rose Hill com Emilian. Nós estivemos aqui, com medo de sair do acampamento. Sempre que o fazemos, ameaçam-nos e nos dizem que vamos por onde viemos. Vamos amanhã, mas não é o bastante logo para eles.

Ariella não o pensou duas vezes.

—Por que não fica em Woodland com Emilian e comigo? Seu irmão te necessita e eu quero te demonstrar que nem todos os payos são cruéis e odiosos — vacilou— Quero que sejamos amigas.

Jaelle a olhou.

—Somos amigas. Eu gosto de sua família. E sei que nem todos os payos são cruéis. A senhora Cowper nos trouxe um peru e outro granjeiro nos trouxe pescado de rio.

—E eu lhes trarei mais comida e fornecimentos — declarou Ariella com firmeza.

—Então mais vale que te dê pressa, porque amanhã ao meio-dia teremos ido.

Ariella apertou os lábios, mas antes que pudesse pensar com clareza, ouviu cascos de cavalos. Voltou-se e viu seu irmão galopando para eles e levando três cavalos das rédeas. Desmontou e estendeu as rédeas de seu alazão a Jaelle.

—Está bem? —perguntou a Ariella.

—Sim, Alexi; mas se o fogo chega ao bosque, Woodland pode ficar destruído...

Interrompeu-se. Os serventes de Emilian voltavam com mais homens, obviamente granjeiros, e todos transportavam picos e pás.

—Sei — ele olhou às pessoas que chegava— Terá que cavar rapidamente para parar este monstro. Ariella, por que não leva às mulheres e os meninos a casa? Aqui só estorvarão.

Sem esperar resposta, tirou a jaqueta e se reuniu com os homens. Emilian apareceu ao outro lado das carroças em chamas. Fez um sinal a Alexi e logo as carroças, como desenhando uma linha imaginária. Gritou-lhe algo. Alexi tinha agarrado uma pá e gritou a sua vez, assinalando também. Um momento depois havia vinte homens a um lado do fogo e outros ao outro e começaram a cavar com frenesi.

A fumaça enchia o céu da tarde, mas o fogo já estava apagado. Ariella estava separada do acampamento. As mulheres corriam daqui para lá abraçando a maridos, irmãos ou filhos. Às ciganas se uniram as esposas dos criados de Woodland e dos granjeiros próximos que tinham participado da extinção. Os homens estavam negros de fuligem. Ficavam esqueletos parciais de seis carros e tinham ardido várias árvores atrás do acampamento. Ariella não via Emilian, mas sim Alexi, que saía de trás do acampamento destruído tão cansado e sujo como todos os outros. Perguntou-se onde estaria Emilian, mas procurou não assustar-se.

Um violino começou a gemer.

Ariella se voltou e viu um jovem moreno que tocava sentado em um tamborete perto de uma das carroças. A melodia era triste. Falava de uma grande perda.

Pôs-se a tremer. Não tinha tido feridos. Os ciganos eram pobres, mas os carros e as posses se podiam substituir. Sabia que as cozinhas de Woodland funcionavam a pleno rendimento, pois tinha pedido a Hoode que cozinhassem o que houvesse à mão e o levassem aos homens cansados. Quanto aos artigos pessoais perdidos no fogo, ao dia seguinte alistaria Margery e Dianna e iria comprar roupa de cama e todo o necessário. A caravana não poderia partir no dia seguinte. Antes teriam que fazer reparações.

Viu um movimento pela extremidade do olho. Emilian caminhava para a casa. Seu corpo, normalmente erguido, inclinava-se levemente, como em atitude de derrota.

Ariella tinha pedido a Jaelle que não lhe contasse o que acreditava ter visto. Agora correu para ele.

—Emilian.

Ele se deteve.

A jovem não pôde ver sua expressão até que chegou a seu lado, porque não havia luz a essa distância da casa e a única iluminação procedia das estrelas e a lua. O olhar dele era duro e tenso.

—Está bem? —perguntou ela sem fôlego.

—Sim.

Cruzou os braços. A camisa, antes branca, era cinza agora. A fuligem manchava seu rosto e levava o cabelo atrás das orelhas, mostrando a cicatriz.

—Aconteceu algo a alguém?

—Não. A ninguém.

Era como se tivessem voltado para os dias de seu primeiro encontro. Comportava-se como um estranho. Puxou-lhe a manga.

—Tenho a seus criados da cozinha preparando comida para todos os homens. Deve estar esgotado e faminto.

Emilian não respondeu. Seus olhos cinza frios se encontraram com os dela.

—Sei que está zangado — ela mordeu o lábio inferior— Não foi um acidente, verdade?

—Djordi e outros dois viram Tollman no bosque com outro homem antes que começasse o fogo.

—Tollman está no cárcere.

Ele a olhou.

—Saiu esta manhã com uma fiança.

—Prometa que não irá por ele.

O sorriso dele carecia de humor.

—Eu alguma vez te tenho feito promessas, verdade?

Não gostou de como soava aquilo.

—Não pode tomar a justiça por sua mão.

—Por que não? Porque tenho responsabilidades de liderança como seu pai? Porque tenho que dar exemplo à comunidade como os de Warenne?

—Sim! —gritou ela, temerosa— E porque você é melhor que eles.

Ele fez uma careta.

—Nunca entendi o que viu em mim, além de meus traços agradáveis e meu corpo. — Ela retrocedeu. —Acabou-se, Ariella.

—O que?

—Acabou-se! —gritou ele.

A jovem o olhou atônita.

—Terminamos? Assim sem mais? Por um bastardo como Tollman?

—Terminamos porque você é uma princesa paga e eu sou um cigano — rugiu ele.

Ela se afastou.

Mas lhe agarrou o pulso e lhe impediu de retirar-se.

—O que? Não vai suplicar? Tem medo de minha parte selvagem?

Ela sentiu as lágrimas rodar por suas bochechas.

—Odeio quando se põe assim.

—Melhor, porque eu odeio a todo mundo, a todos os payos sem exceção — a soltou.

Ariella secou as lágrimas.

—Sabe que não odeia a todo mundo. Sabe que não odeia a todos os payos. Sabe que não me odeia.

Ele moveu a cabeça com fúria.

—Neste momento sim. Vou ser livre — disse com dureza— Desde este momento, sou livre.

—Emilian! —gritou ela.

Ele se afastou.

Capítulo 16

Ariella olhou à donzela que tirava sua roupa do armário. Sobre a cama estavam as malas, que enchia com objetos pequenos. Os vestidos se transportariam em cabides, cuidadosamente envoltos. Voltava para Londres. Tudo tinha acabado.

Sentia o coração encolhido de dor. Tinham passado duas semanas. Ao princípio havia-se dito que ele não seguiria adiante com a viagem e logo, quando estava claro que os ciganos se foram, que compreenderia seu engano e voltaria. Tinha rezado, passeado com nervosismo, olhado pela janela e esperado. Mas sua esperança diminuía a cada dia que passava. E ao fim já não ficava nenhuma.

Ele não voltaria.

Olhava pela janela em direção ao norte, aonde tinha ido. Quantas vezes lhe havia dito que não podia corresponder a seus sentimentos? Suspirou. Apaixonou-se por um homem escuro, atormentado, muito complicado. A questão agora era como esquecer que tinha existido.

Isso seria impossível.

A verdade era que seu teimoso coração não queria esquecer; seu teimoso coração estava seguro de que aquilo não tinha terminado e não terminaria nunca. Seu coração queria amá-lo à distância e valorizar cada lembrança. Seu coração queria esperar que voltasse para ela, embora demorasse anos.

Não obstante, não podia permitir que seu coração regesse sua mente, nem sua vida. Não podia dormir, nem comer. Estava esgotada e começava a adoecer. Essa manhã tinha tido náuseas terríveis, outro motivo de preocupação. Ariella confiava em que fosse a gripe. Se quisesse conservar a prudência e a saúde, tinha que ir de Rose Hill e tentar recuperar sua antiga vida. A alternativa era esperar que voltasse, desfrutava no desespero e na tristeza e pôr em perigo sua saúde, quando podiam passar anos até que retornasse. E inclusive então, talvez não voltasse por ela.

A porta estava aberta. Voltou-se para dar-se conta de que tinha companhia. Sua madrastra sorriu com um olhar interrogante em seus olhos verdes e Dianna se mostrava chorosa.

—Disseram-me que parte esta tarde — comentou Amanda.

Ariella sabia que toda a casa se deu conta de que se apaixonou por Emilian e sua partida lhe tinha quebrado o coração. Tinha-lhe sido impossível ocultar sua tristeza.

—Retorno a Londres — respondeu— Não posso seguir aqui assim.

Amanda a abraçou, coisa que lhe deu vontade de chorar.

—Preocupa-me que vá sozinha à cidade. Faz tanto calor no verão! Por que não fica conosco? O baile é na semana que vem e iremos dois dias depois. Logo pode vir conosco a Windsong — comentou, referindo-se à casa que tinham no sudoeste da Irlanda.

Em Windsong não faria nada exceto caminhar pelo campo pensando em Emilian igual tinha feito em Rose Hill.

—Vou a Londres, onde estão meus amigos. Ali posso ter meus estudos, debates públicos e passar dias inteiros em bibliotecas e museus. Serei feliz.

«A partir de agora sou livre».

Ao princípio tinha pensado que queria ser livre dela. Mas não tinha demorado em dar-se conta de que queria ser livre da tortura de viver em um mundo onde o desprezavam diariamente e onde estava impotente para proteger os ciganos do ódio, os preconceitos e a violência.

Ela nunca seria livre. Fugir a Londres não trocava o passado, não apagaria suas lembranças, nem anulava o amor de seu coração.

—Estou muito preocupada com você — disse Amanda— mas tenho uma boa notícia. Tollman confessou ter iniciado o fogo e foi detido. Desta vez não há zonas cinza. Violou a lei e terá que ir a julgamento.

—O que ocorreu?

—Alexi — sorriu Amanda— Ao que parece, induziu Tollman a confessar.

—Bem.

—Por favor, pensa no que significa deixar a família neste momento — pediu sua madrastra. Logo lhe estreitou a mão e partiu.

Ariella olhou sua irmã, que chorava.

—Odeio-lhe pelo que te tem feito. Odeio-lhe por te haver roubado o coração e logo te haver abandonado assim. Odeio vê-la assim. Oh, Ariella, ele não o vale. Haverá outros.

Ariella fez uma careta.

—O único do que estou segura é de que nunca haverá outro. Não importa — mentiu— Até que conheci Emilian, não me interessavam nada os homens. Agora retorno a minha antiga vida, onde seguirei com meus interesses intelectuais. Não esquecerei Emilian, mas espero que, com o tempo, a lembrança não seja tão dolorosa.

Dianna a abraçou com força.

—Sei que agora soa tolo, mas o tempo cura todas as feridas. Amo-te. Todos a amamos. Por favor, pensa em vir a Windsong no verão.

Ariella cedeu.

—Pensare. Mas agora sinto que tenho que ir a Londres.

Dianna sorriu com tristeza e partiu. Ariella se sentiu aliviada, pois custava dizer que não a sua irmãzinha e não queria continuar com o tema. Mas então entrou Margery na estadia com expressão severa.

—Que pálida está! —exclamou. Levava uma bandeja nos braços com pratos tampados— Sei que não tomou o café da manhã, trago ovos e salsichas. Pode te sentar para comer?

Ariella não tinha fome, mas sabia que devia comer. Sentou-se.

—Cada dia me recorda mais a tia Lizzie.

Margery sorriu.

—Considerando que minha mãe tem fama de ser uma das damas mais boas e generosas, espero poder ser a metade de senhora que é ela —ficou séria— Eu gostaria de poder te consolar.

Ariella tomou um sorvo de suco.

—Ninguém pode me consolar, talvez com o tempo encontre o modo de me mover entre as lembranças sem tanta dor. Ajudar-me-á estar em Londres.

Margery se sentou em frente a ela.

—Vamos a Adare para passar o verão. Por favor, por favor, venha conosco.

Adare era a sede do condado, situada não muito longe de Windsong, e com o rio Shannon passando pela propriedade. Ariella negou com a cabeça.

—Vou a Londres. Sei que estarei sozinha, mas me dedicarei a estudar e debater e não me sentirei sozinha.

—Tenho uma ideia maravilhosa — declarou Margery— Por que não viajamos? Podemos percorrer a Grécia e a Itália, já sabe quão adoráveis são esses lugares no verão.

Ariella cravou os ovos com o garfo. E imediatamente sentiu náuseas.

—Se não quer viajar, irei a Londres contigo — prosseguiu Margery, ao ver que não respondia— Está decidido.

Ariella combateu a náusea, não pôde e correu ao urinol, onde teve arcadas. Margery se apressou a ajoelhar-se a seu lado. As arcadas eram horríveis, igualmente horríveis que nas duas últimas semanas. Ariella pensou que só se sentia mal quando começava a náusea e que

não tinha tido seu último período do mês. O que implicava que não estava doente precisamente.

Ao fim se sentou sobre os calcanhares e olhou sua prima, que a observava com olhos muito abertos.

—Margery — sussurrou— E se espero um filho dele?



Ela dançava para ele.

Era tarde e tinham saído às estrelas. Ardiam muitos fogos e o aroma de frango assado invadia o acampamento. A maioria dos meninos estava deitados e Nicu tocava o violino e outro homem o violão. A música era profunda e triste; ninguém tinha esquecido o fogo, nem as chicotadas. Ele não os tinha esquecido.

Stevan o tinha impedido de ir vingar-se de Tollman, lhe suplicando que não contribuía criar mais violência. Como estavam preparados para a partida, Emilian tinha acessado, mas de muita má vontade.

Agora olhava à garota apreciando sua beleza e sua graça, mas sua observação era analítica. O modo em que movia os quadris indicava que seria uma amante apaixonada, feroz e complacente. Quando girava, movia as saias as levantando ousadamente nas coxas. Ele não sorria. Não lhe importava nada.

Estava sentado separado dos outros. Em outro tempo teria desfrutado da dança e compartilhado sua paixão com ela.

Mas agora não tinha um interesse autêntico. A imagem de Ariella seguia em sua mente. Doía-lhe o coração e seu pênis reagiu por fim. Odiava os malditos sentimentos.

Estava decidido a deixar atrás o passado. Mas durante os largos dias no caminho, a imagem dela e a lembrança dos momentos que tinham passado juntos invadiam seus pensamentos. Para tentar apagá-los, deixava vagar sua mente por outro tema e acabava preocupando-se com Woodland e perguntando-se como iria Richards, o administrador. Agora seu dever lhe parecia uma parte de si mesmo do que não podia fugir. E indevidamente se perguntava também como ia Ariella. Odiava a si mesmo por ter traído sua confiança uma vez mais.

Se voltasse a vê-la, brilhariam ainda os olhos com confiança e amor?

Jaille se sentou a seu lado com aspecto sério. Emilian lhe sorriu, mas foi um gesto forçado. Sua irmã assinalou à bailarina com a cabeça.

—Deseja-te. Desejam-lhe todas as mulheres que não têm marido e até algumas que o têm.

Emilian estava excitado, mas não pela bailarina, mas sim por que necessitava alívio. Fazia semanas após o baile dos Simmons. Quando tinha passado ele semanas sem uma amante?

Desde que saíram de Derbyshire não estava de humor para fazer amor com ninguém. Era uma loucura.

—Não é feliz aqui.

Olhou a sua irmã. Dispunha-se a negá-lo, mas não era justo. Passou-lhe um braço pelos ombros.

—Vivi dezoito anos com os payos. Para um homem não é fácil deixar uma vida e começar outra em um só dia — de fato, era muito difícil e talvez impossível.

—Você é mais payo que cigano.

Aquelas palavras soavam a verdade e isso o perturbava, porque se ela tinha razão, o que significava isso? Mas então pensou em Raiza, que tinha morrido nos braços de Stevan e não nos seus.

—Sou meio a meio — repôs com firmeza.

—E o que? Eu também. Mas meu pai não me quis... nem sequer me conheceu, e eu sou cigana. Seu pai te quis. É afortunado e é payo por causa disso. Por que está aqui?

—Você sabe por que. Por nossa mãe. Devo-lhe isto, Jaelle.

Sua irmã parecia confusa.

—Ela está morta, Emilian. E que você esteja aqui não vai fazer que volte para a vida.

Ele olhou o fogo. Acreditava que devia aquilo a Raiza tento por reclamar sua herança cigana. Mas as palavras de Jaelle soavam a verdade.

A bailarina tinha parado e sorvia vinho olhando-o entre suas pestanas escuras. Jaelle ficou em pé.

—A levará à cama?

Emilian vacilou. Necessitava uma mulher, disso não havia dúvida. Mas ela não era a mulher que queria.

—Isso me parecia. Volta com sua mulher, Emilian. Ela é boa e formosa e, se esperar muito, a levará outro homem.

Ele a olhou surpreso.

Jaelle se encolheu de ombros e se afastou.

Ele queria que a levasse outro homem. Queria que o esquecesse. Ou não? O coração deu um tombo. A verdade era que odiava aquela ideia. E o mais importante... sentia falta dela.

Sentir falta dela tinha implicações que não queria considerar. Sentir sua falta era perigoso.

Mas não desejava à formosa cigana que tão impaciente estava por esquentar seu leito. Queria Ariella porque não tinham terminado o que tinham começado. Porque não lhe tinha mostrado sua gratidão. Só a tinha ferido com sua fúria e ela não tinha ainda a seu príncipe inglês.

Tinha que voltar, só por uma noite. Nada tinha mudado. Embora Jaelle tivesse razão e sua parte inglesa fosse mais forte que a cigana, fez uma promessa a Raiza e a si mesmo. Iria a sua tumba e procuraria sua herança cigana.

Nada poderia impedir-lhe. Mas a caravana viajava devagar e ele tinha consigo seu alazão.

Em quatro ou cinco dias podia estar em Rose Hill.



Eram mais das dez da noite. O jantar tinha terminado fazia momento. Ariella estava sentada na cama, tocando o ventre ainda plano e pensando no menino que provavelmente levava dentro. Começava a fazer-se à ideia. Levava vários dias com náuseas e seus seios estavam se inchando. Se concebeu a primeira noite que passaram juntos, estava já de quase seis semanas.

Uma gravidez parecia muito provável e tinha medo. Nenhuma vez em sua vida tinha sonhado que teria um filho fora do casamento. Não podia nem imaginar o que ia fazer, nem como se arrumaria. Sua família reagiria muito mal. E também estava Emilian. Teria que dizer-lhe não?

Mas agora não podia pensar em tudo isso. Ia ter um filho de Emilian.

Das cinzas da tristeza e do desespero, começava a brotar a alegria. Embora não voltasse a vê-lo nunca, sempre teria essa parte dele... essa parte deles. O menino era um presente maravilhoso, uma bênção. Pela primeira vez desde que a deixou, sentia que voltava a viver e via o futuro cheio de uma luz brilhante.

Mas era uma alegria agri-doce, pois quando se imaginava com aquele menino ou menina nos braços, via também Emilian ao lado, sorrindo, e não estava segura de que isso fosse ocorrer. De momento não estava segura de nada, exceto de que lhe tinham dado um milagre.

—Ariella? —sussurrou Margery, que aparecia a cabeça na estadia, vestida com a camisola e a bata.

Ariella sorriu.

—Entra.

Margery o fez e fechou a porta. Correu à cama e subiu a seu lado.

—Pensei todo o dia em você.

Ariella lhe tocou a mão, sorrindo.

—Não se preocupe. Sou muito feliz. Vou ter este menino.

Margery a olhou com desanimo.

—Tem que enviar uma carta a Emilian. Se souber a verdade, voltará e se casará contigo.

Ariella ficou séria.

—Não, isso não é boa ideia.

Margery deu um pulo.

—O dirá, verdade? Casará com ele?

Ariella fez uma careta.

—Sempre o amarei. E acredito que ele também me ame. Mas não o forçarei ao matrimônio e, certamente, não com nosso filho.

Margery empalideceu.

—Seduziu-lhe. Tem a obrigação de cuidar do menino e de você.

—Eu queria que me seduzisse, ele não se aproveitou de mim. E tenho meios próprios para dar uma boa vida ao menino.

Sua prima a olhava com incredulidade.

—Seu pai o forçará a casar-se sem lhe importar o que você deseje.

Ariella temia que Margery tivesse razão.

—Isso seria um engano. Emilian o veria como um ataque ou uma armadilha e ficaria furioso. Não. Meu pai não fará nada semelhante porque não saberá do menino.

Sua prima soltou um grito.

Ariella mordeu o lábio com força. Aquilo tinha que ser um segredo. Não podia acreditar que não pudesse compartilhar a alegria com sua família.

—Terei que ir e ter o menino sozinha.

—É tão independente e excêntrica como sempre. Como pode pensar em ser mãe solteira? Desprezar-lhe-ão. Não pode manter um segredo assim eternamente.

Ariella a olhou.

—Pode ser que tenha que partir um tempo.

Margery empalideceu.

—Ao final terá que vir para casa e se saberá o segredo — assinalou— E sabe que então o caçarão embora tenham passado anos. Assim que saibam que teve um filho dele, estará perdido.

Ariella ficou tensa.

—Eu os dissuadirei. Em qualquer caso, acredito que não seja boa ideia ir a Londres agora. A cidade é muito insana nos meses de verão.

—Ariella, Emilian tem direito de sabê-lo — insistiu Margery.

—Sim que o tem. E o direi, mas não decidi quando — simplesmente não podia pensar nisso naquele momento.

Margery respirou fundo. Tomou uma mão com firmeza.

—Se de verdade pensa ter o menino em segredo, sabe que ficarei contigo.

Ariella olhou os olhos preocupados de sua prima e sentiu que os seus se enchiam de lágrimas de gratidão e alívio.

—É a amiga mais leal que tenho. Tenho medo de estar sozinha nos próximos meses, de estar sozinha no parto e de estar sozinha quando tiver nascido o menino.

Margery a abraçou.

—Não estará sozinha, eu estarei ao seu lado todo o tempo que seja necessário — secou os olhos e seu tom se voltou brusco— Vamos começar a pensar onde quer viver durante um ano. Podemos dizer que vamos viajar e dentro de uns meses nos assentaremos em um lugar. Possivelmente possamos alugar uma vila no sul da França. O clima é bom, você fala bem o idioma e eu me defendo.

Ariella assentiu.

—Isso eu gosto. O sul da França é formoso. Será um lugar maravilhoso para ter o menino.



A semana seguinte passou em meio de um sem-fim de planos. Ariella e Margery davam largos passeios pelos jardins de Amanda, e a segunda levava sempre consigo seu caderno de desenho e o lápis-carvão. Dizia que queria desenhar as flores enquanto estivesse ali. Ariella, a todos os efeitos, parecia estar de novo imersa na história dos mongóis e lhe resultava agradável ler nos jardins enquanto Margery «desenhava».

Em realidade, o caderno estava cheio de notas. Tinham enviado cartas a vários agentes de Londres e acabavam de receber respostas. Havia mais de uma vila agradável nos subúrbios de Niza que podiam alugar uma longa temporada. Margery acabava de enviar sua secretária pessoal ao sul da França para inspecionar as distintas casas. Em questão de um mês saberiam que vila alugar.

Ariella tinha começado a insinuar que desejava viajar. Seu pai se mostrava agradado e a jovem sabia que lhe aliviava ver que começava a superar Emilian. Ter-lhe-ia gostado contar a verdade, mas não era possível. Tinha que proteger Emilian de sua ira e isso implicava seguir com o segredo.

O pai de Margery, o conde de Adare, tinha chegado uns dias antes para o baile, com seu herdeiro, Ned, e seus filhos menores. Margery lhe pediria logo permissão para viajar. Ariella sabia que seu tio não se negaria.

Se tudo ia como planejavam, Margery e ela estariam logo a caminho da França sem que ninguém suspeitasse de nada.

Ariella não desejava assistir ao baile de Amanda, mas não havia escolha. Embora todos soubessem que não gostava de tais eventos, tinha o costume de grunhir e logo acabar assistindo. E sua intenção era comportar-se como sempre.

Quando se aproximava devagar ao salão de baile, as risadas, conversas e a música já enchiam a casa. O salão estava transbordante de damas com vestidos de noite, cavalheiros de fraque e garçons de jaqueta branca que repartiam taças de champanha. Viu seu pai e Amanda perto da entrada, rodeados por um punhado de convidados aos que obviamente estavam recebendo. Cliff era loiro e atrativo e Amanda estava incrivelmente formosa e posava uma mão no braço de seu marido. Ariella sorriu para si. Nessas ocasiões era fácil ver que seguiam muito apaixonados.

Entrou na estadia e se dispôs a procurar Margery.

—Deseja dançar, senhorita Warrene?

Ariella ficou tensa ao ouvir a voz de Robert St Xavier. Olhou-o com incredulidade. Não tinha esquecido sua traição no dia que açoitaram Emilian e recordava também os insultos que tinha gritado a seu primo quando este o expulsou de Woodland. Olhou-o com frieza e falou com todo o desdém de que foi capaz.

—Temo que não.

Ele parecia incrédulo. Ruborizou-se.

—Só há um St Xavier com o que possa desejar dançar e o visconde não está aqui — acrescentou ela.

Robert se tinha posto de cor escarlate.

—Pode ser que tenha que mudar de idéia — repôs com raiva— Emilian se tornou cigano. Sempre soube que chegaria esse dia. Não voltará e isso lhe dói, verdade? —encolheu-se de ombros e lhe olhou o decote com insolência— É bem-vinda em Woodland quando quiser, senhorita Warrene.

—O que significa isso? —perguntou ela surpreendida. Atrevia-se a insinuar que desejava uma aventura com ela?

Robert abriu muito os olhos com fingida inocência.

—Entendeste-me mal — riu com frieza— Nenhuma fazenda pode estar muito tempo sem seu amo e Woodland não é uma exceção.

Ariella compreendeu em seguida suas intenções. Robert queria ser o senhor de Woodland em ausência de Emilian.

—Woodland tem amo. E também tem administrador.

Ele pôs-se a rir.

—Sou o parente mais próximo de Emilian, seu herdeiro. Se abandonar a fazenda por uma ausência prolongada, sou o seguinte na linha. Em qualquer caso, instalei-me ali, pois não tenho intenção de permitir que me roube nenhum administrador.

—Você não tem nada que possam lhe roubar —replicou ela, atônita— Woodland é de Emilian. Ele é o visconde e não me cabe dúvida de que o administrador será um homem competente.

Robert lhe sorriu.

—Então digamos que velo pelos interesses de meu querido primo em sua ausência — fez uma pequena reverência— Por favor, venha ver-me, senhorita de Warrene. Interessaste-se pelo St Xavier equivocado e estou seguro de poder lhe persuadir disso.

Afastou-se e ela ficou tremendo de raiva. Robert odiava Emilian e este o despreza. Eram rivais. Conhecia sua aventura ilícita e queria respirar um encontro para roubar-lhe de Emilian? Ou suas intenções eram honradas? Possivelmente queria cortejá-la. Talvez procurasse matrimônio e sua fortuna. Margery lhe segurou pelo braço.

—É um pretendente? —perguntou com incredulidade.

—Não, não o é — seguia preocupada. Robert queria arrebatá-lo de algum modo Woodland a seu primo?— Se Emilian não retornar, o que será de suas propriedades? — perguntou.

Mas antes de terminar de falar, já sabia.

Seu filho era o herdeiro de Emilian. Seu filho se fosse menino, seria o seguinte visconde.

Margery a olhou aos olhos.

—Para que seu filho herde o título, terá que fazê-lo público. E não sei se poderia consegui-lo sem o apoio de Emilian. E teriam que casar-se.

Ariella ficou tensa. Seu filho tinha direitos sobre Woodland. A traição de Robert podia obrigá-la a contar a Emilian a verdade antes do que era sua intenção.

—Estou segura de muito poucas coisas, mas uma delas é que Emilian reconhecerá seu filho quando eu o peça. Esperemos que não esteja fora muito tempo. Não por mim, mas sim pelo bem de seu filho.

Margery se aproximou mais a ela.

—Sigo pensando que deveria lhe dizer a verdade agora. Seu primo é um vilão e temo que queira causar problemas.

Estreitou-lhe um momento a mão e se afastou.

Ariella confiava em que sua prima se equivocasse e St Xavier fosse inofensivo. Viu Robert a certa distância. Embora estivesse em companhia de vários cavalheiros, olhava-a sem piscar. Quando seus olhos se encontraram, levantou a taça em uma saudação.

Ariella girou a cabeça. Margery tinha razão. Robert não propunha nada bom. Tinha que pensar muito bem tudo aquilo.

—Dança com seu pai? —Cliff apareceu a seu lado sorridente, mas a olhava com curiosidade.

—Sabe que detesto dançar — respondeu ela, séria— Papai, o primo de Emilian se mudou a Woodland e parece acreditar que é o amo ali em ausência de Emilian.

Cliff olhou Robert.

—Isso ouvi.

—Tinha-o ouvido? —perguntou ela— Emilian jamais permitiria isso. Despreza seu primo. Pode instalar-se ali sem mais e fazer-se com a propriedade?

—Ouvi que tem feito justamente isso e que o administrador, um bom homem, é incapaz de enfrentar a ele. Ariella, eu acreditava que tinha superado o de St Xavier.

A jovem sabia que tinha que mostrar-se sincera.

—Jamais o esquecerei. Mas não vou chorar por algo que não pode ser. — Seu pai pareceu sobressaltado. — O amarei sempre, mas sei que cometi um engano. A viagem que estou planejando me animou bastante — lhe dei um beijo na bochecha— Sei que aprovará os planos que temos feito Margery e eu.

—Pressinto uma conspiração — disse ele, mas sorria.

—É-o — repôs ela com ligeireza— Vou sair para tomar ar — acrescentou.

Cruzou o salão evitando olhar a ninguém aos olhos, pois queria que a retivesse ali; mas estava segura de que Robert seguia olhando-a.

Estremeceu. Não confiava nele e se converteu em um perigo para o futuro de seu filho. Tinha que decidir o que ia fazer... e logo.

Saiu ao terraço, iluminado com luzes de gás. Embora fizesse uma noite formosa e cálida, estava sozinha e isso a aliviava. Tocou o ventre.

«Não tema», pensou. «Não deixarei que ninguém ponha em perigo seu futuro; nem tampouco o de seu pai».

E de repente sentiu sua presença.

Capítulo 17

O coração pulsou com rapidez. Girou e olhou as sombras, perguntando-se se seu instinto jogava cruelmente com ela. E então lhe parou o coração.

Emilian a olhava do outro extremo do terraço.

Ariella não podia mover-se. Nem sequer podia falar. Ele havia retornado.

Emilian avançou com passos largos e os olhos fixos nela. Deteve-se quando chegou ante ela, com um sorriso incerto. Ela conseguiu respirar sem saber como e conseguiu sorrir sem sabê-lo tampouco. Os seus olhos brilharam na escuridão e lhe pôs as mãos nos ombros.

—Senti sua falta.

Jogou os braços ao pescoço e enterrou o rosto na parede ampla de seu peito.

Acariciou-lhe as costas.

—Ariella, não me interprete mal.

A jovem levantou a vista.

—O que vou interpretar mal? Eu também senti sua falta. Muitíssimo.

—Odeia-me? —perguntou ele com olhos chamejantes— Condena-me?

—Jamais.

Beijou-lhe a mão e a atraiu para si; ela sentiu sua virilidade, grande e dura contra o quadril.

—Não houve nenhuma desde você — disse ele.

Ela sentiu os olhos cheios de lágrimas. Dizia-lhe que lhe tinha sido fiel. Ficou nas pontas dos pés e procurou sua boca.

Seus lábios se fundiram. A boca dele era dura e frenética. O ardor de seu beijo a surpreendeu, mas o devolveu. Cravou-lhe as unhas nos ombros e os dentes dele roçaram os seus. A cabeça dava voltas. Necessitava-o desesperadamente; amava-o desesperadamente. Graças a Deus que tinha voltado para casa.

Baixaram cambaleando os degraus do terraço, com os lábios unidos. Ariella queria que a deitasse na erva e a penetrasse. Precisava sentir-se unida a ele e chorar de paixão. Não lhe importava que houvesse um montão de gente ali ao lado.

Mas ele deixou de beijá-la e a puxou pela grama, longe do terraço. Apoiou-a em uma parede em sombra e voltou a beijá-la. Começou a lhe levantar as saias. Ela o beijava na boca e

a mão dele rasgou a abertura de seus calções. Emitiu um som duro sensual e deslizou os dedos na carne úmida e palpitante dela. Ariella afastou a boca para soltar um grito.

Ele se deixou cair de joelhos e a acariciou com a língua. Ela jogou atrás a cabeça, incapaz de pensar, desfrutando no prazer. Apertou a cabeça dele e soluçou em meio de um orgasmo intenso.

Dobram-lhe os joelhos e sentiu que a parede lhe arranhava as costas nua à medida que ia se afundando na erva úmida. Ele se movia em cima dela. Beijou-a na boca e ela notou que se desabotoavam as calças. Os lábios dele se moveram a seu pescoço, onde provocou sensações deliciosas no corpo dela. Baixou mais a boca e algo duro e quente acariciou a parte interna das coxas dela.

Conseguiu olhá-lo. Flamejavam-lhe os olhos.

—Retornei para te fazer amor — disse com rudeza— Quero fazer amor com você toda a noite.

Ela não sabia se podia responder, porque ele voltava a acariciá-la.

—Bem — murmurou.

Ele a penetrou e começou a mover-se com força em seu interior. Ariella se abraçou a ele e chorou de amor e necessidade. Ele gemeu e se moveu com mais força e rapidez, lhe mordendo o pescoço e sussurrando ao ouvido palavras em romaní que ela não entendia embora seu significado estivesse muito claro: Amo-te.

E o mundo inteiro explodiu ao seu redor em outro orgasmo feroz.

Emilian soltou um grito e se derrubou em cima dela, que o abraçou flutuando em uma nuvem de alegria até que terminaram os espasmos dele.

Nenhum dos dois viu o homem que os observava das sombras do terraço.

Robert St Xavier entrou no salão de baile e observou a estadia em busca de seu anfitrião. Uma impaciência terrível o invadia. Cliff de Warenne não estava à vista. Sua seguinte opção seria seu irmão, o conde de Adare, mas tampouco viu Tyrell de Warenne. Ficou furioso. Seu primo cigano podia acabar seu assunto com sua amante antes que ele conseguisse entrar em ação.

E então apareceu Alexi de Warenne de braço com uma formosa loira. Estavam imersos em uma conversa, mas a Robert não importou. Correu atrás de Alexi e lhe tocou o ombro com rudeza. O outro girou com expressão fria e incrédula.

—Perdoe-me — murmurou Robert com rapidez— mas acredito que deve sair fora. Interessar-lhe-á o que ocorre no terraço, no extremo norte.

—A que se refere? —perguntou Alexi, irritado.

—Sua irmã esta ali, e não precisamente sozinha.

Alexi abriu muito os olhos. Logo olhou à mulher.

—Desculpe.

Saiu com grandes pernadas do baile.

Robert sorriu muito agradado consigo mesmo.



Seguiam abraçados, com Emilian dentro dela. Ariella suspirou e lhe tocou a mandíbula. Ele levantou a cabeça e sorriu. Nunca a tinha olhado com tanta ternura. Brilhavam-lhe os olhos.

Ela voltou a lhe tocar o rosto.

—Tem um sorriso formoso. Espero vê-lo mais frequentemente.

—Já lhe disse alguma vez que minha obsessão é seus olhos?

Ela se sobressaltou.

—Tem os olhos mais maravilhosos. Frequentemente desejo poder merecer a confiança que vejo neles — lhe roçou a boca com os lábios e começou a mover-se em seu interior— Preciso-te — sussurrou.

O corpo dela se agarrou a ele com ferocidade. Ariella lhe cravou as unhas nos ombros vestidos.

—Não pare.

Sentiu que sorria e começava a mover-se.

—Desfruta querida — murmurou.

Ariella se entregou à pressão crescente e deixou que o prazer se convertesse em sua vida. À medida que ele se movia, embargava-a o amor e chorou brandamente quando chegou ao clímax em um torvelinho de amor e de entrega.

Flutuava semi-inconsciente de volta à realidade e ele a beijava com gentileza quando ouviu um grito.

—Afastede-se dela!

Ariella se aferrou a Emilian, vagamente consciente de que devia assustar-se.

—É um bastardo! — gritou Alexi.

Emilian rodou de cima dela a erva. Ariella se sentou a tempo de ver Alexi atacar Emilian com raiva assassina.

Tinham-nos descoberto.

Baixou a roupa e gritou:

—Alexi, para! Alexi, para imediatamente!

Ficou em pé de um salto.

Mas Alexi golpeava Emilian, que se limitava a parar os golpes com o braço e proteger a cabeça.

Ariella agarrou Alexi por trás e gritou. Emilian aproveitou para levantar-se. Levou a mão à boca, que sangrava. Ariella se agarrou com força a um braço de seu irmão, mas Alexi a sacudiu e se soltou.

—Não! —gritou ela quando seu irmão atacava de novo Emilian— Eu o amo. Para imediatamente.

Mas Alexi voltou a lhe pegar. E Emilian usou o braço a modo de escudo para bloquear o golpe.

Três homens passaram correndo ao lado dela, para Alexi e Emilian. Seu horror não conheceu limites quando viu que os três homens eram seu pai, seu tio e Ned, o irmão mais velho de Margery.

Ned e o conde de Adare seguraram Emilian. Alexi seguia furioso, respirando com força. Seu pai parou com incredulidade diante de Emilian.

—Isto é o que eu acredito que é? —perguntou.

—Sim — respondeu Emilian com suavidade.

Cliff o golpeou.

Emilian caiu ao chão.

Ariella estava petrificada horrorizada.



Reuniram-se na biblioteca. Ariella tremia e abraçava o corpo. Nunca tinha visto seu pai tão furioso. Tampouco nunca tinha tido tanto medo. Não queria nem imaginar o que podiam fazer a Emilian. Olhou-o. Ele estava no outro extremo da estadia e ela sabia que não devia aproximar-se, embora fosse o que mais desejava fazer.

Emilian também estava perigosamente furioso. Sua postura era beligerante, pois tinha sido esquecido e esperava o ataque. Seu olhar era frio e duro, e ia dirigido a Cliff.

Dessa confrontação não sairia nada bom e ela sabia. Tremia e se sentia enjoada. Confiava em que não fosse sucumbir a uma versão tardia das náuseas da manhã. Margery e Amanda já tinham aparecido na biblioteca e sem dúvida a notícia do escândalo se estendia com rapidez. Sua prima lhe apertava a mão, mas Ariella não se sentia reconfortada.

O conde de Adare lhe pôs uma mão no ombro.

—Está ferida, Ariella? —perguntou com amabilidade.

—Não — repôs ela — Tio Ty estou bem.

Cliff a olhou com incredulidade.

—Seduziu-lhe.

Ariella não tentou negá-lo. Começava a estar farta de tantos segredos e mentiras.

Cliff lançou um olhar assassino a Emilian. Amanda se aproximou dele.

—Ela está apaixonada — disse com suavidade.

Cliff respirou com força.

—E isso é quão único o salva da bala que quero lhe colocar entre os olhos.

Ariella deu um salto.

—Papai, por favor, acalme-se e vamos ser racionais.

—Como posso me acalmar? E eu sou muito racional. Perguntei-lhe quais eram suas intenções e me disse que nenhuma. Sabia que queria te seduzir, sabia que não era homem de honra. Soube a primeira vez que o vi contigo no acampamento cigano. Mas me deixei persuadir para acolhê-lo debaixo deste teto quando estava gravemente ferido. E assim é como paga minha generosidade e hospitalidade.

—Não é sua culpa — respondeu Ariella, desesperada por defendê-lo e protegê-lo da ira de seu pai— Se alguém tiver a culpa, sou eu.

Emilian falou por fim.

—Aceito toda a culpa — disse com rosto duro— Têm razão, Warenne. Seduzi sua filha intencionalmente.

Ariella se encolheu.

Cliff se lançou sobre ele. Nem o conde, nem Alexi fizeram gesto de detê-lo e Ariella gritou quando Cliff golpeou com o punho o rosto de Emilian. Este cambaleou, mas não retrocedeu. Amanda segurou Cliff por trás.

—Os golpes não resolverão nada — gritou— Por que não pensa no que é melhor para Ariella?

—Isso é precisamente o que faço! —gritou Cliff.

—Não é sua culpa — repetiu Ariella, confusa— Eu sabia o que aconteceria se lhe permitia liberdades e o fiz de todos os modos. Eu queria que me seduzisse.

Alexi a olhou com incredulidade.

—É a pessoa mais confiada que conheço. É óbvio que foi presa fácil de um homem como ele. Estou seguro de que se aproveitou de sua ingenuidade — olhou Emilian de ponta a ponta— Minha irmã é muito boa para você.

—Nisso estou de acordo. Ela não merecia nada disto.

Cliff respirava com força.

—Disse-lhe que aceitaria que a pretendesse. Agora já não há opção. As falações conseguirão que todo o país se inteire da desonra de minha filha. Você, senhor, casará com ela.

Emilian o olhou com rosto inexpressivo.

Ariella sentiu os olhos cheios de lágrimas. Não era assim como ela queria que seguissem adiante. Ele havia retornado porque sentia falta dela. Com o tempo, talvez tivesse sido um pretendente. Se não os tivessem descoberto, possivelmente lhe teria falado do menino. Mas agora Emilian estava a ponto de explodir e isso pioraria tudo. Ela não queria levá-lo forçado ao altar.

—Pai, não — disse.

Cliff girou.

—Pode-se saber o que significa isso? Como pode fazer isto? É assim como te criei? Para que fornie a minhas costas como uma rameira de East End?

Ariella deu um pulo.

Emilian se adiantou.

—Eu me aproveitei de sua filha. Ela não é uma rameira.

—Você defende isso? —gritou Cliff.

—É a mim a que deve insultar.

Cliff apertou os lábios.

—Seu pai pode ser que fosse um inglês honrado, mas você é desprezível... um homem sem honra.

Ariella estava a ponto de vomitar. Margery a sustentou, como se se desse conta.

O conde de Adare se interpôs entre Cliff e Emilian.

—Dá-se conta de que insistimos no matrimônio?

Emilian se encolheu de ombros e olhou Ariella. Por um momento, ela leu muito arrependimento em seus olhos. E não queria que ele se arrependesse de nada do que tinham compartilhado.

—Apesar do que opine o nobre capitão, não careço completamente de honra. Se ela estiver de acordo, farei.

Ariella o olhou com desanimo. Não gostava de suas palavras, nem a frieza de seu tom.

—Mas teremos que nos casar imediatamente, porque penso me reunir com minha gente e seguir minha viagem ao norte. Ela pode ficar aqui e esperar minha volta — voltou a encolher-se de ombros, com indiferença.

Ariella o olhou fixamente. Não havia retornado para ficar?

Cliff explodiu.

—Casará com ela e a abandonará? Por cima de meu cadáver!

—Bastardo! —vaiou Alexi— É que não vê que faz mal a ela?

—Estará bem cuidada e terá todos meus empregados ao seu dispor. Chamem abandono se quiserem.

Cliff fez gesto de atacá-lo. Amanda o conteve.

—Por favor, controla seu temperamento. Resolveremos isto de algum modo.

Ariella pensou surpreendida que não havia retornado para ficar. Havia retornado para lhe fazer amor. E agora se casaria com ela por sentido de honra, por dever e inclusive por remorsos, mas não por amor, nem por afeto. Agora deixaria que sua família o forçasse a ir ao altar? Olhou-o. Como reconciliar ao homem da biblioteca com o homem em cujos braços acabava de estar? Recordou-se desesperadamente que abandonar Emilian sempre era a pior tática.

—Minha filha não será abandonada no altar — grunhiu Cliff— Haverá matrimônio e os dois voltarão para Woodland depois de trocar os votos.

—Eu fui de Woodland por várias razões — repôs Emilian— Não sou seu escravo. Não pode me obrigar a permanecer em Woodland. Falei que faria reparações, mas também direi isto. Sua filha merece muito mais do que eu posso dar, de Warrenne. Possivelmente deva pensar bem a vida que vai levar como esposa de um meio cigano. Possivelmente deva considerar lhe buscar um marido apropriado de sangue azul.

—Não vai se liberar disto. Você a desonrou e se casará com ela — insistiu Cliff furioso.

Adare voltou a interpor-se entre eles.

Ariella se sentia enjoada e débil. Nunca tinha visto seu pai tão odioso e não podia suportar a inimizade entre Emilian e ele. Correu para sentar-se em uma poltrona e Margery se inclinou sobre ela.

—Está bem?

Ariella piscou para reprimir as lágrimas.

—Não — olhou Emilian desejando que lhe fizesse algum pequeno sinal de carinho.

Cliff se afastou tremendo.

—É o visconde de Woodland — falou o conde— Pelo que tenho entendido, pode lhe dar exatamente o tipo de vida que merece. Você não quer ir contra mim, nem aos meus. Fará o correto. E se afastar dela com a pobre desculpa de que não é bastante bom, não é o correto. Estou seguro de que você e eu podemos chegar a um acordo quanto aos pormenores de onde residirão.

Agora seu tio queria comprar Emilian. Ariella cobriu o rosto com as mãos. Como era possível que seu reencontro alegre se converteu em algo tão feio e de mau gosto?

Emilian a olhou por fim.

—Vou ao norte embora isso signifique ir contra a grande dinastia de Warenne.

A jovem o olhou, esforçando-se por não chorar. A expressão dele era muito dura, muito fria.

—Não posso me casar com ele — murmurou— Assim não.

Todos os olhos se posaram nela. Ela só o olhava a ele, mas o rosto de Emilian era uma máscara impassível.

—Posso falar a sós com ele? —perguntou à jovem.

Cliff riu com frieza.

—Quando se congelar o inferno.

Adare lhe pôs uma mão no ombro.

—Não vai fugir Cliff. Deixemo-los um momento.

Cliff negou com a cabeça.

—Não o quero a sós com minha filha.

—Esperou você se casar antes de começar com Amanda? —perguntou o conde— Esperei eu antes de converter Lizzie em minha esposa? Não sabemos se este é o fim do mundo de sua filha. Pode ser o começo. Esperemo-lo assim.

—Você não estaria tão tranquilo se se tratasse de Margery — replicou Cliff, mas se voltou. —Cinco minutos. E St Xavier, estou à borda de cometer um assassinato, assim sugiro que não a toque e espero que permaneça nesta estadia até minha volta.

Quando saíram todos, Ariella se apoiou no respaldo da poltrona. Estava outra vez com náuseas, provavelmente pela gravidez.

—Você não retornou para estar comigo.

—Não retornei para ficar—respondeu ele. Aproximou-se, ajoelhou-se e tomou suas mãos. Ariella as afastou e as apertou com força no colo. Ele se levantou imediatamente— Mas retornei por você. Para vê-la. Devo-lhe tanto! E é assim como lhe pago isso.

A jovem o olhou aos olhos, procurando a verdade de seu coração.

—Sinto-o muito — disse ele— Eu não pretendia que acontecesse nada disto.

—E o que pretendia?

—Não me dão bem as palavras — repôs ele— Voltei esperando poder lhe mostrar o agradecido que estou por tudo o que tem feito por mim e por Djordi, Nicu, Jaelle e os outros. Não esperava que nos descobrissem. Queria te fazer amor. Queria fazê-la sorrir depois e possivelmente, inclusive, rirmos juntos.

Ela quase chorou.

—Importo-te algo, Emilian?

Seus olhos se encontraram.

—Importa-me — disse ele ao fim— Casarei contigo se isso for o que de verdade quer.

Ela se endireitou na poltrona.

—Mas não é o que quer você.

Os olhos dele jogavam faíscas.

—Nunca pensei no matrimônio. Nem contigo, nem com ninguém. Como minha esposa, desprezar-lhe-ão. Não será agradável. Mas se não nos casarmos, será ainda pior para você.

Ela lambeu os lábios.

—Eu quero algo mais de você que matrimônio.

—Sei. Mas eu não sou um homem como seu pai, capaz de uma grande paixão eterna por uma mulher. Nunca serei esse homem.

Estava-lhe dizendo que sabia que nunca a amaria?

—Minha reputação não me importa. Nunca me importou.

—Pode ser que pense de outro modo da próxima vez que saia a um ato social.

—Tenta me convencer dessa união forçada quando há dito claramente que não quer se casar com ninguém?

—Sou o bastante inglês para fazer o correto — se ruborizou ele— Se me disser que quer matrimônio, casarei. Mas vou ao norte — advertiu— Você pode viver em Woodland ou seguir aqui.

Uma parte de Ariella desejava lhe contar do menino, mas isso turvaria as águas. Ele insistiria em casar-se pelos motivos errôneos. Talvez inclusive trocasse seus planos de viajar. O efeito seria o mesmo que lhe apontar com um rifle na cabeça.

Levou uma mão ao coração e rezou por estar tomando a decisão correta, sobre tudo para o menino.

—Nunca me casarei contigo nessas circunstâncias.

Seguiu uma pausa.

—Acredito que, com o tempo, seu pai poderá reparar o dano feito esta noite. É o bastante poderoso para buscar-lhe o nobre que merece. Sei que acabará por me esquecer. Haverá alguém que te dê uma vida inglesa e perfeita. Será feliz — se encolheu de ombros — Possivelmente inclusive ditas que me odeia pelo que tenho feito.

—Não te odiarei nunca — ela secou uma lágrima— E não haverá nenhum outro.

Ele suspirou.

Mas partia, possivelmente durante anos. Ariella ficou em pé.

—Encontrou a liberdade que busca, Emilian? Encontrou a felicidade?

—Não — o rosto dele se endureceu —me alegro de que recuse se casar comigo. Merece algo mais que ser a esposa de um homem com sangue mesclado.

Ela o olhou e entendeu ao fim que ele acreditava protegê-la da tortura que era sua vida.

—Subestima-me — disse surpreendida.

—É uma Warenne — repôs ele como se isso explicasse tudo.

—E você é o visconde St Xavier e o filho de uma cigana orgulhosa, as duas coisas.

Emilian respirou com força.

—Não, sou uma coisa ou a outra. Sou inglês ou cigano?

E então entendeu ela a liberdade que procurava. Não se tratava simplesmente de fugir das falações e do desprezo.

—Emilian, se for ao norte para se fazer cigano, jamais será livre. É muito inglês. Pertence a dois mundos, não a um.

—Nenhum homem pertence a dois mundos — declarou ele com olhos que jogavam faíscas.

Ela o observou com atenção. Sua tortura era muito visível em seus olhos. Não encontraria a paz até que não descobrisse quem era. Não podia descobri-lo sem recuperar sua herança perdida e, por muito que ela desejasse curá-lo, não podia.

Tinha que ir.

Sentiu uma opressão angustiante no coração. Tinha lágrimas nos olhos.

—Sempre te amarei — sussurrou— Sempre sentirei sua falta.

Ele abriu muito os olhos.

—Está me dizendo adeus?

Ela não podia falar; assentiu com a cabeça.

Emilian se aproximou e a tomou pelos ombros.

—Tenho-te feito mal outra vez. Eu não retornei para te fazer dano.

—Sei — ela o abraçou com força.

Devolveu-lhe o abraço com a mesma força.

Ariella foi primeira em afastar-se.

—Vá ao norte com a gente de sua mãe. Eu rezarei para que encontre o que busca e para que logo volte para casa. Eu estarei aqui quando o fizer... quando estiver preparado para te permitir ser feliz.

—Pode ser que nunca encontre o que procuro.

Ela pensou em seu filho, que um dia necessitaria de seu pai.

—Sim o fará. Não tenho dúvidas. Acredito que as respostas a suas perguntas estão muito mais perto do que crê.

Ele suspirou.

—Ariella, não me espere.

—Não haverá ninguém mais, Emilian — lhe acariciou a bochecha, esgotada de repente— Vá antes que voltem. E Emilian? Eu te amo.

Ele ficou rígido e seus olhos chapeados se nublaram. Assentiu com a cabeça e partiu.



Quando ao fim retornou a seu dormitório, apoiou-se na porta esgotada. Cliff, empenhado ainda em um matrimônio forçado, tinha ameaçado sair atrás de Emilian e arrastá-lo de volta a Rose Hill, mas ao final Amanda o tinha convencido de que o deixasse partir, posto que esse era o desejo de Ariella.

A jovem tentava não chorar. Só fazia uma hora que se foi e já sentia tanto sua falta que doía. Fazia o correto? Fazia bem em lhe permitir que a deixasse desse modo para ir procurar seu futuro sozinho?

Ela compreendia que tinha que ir ao norte. Mas não podia ir com ele?

Sentou-se na cama, atônita ante a ideia e começou a dar voltas em sua mente. Tudo tinha ocorrido tão depressa que não tinha havido tempo para pensar com clareza. Pressupôs que tivesse que ir ao norte com ele como amante, como amiga e, ao final, como a mãe de seu filho. O matrimônio não importava, ao menos no momento. O que importava era estar juntos nisso.

Ele poria objeções ao princípio. Disso não cabia dúvida. Não queria que sofresse por estar ao seu lado e não queria que vivesse a vida difícil dos ciganos. Mas não a obrigaria a retornar quando o alcançasse. Ela tinha tomado uma decisão. Amava-o o bastante para lutar pelos dois.

Saiu da estadia. Faltavam poucas horas para que amanhecesse e foi bater na porta de Alexi. Ele abriu em seguida, completamente vestido, o que implicava que não se deitou. Ariella sabia que estava aborrecido com ela. Ao vê-la, alarmou-se.

—Tem que ir à cama — disse com brutalidade.

Ela entrou no quarto e fechou a porta.

—Necessito sua ajuda e farei o que seja por consegui-la. — Seu irmão esgotou os olhos. —Vou atrás de Emilian.

—Não vai nada! —exclamou ele.

—Necessito que me ajude a alcançar a caravana e a ele. Se não me ajudar, farei sozinha.

Ele abriu muito os olhos.

—Assim, que agora sim pensa te casar com ele e te fazer cigana? Papai não o permitirá.

Ela esquivou a pergunta.

—Papai não saberá por que nós vamos fugir durante a noite, Alexi. Estou muito apaixonada e já sabe o que significa isso para os Warrenne.

Ele a olhou furioso.

—Significa que nada nem ninguém pode me deter.

Capítulo 18

—Aí estão! —disse Alexi com expressão sombria. Ariella seguiu seu olhar. Estavam em um caminho que bordeava um escarpado e viajavam em um carro que tinham alugado em York. Apesar de que tinham ido até ali em ferrovia, tinham demorado três dias intermináveis em encontrar a caravana de ciganos. Alexi sabia que estariam perto de York porque Jaelle havia dito que acampariam ali antes de ir a Carlisle. Ariella olhou o prado onde estavam as carroças de cores, com os cavalos pastando soltos e os fogos preparados para cozinhar o jantar.

Em Rose Hill não se despediu de ninguém. Tinha escrito uma carta longa a Cliff com toda a sinceridade de que foi capaz. Ele se zangaria, mas ela esperava que Amanda pudesse acalmá-lo. Tinha-lhe suplicado que não fosse atrás deles.

Doíam-lhe todos os ossos do corpo, não por levar tanto tempo sentada, mas sim pela tensão de atrever-se a perseguir Emilian e porque sabia que podia enfurecer-se ao vê-la.

—Vamos — disse Alexi.

Pôs-lhe uma mão no braço.

—Sei que não te convenci que Emilian é merecedor de meus esforços porque vejo a dúvida sempre que lhe olho aos olhos. Irei sozinha.

—Por quê? —perguntou ele, zangado— Deixe-me adivinhá-lo. Ficará furioso porque teve o valor de persegui-lo.

—Zangara ao princípio — respondeu ela— mas isto é o melhor para ele e para mim. Em qualquer caso, quero ir sozinha. Sua presença não nos ajudará nada.

—Não — lhe lançou um olhar escuro— Sei que está loucamente apaixonada por ele e decidi te dar uma oportunidade de conquistar seu amor porque nunca imaginei que te veria assim. Por muito furioso que esteja com St Xavier, deve ter alguma qualidade. Mas não te deixarei aqui só no caminho. Deixarei quando estiver seguro de que está a salvo e bem acolhida no acampamento. E te prometo que chegará o dia em que lhe obrigue a ir ao altar.

Ela tinha tido a sorte de conseguir que a ajudasse a chegar ali e aceitou que não ia partir agora. Assentiu então, e ele soltou as rédeas. O carro começou a descer para a caravana. O coração pulsava com força. Teria que vencer o aborrecimento inicial de Emilian e havia um modo singelo e antigo de fazê-lo, um modo que todas as mulheres compreendiam

instintivamente. Mas as apostas eram muito altas e tinha medo do fracasso. Não podia imaginar-se voltando para Rose Hill.

Os meninos brincavam de esconderijo, perseguidos por alguns cães. Viu Nicu, Djordi e outros jovens, que levantavam a última de uma dúzia de tendas grandes de lona. Algumas mulheres começavam a preparar o jantar. Observou o lado mais afastado do acampamento. Emilian sem camisa reparava uma roda de carro em cima de um tronco. Era tão formoso que Ariella sentiu a boca seca, mas pelo modo em que golpeava a roda, adivinhou que estava frustrado e zangado.

Alexi tinha parado o carro. Ariella saltou ao chão e todo o acampamento ficou em silêncio. Até os meninos deixaram de gritar e rir para olhá-la. Um dos menores lhe sorriu e uma menina maior, Katya, saudou-a com a mão.

A jovem devolveu o sorriso, mas estava tão nervosa que sentia náuseas. Não obstante, não devia mostrar incerteza, nem ansiedade. Tinha que ser atrevida e segura de si mesma; tinha que ser incrivelmente sedutora.

Jaelle se endireitou ao lado de um fogo com olhos muito abertos.

Stevan saiu de uma tenda verde brilhante e a saudou com a mão.

Ariella queria devolver a saudação, mas Emilian acabava de endireitar-se. Viu-a e ficou imóvel.

Pulsava-lhe o coração com tanta força que estava segura de que ele podia ouvi-lo apesar da distância. Ela caminhava devagar e com firmeza. Não podia sorrir, mas aquilo era o que tinha que fazer. Ele teria que entendê-lo assim.

Os olhos dele jogaram faíscas e a fúria que ela tinha esperado lhe cobriu o rosto. Soltou o martelo, mas não se moveu.

Ela se deteve ante ele.

—Decidi vir contigo depois de tudo.

Ele respirou com força.

—Parece-me que não.

Ela sorriu.

—Você sente minha falta e te importo. Não pode retirar essa confissão.

—Um homem diz muitas coisas no calor do momento — repôs ele irado.

Ela tremeu e se disse que não devia ceder. Endireitou os ombros e o olhou aos olhos.

—Você não me disse que te importava no calor de um momento de paixão. Nesse momento me disse que me necessitava desesperadamente.

Ele se ruborizou.

—Deveria ser orgulhosa e não perseguir um homem que não te deseja — declarou.

Suas palavras não a feriram porque ela sabia que a última parte não era verdade. Sorriu e apoiou a mão no peito nu dele. Sentiu que seu coração pulsava com força e isso lhe deu certa satisfação.

—Emilian os dois sabemos que me deseja... em muitos sentidos. Não penso voltar. Fico contigo.

Ele parecia incrédulo. Tomou a mão, mas demorou um momento em afastá-la. Olhou Alexi, que seguia sentado no carro observando-os como um falcão.

—Assim, que decidiu se casar depois de tudo?

—Não, não me casarei contigo até que me peça isso com amor em seu coração. Estou aqui como amiga e amante.

—E seu irmão decidiu permitir que fosse minha amante?

—Sabe que jamais lhe diria isso — lhe pôs a mão no braço nu. Ele estremeceu e ela subiu a mão pelo bíceps. O olhar dele se voltou ardente e Ariella compreendeu que tinha mais poder sobre ele do que acreditava— Você sentia minha falta e voltou para Rose Hill. Eu senti sua falta desde o momento em que foi. Meu lugar está ao seu lado, Embora seja aqui, na caravana.

—Seu lugar está em Rose Hill, em Londres ou inclusive em Woodland! —ele a afastou, mas Ariella leu dúvida em seus olhos.

—Me deixe passar a noite — disse— Estou muito cansada para voltar esta noite. Discutiremos amanhã se quiser.

Ele se inclinou para ela.

—Se crê que pela manhã estarei tão louco por você que não te farei voltar, está jogando um jogo muito perigoso.

A ela acelerou o coração. Podia seduzi-lo, não? Lambeu os lábios e sussurrou:

—Ao amanhecer não poderá me fazer voltar.

Ele a olhou e devolveu o olhar.

—Aceito o desafio.

—Me alegre — respondeu ela, tremendo. Ele cruzou os braços sobre o peito. Ela o olhou. —Onde está sua tenda? Eu gostaria de me refrescar um pouco.

Brilharam-lhe os olhos, em parte de fúria e em parte de desejo; assinalou uma estrutura de lona verde escura.

Ariella lhe sorriu e foi dizer adeus a Alexi.



A jovem se perguntou se todas as tendas eram tão agradáveis como a dele. Uma arca belamente esculpida continha sua roupa e artigos pessoais. Tinha uma mesa pequena portátil e uma cadeira, além de um elegante tapete da China. A cama consistia em um colchão grande, coberto com lençóis azuis de seda sob um edredom azul marinho e dourado. O candelabro colocado ao lado da cama era de prata.

Em cima da arca encontrou um espelho e lhe agradou ver que tinha os olhos brilhantes e as bochechas ruborizadas. Parecia sensual, mas não o suficiente.

Sorriu a sua imagem no espelho. Não tinha muita experiência, mas em seus braços se convertia em outra mulher, totalmente desinibida. Tinha que recordar isso e aproveitá-lo para ganhar confiança. Ia seduzi-lo. Ia-lhe fazer amor. Ele considerava aquilo um jogo e um desafio, mas não era nenhuma de ambas as coisas.

—Posso entrar? —perguntou Jaelle.

Ariella se voltou, agradada de vê-la. Jaelle entrou e deixou a tenda aberta. Ariella se fixou em sua blusa verde pálido, que deixava os ombros ao descoberto e a saia púrpura, que se adería aos quadris e saía logo daí. Uma saia azul com bordados envolvia sua cintura minúscula e levava o cabelo solto.

Ariella a abraçou um instante.

—Espero que não creia que tenho feito mal em perseguir seu irmão.

—Se ele não te amasse, não teria voltado a Rose Hill para vê-la... e não estaria recusando a todas as mulheres bonitas do acampamento.

Já lhe havia dito que não tinha estado com ninguém mais, mas Ariella se alegrou de vê-lo confirmado.

—É bom que tenha vindo, porque outra mulher o teria levado antes ou depois — Jaelle se encolheu de ombros— Você o ama, assim persegue-o se quer fugir. Eu o faria.

Ariella lhe apertou a mão.

—Diz que me enviará para casa amanhã.

Jaelle pôs-se a rir.

—De verdade? Então tem que lhe fazer mudar de ideia. Não deveria ser muito difícil.

Ariella pensou na noite que se morava.

—Sim, tenho intenção de convencê-lo esta noite. Pode me ajudar?



Emilian tomou o copo de vinho e olhou sua tenda. Até que se deu conta do que fazia e se voltou. Mas não lhe interessava nada, nem ninguém mais, por isso sua atenção voltou para a tenda. A portinhola levava uma hora baixada. Por que demorava tanto?

Sabia o que fazia... lavar-se, pentear-se, talvez pintar-se um pouco e perfumar-se. Preparava-se para a noite que passaria com ele.

A tensão alagou seu corpo. O sol baixava já e Nicu tocava o violino, mas a melodia era alegre, o qual o zangava. Quase todos os meninos tinham terminado de jantar e os menores estavam deitados. Uma das mulheres que tinha tentado seduzi-lo durante dias dançava com outro homem. Emilian olhou a tenda. Quase lhe pareceu ver a sombra dela, mas isso era impossível através da lona grossa.

Ainda não podia acreditar. Não só o tinha seguido por meia Inglaterra, mas também pensava ficar com ele. E nem queria casar-se. Mas é obvio que não. Ela era muito independente para seu bem. E ele não a queria ali sob nenhuma circunstância. Ela não era cigana, nem o seria nunca.

Lançou um juramento e afastou o vinho. Como era possível que um ato de vingança tivesse dado passo a tanta ansiedade, angústia e paixão? Por que tinha que ser tão distinta a outras jovens? Qualquer outra paya teria exigido o matrimônio a todo custo. Ela se considerava sua amiga e sua amante e queria viajar com os ciganos com ele.

Pois muito bem. Faria amor toda a noite e pela manhã a meteria no primeiro trem com destino ao sul.

A portinhola se moveu e ele viu um anjo de desejo sair de noite.

Sorriu-lhe.

Ele respirou com força, atônito. O olhar dela era sedutor. Seu cabelo comprido dourado ia solto e caía em ondas sobre os ombros nus. Levava uma blusa amarela e uma bandagem dourada. Viu que ia nua debaixo da blusa e sentiu a boca seca. A saia púrpura que levava brilhava e caía sobre os quadris e coxas como seda fina. Pulsava-lhe já o pulso com força e custava recordar por que não a queria ali.

Ela se adiantou; seus quadris oscilavam e os peitos pareciam flutuar. Emilian viu que ia descalça.

—O que te parece? —perguntou ela, e deu uma volta para ele.

Agarrou-lhe o pulso.

—Parece-me que devemos entrar em minha tenda.

Ela abriu muito os olhos, mas baixou as pestanas.

—Mas você nunca tem pressa — murmurou.

—Eu sempre tenho pressa — retificou ele — Quando estou contigo, mal posso me controlar.

Estreitou-a em seus braços e sentiu seus seios contra ele com os mamilos duros.

Pôs-lhe as mãos no peito por cima da camisa ampla e moveu o quadril na virilha dele.

—Quero um copo de vinho — disse— E quero dançar.

Ele a soltou e se afastou.

Ariella jogou o cabelo para trás e se aproximou da luz do fogo. Observou-a. Ela se voltou, levantou os braços o qual fez que a blusa se aderisse completamente a seu corpo, e girou ao ritmo da música.

Emilian a viu girar a pélvis e os quadris em um ritmo antigo e sensual. Ela se moveu devagar, o que lhe permitiu ver de novo suas costas e, quando ficou de frente, afastou o cabelo com as mãos com a vista fixa nele. A Emilian explodiu o coração. Ela voltou a lhe sorrir com as pestanas baixas.

Ele entrou no círculo de luz e a apanhou; ela pôs-se a rir. Beijou-a na boca e pensou que a risada dela tinha parecido triunfante. Afastou-se um instante.

—Ainda não ganhou — disse.

Ela se soltou e correu à tenda. Emilian a seguiu, tão excitado que não podia pensar com coerência. Ela desapareceu dentro.

Ele entrou a sua vez e baixou a portinhola.

Umas velas ardiam em candelabros de cristal. Ela soltou a bandagem e a deixou cair a seus pés.

Emilian ficou imóvel.

Ariella começou a tirar a blusa amarela pela cabeça muito devagar e a jogou a um lado. Ele a olhou. Os mamilos estavam erguidos e mesclados com o cabelo. Ele não podia respirar. Ela sorriu e lhe deu as costas.

Afrouxou a saia e começou a deslizá-la pelos quadris. Assim que ele se deu conta de que ia nua sob a saia, ficou imóvel, enfeitiçado, rígido. Ela baixou devagar a saia pelas nádegas e pelas coxas. Logo a soltou e a deixou cair ao chão.

Emilian a agarrou por trás e a apertou contra si.

—Está desfrutando? —perguntou.

Ela se apoiou nele trememente.

—Muito.

—Aqui o professor sou eu — murmurou.

Beijou-lhe o pescoço e ela estremeceu e se arqueou contra ele. Emilian a voltou e seus olhos se encontraram; puxou o cabelo pela nuca, enrolou-o em sua mão e a beijou profundamente.

Sabia que devia ir devagar, mas não podia. Afastou a boca e a jogou sobre a cama, procurando já os botões de suas calças. Ela tinha as mãos no cabelo dele e se olhavam aos olhos.

Os olhos azuis dela brilhavam com algo mais que desejo. Ali havia muito amor. Gemeu e a penetrou devagar. Nesse momento soube que ela tinha que estar ali, na caravana com ele.

Ariella lançou um pulo. Tocou-lhe a bochecha, as costas e o abraçou com as pernas. Ele se movia devagar, saboreando cada carícia lenta e maravilhosa pelo prazer, a alegria e o caos que alagavam seu coração.

Ela estava disposta a deixar tudo por estar ali com ele.

E ele não podia deixar tudo também por ela?

—Emilian, sim — soluçou ela de prazer. E ele se entregou também ao clímax e se uniu a ela na maravilha do prazer e do amor.

Abraçou-a com força com o rosto cheio de lágrimas. Não queria soltá-la.

Olhou-a dormindo com a luz do amanhecer filtrando-se na tenda. Ficou dormida meia hora atrás, aconchegada contra seu peito. Ele a rodeava com um braço e o rosto formoso e perfeito dela estava voltado para ele, o qual lhe permitia observar todos seus traços.

Afastou a vista de seu rosto e olhou o teto escuro da tenda. Nunca tinha conhecido uma mulher como ela. Tinha chegado o momento de admitir que nunca tinha desejado a nenhuma como desejava a ela. Nunca lhe tinha importado tanto ninguém.

Quase se pôs a rir. Ela tinha saído com a sua não? Fizeram-se amigos e já não podia negá-lo. Tinha conseguido seu progresso natural.

Separou-se com gentileza e colocou as mãos atrás da cabeça. Ela merecia algo melhor que ele e algo mais que aquilo. Merecia um matrimônio de verdade e a seu homem inglês.

Pensou que podia retornar a Woodland e casar-se com ela. A ideia não lhe pareceu tão descabelada; sentou-se lentamente e a olhou.

Não voltaria para Woodland, mas ela tinha que retornar embora ele a quisesse ao seu lado. Aquilo foi outra revelação. Não lhe importaria que ficasse ali assim.

Mas era impossível. Não podia lhe permitir formar parte do mundo feio no que viviam os ciganos e não ia lhe permitir ser seu amante.

Mas toda Derbyshire já conhecia sua aventura pelo acontecido no baile de Rose Hill. E talvez se soubesse já também que ela o tinha seguido até York. Os serventes escutavam e fofocavam. Acabariam por chamá-la rameira cigana... se não a chamavam já. Mas só as suas costas e nunca à cara.

A WARENNE iria custar muito lhe buscar um marido. Entretanto, podia comprar um.

Suspirou. Ele não queria que se casasse com outro.

Sua desonra estava associada com ele. Ele não tinha querido aquilo. Se tivesse deixado que os forçassem ao matrimônio, ela viveria com o desdém destinado a sua esposa, mas era muito melhor que o desprezo com o que tratariam a sua amante. Não podia lhe permitir que ficasse vivendo com os ciganos e não podia enviá-la de volta desonrada. A decisão estava tomada.

A mão dela cobriu a sua.

—Não vai dormir nada?

Ele a olhou com um sobressalto.

—Estou desfrutando te olhando.

Ela o olhou aos olhos.

—O que ocorre?

—Nada.

Ariella levou a mão dele aos lábios e a beijou.

—Está triste. Como pode se sentir assim agora depois da noite que tivemos?

Ele vacilou.

—Não pode ficar aqui.

Ela se sentou no colchão.

—Não partirei.

Ele a olhou surpreso.

—Digo-o a sério.

—Pois o sinto. E não me diga que não me deseja. Isso são tolices.

Ele quase sorriu.

—Desejarei-a sempre.

—Melhor — lhe acariciou a bochecha — Então tema encerrado.

—Não, não está. Você me seguiu aqui contra meus desejos. Eu a devolvo a casa. Não permitirei que seja minha puta cigana.

Ela abriu muito os olhos e se ruborizou.

—Isso será o que a chamarão a suas costas. Mas o bastante alto para que o ouça.

Ela levantou o queixo.

—Não me importa. Suponho que doerá, mas conseguirei suportá-lo. Não penso te deixar.

Ele sorriu.

—Esse não é o tema que quero discutir, querida — a abraçou— Tínhamos que nos haver casado em Rose Hill.

—O que? Mas você não quer se casar comigo.

—Eu não gosto que me obriguem a fazer nada. Agora ninguém me obriga e quero te devolver a honra. Não quero que sofra e não quero que lhe desprezem. Não deveria ter vindo, mas o tem feito e estamos aqui.

—Assim, que quer se casar comigo para me proteger? —perguntou ela.

—Algo assim — repôs ele.

—Quando puder me dizer que me ama, aceitarei.

—Importa-me muito... necessito-te e sinto sua falta quando estamos separados. Não é suficiente?

—Está se aproximando — respondeu ela— Mas não o suficiente. — Suspirou e ele a beijou nos lábios. —É impossível — murmurou ela.

Ele passou vários minutos excitando-a. Quando a ouviu gemer de prazer e esteve bem dentro dela, sussurrou:

—Eu te amo.

Ela deu um pulo.

E ele não estava seguro de não estar dizendo a verdade.



—Sobe comigo — disse Emilian ao dia seguinte com expressão impenetrável.

la na boleia de um carro puxado por um par de éguas velhas. A caravana partia. Os primeiros carros já estavam no caminho. Ela era muito feliz para estar cansada, apesar de que tinha dormido muito pouco, e subiu a saia para subir à boleia com ele.

—Quanta distância percorrem em um dia? —perguntou.

—De dez a quinze milhas — respondeu ele— Não há pressa.

—Faz uma manhã muito formosa.

Não acreditava ter visto nunca um céu tão azul, nem um sol tão brilhante. E Emilian não lhe tinha parecido nunca tão atrativo.

—Possivelmente dentro de um par de dias o que agora é romântico te pareça aborrecido.

—Fazia anos que não vinha tão ao norte — repôs ela, que sabia que não se aborreceria nunca enquanto estivessem juntos— Além disso, também é parte de minha herança, embora eu tenha feito nada mais que estudá-la nos livros de história.

—Você se criou como inglesa — comentou ele— Pensou alguma vez na vida de sua mãe?

—É obvio. Foi uma vida de preconceitos e êxodo, de guetos e ódio. Eu teria gostado de conhecê-la e a sua família. Ou ao menos saber se sofriam ou se viviam bem.

—Não tem desejo de buscá-los?

—Minha mãe contou a meu pai que o seu tinha morrido em Trípoli e que não tinha a ninguém mais. Assim não, não desejava procurar esse lado de meus ancestrais.

—Considerará retornar a Rose Hill? —perguntou ele a sério.

Ela o olhou aos olhos.

—Você sabe que não quer que vá.

Ele se ruborizou.

—Ainda não respondeu a minha proposta.

—Emilian, não acredito que o haja dito a sério.

—Muito a sério. E não me peça outra confissão.

Ariella se sentia feliz porque por fim lhe havia dito que a amava e levava seu filho no ventre. Sorriu.

—Sou uma mulher forte e independente. Suportarei a vida cigana.

—O que significa isso?

—Significa que sim, casarei contigo.



—Emilian St Xavier, quer a esta mulher como legítima esposa? —perguntou o reitor com um sorriso.

Eram só umas horas depois. Ariella estava em uma capela de aldeia embelezada com um vestido de encaixe cor marfim que tinha pertencido à avó de Jaelle. Levava as pérolas dela. Emilian vestia jaqueta escura, camisa de seda e lenço negro ao pescoço. Todos os ciganos se apertaram na velha capela, que tinha sido adornada com flores silvestres e coroas de margaridas trançadas.

Emilian tinha insistido em que se casassem nesse mesmo dia. Ariella só lamentava que sua família não estivesse presente. Os preparativos tinham sido tão rápidos que ainda lhe dava voltas à cabeça.

—Sim, quero — disse ele.

O reitor, um homem jovem, com uma esposa de seios grandes que seguia a cerimônia do primeiro banco com entusiasmo, olhou Ariella.

—E você, Ariella de Warenne, quer a este homem como legítimo marido na saúde e na enfermidade, nos bons tempos e nos maus, até que a morte os separe?

A jovem olhou Emilian aos olhos. Sorriu.

—Quero a este homem como legítimo marido até que a morte nos separe.

—Podem trocar os anéis — disse o reitor.

A Ariella surpreendeu ver Stevan tirar dois anéis de ouro singelos, possivelmente comprados ali ou possivelmente emprestados.

—Comprarei para você o diamante que escolha quando voltarmos a Woodland — sussurrou Emilian.

Voltavam para Woodland? Olhou-o enquanto lhe colocava o anel e começou a chorar de felicidade.

Stevan lhe deu o segundo anel e ela o pôs no dedo de Emilian. Elevou a vista com os olhos nublados pelas lágrimas.

—Eu lhes declaro marido e mulher — declarou o reitor.

Sua esposa começou a chorar e os ciganos aplaudiram e aclamaram.

—Pode beijar a noiva.

Ariella não pôde chegar a sorrir, mas lhe sorriu com gentileza. Inclinou-se para ela e a beijou nos lábios um instante. Olhou-a. Pôr-lhe as mãos nos ombros e ela percebeu que queria dizer algo, mas não podia. Imediatamente os rodearam seus amigos; os homens o puxaram e as mulheres a abraçaram com entusiasmo. Alguém começou a tocar uma flauta.

Ariella secou os olhos. Por fim estavam casados.

Capítulo 19

Ariella se deteve um momento na colina para olhar o vale abaixo. Na ladeira havia uma aldeia pequena e pitoresca. Consistia principalmente em casas de pedra rodeadas de campos de feno e aveia. Das chaminés de pedra saía fumaça e os pássaros posavam nos telhados inclinados. Nos campos pastavam ovelhas e uma ou outra vaca. Viu um par de burros cinza. Tudo aquilo era encantador e seu coração saltou de felicidade.

Fazia mais de uma semana que viajava como esposa de Emilian e estava mais apaixonada pelo que nunca teria acreditado possível. Pelo dia viajavam juntos no carro e falavam das obras de Shakespeare, de Chaucer ou de Keats, de ideias radicais e dos programas de Owens, Sahfstsbury e Agrada, da história dos ciganos, os vikings e os judeus. Debatiam sobre a eficácia da polícia e as mudanças no Código Penal. Argumentavam sobre o conteúdo e a amplitude das reformas parlamentares. Ele era um homem inteligente e tão letrado como ela. E um pensador progressista. Ela estava encantada.

Não a condenava por seu pensamento independente. Nos debates sempre a olhava com admiração. De fato, cedia frequentemente aos argumentos dela.

Ariella avançou uns passos, sentindo-se tão leve como as nuvens. Era pela tarde, tinham parado para acampar algo mais logo que de costume. Atrás dela havia o bosque e mais à frente o acampamento. Tinha que voltar e ajudar Jaelle com o jantar.

OuvIU um relincho estranho.

Era muito agudo, o som que faria um animal que sofria.

Olhou a seu redor. Demorou um momento em ver o potro enredado em um matagal. Voltou a relinchar, mostrando o branco dos olhos. Estava assustado, apanhado entre os ramos.

la necessitar uma sogá. Pensou um momento em ir em busca de Emilian, mas viu que o animal sangrava pelas patas, pois tinha se feito mal em seu pânico. Correu colina abaixo.

O potro ficou imóvel quando se aproximou. Ariella tirou a bandagem e se aproximou dele. O animal começou a retroceder quando ela tentou lhe jogar a bandagem ao redor do pescoço. Ela o tranquilizou e conseguiu atá-lo. Um momento depois o tirava do matagal.

Dispunha-se a soltá-lo quando viu dois homens que avançavam correndo para ela, sem dúvida procedentes da granja mais próxima. Pareciam muito zangados e ela se assustou.

Soltou o potro. Seu instinto lhe que corresse, mas isso era absurdo.

—Boa tarde — sorriu.

O mais jovem não se deteve. Agarrou-a pelo braço e ela soltou um grito.

—Parece-me que temos a uma cigana ladra de cavalos — disse— E bastante bonita, por certo.

Ariella ficou tão surpreendida que não pôde falar.

Olhou-lhe o decote com luxúria.

—Não o entendeu — gritou ela, tentando subir a blusa— Soltem-Me!

Ele a apertou contra seu corpo.

—Cale-se!

Por um momento ficou tão atônita que foi incapaz de pensar. Ninguém nunca lhe tinha falado assim.

—Em Skirwith marcamos os ciganos ladrões, mas fodemos a suas rameiras — sorriu o camponês.

Ariella sentiu muito medo.

Acreditavam que era cigana e assim era como tratavam às ciganas. Não tinha mais que recordar o que tinha ocorrido a Jaelle e Raiza.

—Me soltem agora mesmo. Como se atrevem a me falar assim! —gritou. Aquilo não podia estar ocorrendo. Ela era Ariella de Warenne, era a viscondessa St Xavier.

—Fala como uma dama de linhagem — disse o mais velho. Golpeou a garupa do potro e o animal se afastou.

Ariella estava paralisada horrorosamente consciente do corpo do homem apertado contra ela. Suas intenções eram terríveis. Tinha que escapar.

—Me soltem! —disse— Sou a viscondessa St Xavier.

—Há, crê-se uma condessa! É uma condessa cigana, encanto? —riu o mais velho— Tenho uma ideia. Um trato justo. Derruba-se comigo e não tocamos suas bonitas orelhas.

Ela fechou os olhos com medo.

—Me soltem ou o pagamento caro.

—Johnnie fala como uma inglesa — disse o mais velho, duvidoso.

—Pode ser uma cigana inglesa — o jovem lhe pôs a mão no peito.

Ariella se debateu com raiva. Ele pôs-se a rir e lhe baixou a blusa mostrando os peitos. Ela não pensou... reagiu. Mordeu-lhe o braço com todas suas forças. Ele uivou e a soltou.

Ela pôs-se a correr.

Levantou as saias e correu colina acima com todas suas forças, guiada pelo terror. Ouviu o camponês amaldiçoar e também ouviu seus passos e sua respiração ofegante. Estava muito perto. Obrigou-se a correr mais depressa, respirando a baforadas, morta de medo. Tinha que escapar. No topo da colina tropeçou, mas não se deteve. Com os pulmões explodindo no peito, correu para as árvores. Os ramos arranharam as mãos, os braços e as bochechas. Agarrou-lhe a saia por trás.

Ela caiu com força sobre o rosto e o ventre.

—Já te tenho.

Ariella gritou o nome de Emilian. Quando o camponês se aproximou, voltou-se e procurou seus olhos com as unhas.

Ele se tornou atrás e lhe arranhou o rosto. Tomou uma pedra, elevou o braço e lhe golpeou a mandíbula com ela. Ficou atônita ao ver que ele abria muito os olhos e jogava atrás a cabeça. Derrubou-se um momento depois.

Ela ficou de quatro, aturdida e sem fôlego. Ouviu Emilian e se levantou como pôde. Subiu a blusa e cambaleou pelo bosque em direção a ele.

Emilian deixou no chão sua carga de lenha, pensando na noite anterior e em que se morava. Sua inteligente e bela esposa se converteu em uma amante atrevida e adepta, ao qual ele não tinha nada que objetar.

Sua intenção tinha sido enviá-la a Woodland depois da noite de bodas. Mas essa tinha sido a melhor noite de sua vida, cheia de desejo, paixões explosivas e sorrisos. Havia-se dito que a enviaria ao dia seguinte, mas o dia tinha sido tão agradável como os posteriores. Sabia que ela teria que ir antes ou depois. Não podia viver com ele como cigana. Aquele interlúdio teria que acabar. Sabia que ela protestaria e que sentiria falta dela, mas só estava atrasando o inevitável.

Olhou o sol, que ainda demoraria uma hora em baixar. Não havia nenhuma noite em que não se sentisse tão impaciente como um moço por estar com sua esposa.

E então a ouviu gritar.

Girou e correu para o bosque.

—Ariella!

Não houve resposta.

Correu mais depressa. Mas antes que chegasse ao bosque, ela saiu dele cambaleando. Estava suja, com a roupa enrugada e a blusa rasgada. Ficou petrificado de horror.

O que lhe tinham feito?

Ela tropeçou e lhe estendeu os braços. Ele correu para diante.

—Está bem? —perguntou com voz rouca.

Ela estremeceu em seus braços.

—Agora sei o que é ser cigana — gemeu.

O mundo se deteve ao seu redor. Emilian sentiu uma fúria selvagem.

—Violaram-lhe? —perguntou com calma. Mataria os payos que tinham feito aquilo.

—Não. Estou bem — repôs ela. Mas abriu muito os olhos e se encolheu agarrando o ventre.

Emilian se ajoelhou aterrorizado.

—Ariella! O que acontece?

Ela não respondeu... era óbvio que não podia falar. Afastou-lhe as mãos do estômago, esperando encontrar uma ferida terrível; mas a roupa estava intacta. Subiu-lhe a saia, mas no ventre não havia nem um arranhão. Ela voltou a gritar e se dobrou de dor.

Emilian a abraçou enquanto ela combatia uma tortura que ele não podia identificar. Parecia ter tanto medo!

—O que ocorre? O que te passa? Ariella me responda!

Ela o olhou ofegante, com as bochechas brancas e os olhos brilhantes de dor.

—O menino... — ofegou— Não posso perder nosso filho!



Emilian estava sentado fora de sua tenda com a cabeça nas mãos. Sua tia o tinha jogado fazia horas, quando tinha ficado petrificado ao ver Ariella agarrando o ventre de dor. Seus gemidos o tinham seguido fora. Tinham cessado há um momento.

Por que não havia dito que estava grávida? Tinha-lhe feito um filho a primeira noite em que estiveram juntos, uma noite de engano e vingança, ou a vez seguinte, quando a tinha utilizado com quase a mesma fúria? Estava doente pela dor dela e pela ideia de que seu filho podia ter sido concebido em atos tão selvagens e desumanos.

Via em sua mente seus olhos brilhantes e seu sorriso alegre. Ela merecia felicidade. Não podia perder o menino.

O silêncio era ensurdecedor. O que acontecia? Estremeceu e custou respirar. Tinha atrasado egoistamente enviá-la a Woodland e agora ela tinha um aborto.

Sentiu uma mão firme no ombro.

Era Stevan.

—Perdeu o menino.

Emilian se afastou. Moveu à cabeça a borda das lágrimas.

—E Ariella?

—Está descansando. Ficaré bem.

Emilian secou uma lágrima rebelde. Tinham perdido seu filho porque ele não a tinha enviado a Woodland.

—A gravidez não estava muito avançada. Ela diz que só estava de dez semanas — tentou consolá-lo Stevan.

Emilian cobriu o rosto com as mãos. Ela tinha concebido a primeira noite em Woodland. «*Crê no amor a primeira vista?*»

Ariella acreditava que se apaixonou por ele a primeira vista.

«*Crê no destino?*»

Essa perda era obra do destino? Ariella não merecia isso. Isso o tinha feito ele.

Aproximou-se sua tia secando as mãos em um pano úmido. Sorriu-lhe com amabilidade.

—É jovem e forte. Haverá mais meninos e você deve dizer-lhe assim.

Ele tremia cheio de desprezo contra si mesmo.

—É obvio. Como vai?

Simcha o olhou.

—Esta sofrendo. É normal.

Ele ficou rígido. Agora o odiaria. Mas ele merecia o ódio.

Entrou na tenda. Acreditava estar preparado para o pior, mas quando a viu deitada chorando sem emitir um som, lhe partiu o coração.

Enquanto ela chorava sem ruído, ele foi consciente da amplitude de sua própria dor. Não tinha conhecimento da gravidez, mas ela tinha perdido seu filho.

Tentou afastar as ondas de angústias, tristeza e culpa que ameaçavam alagá-lo. Ajoelhou-se a seu lado e tomou sua mão. Não sabia o que dizer.

—Ariella? —ao ver que não respondia, tocou-lhe a bochecha— O sinto.

O rosto dela se esticou. Ao fim abriu os olhos e lágrimas novas desceram por seu rosto.

—Perdi nosso filho — soluçou.

Ele a estreitou contra si e ela chorou em seu peito enquanto ele a abraçava impotente. E ao fim se mesclaram as lágrimas dos dois.



Ariella olhou o teto verde escuro da tenda. Tinha perdido o menino.

A sensação de vazio se intensificou. Já não ficavam lágrimas e a tristeza se converteu em um buraco negro e sem fundo em seu coração.

Os ciganos viviam em um mundo de intolerância e ódio, um mundo cheio de injustiças. Isso o tinha feito payos cheios de ódio. Tinham-na acusado de roubar um cavalo e a tinham atacado de um modo cruel e brutal. Tinha perdido seu menino por culpa dos dois camponeses e assim era como viviam os ciganos. Como podia suportá-lo alguém?

Fechou os olhos com força, tremendo. Quando chegou ao acampamento para estar com Emilian acreditava entender o modo de vida dos ciganos, mas até essa tragédia não tinha visto a verdade. Nesse momento odiava os payos e compreendia bem o ódio de Emilian.

—Está acordada — disse seu marido, que parecia aliviado.

Era o pai de seu filho, o homem ao que amava, o homem pelo que tinha renunciado a tudo. Era seu marido e compartilhava sua perda. Agora o necessitava, mas seu coração não se alterou. Havia muita tristeza.

Ele se sentou ao seu lado, tomou sua mão e a apertou com força.

—Ariella, me deixe que te traga algo de comer, por favor.

—Como vou poder comer? — repôs ela.

—Tem que comer embora não tenha apetite.

Ela viu que parecia cansado, como se não tivesse dormido. Parecia mais velho... havia linhas em sua testa e tinha o rosto gasto.

—Leva dois dias inteiros dormindo — disse ele.

—Estou muito doente — sussurrou ela— Dói-me muito o coração. Não sei o que fazer. Não sei como superar isto.

—Sei — ele a abraçou— Mas o superará, prometo-lhe isso.

Ela se aferrou a ele, mas o abraço não espantou a tristeza. Voltou a chorar, surpreendida de que ficassem lágrimas.

Emilian a abraçou até que terminou. Ficou em pé.

—Vou te trazer sopa que Simcha fez — disse com voz espessa.

Ariella não tinha forças para discutir. Olhou-o e viu que a olhava com intensidade. Estava visivelmente alterado. Tinha amado também a seu filho depois do acontecido?

—Emilian? —sussurrou— Tinha que haver te dito isso. Queria fazê-lo. Esperava o momento oportuno.

Ele assentiu. Não parecia capaz de falar.

Ela pensou que ele também sofria.

—Teremos outros filhos... com o tempo — disse para consolá-lo.

—Ariella — suspirou ele— O sinto.

Ela assentiu.

—Sei.

Os olhos dele brilharam de angústia e saiu da tenda.

Ela pensou um instante que lhe ocorria algo mais, mas não tinha nem forças, nem vontade para tentar entender do que se tratava. Deitou-se de costas e olhou o teto.

Tinham cruzado o limite com a Escócia dois dias atrás. A caravana se deteve para passar a noite. Estavam a dois dias do povoado onde ele tinha nascido, o povoado onde Raiza estava enterrada. Não obstante, o significado disso parecia haver-se perdido de algum modo no trauma do aborto de Ariella.

Tinha instalado a tenda e Ariella estava fazendo a cama. Ele, de pé ao lado da carroça, olhava-a através da portinhola aberta. Tinha perdido peso, comia muito pouco e não dormia bem. Despertava de noite chorando e ele a abraçava impotente, consumido pela culpa.

Ela se movia agora devagar, sem entusiasmo, quando antes era rápida e alegre. Antes era faladora e agora calada. Mas tinha direito a sua tristeza. Ele também sofria.

Ele tinha feito isso a sua esposa sã e feliz.

Era tarde para arrependimentos, mas sabia que não devia haver-se casado com ela. Não tinha que ter voltado a Rose Hill para vê-la. Tinha que havê-la feito voltar quando ela o encontrou em York.

Ariella viu que a olhava e sorriu fracamente. Seus olhos se encheram de lágrimas e se voltou para ocultar-lhe.

Ele a surpreendia em momentos de dor como esse todos os dias e todas as noites.

Odiava-se mais que nunca.

Aproximou-se da tenda, mas não entrou.

—Esta noite eu cozinharei — disse.

Ela secou os olhos.

—Pode vir aqui?

Surpreendeu-lhe o pedido, mas entrou na tenda. Ela começou a desatar a bandagem dourada.

—O que faz? —perguntou ele, embora já soubesse.

Ela sorriu fracamente.

—Não estivemos juntos desde... em uma semana. Faça-me amor.

Levou uma mão à blusa e ele a deteve. Pela primeira vez em sua vida sabia que era incapaz de fazer amor a uma mulher.

—Por quê?

—Não me necessita? —sussurrou ela.

Acreditava que tinha que ocupar-se de suas necessidades? Ele a olhou incrédulo.

—Estou bem.

Era mentira. Nunca voltaria a estar bem.

Tocou-lhe a bochecha.

—Não está bem. Nenhum dos dois está. Não esquecerei o ocorrido, mas antes ou depois temos que tentar deixar atrás o passado. Pensei que fazer amor ajudaria aos dois.

—Ariella, está claro que não se sente muito apaixonada.

Ela o rodeou com seus braços.

—Então me abrace, por favor.

Ele assim o fez, tremendo.

—Não quero te defraudar — murmurou ela.

Emilian já não pôde suportá-lo mais. Tomou-a pelos ombros e a afastou para olhá-la aos olhos.

—Sabia que não sairia nada bom se te derrubava no lodo comigo.

Ela piscou.

—Do que está falando?

—Quantas vezes te disse que você merece um príncipe?

Ariella parecia incrédula.

—Não posso debater isso agora! —gritou.

Ele a soltou.

—Não há nada que debater. Antes era uma luz brilhante cheia de sorrisos e risadas. Até seus olhos me sorriam.

—Perdi um menino. Sinto muito, mas estou lutando com minha tristeza.

—Sei. E maldita seja, não me peça desculpas! —rugiu ele.

Ela se encolheu.

—Eu te seduzi por enganos e você leva suficiente tempo conosco para saber o que é isso.

Ela empalideceu.

—Eu comecei isto. Persegui uma formosa princesa inglesa e a destrocei.

—Não — sussurrou ela— Basta. Por que faz isto? —começou a chorar— Estou sofrendo — lhe estendeu a mão— Por favor, não faça isto agora.

Ele moveu a cabeça, negando-se a tomar sua mão.

—Eu comecei isto e eu o terminarei. Este matrimônio foi um grande engano.

Ela se sentou com um pulo.

—Olhe o que te tenho feito! —gritou ele. Deu-se conta então de que tinha o rosto molhado e secou as lágrimas.

—Você não me fez isso! —repôs ela implorante.

—Vive como uma cigana por minha culpa. Vai me dizer que você gosta de viver assim? Você gostou que lhe chamassem rameira cigana? Você gostou que lhe atacassem esses estranhos? —gritou.

—Não sei como alguém pode viver assim — soluçou ela— Odeio esta vida. Odeio isto.

Ao fim lhe tinha tirado a verdade. Não podia viver como uma cigana. E em certo modo, estava aliviado. Não tinha esperado essa condenação desde que se conheceram?

Ela cobriu o rosto com as mãos.

—Não posso lutar por nós agora. Não posso.

—Não há nada pelo que lutar. Vou acabar este matrimônio — declarou ele.

Ariella deixou cair às mãos e o olhou horrorizada.

Emilian não queria ceder. Não podia lhe dar a vida que merecia, tinha-lhe dado dor, tristeza e luto. Pior, não tinha podido proteger sua esposa.

—O matrimônio é um engano. Não deveria ter ocorrido. Darei o divórcio.

—Como pode me fazer isto agora?

—Agradecerá isso antes do que crê.

Ela abriu muito os olhos. Emilian sentiu que encolhia o coração. Voltou-se e saiu.

Ela o seguiu. Agarrou-se à portinhola da tenda.

—É um bastardo! Maldito seja! Maldito seja por me fazer isto!

Ele se afastou sem vacilar ao interior do bosque. E ali o embargou a fúria, como uma besta uivadora, e era negra como o desespero. A mulher que amava tinha desaparecido com a perda de seu filho. Agora, muito tarde, sabia que amava Ariella de Warenne.

Capítulo 20

A tumba estava no cemitério familiar de Adare.

Ariella caminhou devagar entre lápides de mármore e alguns mausoléus magníficos. Havia silêncio naquele lugar, onde tinham sido enterrados seus antepassados do final do reinado da rainha Isabel. Estremeceu. Já era outubro e o céu estava nublado e ameaçava chuva. Apesar de levar um vestido pesado de lã e uma capa ainda mais pesada com capuz, estava muito magra e tinha frio.

Desde que Emilian a deixou no vestíbulo de Windsong quase dois meses atrás, não tinha passado nem um dia sem que visitasse o monumento com o que recordava seu filho. Mas nesse dia se deu conta de que no dia anterior não tinha ido. Tinha estado ocupada com visitas da cidade. Franziu o cenho. Pela primeira vez em muito tempo tinha desfrutado de um debate animado sobre as próximas eleições parlamentares.

Compreendeu que sentia falta de Londres.

Olhou o céu e pensou que aquilo indicava que se encontrava melhor.

Sorriu um pouco quando passou pelo mausoléu onde estavam enterrados os anteriores condes de Adare. Tinha querido muito a seus avós. Os dois tinham morrido enquanto dormiam com poucos meses de diferença. Sempre lhe consolava passar ao lado da tumba e agora quase podia senti-los caminhar com ela como se estivessem agradados.

Pensou que estava se convertendo em uma romântica.

Atrás desse edifício de pedra havia uma seção vazia, o lugar que tinha reservado seu pai para sua família imediata. Ariella deixou de sorrir. Ali, na erva verde, havia uma pequena laje.

Dois meses atrás só tinha que vê-la para tornar-se a chorar. Agora se ajoelhou ante ela e colocou um ramo de rosas brancas.

Adorado filho de Ariella e Emilian St Xavier.

27 de julho, 1838

Que em paz descanse.

—Como está? —sussurrou.

Já não podia imaginar seu menino como antes. Agora só via uns olhos cinza. E os olhos que via pertenciam a Emilian.

Ficou rígida. Não podia ir ali sem pensar no pai de seu filho. Era impossível. Era como se Emilian a acompanhasse na visita.

Suspirou. Curiosamente, sentia-se quase preparada para pensar em seu marido.

—Sua mãe se sente melhor — sussurrou— mas isso não significa que te ame menos.

Suspirou de novo.

—Acredito que irei a Londres. Acredito que é hora de voltar a viver — seu sorriso se debilitou— Mas virei vê-lo antes de ir e voltarei para o Natal.

Levantou-se. Voltou a ver ante si os olhos cinza de Emilian. Respirou fundo. Emilian tinha decidido acabar seu matrimônio quando ela estava tão incapacitada pela tristeza que não podia lutar.

Tinham viajado por ferrovia até Ferry que os tinha levado a Irlanda. Ariella estava consumida de dor, mas também furiosa até o ponto de quase odiá-lo por ter escolhido aquele momento para destruir seu matrimônio em vez de lhe permitir tempo para acalmar sua tristeza. Nunca esqueceria a expressão dura e decidida que tinha mostrado ele dia após dia. Ela tinha se pegado ao guichê do trem e tentado afastar-se dele o mais possível, sofrendo e olhando em silêncio com ele sentado rígido a seu lado com a vista cravada à frente. A tensão tinha sido insuportável.

«Irei diretamente a Londres pedir o divórcio».

«Como pode fazer isto? Como pode nos fazer isto?»

Ele não tinha passado mais que um momento na casa. Chovia aquele dia.

«Sabemos que é minha culpa».

Tinha subido à carruagem de aluguel e se afastou sem olhar para trás.

Ariella recordava vagamente que se deixou cair no caminho e seu irmão a tinha levado a casa. Alexi tinha se devotado a matá-lo, mas lhe tinha suplicado que não interferisse, que não piorasse ainda mais as coisas. Estava doente de tristeza e esgotamento e tinha tentado dar as costas a Emilian, a suas lembranças, seus pensamentos dele e seu matrimônio. Estava muito fraca para lutar com ele, e em certo modo, alegrava-se de estar em casa. Windsong era o refúgio mais seguro que conhecia. Seus aposentos privados era um santuário mais seguro ainda, onde podia meter-se na cama quando quisesse e curar suas feridas.

Mas a imagem dele penetrava em sua mente sem prévio aviso várias vezes ao dia. E imediatamente se sentia doída, furiosa e confusa. Logo tentava afastar seus pensamentos. Já tinha suficiente dor. Não necessitava mais.

Esforçou-se por não pensar no divórcio. E agora se perguntou pela primeira vez se Emilian tinha conseguido o certificado de separação ou uma anulação nos tribunais eclesiásticos.

Doída, ajoelhou-se de novo ante a tumba de seu filho. Por que tinha feito isso? Tinham sido felizes por um tempo.

«Eu sempre te desejarei». «Te amo».

Incorporou-se.

Seguiam ainda casados? Tinha conseguido a separação? Para isso teria que havê-la acusado de adultério.

Ela podia combater aquele divórcio se queria.

Ariella levantou as saias e correu pelo cemitério até a carruagem que a esperava. Por fim estava preparada para lutar por seu matrimônio e seu futuro.



Entrou no vestíbulo de Windsong sem fôlego.

—Ariella, onde esteve? —perguntou Dianna. Olhou-a surpreendida— Aconteceu-lhe algo. Parece disposta a debater com ferocidade. Parece você mesma.

—Dianna, sabemos se Emilian conseguiu um certificado de separação ou pior, se a petição de divórcio chegou ao parlamento?

Sua irmã a olhou com atenção.

—Eu não sei nada.

—Onde está papai? —Cliff tinha retornado de Londres vários dias atrás com Amanda.

—Na biblioteca.

Ariella abraçou sua irmã com força e se afastou.

—A que vem isso? —perguntou Dianna a suas costas.

Ariella a olhou por cima do ombro.

—Leva dois meses pendente de mim como se fosse uma inválida. Espero não ter que te devolver nunca o favor. Amo-te.

A porta da biblioteca estava aberta e Cliff sentado ante o escritório, imerso em seus livros de contas. Ariella bateu na porta com os nódulos. Quando ele levantou a vista, sorriu e entrou.

—Espero não interromper. Decidi que é hora de que vá a Woodland.

—Entendo — ele se levantou e deu a volta à mesa— Emilian não está ali.

—Supunha-o. Mas como esposa dela, também é minha casa. Sigo sendo sua esposa?

Cliff lhe passou um braço pelos ombros.

—Ainda não apresentou demanda de separação nos tribunais.

A jovem o olhou atônita.

—O que significa isso?

—Não sei, mas um homem que quer livrar-se de sua esposa não demora tanto. E Emilian está demorando.

Ariella sorriu.

«*Te amo*».

—Agora vai lutar por seu matrimônio?

O sudário se levantou e de repente havia esperança. Respirou fundo.

—Sinto falta de Emilian. — Seu pai a observou. —Sei que você não gosta, mas estamos casados. Preciso seu apoio e sua bênção.

—Já lhes dei minha bênção, Ariella. Aos dois.

Ela o olhou com atenção.

—Por favor, não o culpe pelo que tem feito. Já sofreu o bastante.

—A culpa é um jogo perigoso. Poderia culpar seu irmão por te haver levado com ele, não? Poderia culpar Emilian por ter deixado que ficasse com os ciganos. Poderia culpar a mim por não ter vigiado melhor Emilian, por havê-lo acolhido sob meu teto, por não haver vigiado a você. Poderia me culpar por não ter ido te buscar quando fugiu com ele.

Ela o abraçou sabedora de que seu pai se culpava também pela perda de seu filho.

Sorriu-lhe com lágrimas nos olhos.

—É jovem e os doutores dizem que não há razão para que não tenha mais filhos.

—Antes tenho que voltar a conquistar Emilian e não é um homem fácil. Não posso forçá-lo a voltar para Woodland.

Cliff a rodeou com seus braços.

—Estava muito alterado quando te trouxe. Você não estava em condições de se dar conta, mas eu vi o muito que te ama. Vi sua angústia quando partiu, embora tentasse ocultá-la. Mudei de opinião sobre ele. Acredito que está apaixonado por você.

Ela sentiu o coração cheio.

—Eu também acredito que me ame, mas isso não significa que queira reconciliar-se. Quero lhe dar tempo, mas, se não retornar a Woodland, irei buscá-lo.

—Você, querida minha, está à altura das muitas provocações que ele representa — Cliff voltou para a mesa e tirou várias cartas de uma gaveta— Acredito que se correu a notícia de seu matrimônio depois de que voltou aqui. Estas cartas são do administrador de Woodland.

Ariella as olhou surpreendida.

—Escreve-me?

—Você é a senhora de Woodland — Cliff vacilou— Robert se apropriou da fazenda e agora se faz chamar visconde. Meus advogados me hão dito que, se passarem anos sem que Emilian retorne, há leis de posse adversa que podem possibilitar que Robert reclame as propriedades como delas.

Ariella ergueu o queixo ultrajada.

—Irei a Woodland imediatamente



Quando a carruagem cruzou a grade de Woodland, Ariella ia sentada na borda do assento. Era doloroso retornar assim, sem Emilian e sem uma pista sobre seu paradeiro. Ali tinha muitas lembranças agrídoces dele e sentia sua falta como nunca.

Margery lhe apertou a mão.

—Confrontaremos juntas esse vilão — disse.

Ariella estava muito nervosa para sorrir. Lutaria por seu matrimônio, mas primeiro tinha que lutar por seu lar. Quando ela tinha chegado a Windsong, Margery estava em Adare, mas tinha ido correndo consolá-la, igual a quase toda a família. E agora tinha insistido em acompanhá-la a Derbyshire.

Cliff também tinha querido ir, mas a jovem havia dito que enviaria para buscá-lo se não podia controlar Robert sozinha. Felizmente, Alexi estava em Hong Kong, ou teria insistido em acompanhá-la e arrancar a cabeça de Robert St Xavier.

—A propriedade parece em bom estado — comentou a jovem— Vejo que a Richards permitiram fazer parte do trabalho para o que o contratou Emilian.

As cartas do administrador eram preocupantes. Robert fazia algo mais que declarar-se visconde. Tinha conseguido acesso às contas bancárias da fazenda. Segundo Richards, estava empenhado em mobiliar Woodland ao seu gosto e dava uma festa atrás de outra. Estava devorando os recursos do visconde e logo não haveria benefícios, nem reservas. O administrador suplicava que chamasse Emilian para que retificasse a situação. E como Ariella não podia fazer isso, tinha ido ali para atuar em pessoa.

—Agora este é seu lar — lhe recordou sua prima— Tem que lutar por ele.

—Sei. Mas nunca tive uma batalha assim.

—Não se preocupe, não está sozinha. Tudo sairá bem.

Ariella a abraçou.

—É a melhor amiga que jamais tive.

—Eu sinto o mesmo — sussurrou Margery.

A carruagem se deteve. Quando se abriu a porta, Ariella agradeceu ao chofer e baixou, seguida por sua prima. Endireitou os ombros e se aproximou para bater na porta, esperando ver Hoode, pois sabia que teria nele um aliado.

Mas apareceu um laçao de cabelo branco ao que não conhecia.

—Sim?

Ariella olhou o vestíbulo e ficou paralisada. Os retratos de ancestrais que antes adornavam as paredes tinham desaparecido, substituídos por quadros que não tinha visto nunca. Alguns eram francamente eróticos e outros simplesmente estranhos. Não ficava nenhum dos móveis centenários de antes e em seu lugar havia outros novos e custosos. Tapetes caros cobriam os chãos de mármore. Margery suspirou a seu lado.

—Gastou uma pequena fortuna.

—Onde está Hoode? —perguntou Ariella ultrajada.

—Temo que Hoode já não está ao serviço do visconde.

Ela se endireitou.

—Asseguro-lhe que Hoode sim está ao serviço do visconde — disse com ferocidade— Onde está Robert?

—O visconde há dito que não o incomode.

Ariella perdeu os estribos.

—Seu nome?

—Barnes.

—Barnes, meu marido é o visconde. Pergunto-lhe de novo, onde está Robert?

O homem empalideceu.

—Na biblioteca, senhora.

Ela pôs-se a andar pelo corredor, mas girou.

—Procure Hoode e me traga-o.

—Sim, senhora.

Ariella continuou pelo corredor com Margery. Olhou o salão ao passar e viu com desanimo que havia vários cavalheiros jogando cartas e bebendo vinho. Nenhum ia corretamente vestido. Pior ainda, a estadia cheirava a rançoso, tabaco e corpos sem lavar.

A porta da biblioteca estava fechada. Ariella nem se quisesse pensou em chamar. Abriu-a e ficou petrificada.

Margery chocou com suas costas e deu um pulo.

Robert St Xavier tinha a uma mulher no escritório de Emilian e estava ocupado fornicando com ela.

Ariella se voltou com brutalidade e afastou Margery ao corredor, longe da cena. Sua prima tinha os olhos muito abertos.

—Não necessita que veja isso — declarou Ariella com firmeza.

—O que vai fazer? — sussurrou Margery— Acredito que deve deixar que seu pai se ocupe de Robert.

—Fique aqui. — Ariella girou e voltou para a biblioteca. Nada tinha trocado. — Desculpem — disse com fúria.

Robert se separou de um salto da mulher e a olhou atônito. A mulher soltou um grito e saltou atrás do escritório.

Ariella sabia que se ruborizou, mas manteve a vista fixa no rosto de Robert.

—Sai imediatamente de minha casa! —ordenou com voz rouca.

Ele sorriu e colocou a roupa.

—Há, há... mas se é à senhorita de Warrene, a amante de meu primo. Está se intrometendo, senhorita de Warrene — a olhou com os braços em jarras.

Ariella tremia de raiva.

—Não penso repeti-lo. Quero-lhe fora desta casa agora mesmo. Não permitirei que converta Woodland em um bordel.

Ele riu dela.

—Seguro que isso é o que quer? Eu acredito que há mais.

—Sim, há mais. Quero que nos devolvam até o último penique que nos roubastes.

Robert piscou.

—Agora eu sou o visconde e, a menos que deseje se unir a nós, quero que parta.

Ela se voltou tremendo de raiva. Em cima da lareira penduravam um par de espadas. Saltou sobre uma turca e agarrou uma, embora nunca tivesse aprendido esgrima. Robert pôs-se a rir, o qual só serviu para aumentar sua decisão.

Saltou ao chão e a expressão dele trocou quando se aproximou e lhe apontou a espada ao peito.

—Não sabe o que faz! —gritou muito pálido.

—Equivoca-se; sei muito bem o que faço. Vi meu pai e meu irmão nas cobertas de seus navios, assassinando piratas que tentavam nos abordar — aquilo último era um exagero. Empurrou a espada, que atravessou a camisa e arranhou o peito. Não tinha sido sua intenção cortar tão profundo, mas lhe dava igual.

Ele empalideceu e tentou lhe segurar a mão.

Ela apertou mais a folha e ele soltou um grito.

—Cortaste-me!

Retrocedeu e ela o seguiu.

—Emilian é o visconde aqui e eu sou sua esposa. Esta é minha casa. Hei dito que parta. Estou perdendo a paciência.

Ele tinha chegado à parede e ela voltou a apertar a espada no peito.

—Está louca — ele se agachou e a espada lhe rasgou a camisa em outro ponto.

—Sou a viscondessa de Woodland — disse ela com fúria— Casei-me com Emilian e tenho o certificado que o prova. Você, senhor, não é mais que um descarado e um vilão que quer nos roubar nosso lar. Nossa vida. Fora!

Ele saiu correndo.

Quando teve cruzado a porta, Ariella girou e olhou à mulher. Esta, que estava seminua, recolheu seus sapatos e saiu a sua vez. Ariella começou a tremer. Havia sangue na ponta da espada e a ponta não parecia nova precisamente. Sentia-se doente, mas não pelo que tinha feito, mas sim porque tinham profanado o formoso escritório de Emilian.

Olhou a seu redor e viu buracos no brocado do sofá. Havia comida e bebida por toda parte, incluída uma bandeja com restos no chão. A casa inteira tinha sido profanada.

—Está bem? —perguntou Margery da porta.

Ariella assentiu. Saiu ao corredor e se aproximou do salão. Deteve-se na porta, mas os cinco homens de dentro estavam ébrios e muitos pendentes do jogo de cartas. Se sabiam que estava ali, dava-lhes igual.

—Senhora? —Barnes apareceu atrás dela— Posso levantar esses libertinos?

—Sim, pode — respondeu Ariella, aliviada.

O servente interrompeu o jogo e informou aos cavalheiros de que deviam sair de Woodland imediatamente.

—A viscondessa retornou e insiste nisso — disse com firmeza, sem fazer caso de seus protestos ébrios.

Quando ao fim partiram, Ariella entrou no salão. Tinha-o conseguido. Tinha liberado Woodland de Robert, ao menos no momento. Até que voltasse Emilian... se voltava.

Deu-se conta de que sustentava ainda a espada.

—Barnes limpe isto e coloque em seu lugar. Reúna toda a servidão para as cinco. Quero falar com todos. E desejo que esta casa volte a estar como antes. Quero que tudo esteja em ordem quando o visconde retornar.

Barnes dobrou as costas e assentiu.

—E quando se espera a volta do visconde?

Ariella suspirou.

—Não sei. Mas voltará, disso não há dúvida.

Barnes se inclinou e saiu.

Ariella endireitou os ombros. Teria que voltar antes ou depois, não?

A verdade era que não sabia.

Emilian caminhava devagar pela colina à luz do crepúsculo de outono. O cemitério onde estava enterrada Raiza se achava justo diante. Mal recordava a noite que tinha passado ali dois meses e meio atrás, sentado no chão úmido pela chuva diante da pequena cruz de madeira que marcava o ponto onde a tinham enterrado. Então acabava de retornar de deixar Ariella em Windsong.

Depois tinha passado três meses viajando com os ciganos. Tinham subido pelo norte até Invernes e retornado à zona no dia anterior para passar o inverno ali. Stevan tomava os pedidos das cadeiras, mesas e escritórios que arrumaria; Emilian tomava os pedidos das rodas de carros que repararia e das que fariam novas. Tinham por diante um longo inverno.

Ainda não tinha solicitado o divórcio.

Mas o faria logo.

Agora estava decidido, pois tinha aprendido a sobreviver à perda fazendo-se viciado no autocontrole e ao distanciamento emocional. Seus pensamentos não vagavam, estavam firmemente ancorados no presente. Seu coração era de aço. Não pensaria na vez anterior que tinha ido a essa tumba, com a mente e o coração consumidos por Ariella. Aquela noite tinha ido chorar a Raiza e tinha chorado a sua esposa.

Passou diante das primeiras tumbas modestas e se deteve ante a lápide de mármore que tinha encarregado para Raiza. Agora tinha que chorá-la apropriadamente; tinha que lhe dizer adeus.

Mas o coração pulsava com força e não parecia poder controlá-lo. Pela primeira vez em meses, via sua mãe como a tinha visto de menino, sorrindo e contente, lhe remendando as meias três-quartos à luz do fogo com ele sentado aos seus pés. E ele era um menino cigano contente com seu destino.

Fechou os olhos e recordou a seguir a manhã em que se recuperava das chicotadas em Rose Hill. Ariella lhe falava de Enrique V com olhos brilhantes. Soube então que se apaixonou por ela naquele preciso momento.

«Pertence a dois mundos, não a um».

Como podia pertencer alguém a dois mundos?

Agora doía o coração. Não tinha passado seis meses vivendo como um cigano? E não tinha passado os dezoito anos anteriores vivendo como um inglês?

A noite anterior se casou um cigano jovem com uma garota do povo. Tinha sido uma noite de música, canções, risadas e dança. A garota era escocesa, filha do chefe dos estábulos de um nobre. O jovem ficaria com sua esposa em Glasgow e trabalharia por um salário na cidade. Ela não queria viajar, não queria deixar sua família. Ninguém tinha se surpreendido além de Emilian. Havia muitos ciganos aventurando-se a outra vida e muitas pessoas de sangue mesclado com um pé em cada mundo.

—Nenhum homem pertence a dois mundos — rugiu. E para sua surpresa, sentiu lágrimas no rosto— Eu sou cigano.

Os payos tinham matado Raiza... e tinham matado ao filho de Ariella e dele.

«Seu pai é um bom homem, Emilian. Ele pode te dar uma vida que eu não posso».

Ouvia claramente sua mãe e via sua expressão implorante quando lhe suplicava que entendesse justo antes de enviá-lo com o policial a sua nova vida inglesa.

«Eu posso te dar muitas oportunidades, Emilian. Deixe-me fazê-lo».

Compreendeu de repente que Edmund o tinha querido, e não só porque era seu herdeiro. Tinha-o querido ao seu modo cauteloso, cortês e muito inglês, sem mostrar nunca seu afeto abertamente, mas lhe permitindo explorar todos os caminhos que quisesse, incentivando-o a fazê-lo. Tinha-o querido porque era seu filho e estava orgulhoso de seus lucros.

E Stevan lhe havia dito que Raiza também estava cheia de orgulho.

Deixou-se cair de joelhos. Já não chorava por sua mãe, memorava-a ter elegido uma vida até tal ponto por cima da outra, mas não sabia se podiam procurar compromissos. Tanto seu pai como sua mãe tinham elegido o modo inglês para ele e ao fim compreendia por que.

Que fazia arrumando rodas de carros? Odiava esse trabalho repetitivo. Os dias largos e vazios no caminho o aborreciam. Sentia falta de suas contas, seu trabalho artístico, seus livros. Sentia falta dos luxos de sua casa.

Agora via Woodland em todo seu esplendor, esplendor e glória que eram um monumento a seus esforços e a seus deveres e preocupações. Pensou em sua formosa biblioteca, nas centenas de livros que tinha escolhido pessoalmente, lido e relido. Pensou em seus jardins ingleses, cuidadosamente desenhados por ele; pensou em seu estábulo de cavalos pura raça e em seu alazão preferido. Pensou em sua servidão, em seus assuntos, seus inquilinos e as granjas. Interessava-se por seus inquilinos... incluso conhecia os nomes de seus filhos.

Estendeu a mão para a laje de mármore e a imagem de Raiza acudiu de novo a sua mente.

—Sou diikoi. Sou de sangue mesclado.

O sorriso dela não se alterou.

Nesse momento quase sentiu como se lhe desse sua bênção. Sentiu uma carícia no ombro, mas certamente foi o vento do crepúsculo.

Incorporou-se. Tinha ido ao norte para chorá-la e procurar sua herança cigana e, em lugar disso, casou-se e perdeu uma esposa e um filho enquanto procurava uma verdade que não era a que tinha esperado. Jamais encaixaria no modo de vida dos ciganos. Sentia falta de Woodland e os desafios de manter uma fazenda que desse benefícios. Sentia falta de boa parte de sua vida inglesa. Mas sua parte cigana também era forte.

Já não tinha mais dúvidas. Pertencia a dois mundos, não a um.

Tinha permanecido tanto tempo com os ciganos, não porque tivessem assassinado sua mãe, mas sim porque fugia da dor de ter perdido Ariella. E agora entendia que jamais superaria essa perda, mas não podia seguir fugindo. Em Woodland o esperavam deveres e responsabilidades. Esperavam-no pessoas.

Sempre haveria falações, mas não por parte de todos. Alguns payos eram bons e justos, como os de Warenne. Como Ariella.

«vou rezar para que encontre o que buscas e para que logo ditas voltar para casa. Quando o fizer, eu estarei ali...»

Aquela lembrança o surpreendeu. Ariella havia dito essas palavras depois de que os surpreenderam em Rose Hill, mas tudo tinha mudado após. Ariella agora estaria em Londres, debatendo com seus amigos radicais, superada já a perda de seu filho. Esperava que esse fosse o caso. Ela amava o debate e lhe dava bem.

Mas o esperava Woodland.

E ia para casa.

E possivelmente da próxima vez que visse Ariella, lhe teria perdoado tudo o que lhe tinha feito. Conhecendo-a, estava seguro de que não haveria culpas, nem rancores. Talvez inclusive estivesse com seu príncipe, mas ele o aceitaria e se alegraria por ela. Só esperava que ao fim pudessem ser amigos.

Agora se conformaria com sua amizade.

O coração pulsava com força quando desceu da carruagem alugada diante das portas grandes de Woodland. Permaneceu um momento imóvel no ar frio de princípios de dezembro e viu que os edifícios e os jardins pareciam estar em perfeito estado. Richards tinha trabalhado bem. Estava muito agradado.

Um moço de estábulo que passava o viu e sorriu. Tirou a boina.

—Senhor! Alegro-me de lhe ter de volta.

Emilian sorriu surpreso de dar-se conta de que se sentia bastante feliz.

—Como vai, Billy?

—Muito bem, senhor. Tem potros novos, senhor.

Sua alegria aumentou. Voltou-se e os jardineiros que estavam ao lado da fonte tiraram também a boina. Saudou-os com a cabeça e lhes sorriu. Atrás da fonte, dos estábulos, viu um grupo de potros que corriam ao vento.

Era estupendo estar em casa.

Subiu os degraus com energia. Não chamou, e quando entrou no vestíbulo, agradou-lhe ver que tudo estava exatamente como o tinha deixado. Hoode se aproximava pelo corredor com os olhos muito abertos em sua cara pálida.

—Senhor voltou para casa! —sorriu.

—Olá, Hoode — Edmund lhe lançou o chapéu e o mordomo o apanhou ao voo— Sim, retornei e me agrada muito o que vejo.

—Senhor, isso têm que agradecer a sua esposa. Entrou aqui e expulsou seu primo da casa a ponta de espada, senhor. E bem a tempo, pois ele estava arruinando a propriedade.

O mundo ficou imóvel. Nem sequer estava seguro de que seu coração pulsava ainda.

Tinha que ter ouvido mal. Ariella estava ali?

Demorou um momento em poder falar.

—Repita isso.

Hoode estava cheio de entusiasmo.

—Lorde Robert tentou apoderar-se da propriedade e do título, senhor. Despediu-me e começou a gastar sua fortuna no que gostava. A senhora voltou bem a tempo, asseguro-lhe isso. É um homem afortunado, senhor.

O coração pulsou com força. Incrédulo e com o temor de estar sonhando, olhou além de Hoode. E ela estava ali, na porta do salão, seu anjo de misericórdia, a visão mais formosa que jamais havia contemplando. Chorava e imediatamente soube que eram lágrimas de felicidade.

Ela o esperava como tinha prometido.

—Ariella? —ainda não podia acreditar.

—Retornou — sussurrou ela, tremendo visivelmente.

—Voltei para casa — conseguiu dizer ele. A alegria tentava embargá-lo, mas a conteve— E você está aqui? Está me esperando?

—E onde mais poderia estar?

Pôs-se a andar para ela com esperança e amor.

—Poderia estar em Windsong, em Londres... em qualquer outra parte.

Chegou até ela, mas tinha medo de tocá-la. Tinha medo de que aquilo fosse um sonho e ela uma ilusão que se evaporaria imediatamente.

Mas lhe tocou a bochecha com um gesto tenro e familiar e a carícia fez que a alegria explodisse em seu coração.

—Sou sua esposa. Meu lugar está aqui. Disse-lhe que estaria aqui te esperando. Ou o esqueceu?

Ele a abraçou com força, tentando compreender ainda que aquela mulher acreditava nele o bastante para ter voltado para ele e que o amava de verdade.

—Não o esqueci — disse com voz rouca— Mas como pode me perdoar pelo filho que perdemos? Foi minha culpa.

—Foi um acidente. Não parou para pensar que eu me culpei por te haver seguido?

Ele a olhou alarmado.

—Não quero que se culpe por nada. Nunca.

Acariciou-lhe a bochecha.

—Eu tampouco quero que você se culpe por nada.

Ele respirou fundo.

—E onde estamos agora?

Ariella sorriu.

—Tem que perdoar a si mesmo para que possamos ter o futuro que merecemos.

Ele voltou a estreitá-la em seus braços, temeroso de deixá-la ir.

—Não pediu o divórcio — sussurrou ela.

—Fui pospondo — explicou ele.

Sorriu-lhe.

—Pergunto-me por que.

—Acredito que já sabe por que. Estou mais que disposto a confessar que sigo tão profundo e desesperadamente apaixonado por você que nem sequer fui capaz de falar com um advogado.

Ela pôs-se a rir.

—Uma confissão na luz brilhante de seu vestíbulo? Que novo aspecto de seu caráter é este?

A alegria que surgia do interior de Emilian era um tipo de felicidade que não tinha conhecido nunca, nem sequer nos primeiros dias de seu matrimônio.

—Pensei que o melhor era renunciar a você — disse muito sério— Não o melhor para mim, a não ser para você. Mas então pensava viver com os ciganos e agora voltei para Woodland. Você tinha razão. Pertença a dois mundos, não a um.

—Oh, Emilian! Nunca vi seus olhos tão brilhantes e alegres. Nunca te vi sorrir tão abertamente. As sombras escuras já não estão.

Acariciou-lhe a bochecha, a têmpora, o rosto.

—Nunca serei completamente cigano como nunca serei totalmente um inglês de sangue azul. Poderá suportá-lo?

Ela pôs-se a rir.

—Graças a Deus por isso! Eu não estou apaixonada por um inglês de sangue azul, estou apaixonada por meu príncipe de sangue mesclado.

Dizia-o de verdade e isso o fazia mais feliz ainda.

—Não há príncipes ciganos — murmurou— Como você bem sabe.

—Claro que há. Você está diante de mim. Há-me dito muitas vezes que um dia encontraria meu príncipe, mas se equivocava. Porque você é meu príncipe, foste-o do momento em que nos conhecemos e nada mudará nunca isso.

A emoção não lhe permitia falar. Ela sempre o olhava com aqueles olhos brilhantes, e se deu conta de que neles havia algo mais que amor e confiança. Olhava-o com uma grande admiração.

E não a tinha olhado ele sempre com o mesmo respeito? Era uma grande dama e, entretanto, tinha sido sua amante, sua amiga e sua esposa e uma vez mais lhe declarava seu amor eterno. E agora, pela primeira vez, acreditou.

Ariella de Warenne o amava com o amor profundo, eterno e dos de toda a vida pelo que eram famosos os homens e mulheres de Warenne.

Emilian até acreditava que era seu destino.

Beijou-lhe a mão e pigarreou.

—Não te mereço — ela começou a protestar e ele a silenciou lhe tocando o queixo— Chist! Não te mereço, disso não há dúvida. Mas não voltarei a renunciá-la. Vou tentar ser o príncipe que você crê que sou. Te amo e penso passar o resto de minha vida te provando até que acredite. Tem que estar preparada. Haverá muitas mais declarações deste tipo.

Jogou os braços ao pescoço.

—Não tem que provar nada. Sei o muito que me ama.

Ele a estreitou com força, afligido por tanto sentimento, tanta felicidade, tanto amor. O futuro se estendia brilhante ante eles.

—Não, querida, não tem nem ideia.

—Pois demonstre — sussurrou isso ela, tremendo.

Ele a beijou na boca com gentileza e sensualidade. Começou a pensar em modos criativos de lhe professar seu amor.

—Vem acima comigo — murmurou com seu tom mais sedutor— Vou começar a demonstrar agora mesmo.

Sua formosa e excêntrica princesa paya lhe sorriu com olhos brilhantes.

E o coração de Emilian St Xavier voou alto e livre.

Fim

DINASTIA DE WARENNE

- 1 – O Conquistador*
- 2 – A Promessa da Rosa*
- 3 – O Jogo*
- 4 – O Prêmio*
- 5 – A Farsa*
- 6 – A Noiva Roubada*
- 7 – A Filha do Pirata*
- 8 – A Noiva Perfeita*
- 9 – Um Amor Perigoso*
- 10 – A Promessa*
- 11 – Uma Atração Impossível*
- 12 – Casa dos Sonhos*

Os ebooks distribuídos são feitos de fãs para fãs. A comercialização é estritamente proibida.



Grupo de **GRH** *Romances Históricos*

Para entrar neste grupo, envie e-mail para moderacaogrh@yahoo.com.br